

VOLUME 3 DA TRILOGIA



CONQUISTA

"Reached"

ALLY CONDIE

"Um romance distópico soberbo." — THE WALL STREET JOURNAL





VOLUME 3 DA TRILOGIA



CONQUISTA

"Reached"

ALLY CONDIE

"Um romance distópico soberbo." — THE WALL STREET JOURNAL



ALLY CONDE

CONQUISTA

Tradução
Elise Olímpio



Copyright © 2012 by Allyson Braithwaite Condie Todos os
direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Reached

Capa

Pronto Design sobre arte original de Theresa M.
Evangelista

Imagem de capa

Samantha Aide

Revisão

Lilia Zanetti

Taís Monteiro

Rodrigo Rosa

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,
RJ

C751c

Condie, Ally

Conquista [recurso eletrônico] / Ally Condie ;
tradução Elise Olímpio. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Objetiva, 2013.

357 p., recurso digital

Tradução de: *Reached*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-184-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I.

Olímpio, Elise. II. Título.

13-02926 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

CAPA

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

A HISTÓRIA DO PILOTO

PARTE 1

PILOTO

CAPÍTULO I

Xander

CAPÍTULO 2

Cassia

CAPÍTULO 3

Ky

CAPÍTULO 4

Xander

CAPÍTULO 5

Cassia

CAPÍTULO 6

Ky

CAPÍTULO 7

Xander

CAPÍTULO 8

Cassia

PARTE DOIS

POETA

CAPÍTULO 9

Xander

CAPÍTULO 10

Cassia

CAPÍTULO 11

Ky

CAPÍTULO 12

Xander

CAPÍTULO 13

Cassia

PARTE TRÊS

CURADOR

CAPÍTULO 14

Xander

CAPÍTULO 15

Cassia

CAPÍTULO 16

Ky

CAPÍTULO 17

Cassia

CAPÍTULO 18

Xander

PARTE QUATRO

PRAGA

CAPÍTULO 19

Ky

CAPÍTULO 20

Cassia

CAPÍTULO 21

Xander

CAPÍTULO 22

Ky

CAPÍTULO 23

Cassia

PARTE CINCO

O DILEMA DO PRISIONEIRO

CAPÍTULO 24

Xander

CAPÍTULO 25

Cassia

CAPÍTULO 26

Ky

CAPÍTULO 27

Xander

CAPÍTULO 28

Cassia

CAPÍTULO 29

Ky

CAPÍTULO 30

Xander

CAPÍTULO 31

Cassia

CAPÍTULO 32

Ky

CAPÍTULO 33

Cassia

CAPÍTULO 34

Xander

CAPÍTULO 35

Cassia

CAPÍTULO 36

Ky

CAPÍTULO 37

Xander

CAPÍTULO 38

Cassia

CAPÍTULO 39

Ky

CAPÍTULO 40

Cassia

CAPÍTULO 41

Xander

CAPÍTULO 42

Ky

CAPÍTULO 43

Cassia

CAPÍTULO 44

Ky

CAPÍTULO 45

Cassia

CAPÍTULO 46

Xander

CAPÍTULO 47

Cassia

CAPÍTULO 48

Ky

CAPÍTULO 49

Cassia

CAPÍTULO 50

Xander

CAPÍTULO 51

Cassia

CAPÍTULO 52

Ky

CAPÍTULO 53

Xander

CAPÍTULO 54

Cassia

CAPÍTULO 55

Xander

CAPÍTULO 56

Cassia

CAPÍTULO 57

Ky

CAPÍTULO 58

Xander

CAPÍTULO 59

Cassia

CAPÍTULO 60

Ky

CAPÍTULO 61

Cassia

CAPÍTULO 62

Xander

CAPÍTULO 63

Cassia

NOTA DO AUTOR

AGRADECIMENTOS

*para Calvin,
que nunca teve
medo de sonhar
com
Outros lugares*

A HISTÓRIA DO PILOTO

Um homem empurrou uma rocha colina acima. Quando alcançou o topo, a pedra rolou até o fundo da colina e ele começou novamente. No vilarejo próximo, as pessoas perceberam. “Uma sentença”, disseram. Elas nunca se juntaram a ele ou tentaram ajudar, porque temiam aqueles que impuseram a punição. Ele empurrava. Elas olhavam.

Anos mais tarde, uma nova geração notou que o homem e a pedra afundavam na colina, como a lua eclipsando o sol. Eles apenas podiam ver parte da rocha e parte do homem, à medida que ele rolava a pedra até o alto da colina.

Uma das crianças ficou curiosa. Assim,

um dia, a criança escalou a colina. Conforme se aproximou, ficou surpresa em ver que a pedra estava entalhada com nomes, datas e lugares.

“O que são todas essas palavras?”, perguntou a criança.

“Os sofrimentos do mundo”, respondeu o homem. “Eu os conduzo morro acima, uma vez após a outra.”

“Você os está usando para desgastar a colina”, disse a criança, percebendo o sulco longo, profundo e gasto por onde a pedra tinha rolado.

“Estou fazendo uma coisa”, comentou o homem. “Quando eu terminar, será sua vez de assumir meu lugar.”

A criança não teve medo.

“O que você está fazendo?”

“Um rio”, respondeu.

A criança desceu a colina, intrigada

sobre como alguém poderia fazer um rio. Mas não muito depois, quando vieram as chuvas e uma inundação correu pela longa vala e arrastou o homem para algum lugar ao longe, a criança viu que o homem tinha razão, e assumiu seu lugar empurrando a pedra e conduzindo os sofrimentos do mundo.

Assim é como o Piloto surgiu.

O Piloto é um homem que empurrou uma pedra e se foi com a água. É uma mulher que atravessou o rio e olhou para o céu. O Piloto é velho e novo, e possui olhos de cada cor e cabelos de cada tom; ele vive em desertos, ilhas, florestas, montanhas e planícies.

O Piloto lidera a Insurreição — a rebelião contra a Sociedade — e o Piloto nunca morre. Quando o tempo de um Piloto acaba, outro vem liderar.

E assim continua sem parar, como uma pedra rolando.

Em um lugar, além da fronteira do mapa da Sociedade, o Piloto sempre viverá e prosseguirá.

PARTE UM

PILOTO

CAPÍTULO 1

Xander

Toda manhã o sol se levanta e torna a Terra vermelha, e eu penso: esse poderia ser o dia em que tudo muda. Talvez hoje a Sociedade caia. Então a noite vem novamente, e todos nós ainda esperamos. Mas eu sei que o Piloto é real.

Três Oficiais caminham até a porta de uma pequena casa, ao pôr do sol. A casa se parece com todas as outras na rua: duas persianas em cada uma das três janelas dianteiras, cinco passos até a porta, e um pequeno e espinhoso arbusto plantado à direita do caminho.

O mais velho dos Oficiais, um homem grisalho, levanta a mão para bater.

Um. Dois. Três.

Os Oficiais estão tão próximos ao vidro que posso ver a insígnia arredondada costurada no bolso direito do uniforme do Oficial mais jovem. O círculo é vermelho-vivo e parece uma gota de sangue.

Eu sorrio e ele sorri de volta, porque o Oficial sou eu.

No passado, a Cerimônia Oficial era uma grande ocasião na Prefeitura. A sociedade oferecia um jantar formal e você podia trazer seus pais e seu Par com você. Mas a Cerimônia Oficial não é uma das três grandes cerimônias — o Dia de Boas-vindas, o Banquete do Par e a Celebração Final —, então não é o que costumava ser.

A Sociedade começou a cortar excessos onde podia e presumiu que os Oficiais fossem leais o suficiente para não reclamar de sua cerimônia perder alguns dos aparatos.

Eu e mais quatro ficamos lá, todos em uniformes brancos novos. O Oficial principal

prende a insígnia no meu bolso: o círculo vermelho representando o Departamento Médico. E então, com nossas vozes ecoando sob a cúpula do Salão quase vazio, todos nos comprometemos com a Sociedade e juramos alcançar nosso potencial definido por ela. Isso foi tudo. Não liguei de a cerimônia não ter sido nada especial. Porque não sou um Oficial *de verdade*. Quer dizer, eu sou, mas minha verdadeira lealdade é com a Insurreição.

Uma garota usando um vestido violeta passa apressada pela calçada atrás de nós. Vejo o reflexo na janela. Ela caminha com a cabeça baixa, como se estivesse torcendo para que nós não a notássemos. Os pais vêm atrás; os três vão em direção à plataforma do trem aéreo mais próximo. É dia 15, então o Banquete do Par é essa noite. Não faz nem um ano que eu subi a escadaria da Prefeitura com Cassia. Nós dois estamos muito longe de Oria agora.

Uma mulher abre a porta da casa. Ela está segurando seu novo bebê, aquele que estamos aqui para nomear.

— Por favor, entrem — ela nos saúda. — Estávamos esperando vocês.

A mulher parece cansada, mesmo naquele que deveria ser um dos dias mais felizes da sua vida. A Sociedade não fala muito sobre isso, mas as coisas são mais difíceis nas Províncias Exteriores. Os recursos parecem começar no Centro e então escoar para o resto. Tudo aqui na Província de Camas parece meio sujo e usado.

Depois que a porta se fecha atrás de nós, a mãe nos mostra o bebê.

— Está fazendo sete dias hoje — conta-nos ela, mas é claro que já sabemos.

É por isso que estamos aqui. Celebrações de Boas-vindas são sempre realizadas uma semana após o nascimento do bebê.

Os olhos do bebê estão fechados, mas sabemos

pelos dados que a cor é um azul profundo. Seu cabelo, castanho. Também sabemos que ele chegou na data prevista e que sob a manta, firmemente embrulhada, ele tem dez dedos nas mãos e dez nos pés. A amostra de tecido inicial, tirada no centro médico, estava excelente.

— Estão todos prontos para começar? — pergunta o Oficial Brewer.

Como Oficial sênior em nossa Comitiva, ele está no comando. Sua voz tem o equilíbrio exato entre benevolência e autoridade. Ele já fez isso centenas de vezes. Fiquei me perguntando antes se o Oficial Brewer poderia ser o Piloto. Ele certamente se encaixa. E é muito organizado e eficiente.

Claro, o Piloto poderia ser qualquer um.

Os pais assentem.

— De acordo com os dados, está faltando um irmão mais velho — avisa com voz gentil a Oficial Lei, a segunda no comando. — Vocês querem que

ele esteja presente na cerimônia?

— Ele ficou cansado depois do jantar — explica a mãe, se desculpando. — Mal podia manter os olhos abertos. Coloquei-o na cama mais cedo.

— Não há problema, claro — informa a Oficial Lei.

Já que o garotinho só tem dois anos, o espaçamento quase perfeito entre irmãos, não é exigido que ele se apresente. Não é algo de que ele vá se lembrar mesmo.

— Que nome vocês escolheram? — pergunta o Oficial Brewer, se aproximando do terminal no vestíbulo.

— Ory — fala a mãe.

O Oficial Brewer digita o nome no terminal e a mãe troca o bebê ligeiramente de posição.

— Ory — repete o Oficial Brewer. — E para o nome do meio?

— Burton — informa o pai. — Um nome de

família.

A Oficial Lei sorri.

— É um nome adorável.

— Venham ver como ficou — convida o Oficial Brewer.

Os pais se aproximam do terminal para ver o nome do bebê: ORY BURTON FARNSWORTH. Abaixo das palavras está o código de barras que a Sociedade designou para ele. Se ele levar uma vida ideal, a Sociedade planeja usar o mesmo código de barras para marcar sua amostra de preservação de tecido em seu Banquete Final.

Mas a Sociedade não vai durar tanto assim.

— Vou registrar agora — avisa o Oficial Brewer —, se não houver nenhuma mudança ou alteração que vocês queiram fazer.

A mãe e o pai se aproximam para verificar o nome uma última vez. A mãe sorri e segura o bebê próximo à tela do terminal, como se ele pudesse ler o próprio nome.

O Oficial Brewer olha para mim.

— Oficial Carrow — diz —, é hora do comprimido.

Minha vez.

— Nós temos que dar o comprimido em frente ao terminal — relembro aos pais.

A mãe segura Ory ainda mais alto, de modo que a cabeça e o rosto do bebê estejam claramente visíveis para que a tela do terminal possa gravar. Eu sempre gostei da aparência dos pequenos comprimidos à prova de doenças que damos nas cerimônias de Boas-vindas. Esses comprimidos são redondos, e feitos do que parecem três minúsculas fatias de pizza: um terço azul, um terço verde e um terço vermelho. Embora o conteúdo desse comprimido seja completamente diferente daqueles três comprimidos que o bebê carregará depois, o uso das mesmas cores representa a vida que ele vai ter na Sociedade. O comprimido à prova de doenças parece infantil e colorido. Eles

sempre me lembram das paletas de pintura dos tempos da Primeira Escola.

A Sociedade dá o comprimido a todos os bebês, para mantê-los a salvo de doenças e infecções. O comprimido à prova de doenças é fácil de ser tomado pelos bebês. Ele se dissolve instantaneamente. É muito mais humanitário do que as vacinas que as sociedades anteriores costumavam dar, quando colocavam uma agulha direto na pele dos bebês. Mesmo a Insurreição planeja manter a administração dos comprimidos à prova de doenças quando estiver no poder, mas com algumas modificações.

O bebê se agita quando desembulho o comprimido.

— Você se incomoda de abrir a boca dele para mim? — pergunto à mãe.

Quando ela tenta abrir sua boca, o bebê vira a cabeça procurando por comida e tentando sugar. Todos rimos, e enquanto sua boca está aberta,

coloco o comprimido lá dentro. Ele se dissolve completamente na língua. Agora temos que esperar que engula, o que ele faz: bem na hora.

— Ory Burton Farnsworth — anuncia o Oficial Brewer —, nós lhe damos as boas-vindas à Sociedade.

— Obrigado — agradecem os pais ao mesmo tempo.

A substituição correu perfeitamente, como de costume.

A Oficial Lei dá uma olhadela para mim e sorri. Seu cabelo preto longo desliza sobre o ombro. Às vezes me pergunto se ela faz parte da rebelião também, e se sabe o que estou fazendo — substituindo os comprimidos à prova de doenças por aqueles que a Insurreição me deu. Quase toda criança nascida nas Províncias, nos últimos dois anos, tomou uma das imunizações da Insurreição, ao invés de uma da Sociedade. Outros trabalhadores da Insurreição como eu têm feito a

troca.

Graças à Insurreição, esse bebê não será apenas imune à maioria das doenças. Ele também será imune ao comprimido vermelho, assim a Sociedade não poderá tirar suas memórias. Alguém fez isso por mim quando eu era um bebê. Fizeram o mesmo por Ky. E provavelmente por Cassia.

Anos atrás, a Insurreição se infiltrou nos laboratórios onde a Sociedade produz os comprimidos à prova de doenças. Então, além dos comprimidos feitos de acordo com a fórmula da Sociedade, existem outros feitos pela Insurreição. Nossos comprimidos incluem tudo o que a Sociedade usa, além da imunidade ao comprimido vermelho e mais algumas coisas.

Quando nós nascemos, a Insurreição não tinha recursos suficientes para fazer novos comprimidos para todo mundo. Eles tinham que escolher apenas alguns de nós, baseado em quem achavam que

poderia lhes ser útil mais tarde. Agora eles finalmente têm o suficiente para todos.

A Insurreição é para todos.

E eles — nós — não vão falhar.

Já que a calçada é estreita, ando atrás do Oficial Brewer e da Oficial Lei em nosso caminho de volta ao carro aéreo. Outra família com uma filha usando vestimentas do Banquete se apressa descendo a rua. Eles estão atrasados e a mãe não está feliz.

— Eu avisei *várias vezes* — diz ela ao pai, e então nos avista e para de repente.

— Olá — cumprimento quando eles passam. — Parabéns.

— Quando você vai ver de novo o *seu* par? — pergunta a Oficial Lei.

— Não sei — respondo. — A Sociedade ainda

não agendou nossa próxima comunicação terminal-a-terminal.

A Oficial Lei é um pouco mais velha do que eu: tem pelo menos 21, porque celebrou seu Contrato Matrimonial. Desde que eu a conheço seu marido está fora, com o Exército, alocado em algum lugar na borda das Fronteiras. Não posso perguntar a ela quando ele deve retornar. Esse tipo de informação é confidencial. Acho que nem a Oficial Lei sabe quando o marido vai voltar.

A Sociedade não gosta que sejamos muito específicos quando falamos sobre designações de trabalho com os outros. Cassia sabe que sou um Oficial, mas não sabe exatamente o que eu faço. Existem Oficiais em todos os diferentes departamentos na Sociedade.

A Sociedade treina muitos tipos de trabalhadores no centro médico. Todos conhecem o pessoal médico, porque podem diagnosticar e auxiliar as pessoas. Há também cirurgiões que

operam, farmacêuticos que produzem remédios, enfermeiras que dão assistência, e curadores como eu.

Nosso trabalho é inspecionar aspectos do campo médico — por exemplo, administrar centros médicos. Ou, se nos tornamos Oficiais, normalmente somos convidados a servir em Comitivas, que é o que eu faço. Nós cuidamos da distribuição de comprimidos para crianças e damos assistência na coleta de tecido, nos Banquetes Finais. De acordo com a Sociedade, essa designação é uma das mais importantes que um Oficial pode ter.

— Que cor ela escolheu? — indaga a Oficial Lei, conforme nos aproximamos do carro aéreo.

Por um momento não sei o que ela quer dizer, e então percebo que está perguntando sobre o vestido de Cassia.

— Ela escolheu o verde — conto. — Estava linda.

Alguém grita, e viramos os três ao mesmo tempo. É o pai do bebê, correndo em nossa direção o mais rápido que pode.

— Não consigo acordar meu filho mais velho — berra ele. — Fui ver se ele ainda estava dormindo e alguma coisa está errada.

— Chame o pessoal médico no terminal — berra de volta o Oficial Brewer, e nós três corremos o mais rápido possível para a casa.

Entramos sem bater e nos dirigimos para os fundos, onde sempre são os quartos. A Oficial Lei coloca a mão na parede para se equilibrar, antes de o Oficial Brewer abrir a porta.

— Tudo bem? — pergunto a ela.

Ela confirma com a cabeça.

— Oi — diz o Oficial Brewer.

A mãe olha para nós, seu rosto pálido. Ela ainda segura o bebê. A outra criança estendida na cama não se move nem um pouco.

O menino está deitado de lado, as costas

viradas para nós. Está respirando, mas lentamente, e as roupas comuns caem um pouco frouxas em volta do pescoço. A cor da pele parece saudável. Há uma pequena marca vermelha entre as escápulas, e eu sinto uma onda de pena e exultação.

É isso.

A Insurreição disse que seria assim.

Tenho que me forçar a não espiar os outros no quarto. *Quem mais sabe?* Alguém aqui é parte da Insurreição? Eles viram a informação que eu vi, sobre como a rebelião irá acontecer?

Embora o período de incubação possa variar, uma vez que a doença se manifeste o paciente se deteriora rapidamente. Fala arrastada é seguida de um declínio até um estado quase comatoso. O sinal mais evidente do vírus vivo, Praga, é de uma ou mais pequenas marcas vermelhas nas costas do paciente. Assim que a Praga tiver feito avanços significativos na população geral, e não

puder mais ser ocultada pela Sociedade, a Insurreição começará.

— O que é isso? — indaga a mãe. — Ele está doente?

De novo, nós três nos movemos ao mesmo tempo. A Oficial Lei alcança o pulso do menino para medir a pulsação. O Oficial Brewer se vira para a mulher. Tento bloquear a visão dela da criança estirada imóvel na cama. Até *saber* que a Insurreição está em progresso, tenho que proceder normalmente.

— Ele está respirando — avisa o Oficial Brewer.

— O pulso está bom — constata a Oficial Lei.

— O pessoal médico vai estar aqui logo — acalmo a mãe.

— *Vocês* não podem fazer nada por ele? — pede a mulher. — Remédios, tratamento...

— Sinto muito — lamenta o Oficial Brewer. — Precisamos chegar ao centro médico antes de

poder fazer mais.

— Mas ele está estável — informo a ela. *Não se preocupe, quero acrescentar. A Insurreição tem uma cura.*

Espero que ela possa ouvir o som da esperança em minha voz, já que não posso dizer a ela em voz alta *como* eu sei que tudo vai dar certo.

É isso. O começo da Insurreição.

Uma vez que a Insurreição assuma o poder, nós seremos capazes de escolher. Quem sabe o que pode acontecer então? Quando eu beijei Cassia, no Bairro, ela prendeu a respiração e eu acho que foi pela surpresa. Não pelo beijo: ela sabia que estava vindo. Acho que ela ficou surpresa pelo modo como se sentiu.

Logo que eu puder, quero dizer a ela pessoalmente: *Cassia, estou apaixonado por você e quero você. Então, o que precisa para você sentir o mesmo? Um mundo completamente novo?*

Porque isso é o que vamos ter.

A mãe se aproxima um pouquinho de nada da criança.

— É que — diz ela, e sua voz falha —, ele está tão *imóvel*.

CAPÍTULO 2

Cassia

Ky disse que se encontraria comigo essa noite, no lago.

Da próxima vez que o vir, vou beijá-lo primeiro.

Ele vai me puxar tão para perto, que os poemas que mantenho debaixo da blusa, próximos ao coração, vão se esfregar fazendo um som tão suave que apenas nós dois vamos ouvir. E a música do seu batimento cardíaco, sua respiração, a cadência e o timbre de sua voz vão me fazer cantar.

Ele vai me dizer onde esteve.

Vou dizer a ele aonde quero ir.

Estico os braços para garantir que nada apareça por baixo dos punhos da blusa. A seda vermelha

do vestido que estou usando escorrega impecavelmente debaixo das linhas nada elegantes das minhas roupas comuns. É um dos Cem Vestidos, possivelmente roubado, que veio de uma negociação. Valeu a pena o preço que paguei — um poema — para ter tal pedaço de cor para segurar contra a luz e puxar sobre minha cabeça, para me sentir tão luminosa.

Eu classifico para a Sociedade aqui na capital da Central, mas tenho um trabalho a executar para a Insurreição, e faço negócios com os Arquivistas. Por fora sou uma garota da Sociedade, vestindo roupas comuns. Mas por baixo, tenho seda e papel contra a pele.

Descobri que essa é a maneira mais fácil de carregar os poemas: enrolá-los em volta dos punhos, colocá-los contra meu coração. Claro, não mantenho todas as páginas comigo. Encontrei um lugar para esconder a maioria delas. Mas existem algumas partes que não quero nunca ficar sem.

Abro meu recipiente de comprimidos. Todos os comprimidos estão lá: o azul, o verde e o vermelho. E algo mais por trás. Um pedacinho de papel onde escrevi *lembre-se*. Se a Sociedade alguma vez me fizer tomar o comprimido vermelho, vou enfiar isso na manga, e então vou saber que eles me fizeram esquecer.

Não posso ser a primeira a ter feito alguma coisa do tipo. Quantas pessoas lá fora sabem de algo que não deveriam saber — não o *quê* elas perderam, mas que elas *perderam* algo?

E existe uma chance de que eu não esqueça nada — que eu seja imune como Indie, Xander e Ky.

A Sociedade pensa que o comprimido vermelho *funciona* comigo. Mas eles não sabem de nada. De acordo com a Sociedade, eu nunca nem estive nas Províncias Exteriores. Nunca atravessei cânions ou descii um rio à noite, com estrelas espalhadas sobre a cabeça e um prateado de água espalhado

por toda a volta. Até onde eles sabem, eu nunca parti.

— Essa é sua história — disseme o agente da Insurreição, antes de me enviar para a Central. — Isso é o que você vai dizer quando as pessoas perguntarem onde você esteve.

O agente me entregou uma folha de papel. Eu olhei para as palavras impressas:

Os Oficiais me encontraram na floresta em Tana, perto do meu acampamento de trabalho. Não me lembro de nada da minha última tarde e noite lá. Tudo o que sei é que de alguma forma acabei no bosque.

Olhei de volta para ele.

— Nós temos uma Oficial que está preparada para confirmar sua história e afirmar que encontrou você na floresta — explica ele.

— E a ideia é que tenham me dado um comprimido vermelho — falei. — Para esquecer

que eu os vi levando as outras garotas embora, nos transportes aéreos.

Ele assentiu.

— Aparentemente, uma das garotas provocou uma confusão. Eles tiveram que dar vários comprimidos vermelhos para diversas outras que acordaram e a viram.

Indie, pensei. Ela foi a que gritou e correu. Ela sabia o que estava acontecendo conosco.

— Então vamos dizer que *você* se perdeu depois disso — continuou ele. — Eles te perderam de vista um momento e você vagou para longe, enquanto o comprimido vermelho fazia efeito. Aí eles te encontraram dias depois.

— Como eu sobrevivi? — indaguei.

O homem tocou de leve o papel à minha frente.

Tive sorte. Minha mãe tinha me ensinado como identificar plantas venenosas. Então eu me alimentei. Em novembro, ainda há plantas no solo que podem ser usadas como comida.

De certa forma, aquela parte da história era verdadeira. As palavras da minha mãe realmente me ajudaram a sobreviver, mas foi na Escultura, não na floresta.

— Sua mãe trabalhou em um Arboreto — lembrou ele. — E você esteve na mata antes.

— Estive — concordei. Foi na floresta da Colina, não aquela em Tana; mas com sorte seria parecido o suficiente.

— Então tudo se completa — falou ele.

— A não ser que a Sociedade me interrogue muito minuciosamente — disse eu.

— Eles não vão — afirmou o agente. — Aqui tem uma caixa de prata e um recipiente de comprimidos para substituir aqueles que você perdeu.

Peguei-os da mão dele e abri o recipiente dos comprimidos. Um comprimido azul, um verde. E um vermelho, para substituir aquele que eu supostamente deveria ter tomado ao comando de

um Oficial em Tana. Pensei sobre aquelas outras garotas que realmente tomaram o comprimido; a maioria não se lembraria de Indie, de como ela tinha gritado. Ela teria desaparecido. Como eu.

— Lembre-se — avisou ele —, você pode se recordar de estar sozinha na floresta e do tempo que você passou procurando comida. Mas você esqueceu tudo o que *realmente* aconteceu nas doze horas antes de entrar no transporte aéreo.

— O que você quer que eu faça quando estiver na Central? — perguntei. — Por que eles me disseram que eu poderia servir melhor à Insurreição de dentro da Sociedade?

Pude vê-lo me medindo, decidindo se eu realmente *poderia* fazer o que quer que ele pretendia.

— A Central é para onde a Sociedade pretende enviar você para sua posição de trabalho final — contou o agente. Eu concordei. — Você é uma classificadora. Uma das boas, de acordo com os

dados da Sociedade. Agora que eles pensam que você foi reabilitada no trabalho de campo, vão ficar felizes em tê-la de volta, e a Insurreição pode usar isso. — E então ele me contou que tipo de classificação procurar, e o que eu deveria fazer quando acontecesse. — Você tem que ser paciente — avisou o Oficial —, pode levar algum tempo.

O que me pareceu um sábio conselho, já que eu ainda não tinha classificado nada de extraordinário. Não que eu me lembrasse, de qualquer forma. Mas tudo bem. Não preciso da Insurreição para me dizer como combater a Sociedade.

Sempre que posso, escrevo letras. Eu as tenho feito de diversas maneiras: um *K* de fiapos de grama; um *X* com dois gravetos cruzados, um sobre o outro, suas cascas escuras e úmidas contra um banco de metal prateado, na área verde próxima ao meu local de trabalho. Arrumei um pequeno anel de pedras no formato de um *O*, como uma boca

aberta, no chão. E é claro que eu escrevo do jeito que Ky me ensinou também.

Onde quer que eu vá, olho para ver se há novas letras. Até agora ninguém mais está escrevendo, ou, se estão, não vi. Mas vai acontecer. Talvez agora mesmo alguém esteja chamuscando gravetos, do jeito que Ky me disse que fazia, preparando-se para escrever o nome de alguém que ama.

E *usei* que não sou a única fazendo essas coisas, cometendo pequenos atos de rebelião. Há gente nadando contra a corrente, e há sombras se movendo lentamente nas profundezas. Tenho sido aquela olhando para cima quando algo escuro atravessa na frente do sol. E tenho sido eu mesma a sombra, deslizando pelo lugar onde terra e água encontram o céu.

Dia após dia, empurro colina acima a rocha que a Sociedade me deu, sem parar. Dentro de mim estão as coisas reais que me dão força — meus pensamentos, as pequenas pedras que eu mesma

escolhi. Elas caem na minha mente; algumas lisas de tanto rolar, outras novas e ásperas, algumas que cortam.

Satisfeita com o fato de os poemas não aparecerem, ando pelo corredor do meu minúsculo apartamento até o vestíbulo. Estou prestes a abrir a porta quando uma batida soa do outro lado e eu hesito um pouco. Por que alguém estaria aqui agora? Como muitos outros que possuem uma designação de trabalho, mas que ainda não celebraram seu Contrato Matrimonial, eu moro sozinha. E exatamente como era nos Distritos, não somos encorajados a visitar a residência uns dos outros.

Uma Oficial está parada à porta, sorrindo agradavelmente. Há somente uma, o que é estranho. Os Oficiais quase sempre andam em grupos de três.

— Cassia Reyes? — pergunta ela.

— Sim — respondo.

— Preciso que você venha comigo — informa.

— Você é solicitada no centro de classificação, para horas extras de trabalho.

Mas eu deveria ver Ky essa noite. Parecia que as coisas estavam enfim se acertando para nós — ele finalmente fora designado para vir para a Central, e a mensagem que enviou me dizendo onde poderíamos nos encontrar tinha chegado bem a tempo. Às vezes leva semanas, ao invés de dias, para nossas cartas chegarem, mas essa veio rápido. A impaciência me invade enquanto olho para a Oficial, com seu uniforme branco, seu rosto indiferente e sua insígnia arrumadinha. *Não se incomode mais com a gente, penso. Use os computadores. Deixe que eles façam todo o trabalho.* Mas isso vai contra um dos princípios mais importantes da Sociedade, um dos que eles nos ensinam desde que somos pequenos: *a tecnologia pode falhar conosco, como falhou com*

as sociedades antes da nossa.

E então percebo que a solicitação da Oficial pode esconder algo mais — seria a hora de fazer o que a Insurreição pediu? Seu rosto permanece suave e calmo. É impossível dizer o que ela sabe ou para quem realmente trabalha.

— Outros vão se encontrar conosco na plataforma do trem aéreo — informa ela.

— Vai demorar muito? — indago.

Ela não responde.

Enquanto viajamos no trem aéreo, passamos pelo lago, escuro agora a distância.

Ninguém vai ao lago aqui. Ele ainda sofre da poluição pré-Sociedade e não é seguro entrar ou beber da água dele. A Sociedade removeu a maioria das docas e dos cais onde as pessoas antes costumavam manter barcos. Mas, quando está claro, dá para ver que restaram três píeres em um lugar, projetando-se para dentro da água como

três dedos, todos de igual comprimento e alcance. Meses atrás, quando vim para cá pela primeira vez, falei a Ky desse lugar e que seria um bom ponto para nos encontrarmos, algo que ele poderia ver de cima e que eu tinha percebido de baixo.

E agora, do outro lado do trem aéreo, a cúpula da Prefeitura da Central aparece, como uma lua perto demais e que nunca se vai. Involuntariamente, sinto uma pequena agitação de orgulho e escuto as notas do Hino da Sociedade tocando na minha mente sempre que vejo o formato familiar de um edifício público.

Ninguém vai à Prefeitura da Central.

Existe um muro alto e branco em volta da Prefeitura e de outros edifícios nas proximidades. O muro está aqui desde antes de eu vir. “Renovações”, todos dizem. “A Sociedade vai abrir a zona imóvel de novo em breve.”

Sou fascinada pela zona imóvel e por seu nome, que ninguém parece ser capaz de explicar para

mim. Também fico intrigada com o que há do outro lado da barreira, e às vezes, depois do trabalho, pego um pequeno desvio do meu caminho de casa para poder andar perto daquela superfície branca e suave. Fico pensando quantas pinturas a mãe de Ky poderia ter colocado ao longo do comprimento do muro, que se curva para trás no que imagino que seja um círculo perfeito. Nunca dei a volta toda, então não posso ter certeza.

Aqueles aos quais perguntei não estão certos sobre há quanto tempo a barreira está aqui — tudo o que dizem é que apareceu em algum momento no último ano. Eles não parecem lembrar por que está realmente aqui, e, se lembram, não dizem.

Quero saber o que há por trás desses muros.

Quero tanto felicidade, liberdade e amor... E quero algumas outras coisas tangíveis também.

Como um poema e um microcartão. Ainda estou esperando que cheguem duas negociações. Troquei dois dos meus poemas pelo final de outro, um que

começa com “*eu não alcanço a Ti*” e fala de uma jornada. Encontrei o começo dele na Escultura e soube que tinha que ter o final.

E a outra negociação é ainda mais cara, ainda mais arriscada — troquei sete poemas para trazer o microcartão do meu avô da casa dos meus pais, em Kenya, aqui para mim. Pedi ao negociante que abordasse Bram primeiro, com uma nota codificada. Eu sabia que Bram poderia decifrá-la. Afinal, ele tinha adivinhado todos os jogos que eu inventava para ele no escrevinhador, quando ele era mais novo. E achei que era mais provável que ele enviasse o microcartão, ao invés de um dos meus pais.

Bram. Queria achar um relógio de prata para ele substituir aquele que a Sociedade tomou. Mas até agora o preço tem sido muito alto. Rejeitei uma negociação por um relógio hoje mais cedo, na parada do trem aéreo, a caminho do trabalho. Vou pagar o que for justo, mas não demais. Talvez *isso*

seja o que eu aprendi nos cânions: o que eu sou, o que não sou, o que vou dar, o que não vou.

O centro de classificação está lotado. Somos algumas das últimas a chegar e uma Oficial nos apressa para nossos cubículos vazios.

— Por favor, comece imediatamente — solicita ela, e assim que me sento na cadeira as palavras aparecem na tela:

Próxima classificação: emparelhamento exponencial.

Mantenho os olhos na tela e a expressão neutra. Por dentro, sinto uma pequena *comichão* de excitação, uma minúscula falha nas batidas do meu coração.

Esse é o tipo de classificação que a Insurreição me mandou procurar.

Os trabalhadores ao meu redor não dão indicações de que a classificação signifique alguma coisa para eles. Mas tenho certeza de que

há outros na sala olhando para essas palavras e se perguntando: *finalmente chegou a hora?*

Espere pelos dados de verdade, lembro a mim mesma. Não estou só procurando uma classificação; também estou procurando um conjunto específico de informações, que devo incompatibilizar.

Em emparelhamento exponencial, cada elemento é classificado designando-se uma importância para cada uma de suas propriedades, e em seguida combinando com outro elemento cujas classificações de propriedades se encaixem de forma ideal. É uma classificação intrincada, complicada e tediosa, do tipo que exige cada pedacinho do seu foco e atenção.

A tela pisca e em seguida os dados aparecem.

É isso.

A classificação certa. O conjunto certo de dados.

É esse o começo da Insurreição?

Por um breve momento, hesito. Estou confiante de que a Insurreição pode colocar um bug no algoritmo de verificação de erro? E se eles não puderem? Todos os meus erros serão percebidos. O alarme vai soar, e um Oficial virá checar o que eu estou fazendo.

Meus dedos não tremem quando empurro um elemento através da tela, brigando com o impulso natural de colocá-lo onde meu treinamento diz que ele deveria ir. Eu o guio lentamente para o novo local e lentamente levanto meu dedo, prendendo a respiração.

Nenhum alarme soa.

O bug da Insurreição funcionou.

Acho que escuto um suspiro de alívio, uma pequena exalação em algum outro lugar da sala. E então sinto alguma coisa, uma semente de choupão de memória, leve e esvoaçando na brisa, flutuando.

Eu já fiz isso antes?

Mas não há tempo de seguir o fiapo de memória. Tenho que classificar.

É quase mais difícil classificar incorretamente a essa altura; passei muitos meses e anos da minha vida tentando fazer as coisas corretamente. Isso parece contraditório, mas é o que a Insurreição quer.

Na maior parte do tempo, os dados vêm rápida e implacavelmente. Mas existe uma pequena demora enquanto esperamos que mais dados carreguem. Isso significa que alguns deles vêm de fora.

O fato de estarmos classificando em tempo real parece indicar que há pressa. Será que a Insurreição está acontecendo agora?

Ky e eu estaremos juntos para isso?

Por um momento imagino a sombra das naves sobrevoando o branco da cúpula da Prefeitura, e sinto o ar frio através dos meus cabelos quando me apresso para encontrá-lo. Em seguida a morna

pressão dos seus lábios nos meus, e dessa vez não adeus, mas um novo começo.

— Estamos Combinando — diz alguém, em volume alto.

Ele quebra minha concentração. Levanto os olhos da tela, piscando.

Há quanto tempo estamos classificando? Estive trabalhando duro tentando fazer o que a Insurreição pediu. Em algum momento, me perdi nos dados, na tarefa à mão.

Pelo canto do olho, vejo um relance de verde — Oficiais do Exército uniformizados, movendo-se na direção do homem que falou.

Vi os Oficiais quando eles entraram aqui pela primeira vez, mas há quanto tempo eles estão aqui?

— Para o Banquete — continua o homem. Ele

ri. — Alguma coisa aconteceu. Nós estamos Combinando Pares para o Banquete. A Sociedade não pode mais se manter.

Fico com a cabeça abaixada e continuo a classificar, mas no momento em que eles passam por mim, arrastando-o, eu olho para cima. Sua boca está amordaçada e suas palavras são ininteligíveis, e acima do pano seus olhos encontram os meus por um breve momento, à medida que o levam embora.

Minhas mãos tremem sobre a tela. Ele está certo?

Nós estamos Combinando pessoas?

Hoje é dia 15. O Banquete é essa noite.

O Oficial lá do Bairro me disse que eles Combinam uma semana antes do Banquete. Aquilo mudou? O que terá acontecido para deixar a Sociedade em tal pressa? Dados seleccionados tão próximos ao Banquete estariam sujeitos a erro, porque eles não teriam muito tempo de verificar

sua exatidão.

E, além disso, o Departamento de Pares possui seus próprios selecionadores. Os Pares são de importância fundamental para a Sociedade. Deveria haver pessoas mais qualificadas do que nós para fazer isso.

Talvez a Sociedade não tenha mais tempo. Talvez eles não tenham pessoal suficiente. Alguma coisa está acontecendo lá fora. É quase como se eles tivessem feito a Combinação antes, e agora tivessem que fazer tudo de novo em cima da hora.

Talvez os dados tenham mudado.

Se estivermos Combinando, então os dados representam pessoas: cor dos olhos, do cabelo, temperamento, atividade de lazer favorita. O que teria mudado sobre tantas pessoas tão rapidamente?

Talvez elas não tenham mudado. Talvez elas tenham partido.

O que teria provocado o sumiço dos dados da

Sociedade? Eles terão tempo de fazer os microcartões ou as caixas prateadas vão ficar vazias essa noite?

Alguns dados aparecem e então são retirados quase antes que eu consiga ver tudo.

Como o rosto de Ky no microcartão, naquele dia.

Por que tentar fazer o Banquete desse jeito? Quando a margem de erro é tão elevada?

Porque o Banquete é a celebração mais importante na Sociedade. Os Pares são o que torna as outras cerimônias possíveis; é o coroamento da Sociedade. Se eles pararem de fazê-lo, mesmo que só por um mês, as pessoas saberão que há alguma coisa muito, muito errada.

Motivo pelo qual, percebo, a Insurreição implantou o bug, de modo que alguns de nós pudessem combinar de forma incorreta sem ser pegos. Estamos provocando estragos futuros com um conjunto de dados já comprometidos.

— Levantem-se, por favor — ordena o Oficial.
— Retirem seu recipiente de comprimidos.

Eu faço isso, assim como os outros; rostos aparecem detrás das divisórias, olhos aturdidos, expressões preocupadas.

Vocês são imunes?, quero perguntar a eles. *Vão se lembrar disso?*

Eu vou?

— Retirem o comprimido vermelho — indica o Oficial. — Por favor, esperem um Oficial estar perto de vocês para observá-los tomar o comprimido. Não há nada com o que se preocupar.

Os Oficiais se movem pela sala. Eles estão preparados. Quando alguém engole o comprimido vermelho, os Oficiais reabastecem imediatamente os recipientes.

Eles sabiam que teriam de usar esses em algum momento essa noite.

Mãos à boca, memórias ao nada, vermelho para dentro.

A pequena semente de memória flutua de novo. Tenho uma sensação incômoda de que tem algo a ver com a classificação. Se eu apenas pudesse me lembrar...

Lembre-se. Ouço passos no chão. Estão se aproximando de mim. Não teria ousado fazer isso antes, mas negociar com os Arquivistas me ensinou a ser furtiva, ter destreza. Desatarraxo a tampa e deslizo o papel — *lembre-se* — para dentro da manga.

— Por favor, tome o comprimido — comanda o Oficial.

Não é como a última vez, lá no Bairro. O Oficial à minha frente não vai olhar para o lado, e não há grama debaixo dos meus pés para esmagar o comprimido.

Não quero tomar o comprimido. Não quero perder minhas memórias.

Mas talvez eu *seja* imune ao comprimido vermelho, como Ky, Xander e Indie. Devo me

lembrar de tudo.

E aconteça o que acontecer, eu *vou* me lembrar de Ky. É muito tarde para tirá-lo de mim.

— Agora — insiste o Oficial.

Coloco o comprimido na boca.

Tem gosto de sal. Uma gota de suor descendo, ou uma lágrima, ou talvez um gole do mar.

CAPÍTULO 3

Ky

O Piloto vive nas Fronteiras, aqui em Camas.

O Piloto não vive em lugar algum. Ele ou ela está sempre em movimento.

O Piloto está morto.

O Piloto não pode ser morto.

Esses são os rumores que as pessoas sussurram no acampamento. Não sabemos quem o Piloto é, ou mesmo se é homem ou mulher, jovem ou velho.

Nossos comandantes nos dizem que o Piloto precisa de nós, e não vai conseguir sozinho. Somos nós que o Piloto vai usar para derrubar a Sociedade — e vai ser logo.

Mas é claro que os aprendizes não conseguem evitar falar do Piloto em toda chance que têm.

Alguns especulam que o Piloto-chefe, aquele que supervisiona nosso treinamento, é o Piloto — o líder da Insurreição.

A maioria dos aprendizes quer tanto agradar o Piloto-chefe que você pode sentir isso no ar. Eu não ligo. Não estou na Insurreição por causa do Piloto. Estou aqui pela Cassia.

Quando vim a esse acampamento pela primeira vez, fiquei preocupado de que a Insurreição pudesse nos usar como iscas, do jeito que a Sociedade fez, mas a rebelião investiu muito em nosso treinamento. Não acho que eles nos treinaram para morrer, mas também não estou certo para que tipo de vida eles nos treinaram. Se a Insurreição funcionar, o que acontecerá em seguida? Essa é a parte da qual eles não costumam falar. Eles dizem que todo mundo vai ter mais liberdade e que não haverá mais Aberrações ou Anomalias. Mas isso é tudo o que eles vão dizer.

A Sociedade está certa sobre as Aberrações.

Nós somos perigosos. Eu sou o tipo de pessoa que um bom cidadão imagina que o atacará por trás à noite — uma sombra negra, com olhos vazios. Mas é claro que a Sociedade pensa que eu já morri nas Províncias Exteriores, outra Aberração fora do caminho.

Homem morto voando.

— Me dê um par de curvas acentuadas — diz meu comandante através do alto-falante do painel. — Quero uma curva à esquerda na direção sul e uma curva à direita de volta à direção norte, 180 graus em cada.

— Sim, senhor — digo.

Eles estão testando minha coordenação e meu controle da nave. Uma curva coordenada, com 60 graus de inclinação, exerce o dobro da força da gravidade na aeronave e em mim. Não posso fazer quaisquer correções ou alterações abruptas, ou a nave pode travar ou se desmembrar.

À medida que realizo as curvas, sinto minha

cabeça, meus braços e o corpo inteiro afundando no banco embaixo de mim, e tenho que me esforçar para me manter ereto. Quando acabo, meu coração martela e meu corpo parece surpreendentemente leve com a elevação da pressão extra.

— Excelente — elogia meu comandante.

Eles dizem que o Piloto-chefe nos observa. Alguns dos alunos acham que estão voando com o Piloto-chefe — que ele se disfarçou como treinador. Não acredito nisso. Mas é verdade que ele poderia estar observando.

Finjo que ela também está observando.

Viro a aeronave no céu. Na hora que subi, estava chovendo; mas agora tudo aquilo está abaixo de mim.

Ela está longe agora. Mas sempre tive esperança que, através de algum tipo de truque de distância e desejo, ela pudesse olhar para cima, pudesse ver algo escuro contra o céu, e soubesse que sou eu pelo jeito que piloto. Coisas estranhas

aconteceram.

E logo vou terminar meu voo de treino, e eles vão me enviar para minha designação real, à noite. Quando eles entregaram as designações, semana passada, não pude acreditar na minha sorte. Central. Finalmente. Mais tarde nessa noite ela realmente vai poder me ver voar, se olhar para cima na hora certa.

Inclino de novo e começo a subir. Nós só voamos sozinhos assim quando estamos em corrida de treinamento. Normalmente, a Insurreição nos coloca trabalhando em grupos de três: um piloto, um copiloto e um mensageiro, que vai no compartimento de carga e cuida das mensagens — as incursões na Sociedade, que a Insurreição conduz o mais furtivamente possível. Eu gosto mais quando eles deixam os pilotos e copilotos ajudarem os mensageiros, e nós nos esgueiramos pelas ruas de uma Cidade em uma missão para a Insurreição.

Essa noite estou designado para ficar com a nave, mas vou dar um jeito de contornar isso. Não vou ficar tão perto de Cassia e permanecer a bordo o tempo todo em que estivermos na Central. Vou arranjar alguma desculpa para sair e correr para o lago. Talvez eu não volte, mesmo que de alguma forma eu realmente me encaixe melhor na Insurreição do que já me encaixei em qualquer outro lugar.

Eu tive a criação ideal para trabalhar com a rebelião. Gastei anos aperfeiçoando a arte de passar despercebido na Sociedade, e tive um pai que não aceitava as coisas como elas eram. Eu o entendo melhor aqui em cima, onde ele nunca esteve, do que jamais entendi no solo. Às vezes uma frase do poema de Thomas me vem à mente:

*E a você, meu pai, aí nessa triste altura, agora
Imploro que me amaldiçoe e me abençoe com
suas lágrimas ferozes.*

Se eu pudesse fazer o que *realmente* queria, reuniria todo mundo que gosto e voaria com eles para longe. Desceria rapidamente primeiro na Central, por Cassia, e então pegaria todos os outros, onde quer que eles estivessem. Encontraria meus tios, Patrick e Aida. Encontraria os pais de Cassia e seu irmão, Bram, e Xander e Em e todos os outros do Bairro onde crescemos. Eu encontraria Eli. Então eu subiria de volta.

Nunca seria possível voar com tanta gente nessa nave. É muito pequena.

Mas, se eu pudesse, nos levaria para algum lugar seguro. Ainda não sei onde, mas eu saberia quando visse. Pode ser uma ilha em algum lugar lá fora na água, onde Indie uma vez acreditou que se pudesse encontrar a Insurreição.

Não acho que a própria Escultura ainda seja segura — mas acredito que lá fora, no antigo território Inimigo, deve haver algum outro lugar secreto para onde possamos fugir. Se você for a

um museu agora, vai ver que a Sociedade mudou as Províncias Exteriores — as fez menores no mapa. Se a Insurreição falhar em derrubar a Sociedade, talvez até a próxima geração as Províncias Exteriores simplesmente não apareçam nos mapas. Isso me faz imaginar o que há lá fora do qual nada sei a respeito, e como a Sociedade pode ter alterado os mapas ao longo dos anos. Deve haver um mundo além do território Inimigo. Quanto dele foi apagado e levado embora?

Não me importaria com quão pequeno o mundo se tornou, desde que tivesse Cassia no centro do meu mundo. Eu me juntei à Insurreição para que pudéssemos ficar juntos. Mas eles a mandaram de volta à Central, e agora eu fico voando, porque é a melhor maneira que posso imaginar de chegar a ela, contanto que a Sociedade não me derrube.

Sempre há esse risco. Mas eu sou cuidadoso. Não me arrisco desnecessariamente, como alguns dos outros que querem impressionar o Piloto-

chefe. Se eu morrer, não vou servir de nada à Cassia. E eu quero encontrar Patrick e Aida. Não quero que eles pensem que perderam outro filho. Um é suficiente.

Eles pensam em mim como se fosse deles, mas sempre me viram como eu era. Não como Matthew, o filho que morreu antes que eu fosse morar com eles.

Não sei muito sobre Matthew. Nós nunca nos conhecemos. Mas sei que seus pais o amavam muito, e que seu pai achava que ele seria um classificador algum dia. Sei que ele estava visitando Patrick no trabalho quando uma Anomalia os atacou.

Patrick sobreviveu, Matthew não. Ele era só um garoto. Não crescido o suficiente para ter um Par. Não tinha idade suficiente para já ter sua designação de trabalho final. E, certamente, não tinha idade suficiente para morrer.

Não sei o que acontece quando morremos. Não

me parece que haja muito mais além disso. Mas acho que posso conceber que o que fazemos e somos pode durar além de nós. Talvez em um lugar diferente, ou outro plano.

Enfim. Talvez eu quisesse nos levar para algum lugar mais elevado, inteiramente acima do mundo. Quanto mais alto você sobe, mais frio fica. Poderia ser isso, se eu voasse conosco alto o suficiente, todas as coisas que minha mãe pintou estariam em suspenso, congeladas.

Homem morto respirando.

Eu me lembro da última vez que vi Cassia, na margem de um rio. A chuva tinha virado neve e ela disse que me amava.

Homem morto vivendo.

Conduzo a nave de forma rápida e suave. O chão se eleva para me encontrar, e o céu se encolhe passando de tudo o que posso ver para uma linha no horizonte. Está quase completamente escuro.

Não estou morto de jeito nenhum. Nunca estive mais vivo.

O acampamento parece agitado essa noite.

— Ky — diz alguém quando passa por mim.

Aceno de volta, mas meus olhos estão nas montanhas. Não cometi o erro de ficar muito acostumado com as pessoas daqui. Aprendi minha lição, de novo. Ambos os amigos que eu tinha no acampamento de iscas se foram. Vick está morto e Eli está em algum lugar naquelas montanhas. Não sei o que aconteceu com ele.

Só há uma pessoa aqui que eu chamaria de amiga, e eu a conhecia da Escultura.

Eu a vejo quando empurro a porta para o refeitório. Como sempre, mesmo que ela esteja próxima a alguns dos outros, há um pequeno círculo de isolamento em torno dela, e as pessoas a olham com admiração, expressões perplexas. Ela é considerada, por muitos, um dos melhores

pilotos do nosso acampamento. Mas ainda há um espaço entre ela e todos os demais. Nunca fui capaz de dizer se ela percebe ou se importa.

— Indie — chamo, andando em sua direção.

Sempre fico aliviado em vê-la viva. Embora ela seja um piloto de missões como eu, não um piloto de combate, sempre acho que pode não voltar. A Sociedade ainda está lá fora. E Indie é tão imprevisível quanto sempre foi.

— Ky — responde ela sem preâmbulos. — Estávamos aqui conversando. Como *você* acha que o Piloto vai aparecer? — Sua voz ressoa e as pessoas se viram para nos olhar. — Eu costumava acreditar que ele viria pela água — continua Indie. — É o que minha mãe sempre me dizia. Mas não acho mais isso. Tem que ser pelo céu. O que você acha? A água não tá em todo lugar, o céu está.

— Não sei — respondo.

Estar com Indie é sempre desse jeito — uma mistura de diversão, admiração e exasperação. Os

poucos aprendizes em volta dela murmuram desculpas e atravessam a sala, nos deixando sozinhos.

— Você tem uma missão hoje à noite? —
questiono.

— Essa noite, não — nega ela. — Você também está de folga? Quer andar até o rio?

— Estou de serviço — falo.

— Vai para onde?

Não devemos contar uns aos outros onde são nossas designações, mas me aproximo mais de Indie, tão perto que posso ver pintas azul-escuras nas íris claras dos olhos.

— Central — conto.

Esperei até agora para quebrar as regras e contar, porque não queria que ela tentasse me fazer desistir de ir. Ela sabe que uma vez que esteja na Central, existe uma chance de que eu ache um jeito de ficar.

Indie nem pisca.

— Você está esperando há muito tempo por uma missão lá — constata. Ela empurra a cadeira para longe da mesa e se levanta para ir embora. — Assegure-se de voltar — avisa.

Não prometo nada a ela. Nunca fui capaz de mentir para Indie.

Eu mal começo a comer quando soa a sirene.

Não uma simulação. Não essa noite. Isso não pode acontecer.

Levanto com o resto dos aprendizes e me dirijo para fora. Figuras, rápidas e escuras como eu, correm para as naves. Pelo jeito, é uma simulação completa. As pistas de decolagem e os campos estão lotados de naves e aprendizes, todos seguindo o procedimento para se preparar para o momento em que todos teremos uma só missão de assumir o controle da Sociedade. Eu ligo meu miniterminal. *Reporte-se à Pista 13*, diz a mensagem. *Grupo 3. Nave C-5. Copiloto.*

Não acho que já tenha pilotado essa nave antes, embora isso realmente não importe. Devo ter pilotado algo do tipo. Mas por que eu sou o copiloto? Normalmente sou o piloto, não importa com quem eu voe.

— Para suas naves! — gritam os comandantes.

As sirenes continuam estridentes.

Quando me aproximo da nave, vejo que as luzes já estão ligadas e alguém está se movendo dentro da cabine do piloto. O piloto já deve estar a bordo.

Subo as escadas e abro a porta.

Indie se vira para me olhar e seus olhos se arregalam de surpresa.

— O que você está fazendo? — pergunta ela.

— Sou o copiloto — respondo. — Você é o piloto?

— Sou.

— Você sabia que eles iam nos colocar juntos?

— Não — diz Indie.

Ela se vira de volta ao painel para ligar os motores da nave, um som familiar e irritante ao mesmo tempo. Em seguida, olha para mim de relance sobre o ombro, sua longa trança girando ao redor. Ela parece zangada.

— Por que desperdiçar os dois na mesma nave? Ambos somos bons.

A voz do comandante do grupo vem do alto-falante na cabine.

— Começar verificações finais de preparação para partida.

Praguejo baixinho. É uma simulação completa. Nós realmente vamos decolar. Posso sentir minha viagem para a Central escapando para longe.

A não ser que nos mandem para lá na simulação. Ainda há uma chance.

Indie se inclina na direção dos alto-falantes da cabine.

— Estamos sem nosso mensageiro — alerta ela.

A porta se abre e outra figura em traje negro entra. Por um momento, não podemos ver quem é e eu penso: *talvez seja Vick ou Eli*. Por que não? Estou em dupla com Indie, o que parece quase tão improvável.

Mas Vick está morto e Eli está desaparecido.

— Você é o mensageiro? — indaga Indie.

— Sou — responde ele.

Parece ter a nossa idade, talvez um ano ou dois a mais. Acho que não o vi antes, mas recebemos gente nova todo o tempo, no acampamento. Avisto algumas ranhuras em suas botas à medida que ele passa pela escotilha.

— Você estava nos vilarejos das iscas — digo.

Existe um grande número de nós aqui que foram iscas, uma vez ou outra.

Sua voz está neutra.

— Sim — confirma ele. — Meu nome é Caleb.

— Acho que não te conheci lá — falo.

— Não conheceu — nega ele e desaparece no

compartimento de carga.

Indie levanta as sobrelhas para mim.

— Talvez eles tenham colocado ele com a gente para equilibrar as coisas — ironiza ela. — Dois espertos e um idiota.

— Temos carga para essa simulação? — questiono.

— Suprimentos médicos — diz Indie.

— Que tipo? — continuo. — É real?

— Não sei — responde ela. — As caixas estão todas lacradas.

Momentos depois de Indie nos levar para o céu, o computador na cabine começa a cuspir o código de voo.

Puxo e começo a ler.

— O que diz aí? — pergunta ela.

— Cidade de Grandia — respondo.

Não é a Central.

Mas Grandia fica na mesma direção geral.

Talvez pudéssemos passar por lá e continuar até a Central.

Não digo nada a Indie. Ainda não.

Deixamos para trás os espaços escuros próximos às montanhas onde nossos acampamentos estão localizados e planamos sobre os Bairros na periferia da Cidade de Camas. Depois passamos sobre a própria cidade. Ali está o rio que a atravessa, e os prédios mais altos como a Prefeitura.

Um círculo de voltas brancas em torno deles.

— Há quanto tempo aquilo está ali? — indago.

Não voou diretamente sobre a cidade há quase uma semana.

— Não sei — responde Indie. — Sabe dizer o que é?

— Parece um muro — falo. — Em volta da Prefeitura e outros prédios.

Minha inquietação se intensifica. Mantenho os olhos no painel de controle, resistindo ao impulso

de olhar para cima, para Indie. Por que existe um muro em torno do centro da Cidade de Camas? E nós nunca fomos colocados para voar em dupla antes. Por que agora?

Será que foi assim que Cassia e Xander se sentiram quando descobriram que eram um Par? *Isso não pode estar certo. Todas as chances estão contra isso. Então como isso está acontecendo?*

Os pensamentos de Indie devem estar seguindo o mesmo caminho que os meus.

— A Insurreição nos colocou juntos — diz ela.

E então, à medida que a Cidade de Camas desaparece debaixo de nós, ela se inclina mais para perto e sussurra.

— Isso não é uma simulação — fala ela. — É o começo.

Acho que ela está certa.

Xander

O médico termina de examinar o garotinho e se levanta.

— Seu filho está estável — informa aos pais.
— Nós já vimos essa doença antes. As pessoas se tornam letárgicas e são levadas a um estado de adormecimento.

Ele gesticula para os outros médicos, que se adiantam com uma maca para a criança.

— Vamos levá-lo ao centro médico imediatamente, onde lhe daremos o melhor atendimento possível.

A mãe concorda, o rosto pálido. O pai se levanta para ajudar com a maca, mas os médicos se movem em volta dele.

— Vocês vão precisar vir conosco — o médico avisa aos pais. Ele gesticula para nós Oficiais também. — *Todos* vocês vão precisar ficar em quarentena, por precaução.

Olho de esguelha para a Oficial Lei. Ela está olhando para fora da janela agora, na direção das montanhas. Percebi que as pessoas desta Província fazem isso. Estão sempre olhando para as montanhas. Talvez elas saibam de algo que não sei. Será que é onde o Piloto está?

Queria poder dizer aos pais do garotinho que tudo vai ficar bem. O medo em seus rostos me diz que eles não são parte da Insurreição. Não sabem que existe um Piloto ou uma cura.

Mas existe. Tenho certeza disso. A Insurreição tem tudo planejado:

A Praga tem feito incursões pelas Províncias há meses. A Sociedade conseguiu conter a doença, mas um dia vai se quebrar — e não vai ser mais capaz de se manter com a propagação

da doença. Nesse ponto, os cidadãos vão saber o que até então só suspeitavam: há uma doença que a Sociedade não pode curar.

Quando a Praga se espalhar, esse será o nosso começo.

Sou parte da segunda fase da Insurreição, o que significa que devo esperar ouvir a voz do Piloto antes de entrar em ação. Quando o Piloto falar, devo me reportar ao principal centro médico o mais rápido possível. Não sei como o Piloto soa, mas meu contato dentro da Insurreição me garantiu que eu vou reconhecer a voz dele quando chegar a hora.

Isso vai ser ainda mais fácil do que eu pensava. A Sociedade está a ponto de me botar em quarentena. Estarei pronto e esperando quando o Piloto finalmente falar.

O médico nos entrega máscaras e luvas antes de subirmos no carro aéreo. Eu puxo a máscara sobre o rosto, mesmo sabendo que nenhuma dessas

precauções é necessária para mim. Não posso pegar a Praga.

Essa é outra coisa que os comprimidos da Insurreição fazem. Não só o tornam imune ao comprimido vermelho, mas também o tornam imune à Praga.

O bebê geme quando colocam sua máscara, e olho preocupado em sua direção. Talvez ele fique doente, já que provavelmente foi exposto à doença antes que pudéssemos dar a ele o comprimido.

Mas se ele ficar doente, lembro, a Insurreição tem uma cura.

Existe um rio que serpenteia pelo meio da Cidade de Camas. Durante o dia, a água é azul. Essa noite parece uma larga rua negra. Por alguns momentos nós pairamos sobre a superfície escura da água, no caminho para o centro da Cidade.

Os prédios principais da Cidade, incluindo o maior centro médico em Camas, estão todos

circulados por um muro branco alto.

— Quando aquilo foi construído? — pergunta o pai, mas os médicos não respondem.

O muro é novo. A Sociedade o construiu para manter a Praga contida. É um dos muitos muros que a Insurreição vai ter que pôr abaixo.

— Não me diga que vocês não sabem — insiste o pai —, Oficiais sabem de tudo.

Sua voz soa dura e zangada agora, e ele olha primeiro para o Oficial Brewer, depois para a Oficial Lei e então para mim. Sustento seu olhar.

— Nós dissemos pra você tudo o que a gente podia — alerta o Oficial Brewer. — Sua família está sofrendo estresse suficiente. Eu preferiria não acrescentar uma citação às suas dificuldades.

— Me desculpe — fala a Oficial Lei para o pai.

Escuto uma empatia quase perfeita em sua voz. Espero que o Piloto seja assim.

O pai se vira e olha para fora de novo, seus

ombros rígidos. Ele não diz mais nada. Mal posso esperar para tirar esse uniforme. Ele promete mais do que podemos cumprir e representa algo em que já não acredito há algum tempo. Até o rosto de Cassia mudou ao me ver vestindo isso pela primeira vez.

— O que você acha? — perguntei a ela.

Fiquei parado em frente ao terminal, levantei os braços para os lados e dei uma volta, sorrindo, agindo do jeito que a Sociedade esperaria de mim, porque sabia que eles estavam assistindo.

— Achei que eu fosse estar lá quando acontecesse — disse ela, de olhos arregalados.

Eu podia constatar, pelo som estrangulado de sua voz, que ela estava escondendo alguma coisa. Surpresa? Raiva? Tristeza?

— Eu sei — apaziguei —, eles mudaram a cerimônia. Também não trouxeram meus pais.

— Oh, Xander — falou Cassia. — Sinto muito.

— Não sinta — digo, provocando-a. — Vamos estar juntos quando assinarmos nosso Contrato.

Ela não negou: não com a Sociedade assistindo. Então lá estávamos nós. Tudo o que eu queria era alcançá-la e era impossível, já que ela estava na Central e eu estava em Camas e nós estávamos nos falando através dos terminais em nossos apartamentos.

— Seu turno deve ter acabado há horas — lembrou ela. — Isso significa que você ficou de uniforme o dia todo para se exhibir?

Ela estava me provocando de volta e eu relaxei.

— Não — expliquei —, as regras mudaram. Temos que usar nossos uniformes o tempo todo agora, não só no trabalho.

— Mesmo dormindo? — perguntou.

Eu ri.

— Não — respondi —, aí não.

Ela concordou e corou um pouco. Fiquei me perguntando no que Cassia estava pensando.

Queria que estivéssemos juntos, face a face no mesmo cômodo. Pessoalmente é muito mais fácil mostrar a alguém o que você de fato está sentindo.

Todas as perguntas que eu tinha para ela encheram minha cabeça.

Você está mesmo bem? O que aconteceu nas Províncias Exteriores?

Os comprimidos azuis ajudaram você? Você leu minhas mensagens? Você descobriu meu segredo? Você sabe agora que sou parte da Insurreição? Ky te disse? Você também é parte da Insurreição agora?

Você amava Ky quando foi para os cânions. Foi a mesma coisa quando você saiu de lá?

Eu não odeio Ky. Eu o respeito. Mas isso não significa que ache que ele deve ficar com Cassia. Acho que ela deve ficar com quem quer que ela queira, e ainda acredito que possa ser eu no final.

— É legal, não é? — pergunta ela, seu rosto sério e comprometido. — Ser parte de alguma

coisa maior do que você mesmo.

— É — respondo, e nossos olhos se encontram. Mesmo com toda a distância entre nós, eu soube. Cassia não estava falando da Sociedade. Ela estava falando da Insurreição. *Ambos estamos na Insurreição*. Eu queria gritar e cantar, tudo ao mesmo tempo, mas não podia fazer nada disso. — Você está certa — afirmo —, é mesmo.

— Gosto da insígnia vermelha — ela muda de assunto. — Sua cor favorita.

Eu sorri. Ela leu os recadinhos que coloquei nos comprimidos azuis. Ela *não tinha* me esquecido, enquanto estava com Ky.

— Estava querendo te contar — continuou ela —, sei que sempre te disse que *minha* cor favorita era verde. É o que diz no meu microcartão, mas eu mudei.

— Então qual é agora? — indago.

— Azul — responde ela. — Como seus olhos. — Ela se inclina um pouco para a frente. — Tem

alguma coisa interessante sobre o azul.

Queria pensar que ela estava me elogiando, mas não era isso. Cassia queria me dizer algo mais. Eu sabia que havia significado por trás do que ela estava dizendo: mas o quê? Por que a adição da palavra *sobre*? Por que não dizer “Tem alguma coisa interessante no azul”?

Acho que ela quer dizer os comprimidos azuis que eu dei a ela lá no Bairro. Ela estava tentando me dizer que eles a tinham salvado, como sempre acreditamos que fariam? Todos nós sabíamos que os comprimidos eram para nos manter vivos no caso de um desastre. Eu quis que Cassia tivesse tantos quanto possível quando ela partiu, só por precaução.

Quando dei a Cassia os comprimidos, não contei a ela a verdade sobre como os consegui. Tentei dar a explicação que lhe causasse a menor preocupação. O que eu tinha feito para pegar os papéis e comprimidos para ela, tinha valido a

pena. Eu fico me dizendo isso, e na maior parte do tempo acredito.

Não vejo sinais de rebelião conforme chegamos dentro da barricada branca. A Sociedade parece estar em pleno controle da situação. Uma enorme tenda branca marca a área de triagem, e eles colocaram luzes temporárias por todo o terreno dentro dos muros. Oficiais usando equipamento protetor observam tudo. Outros carros aéreos, cheios de médicos e pacientes, aterrissam perto de nós.

Não estou preocupado, sei que a Insurreição está chegando. E, sem saber disso, a Sociedade me colocou quase exatamente onde preciso estar. Queria que Cassia e eu pudéssemos estar juntos para ver tudo acontecer, e para ouvir o Piloto pela primeira vez. Imagino o que ela pensa disso tudo. Ela está na Insurreição, também deve ser imune à Praga.

— Infectados à direita — um Oficial em um traje de materiais perigosos avisa aos nossos médicos. — Quarentena à esquerda.

Dou uma espiada para a esquerda, a fim de ver para onde ele aponta. A Prefeitura da Cidade de Camas.

— Eles devem ter ficado sem espaço no centro médico — sussurra a Oficial Lei.

Esse é um bom sinal, um sinal muito bom. A Praga está se movendo rapidamente. É só uma questão de tempo antes de a Insurreição precisar interceder. Até agora, a maior parte dos Oficiais da Sociedade parece aflita enquanto direciona o tráfego de pessoas.

Nós subimos os degraus e entramos na Prefeitura. Por um segundo, imagino que Cassia vai entrar em seguida e vamos estar a caminho do Banquete.

A Oficial Lei abre as portas.

— Continuem andando — diz alguém lá dentro,

mas eu entendo por que as pessoas podem estar parando no caminho. A Prefeitura mudou.

Dentro da enorme área aberta sob a cúpula estão fileiras e mais fileiras de pequenos cubículos claros. Sei o que eles são: centros de contenção temporária, que podem ser construídos em qualquer lugar, em caso de uma epidemia ou pandemia. Aprendi sobre eles no meu treinamento, mas nunca os tinha visto pessoalmente.

Os cubículos podem ser separados ou colocados juntos em diferentes configurações, como as peças de um quebra-cabeça. Eles possuem seu próprio sistema de esgoto e encanamento dentro dos pisos, e os sistemas podem ser acoplados aos de um edifício maior. Cada cubículo possui um pequeno catre, uma fenda para entrega de comida e uma pequena divisória, na parte posterior, grande o suficiente para a latrina. A característica mais distinta nos cubículos, além de seu tamanho, são as paredes.

Elas são, em sua maioria, transparentes.

Transparência ao cuidar, é como a Sociedade chama. Todo mundo pode ver o que está acontecendo com todos os outros, e os Oficiais Médicos podem observar seus pacientes o tempo todo.

O rumor é que a Sociedade aperfeiçoou esse sistema no tempo em que os Oficiais estavam em campo, procurando por Anomalias. Às vezes, a Sociedade tinha que montar centros para conter todas as Anomalias que encontravam, a fim de avaliá-las, e foi quando eles desenvolveram os cubículos. Quando os Oficiais do Departamento Sanitário acabaram de rastrear a maioria daqueles que eles determinaram perigosos, entregaram os cubículos no Centro Médico, para uso. A história oficial da Sociedade é que eles sempre existiram, apenas para quarentena e descontaminação médica.

Antes de me unir à Insurreição, não tinha

ouvido sobre a forma como a Sociedade sistematicamente selecionava as Anomalias dentre a população geral — mas eu acredito. Por que não acreditaria? Eles fizeram algo parecido com isso de novo, anos depois, com Ky e outras Aberrações.

Faço um cálculo rápido, enquanto olho para os cubículos. Mais da metade deles está preenchida. Não vai demorar muito para estarem com a capacidade máxima.

— Você vai ficar aqui — indica um Oficial, apontando para o Oficial Brewer.

Ele acena para nós e entra no cubículo, sentando obedientemente no catre.

Eles passam por uns poucos cubículos vazios antes de parar de novo. Acho que não querem colocar as pessoas perto daquelas que elas conhecem, o que faz sentido. Já é perturbador o suficiente assistir a um desconhecido sucumbir à doença, mesmo quando você sabe que todos eles

vão melhorar.

— Aqui — o Oficial avisa à Oficial Lei, e ela entra no cubículo.

Sorrio para ela quando a porta desliza e se fecha, e ela sorri de volta. Ela sabe. Ela tem que ser parte da Insurreição.

Mais alguns cubículos à frente, e é a minha vez. De dentro, os cubículos parecem ainda menores do que parecem de fora. Quando estico os braços, consigo tocar ambas as paredes ao mesmo tempo. Uma melodia suave sai das paredes. Eles estão tocando as Cem Canções, para evitar que fiquemos malucos de tédio.

Sou um dos sortudos. Sei que o Piloto vai nos salvar e sei também que não vou pegar a Praga. E quando você é sortudo, como minha família sempre foi, é sua responsabilidade fazer a coisa certa. Meus pais me disseram isso.

— Nós estamos do lado certo dos dados da Sociedade — teria dito meu pai —, mas poderia

facilmente ter sido de outra forma. As coisas não são justas. É nosso trabalho fazer o que pudermos para mudar isso.

Quando meus pais descobriram que meu irmão, Tannen, e eu éramos imunes ao comprimido vermelho, se tornaram mais protetores, pois perceberam que nós iríamos nos lembrar de coisas que nem eles podiam lembrar. Mas também nos disseram que isso era uma coisa importante, nossa imunidade. Significava que nós saberíamos *realmente* o que tinha acontecido e que poderíamos usar esse conhecimento para fazer a diferença.

Assim, quando a Insurreição me abordou, eu soube imediatamente que queria ser parte dela.

Alguma coisa bate contra a parede, do outro lado do cubículo, e eu me viro. É outro paciente, um garoto que parece ter uns 13 ou 14 anos. Ele perdeu a consciência e caiu contra a parede, sem colocar as mãos na frente para amortecer. Ele bate

com força no chão.

Em instantes os médicos estão na porta e dentro do cubículo, de máscaras e luvas. Eles o levantam e o tiram do cubículo, e em seguida da Prefeitura, e provavelmente o levam para o centro médico. Algum tipo de líquido desce como uma camada pelas paredes, e um vapor químico fervilha vindo do chão. Eles estão higienizando o cubículo para deixá-lo pronto para outra pessoa.

Pobre garoto. Queria ter podido ajudá-lo.

Eu estico os braços de novo e pressiono-os contra as paredes, empurrando, para sentir os músculos se estendendo por eles. Não devo me sentir impotente por muito mais tempo.

CAPÍTULO 5

Cassia

Uma garota senta junto a mim no trem aéreo, usando um lindo vestido longo. Mas ela não parece feliz. A confusão expressa em seu rosto reflete a forma como me sinto. Sei que estou voltando do trabalho, mas por que tão tarde? Minha mente está nublada e muito cansada. Estou nervosa, inquieta. Alguma coisa parece igual ao Bairro, na manhã em que levaram Ky embora. Há algo cortante no ar, um eco de um grito ao vento.

— Vai conhecer seu Par essa noite? — pergunto, e no momento que as palavras saem da minha boca eu penso: *que pergunta estúpida*. Claro que ela vai. Não há nenhuma outra ocasião, além do Banquete, em que alguém usaria um

vestido desses. O traje dela é amarelo, da mesma cor da roupa que minha amiga Em vestiu para seu banquete, lá em casa.

A garota olha para mim, a expressão incerta, e então olha para baixo, para as mãos, a fim de ver se a resposta está lá. Está na forma de uma pequena caixa prateada.

— Vou — responde ela, os olhos se iluminando. — Claro.

— Você não poderia ter ido ao Banquete na Prefeitura — digo a ela, me lembrando de outra coisa. — Porque ela foi reformada.

— Isso mesmo — confirma ela, e seu pai se vira para me olhar com uma expressão de preocupação no rosto.

— Então, onde vai ser? — insisto.

Ela não responde. Abre e fecha a caixa prateada.

— Tudo aconteceu muito rápido — explica ela. — Vou ter que olhar o microcartão de novo

quando chegar em casa.

Sorrio para ela.

— Me lembro da sensação — admito, e é verdade.

Lembre-se.

Ah, não.

Enfio a mão dentro da manga e sinto um pedacinho de papel ali, um que é muito pequeno para ser um poema. Não ousou tirá-lo no trem aéreo, na frente de tantos olhos, mas acho que sei o que aconteceu.

Lá no Bairro, quando o resto da minha família tomou o comprimido e eu não, todos pareciam como pareço agora. Confusos, mas não totalmente perdidos. Eles sabiam quem eram e entendiam a maior parte do que estavam fazendo.

O trem aéreo desliza suavemente para uma parada. A garota e sua família saem. No último instante, levanto e me esgueiro pelas portas. Essa não é minha estação, mas não posso mais ficar

sentada.

O ar na Central é úmido e frio. Ainda não está muito escuro, mas vejo uma nesga de lua inclinada na água azul-escura do céu noturno. Respirando profundamente, ando até o final dos degraus de metal e me coloco de lado, deixando os outros passarem. Puxo o fragmento de papel da manga, escondendo as mãos e os movimentos nas sombras sob as escadas o melhor que posso.

O papel diz *lembre-se*.

Tomei o comprimido vermelho. E ele funcionou.

Não sou imune.

Uma parte de mim, uma que tem esperança e crença no que eu sou, se dissolve e desaparece.

— Não — murmuro.

Não pode ser verdade. Eu *sou* imune. Tenho que ser.

Lá no fundo, acreditava na minha imunidade. Pensei que seria como Ky, como Xander e Indie.

Afinal de contas, eu venci os outros dois comprimidos. Sobrevivi ao comprimido azul na Escultura, mesmo que ele devesse me congelar. E não tomei o verde nenhuma vez.

A parte classificadora na minha mente me diz: *você está errada. Você não é imune. Agora você sabe.*

Se eu não sou imune, então o que eu esqueci? O que perdi para sempre?

Minha boca tem gosto de lágrimas. Passo a língua sobre os dentes, tentando sentir se restou algum traço de comprimido. *Acalme-se. Pense no que se lembra.*

Minha memória mais recente, antes do trem aéreo, é de deixar o centro de classificação. Mas por que eu estava lá tão tarde? Eu me viro e sinto alguma coisa sob minhas roupas comuns, algo além dos poemas. *O vestido vermelho.* Estou usando ele. Por quê?

Porque Ky virá essa noite. Eu me lembro disso.

Coloco a mão sobre meu coração acelerado e sinto o farfalhar do papel por baixo.

E me lembro de que tenho poemas para negociar e que os carrego junto à pele.

Sei quando esses poemas chegaram a mim, quando cheguei aqui pela primeira vez. Eu me recordo perfeitamente.

Uns poucos dias depois da minha chegada à Central, caminhei ao longo da beirada da barreira branca circulando a zona imóvel. Por um momento, fingi que estava de volta à Escultura, que a barreira era uma das paredes do cânion e que as janelas que se alinhavam nos edifícios residenciais até em cima eram as cavernas nas Províncias Exteriores, fendas na pedra do cânion onde as pessoas podiam se esconder, viver e pintar.

Mas, percebi enquanto andava, as superfícies externas dos apartamentos são tão escorregadias

e iguais que nem mesmo Indie poderia encontrar um apoio nas paredes.

Os gramados das áreas verdes estavam cobertos de neve. O ar parecia o de Oria no inverno, denso e frio. A fonte, no meio de uma das áreas verdes, tinha uma esfera de mármore balançando em um pedestal. *Uma fonte de Sísifo*, pensei, e disse a mim mesma: *preciso ter partido quando for primavera, quando a água correr de novo.*

Pensei em Eli. *Essa é a cidade dele, de onde ele veio. Será que ele se sente do jeito que me sinto a respeito de Oria? Lá, apesar de tudo o que aconteceu, ainda é um lar.* Eu me lembrei de ver Eli ir em direção às montanhas com Hunter, os dois com esperanças de encontrar os agricultores que tinham evitado a Sociedade por tanto tempo.

Fiquei imaginando se a barreira estava de pé quando ele vivia aqui.

E senti quase tanta saudade dele quanto sentia

de Bram.

Os galhos acima de mim estavam secos e mortos, seus ramos, sem folhas e nus. Alcancei e quebrei um deles.

Prestei atenção, procurando alguma coisa. Algum sinal de vida naquele círculo silencioso. Mas realmente não havia sons além daqueles que não podem ser silenciados — como o vento nas árvores.

Mas percebo que aquilo não me dizia nada.

Na Sociedade, nós não gritamos além dos nossos próprios corpos, das paredes de nossos próprios quartos. Quando berramos, é apenas no mundo dos nossos sonhos, e nunca tive certeza de quem ouvia.

Olhei para cima, para ter certeza de que ninguém estava vendo, e então me dobrei e escrevi um *E* na neve próxima à parede, pelo nome de Eli.

Quando terminei, queria mais.

Esses galhos vão ser meus ossos, pensei, e o

papel será meu coração e pele, os lugares que sentem tudo. Quebrei mais galhos em pedaços: uma tíbia, um fêmur, ossos dos braços. Eles tinham que estar em segmentos, assim se moveriam quando eu me movesse. Eu os escorreguei para dentro das pernas das minhas roupas comuns e até minhas mangas.

Então me levantei para me mexer.

É uma sensação estranha, pensei, como se meus ossos estivessem andando junto comigo na parte de fora do meu corpo.

— Cassia Reys — chamou alguém atrás de mim.

Eu me virei, surpresa. Uma mulher olhava de volta para mim, suas feições indistintas. Ela vestia um casaco cinza de tecido padrão, como o meu, e seu cabelo e olhos eram castanhos ou cinza; era difícil dizer. Ela parecia estar com frio. Não saberia dizer por quanto tempo ela tinha ficado me observando.

— Tenho algo que pertence a você — falou. — Foi enviado das Províncias Exteriores.

Não respondi. Ky tinha me ensinado que algumas vezes o silêncio era melhor.

— Não posso garantir sua segurança — continuou a mulher. — Só posso garantir a autenticidade dos itens. Mas, se você vier comigo, eu te levo até eles.

Ela levantou e começou a andar. Quando me ouviu indo, desacelerou e me deixou acompanhá-la. Andamos sem falar por ruas e edifícios, para além dos limites do conjunto de luzes dos postes e em seguida até uma cerca de arame farpado que envolvia um enorme campo gramado, entulhado de escombros. Coberturas de plástico branco e fantasmagórico ondulavam e suspiravam com a brisa que passava.

Ela se abaixou por uma abertura na cerca e eu fiz o mesmo.

— Fica perto — avisou ela. — Esse campo é

um antigo lugar de Restauração. Tem buracos por toda parte.

Enquanto a seguia, percebi com excitação aonde eu devia estar indo. Para o *verdadeiro* esconderijo dos Arquivistas, não o museu onde eles faziam os negócios superficiais. Eu estava indo para o lugar em que os Arquivistas deviam armazenar as coisas, aonde eles mesmos iam para negociar papéis, poemas, informações e sabe-se lá mais o quê. Enquanto eu contornava os buracos no chão e ouvia o vento assobiar nas coberturas plásticas, sabia que devia ter medo, e em algum lugar lá no fundo eu tinha.

— Você vai ter que usar isso — explicou a mulher, uma vez que estávamos no meio do campo. Ela pegou um pedaço de tecido escuro. — Preciso amarrar sobre os seus olhos.

Não posso garantir sua segurança.

— Tudo bem — concordei e virei de costas para ela.

Quando acabou de apertar o pano, ela me segurou pelos ombros.

— Vou rodar você — avisou.

Deixei escapar uma risadinha, não pude evitar.

— Como um jogo da Primeira Escola — falei, lembrando quando cobríamos os olhos com as mãos e jogávamos jogos infantis nos gramados do Bairro, durante horas de lazer.

— Um pouco como isso — assentiu ela e então me girou, e o mundo rodou em volta de mim, escuro, frio e sussurrante.

Pensei então na bússola de Ky, com sua seta que sempre podia dizer onde estava o norte, sem importar com que frequência você a virasse, e senti a familiar dor aguda que sempre tinha quando pensava na bússola, e como eu tinha negociado seu presente.

— Você é muito confiante — afirmou ela.

Não respondi. Em Oria, Ky tinha me dito que os Arquivistas não eram nem melhores nem piores do

que ninguém, então eu não estava certa se *podia* confiar nela, mas senti que tinha que assumir o risco. A mulher segurou meu braço e andei com ela, levantando meus pés de forma estranha, tentando não pisar em nada. O chão estava frio e duro sob meus pés, mas de vez em quando eu sentia um pouco da grama que restou, que no passado crescera por ali.

Ela parou e ouvi o barulho áspero dela puxando alguma coisa. *Plástico, pensei, aquele revestimento branco cobrindo os restos das construções.*

— É no subsolo — anunciou ela. — Vamos descer uns lances de escada, e aí vamos alcançar um longo corredor. Vá bem devagar.

Esperei, mas ela não se moveu.

— Você primeiro — disse a mulher.

Coloquei as mãos nas paredes, que eram estreitas e apertadas, e senti tijolos velhos cobertos de musgo. Arrastei o pé para a frente e

desci o primeiro degrau.

— Como vou saber que cheguei ao final? —
perguntei, e as palavras e a forma como as usei me
fizeram pensar no poema da Escultura, aquele que
eu amava mais do que todos entre aqueles que
encontrei na caverna da livraria dos agricultores,
aquele que sempre parecia falar da minha jornada
com Ky:

Não te alcancei

*Mas meus pés escorregam mais perto a cada
dia*

Três Rios e uma Colina a atravessar

Um Deserto e um Mar

Nem levarei em consideração a jornada

Quando por fim Te avistar

Quando alcancei o último degrau meu pé
escorregou, exatamente como no poema.

— Continue indo — incentivou ela atrás de
mim. — Use a parede para guiar você.

Arrastei a mão direita pelos tijolos enquanto a sujeira caía por entre meus dedos, e após um tempo senti as paredes se abrirem no espaço de um grande cômodo. Meus pés ecoaram pelo chão, e eu ouvi sons diferentes: pés se deslocando, pessoas respirando. Sabia que não estávamos sozinhas.

— Por aqui — chamou a mulher, e pegou meu braço para me guiar.

Movemo-nos para longe do som dos outros.

— Pare — avisou ela. — Quando eu tirar a venda — acrescentou —, você vai ver os itens que alguém providenciou que fossem entregues a você. Você vai perceber que vários estão faltando. Eles foram o pagamento pela entrega, com a concordância do remetente.

— Tudo bem — falei.

— Leve o tempo que quiser olhando as coisas — explicou ela. — Alguém vai voltar para te acompanhar para fora.

Levou um momento — eu estava desorientada e

o lugar subterrâneo era sombrio — para eu entender o que via. Após um instante, entendi que eu estava emparedada por duas fileiras de longas prateleiras de metal vazias. Elas pareciam lisas e limpas, como se alguém cuidasse delas e espanasse a poeira, mas mesmo assim me lembraram da cripta de uma tumba que vimos uma vez em uma das Cem Lições de História, onde havia pequenas cavernas cheias de ossos e pessoas entalhadas em pedra no topo das caixas. *Tanta morte*, disse-nos a Sociedade, *sem nenhuma chance de vida póstuma. Não havia então nenhuma preservação de tecidos.*

No meio da prateleira à minha frente, vi um grande pacote embrulhado em plástico grosso. Quando puxei a borda superior do plástico, encontrei papel. *As páginas que trouxe da Escultura.* O cheiro de água e poeira, arenito, parecia sair do papel.

Ky. Ele deu um jeito de enviá-las para mim.

Coloquei as mãos espalmadas sobre os papéis, inspirando e prendendo o ar. *Ele tocou nelas também.*

Na minha mente, um riacho corria e caía neve, e dissemos adeus na margem; eu entrei na água e ele correu ao longo dela, dando a essas palavras o comprimento do rio.

Virei os papéis, olhando para cada página. E naquele corredor de metal frio, sozinha, eu o queria. Queria suas mãos nas minhas costas e seus lábios declamando poemas nos meus, e queria que nossa jornada um para o outro estivesse finalizada, as milhas entre nós percorridas e toda a distância, encerrada.

Uma figura apareceu no final das prateleiras. Segurei os papéis contra o peito e retrocedi alguns passos.

— Está tudo bem? — perguntou alguém e percebi que era a mesma mulher que tinha me trazido.

Ela se aproximou, o círculo branco amarelado da luz da sua lanterna direcionado para baixo, para meus pés, e não no meu rosto para me cegar.

— Você teve tempo suficiente para olhar?

— Parece que está tudo aqui — afirmei. — Exceto por três poemas, que presumo que seja o preço pela negociação que você mencionou.

— Sim — concordou ela. — Se isso é tudo o que você precisa, então pode ir. Saia do meio das prateleiras e atravesse a sala. Há apenas uma porta. Suba as escadas de volta para o lado de fora.

Sem venda dessa vez?

— Mas aí eu vou saber onde estamos — lembro. — Vou saber como voltar.

Ela sorriu.

— Exatamente. — Seu olhar se demorou nos papéis. — Você pode negociar aqui, se preferir. Não precisa ir até o museu com coisas escondidas como essas.

— Então eu vou ser uma Arquivista? — quis saber.

— Não — discordou ela. — Você vai ser uma Negociadora.

Por um momento achei que ela tivesse dito *traidora*, o que para a Sociedade é claro que eu era. Mas então ela prosseguiu:

— Arquivistas trabalham com negociantes, mas são diferentes. Nós temos treinamento específico, e podemos reconhecer falsificações que o negociante médio nunca perceberia.

A mulher pausou e eu acenei para mostrar que entendia a importância do que ela estava dizendo.

— Se você barganha com um negociante independente, você não tem garantia de autenticidade. Os Arquivistas são os únicos com conhecimento e recursos adequados para saber se as informações e artigos são genuínos ou não. Alguns dizem que a facção dos Arquivistas é mais antiga do que a Sociedade.

Ela baixou o olhar para as páginas em minhas mãos e depois o levantou para mim.

— Algumas vezes uma negociação vem com itens que não valem nada — arrematou ela. — Seus papéis, por exemplo. Você pode negociá-los individualmente a qualquer momento, se quiser. Mas eles vão ter mais valor em conjunto. Quanto maior a coleção, maior o preço que você pode conseguir. E, se virmos potencial em você, você poderá ser autorizada a intermediar negociações dos outros em nosso nome e receber parte da comissão.

— Obrigada — falei. Em seguida, pensando nas palavras do poema de Thomas, que Ky sempre pensou que eu fosse capaz de negociar, perguntei: — E poemas que são lembrados?

— Você quer dizer, poemas sem documento de papel para dar garantia a eles? — disse ela.

— Sim.

— Houve uma época em que os aceitaríamos,

embora seu valor fosse menor. Esse não é mais o caso.

Eu deveria ter presumido isso, pelo jeito como o Arquivista em Tana reagiu quando tentei negociar o poema de Tennyson. Mas achei que o poema de Thomas, desconhecido de todos, exceto de Ky e de mim, pudesse ser uma exceção. Ainda assim, eu tinha uma riqueza de possibilidades, graças a Ky.

— Você pode guardar seus itens aqui — sugeriu a Arquivista. — As taxas são mínimas.

Instintivamente, recuei.

— Não — falei para ela. — Vou encontrar algum outro lugar.

Ela levantou as sobrancelhas para mim.

— Tem certeza de que você tem um lugar seguro? — questionou ela, e eu pensei na caverna onde as páginas tinham estado seguras por tanto tempo, e o compacto onde o Vovô tinha mantido os primeiros poemas escondidos por anos. E eu

soube onde esconderia meus papéis.

Eu queimei palavras e as enterrei, pensei, mas ainda não tentei molhá-las.

De certa forma, acho que foi Indie que me deu a ideia de onde esconder os papéis. Ela sempre falava do oceano. E, mais do que isso, pode ter sido sua maneira esquisita e oblíqua de pensar — a forma como ela olhava as coisas de lado, de cima para baixo, ao invés de diretamente, vendo a verdade de ângulos inesperados e estranhos.

— Quero negociar logo outra coisa essa noite — avisei à Arquivista, e ela pareceu desapontada.

Como se eu fosse uma criança a ponto de gastar todas aquelas frágeis e bonitas palavras em algo brilhante e falso.

— Do que você precisa? — questionou ela.

— Uma caixa — falei. — Uma que o fogo não possa queimar, e que não deixe entrar água, ar ou terra. Você pode encontrar algo assim?

Sua expressão mudou um pouco, tornando-se

mais aprovadora.

— Com certeza — concordou. — Espere aqui. Não vou levar muito tempo.

Ela desapareceu de novo entre as prateleiras.

Aquela foi nossa primeira negociação. Mais tarde, descobri a identidade da mulher e soube que ela era a Arquivista-chefe na Cidade Central, a pessoa que supervisionava e conduzia as negociações, mas não as realizava ela mesma com frequência. No entanto, desde o começo ela tinha tido interesse especial nas páginas que Ky me enviou. Eu trabalhei com ela desde então.

Quando subi do subterrâneo aquela noite, agarrando a caixa cheia de papéis com as mãos geladas, parei um momento na beirada do campo. Ele era feito de grama prateada, e entulho cinza e preto. Eu podia distinguir o formato do plástico branco que cobria as outras escavações, protegendo-as de uma Restauração interrompida e ainda não retomada. Eu me pergunto o que o lugar

costumava ser e por que a Sociedade abandonou quaisquer tentativas de trazê-lo de volta.

E então, o que aconteceu em seguida?, me pergunto. Onde coloquei as páginas depois de tirá-las do esconderijo dos Arquivistas?

Por um momento a memória tenta escapar, como um peixe prateado em um riacho, mas seguro-a firme.

Escondi os papéis no lago.

Embora eles tenham nos dito que o lago está morto, eu ousei entrar nele, pois vi sinais de vida. A margem parecia com as dos córregos saudáveis da Escultura, não com as daquele onde Vick foi envenenado. Eu podia ver onde tinha havido grama; em um lugar onde havia uma nascente e a água era morna, eu até mesmo vi peixes se movendo lentamente, passando o inverno submersos.

Rastejei pela moita que ia até a beirada do

lago, e então enterrei a caixa sob o píer do meio, debaixo da água e das pedras que decoravam a parte rasa onde o lago tocava a margem.

E então uma memória mais nova volta.

O lago. Lá é onde Ky disse que iria me encontrar.

Assim que alcanço o lago, ligo a lanterna que mantenho escondida na moita, no limite da Cidade, onde acabam as ruas e começa o pântano.

Acho que ele não chegou ainda.

Há sempre momentos de pânico quando volto — os papéis terão desaparecido? Mas então eu respiro fundo e coloco as mãos na água, afasto as rochas e levanto uma caixa gotejante cheia de poesia.

Quando negocio as páginas, normalmente é em pagamento pela troca de mensagens entre mim e Ky.

Não sei em quantas ou quais mãos os recados

passarão antes de chegar a Ky. Então, enviei minha primeira mensagem em um código que eu criei, um que inventei durante as longas horas de classificação que não exigiam minha atenção total. Ky adivinhou o código e mudou-o ligeiramente quando escreveu de volta. A cada vez nós construímos um pouco em cima do código original, mudando-o e evoluindo um pouco para torná-lo mais difícil de ler. Não é um sistema perfeito — tenho certeza de que o código pode ser quebrado —, mas é o melhor que podemos fazer.

Quanto mais perto chego da água, mais percebo que há algo errado.

Um grupo numeroso de pássaros negros se reuniu próximo à beirada da primeira doca, e outro grupo deles se agrupou mais adiante na margem. Eles piam e chamam uns aos outros, bicando alguma coisa, algumas *coisas*, no chão. Jogo a luz da lanterna neles.

Os pássaros negros se espalham e piam para

mim, e eu paro de repente.

Peixes mortos se amontoam ao longo da margem, presos ao junco. Barrigas para cima, olhos vidrados. E eu me lembro do que Ky dizia sobre Vick e da forma como ele morreu; lembro-me daquele riacho escuro envenenado, lá atrás nas Províncias Exteriores, e de outros rios que a Sociedade envenenou à medida que a água corria para o Inimigo.

Quem está envenenando a água da Sociedade?

Eu tremo um pouco e enrolo os braços mais firmemente em torno de mim mesma. Os papéis farfalham dentro da minha roupa. Por baixo de toda essa morte, em algum lugar na água, outros papéis jazem enterrados. Ainda é começo de primavera, mas a água ainda está gélida. Se eu entrar ali para pegar as páginas agora, não serei capaz de esperar muito por Ky.

E se ele vier e eu tiver ido para casa gelada?

CAPÍTULO 6

Ky

Estamos nos aproximando cada vez mais de Grandia. É hora de dizer a Indie o que eu quero fazer.

Há alto-falantes na cabine do piloto e lá embaixo no compartimento de carga. O comandante da nossa esquadrilha pode ouvir tudo o que eu digo, assim como Caleb. Então vou ter que escrever para Indie. Alcanço meu bolso e puxo um pedaço de carvão e um guardanapo do refeitório do acampamento. Sempre mantenho essas coisas comigo. Quem sabe quando vai surgir a oportunidade de enviar uma mensagem para Cassia?

Indie olha de relance para mim e levanta as

sobrancelhas. Silenciosamente, ela forma as palavras com a boca: “Para quem você está escrevendo?”

Aponto para ela e seu rosto se ilumina.

Estou tentando pensar na melhor forma de perguntar a ela. *Na escultura, eu disse que nós devíamos tentar fugir de tudo isso. Lembra? Vamos fazer isso agora.*

Se Indie concordar em vir comigo, talvez encontremos um jeito de pegar Cassia e escapar com a nave. Eu só consigo escrever uma palavra — *Na* — antes de uma voz encher a cabine.

— Aqui é seu Piloto-chefe falando.

Sinto um pequeno sobressalto de reconhecimento, mesmo que nunca o tenha ouvido falar antes. Indie prende a respiração, e eu enfio o carvão e o papel de volta no bolso como se o Piloto-chefe pudesse nos ver. Sua voz soa rica e musical; agradável, porém forte. Está vindo do painel de controle, mas a qualidade da transmissão

é muito melhor do que de costume. Soa como se ele realmente estivesse na nave.

— Eu também sou o Piloto da Insurreição.

Indie e eu nos viramos para nos olharmos. Ela estava certa, mas não há triunfo em sua expressão. Apenas convicção.

— Logo, falarei para todos, em todas as Províncias — diz o Piloto —, mas aqueles de vocês tomando parte na leva inicial da Insurreição têm o direito de me ouvir primeiro. Vocês estão aqui por causa de sua decisão de se juntar à Insurreição e por seus méritos como participantes nessa rebelião. E também estão aqui por causa de outra característica, uma pela qual não podem levar o crédito.

Eu olho para Indie. Seu rosto está lindo, resplandecente. Ela acredita no Piloto. Eu acredito, agora que ouvi sua voz?

— O comprimido vermelho não funciona em vocês — afirma ele. — Vocês se lembram do que

a Sociedade os faria esquecer. Como alguns de vocês suspeitam há tempos, a Insurreição fez isso: nós os tornamos imunes ao comprimido vermelho. E isso não é tudo. Vocês são imunes a uma doença que, neste exato momento, está tomando as Cidades e os Bairros por todas as Províncias.

Eles nunca disseram nada sobre uma doença. Meus músculos ficam tensos. O que isso significa para Cassia?

— Alguns de vocês ouviram falar na Praga.

Indie se vira para mim e forma as seguintes palavras com a boca, sem emitir som:

— Você já?

Eu quase digo *não*, mas então percebo que talvez tenha. *A doença misteriosa que matou os pais de Eli.*

— Eli. — Movo meus lábios também silenciosamente, e Indie concorda.

— A Sociedade destinava a Praga ao Inimigo — fala o Piloto. — Eles envenenaram alguns dos

rios do Inimigo e soltaram a Praga em outros. Isso, combinado com ataques aéreos contínuos, eliminou completamente o Inimigo. Mas a Sociedade finge que o Inimigo ainda existe. A Sociedade precisa de alguém para culpar pela perda frequente de vidas daqueles que vivem nas Províncias Exteriores.

“Alguns de vocês estiveram lá, naqueles acampamentos. Vocês sabem que a Sociedade queria erradicar completamente as Aberrações e Anomalias. E eles usaram suas mortes, e as informações que reuniram delas, como uma grande coleção de dados.”

Silêncio. Todos nós sabemos que o que ele diz é verdade.

— Nós queríamos vir e salvar vocês antes — continua o Piloto —, mas ainda não estávamos prontos. A gente tinha que esperar um pouco mais. Mas nós *não* nos esquecemos de vocês.

Não?, eu quis perguntar. Alguns dos meus

rancores mais antigos contra a Insurreição tomam conta de mim, e eu agarro os controles da nave com firmeza, olhando para fora, para a noite.

— Quando a Sociedade criou essa Praga — prossegue o Piloto —, havia aqueles que se lembraram de que o que é água em um lugar se torna chuva em outro. Eles sabiam que liberar essa doença ia se voltar contra nós de alguma forma, não importava quantas precauções tomássemos. Isso criou uma divisão entre os cientistas na Sociedade, e muitos deles se uniram secretamente à Insurreição. Alguns de nossos cientistas descobriram um jeito de tornar as pessoas imunes ao comprimido vermelho e também à Praga. No começo, nós não tínhamos recursos para fornecer essas imunidades a todo mundo. Então, tivemos que escolher. E nós escolhemos *vocês*.

— *Ele nos escolheu* — sussurra Indie.

— Vocês não se esqueceram das coisas que a Sociedade queria que vocês perdessem. E vocês

não podem pegar a Praga. Nós os protegemos das duas coisas. — O piloto faz uma pausa. — Vocês sempre souberam que estivemos preparando vocês para a missão mais importante de todas: dar início à Insurreição. Mas vocês nunca souberam *exatamente* o que sua carga seria. Vocês carregam a cura — finaliza o Piloto. — Agora mesmo, as naves da missão, com a cobertura dos combatentes, estão levando a cura para as cidades mais impactadas: para Central, Grandia, Oria e Acadia.

Central é uma das cidades mais impactadas. Cassia está doente? Nós nunca soubemos se ela era imune ao comprimido vermelho. Eu não acho que seja.

E por que a Praga está em tantos lugares? As maiores cidades, todas doentes ao mesmo tempo? Não deveria levar mais tempo para se espalhar, ao invés de explodir em todo lugar ao mesmo tempo?

Essa é uma pergunta para Xander. Queria poder

fazê-la a ele.

Indie olha para mim.

— *Não* — alerta ela.

Ela sabe o que eu quero fazer. Sabe que quero tentar chegar a Cassia de qualquer jeito.

Indie está certa. Isso é o que eu quero fazer. E, se fosse só eu, me arriscaria. Eu tentaria deixar a Insurreição.

Mas não sou só eu.

— Muitos de vocês — retoma o Piloto — foram colocados com alguém que vocês conhecem. Isso foi intencional. Sabíamos que seria difícil para aqueles que ainda têm pessoas amadas dentro da Sociedade resistir a levar a cura para suas famílias e seus amigos. Não podemos comprometer a eficiência dessa missão, e precisaremos abatê-los se tentarem se desviar de seu curso designado.

A Insurreição é esperta. Eles me colocaram com a única pessoa no acampamento com a qual

me importo. O que mostra que se preocupar com *qualquer um* te torna vulnerável. Sei disso há anos, mas ainda não consigo parar.

— Nós temos um suprimento suficiente da cura — alega o Piloto. — Não temos um excedente. Por favor, não desperdicem os recursos que muitas pessoas se sacrificaram para fornecer.

É tão calculado — a forma como nos colocaram em pares, o jeito como fizeram só o suficiente da cura...

— Isso soa como a Sociedade — digo alto.

— Nós não somos a Sociedade — emenda o Piloto —, mas reconhecemos que temos que salvar as pessoas antes de libertá-las.

Indie e eu nos encaramos. O Piloto me respondera? Indie cobre a boca com a mão, e eu me pego inexplicavelmente tentando não rir.

— A Sociedade construiu barricadas e muros a fim de conter a doença — informa o Piloto. — Eles isolaram as pessoas em quarentena nos

centros médicos, e em seguida, quando acabou o espaço, em prédios do governo.

“Esses últimos dias foram um momento decisivo. Confirmamos que o número de doentes alcançou uma magnitude crítica. Essa noite, Banquetes do Par por toda a Sociedade desmoronaram, de Camas até a Central e mais além. A Sociedade continuou a tentar reconfigurar os dados até o último momento, mas eles não conseguiram. Nós nos infiltramos nos centros de seleção para acelerar o problema. Não foi difícil desorganizar os Pares. Havia caixas prateadas sem microcartões e telas brancas sem Pares por todas as Províncias.

“Muitas pessoas tomaram o comprimido vermelho essa noite, mas nem todas elas esquecerão. O Banquete do Par é o evento que é marca registrada da Sociedade, aquele no qual todos os outros se baseiam. Sua queda representa a incapacidade da Sociedade em tomar conta do seu

povo. Mesmo aqueles que realmente esqueceram logo perceberão que não têm Pares e que algo está errado. Eles perceberão que pessoas que eles conhecem, muitas delas, desapareceram por trás das barricadas e não estão voltando. A Sociedade está morrendo, e é o nosso momento agora.

“A Insurreição é para todos.” A voz do Piloto baixa um pouco quando ele repete o lema da Insurreição, tornando-se profunda com a emoção. “Mas *vocês* são aqueles que vão começar isso. *Vocês* são os que vão salvar essas pessoas.”

Nós esperamos. Mas ele terminou seu discurso. A nave parece mais vazia sem sua voz.

— *Nós* vamos salvá-los — vibra Indie. — Todo mundo. Acredita nisso?

— Tenho que acreditar — respondo.

Porque, se eu não acreditar na Insurreição e em sua cura, que existe esperança para Cassia?

— Ela vai ficar bem — consola Indie. — Ela é parte da Insurreição. Eles vão cuidar ela.

Espero que Indie esteja certa. Cassia queria se juntar à Insurreição, e assim eu a segui. Mas agora tudo com o que me importo é encontrá-la e deixar tudo isso para trás — Sociedade, Insurreição, Piloto, Praga — assim que pudermos.

De cima, a rebelião contra a Sociedade parece preta e branca. Noite negra e barricadas brancas em torno do centro da Cidade de Grandia.

Indie nos desce para preparar para a aterrissagem.

— Vão primeiro — instrui nosso comandante.
— Mostrem aos outros como se faz.

Indie deve pousar a nave dentro da barricada na rua em frente à Prefeitura. Vai ser difícil.

Mais perto do chão. Mais perto. Mais perto. Mais perto. O mundo corre conosco. Em algum lugar, o Piloto está assistindo.

Naves negras, construções de mármore branco.

Indie toca o solo sem problemas, suavizando a

aterrissagem. Observo sua expressão. É de vitória quase velada até a nave parar e ela olhar para mim. Então ela sorri — puro contentamento — e aperta os controles que abrem a porta da nave.

— Pilotos, fiquem com suas naves — ordena o comandante. — Copiloto e Mensageiro, levem a cura para fora.

Caleb iça caixas do compartimento de carga e cada um de nós leva duas delas nos ombros.

— Você primeiro — fala ele, e eu mergulho pela porta e começo a correr no segundo em que desço as escadas.

A Insurreição abriu caminho através da multidão e é uma corrida reta até o centro médico. É quase silencioso, exceto pelo som dos combatentes nos dando cobertura de cima. Mantenho minha cabeça abaixada, mas pelo canto dos olhos vejo agentes da Insurreição vestidos de preto segurando os Oficiais usando branco.

Fique em movimento. Não é apenas o que a

Insurreição nos pediu para fazer — é minha regra pessoal. Então eu continuo indo, mesmo quando escuto o que está vindo detrás das portas no centro médico.

Agora que conheço a voz do Piloto, posso dizer que é ele cantando. E eu conheço a música. O Hino da Sociedade. Do jeito que o Piloto está cantando, dá para dizer que o Hino agora virou um canto fúnebre — uma música para os mortos.

Estou de volta às Províncias Exteriores. Minhas mãos estão negras e as rochas estão vermelhas. Vick e eu tentamos descobrir um jeito de fazer as armas dispararem de volta. As outras iscas juntam pólvora para nos ajudar. Eles cantam o Hino da Sociedade enquanto trabalham. É a única música que conhecem.

— Aqui — grita uma mulher usando o negro da Insurreição, e Caleb e eu a seguimos, passando por fileiras e fileiras de pessoas imóveis em macas, no vestíbulo do centro médico. Ela abre a porta para

uma sala de armazenamento e gesticula para que entremos.

— Coloque-as na mesa — diz ela, e nós obedecemos.

A oficial da Insurreição escaneia as caixas que trouxemos com seu miniterminal, e ele apita. Ela insere um código para destrancar as caixas. O ar pressurizado dentro delas faz um chiado à medida que escapa e a tampa se abre.

Dentro, há fileiras e fileiras de curas em tubos vermelhos.

— Lindo — admira ela. Depois olha para Caleb e para mim. — Vão buscar o resto — ordena —, vou mandar alguns dos meus agentes para ajudar vocês.

No caminho para fora, arrisco uma olhadela para o rosto de um paciente. Olhos inexpressivos. Corpo imóvel.

A face do homem parece vazia e perdida. Existe mesmo uma pessoa ali dentro? Quão fundo

ele foi? E se ele souber o que está acontecendo, mas estiver preso ali, esperando?

Minha pele se arrepia. Não poderia fazer isso. Tenho que me *mover*.

Preferiria morrer a estar assim.

Pela primeira vez, sinto algo parecido com lealdade pela Insurreição se agitar dentro de mim. Se é disso que a Insurreição me salvou, então talvez eu realmente deva algo a ela. Não o resto da minha vida, mas algumas corridas pela cura. E agora que vi a doença, não posso comprometer seu acesso à única coisa que pode ajudá-los.

Minha mente dispara. A Insurreição deveria ter controlado os trens e ter trazido curas daquela forma também. Eles devem ter alguém bom trabalhando em logística para trazer a cura. Talvez esse seja o trabalho de Cassia.

E esse é o meu.

Eu mudei desde que escapei da Escultura e deixei as iscas para morrer. Mudei por causa de

tudo o que vi desde então, e por causa de Cassia. Não posso deixar gente para trás de novo. Tenho que continuar correndo com essa maldita cura, mesmo se isso significar que não posso chegar a Cassia tão cedo quanto queria.

De volta à nave, escorrego para o lugar do copiloto e Caleb sobe a bordo depois de mim.

— Espera — interrompe Indie. — O que é isso aí com você?

Caleb ainda está segurando uma das caixas.

— Eles precisam de *todas* as curas — lembra ela.

— Essa é a carga que nós devemos trazer de volta conosco — explica Caleb, segurando a caixa para nós vermos, o que não prova nada. É exatamente igual a todas as outras que acabamos de ver. — É parte da missão.

— Eu não sabia disso — desconfia Indie.

— Por que você deveria? — retruca Caleb.

Alguma coisa em seu tom parece desdenhoso. —
Você é o piloto, não o mensageiro.

— Indie — chama nosso comandante. — Entre.

— Estamos todos aqui — responde ela —, mas
temos uma carga extra. Nosso mensageiro trouxe
uma caixa de volta.

— Isso está aprovado — confirma o
comandante. — Algo mais?

— Não — diz Indie. — Tudo certo.

Ela olha de relance para mim e eu me encolho.
Aparentemente, eles não vão nos dizer nada mais
sobre a segunda missão de Caleb.

Nós esperamos as outras naves se revezarem,
para decolar da rua em frente às construções. O
computador nos envia de novo o código para
nosso destino. Indie o alcança antes.

— Para onde agora? — pergunto, mesmo
achando que sei o que ela vai dizer.

— De volta a Camas — responde ela —, para
pegar mais cura.

— E depois? — questiono.

— Depois voltamos para cá. Essa é a nossa rota, por enquanto. — Há uma nota de compaixão em sua voz. — Outra pessoa vai levar as curas até a Central.

— É melhor mesmo — digo. Não ligo se o Piloto ouvir. Na verdade, espero que ouça. Por que não? Há muito tempo, as pessoas costumavam dizer alto o que queriam e esperavam que alguém as atendesse. Elas chamavam isso de rezar.

Por outro lado, Cassia tem algo tangível — os papéis da Escultura. Ela usou apenas alguns deles para enviar mensagens. Deve ter sobrado o suficiente para ela usar do jeito que precisar, talvez até o suficiente para barganhar pela cura. Cassia sabe como negociar.

Começamos a deixar para trás a pista improvisada, ganhando velocidade.

Os uniformes brancos e pretos no solo ficam menores e menores. Decolamos. Não demora

muito para os edifícios desaparecerem também, e então tudo se foi.

Ainda posso ouvir o Piloto cantando o Hino da Sociedade.

Estou cavando uma cova para Vick. O dia todo ele fala comigo. Sei que isso significa que estou maluco, mas não posso evitar ouvi-lo.

Ele fala comigo enquanto Eli e eu puxamos esferas do riacho. Repetidamente, Vick me conta a sua história sobre Laney, a garota que ele amava. Eu vejo tudo em minha mente — ele se apaixonando por uma Anomalia. Contando a Laney como se sentia. Observando a truta arco-íris nadar e indo falar com os pais dela. De pé para celebrar um Contrato. Sorrindo, enquanto ele pegava a mão dela para reivindicar a felicidade, apesar da Sociedade. Voltando para descobrir que ela se foi.

É o que vai acontecer comigo, quando finalmente for procurar por Cassia?

Cassia me mudou. Sou uma pessoa melhor agora graças a ela, mas também vai ser mais difícil do que nunca chegar até ela.

Indie nos leva para mais alto.

Algumas pessoas pensam que as estrelas parecem mais perto daqui de cima.

Elas não parecem.

Quando você está aqui em cima, você percebe quão distante elas realmente estão — quão impossíveis de alcançar.

CAPÍTULO 7

Xander

Alguns coisa está acontecendo. Mas, como os cubículos de quarentena são à prova de som, não posso ouvir nada, exceto os ruídos monótonos das Cem Canções.

Pelas paredes do meu cubículo, vejo Oficiais e Agentes encarando os miniterminais em suas mãos e os terminais maiores dispostos por toda a Prefeitura. Por uns poucos segundos, todo mundo parece congelado, prestando atenção ao que quer que esteja vindo de seus terminais, e então algumas pessoas se movem. Uma anda até um cubículo de quarentena e insere um código. A pessoa dentro da célula sai dela e vai em direção às portas principais da Prefeitura. Outro Agente

entra em seu caminho, tentando interceptá-la antes que ela escape, mas nesse exato momento as portas para a Prefeitura se escancaram. Figuras usando o negro da Insurreição entram em enxame.

A Insurreição começou. O Piloto está falando, e eu não posso ouvir nada.

O Agente libera mais alguém de um cubículo. Aquela pessoa vai em direção à porta também, e os agentes da Insurreição, vestidos de preto, seguram outros para deixá-la passar. Alguns dos trabalhadores parecem estupefatos. A maioria deles levanta as mãos em rendição, quando veem a Insurreição.

Tem que ser logo a minha vez.

Vamos lá.

Um agente da Insurreição aparece na frente do meu cubículo.

— Xander Carrow — diz ele. Eu assinto.

Ele levanta o miniterminal comparando meu rosto com minha foto da Insurreição e insere um

código no teclado do cubículo. A porta desliza para abrir e eu estou fora.

A voz do Piloto sai dos terminais.

— Essa rebelião — explica ele — é diferente. Vai começar e terminar salvando, e não derramando o sangue de vocês.

Fecho meus olhos por um segundo.

A voz do Piloto soa certa.

Esse é o Piloto e essa é a Insurreição.

Queria que Cassia e eu estivéssemos juntos para o começo.

Vou em direção à porta. Tudo o que eu tenho que fazer é deixar a Prefeitura e atravessar a área verde até o centro médico. Mas então eu paro. A Oficial Lei ainda está presa dentro do cubículo. Ninguém a deixou sair.

Ela olha para mim.

É um erro ela ainda estar presa no cubículo? Eu paro na porta por um segundo, mas ela balança a cabeça para mim. *Não*.

— Vamos — fala um dos agentes, apontando para a porta.

— Eu tenho que ir. A Insurreição está acontecendo *agora*.

Lá fora está um caos. A Insurreição limpou o caminho entre a Prefeitura e o centro médico, mas eles estão expulsando Oficiais, alguns dos quais resolveram lutar. Uma aeronave ressoa em cima, mas não tenho muita certeza de que é uma das nossas até vê-la disparar tiros de aviso em um lugar vazio próximo à barricada. As pessoas gritam e retrocedem.

A Insurreição se infiltrou completamente no Exército ao longo dos anos. É mais forte em Camas, onde a maior parte do Exército está posicionada. As coisas deveriam correr tranquilamente por aqui. É mais intensa na Sociedade, onde talvez tenhamos mais luta corpo a corpo. Mas, com o Piloto sendo o único a falar

através dos terminais, o resto das pessoas deve nos seguir em breve.

Outra nave de combate aparece, protegendo uma nave de aspecto mais pesado, que desce para aterrissar. Quando chego à porta do centro médico, ela está guardada por agentes da Insurreição. Eles já devem ter assegurado o interior.

— Xander Carrow, curador — aviso a um dos agentes.

Ele dá uma olhada em seu miniterminal para verificar meus dados. Mensageiros vestindo negro correm do campo de pouso onde a nave aterrissa. Eles carregam caixas marcadas com a insígnia médica.

Isso é o que penso que é?

A cura.

O agente acena para que eu entre.

— Curadores se dirigem ao escritório no piso principal — avisa ele.

Dentro do centro médico, escuto a voz do

Piloto de novo, vindo de terminais por todo o edifício. Ele está cantando o Hino da Sociedade. *Como seria isso?*, eu me pego imaginando. *Ouvir a música em sua cabeça, e depois tê-la saindo soando certa?*

Dois agentes arrastam um Oficial perto de mim. Ele está chorando e segurando a mão sobre o coração, seus lábios se movendo junto com o Hino. Sinto pena dele: queria que ele soubesse que esse não é o fim do mundo. Posso ver que parecia ser.

Quando chego ao escritório, alguém me entrega um uniforme preto e eu me troco bem ali no hall, como os outros estão fazendo. Enrolo minhas mangas, porque é hora de trabalhar, e jogo meu uniforme branco de Oficial direto no tubo de incineração mais próximo. Nunca vou vesti-lo de novo.

— Nós separamos os pacientes em grupos de cem

— diz o curador-chefe encarregado. Ele sorri. — Como disse o Piloto, alguns dos sistemas antigos da Sociedade permanecerão, por enquanto.

Ele aponta para a fileira de pacientes, aos quais o pessoal da Insurreição estava se referindo como *imóveis*.

— Você vai ficar encarregado de garantir que eles receberão os cuidados adequados e supervisionar a cura. Assim que eles se recuperarem e continuarem a se curar, nós traremos mais pacientes para a sua área.

Os terminais estão silenciosos. Nesse momento, eles estão tirando fotos dos imóveis na Central.

Central: onde Cassia está. Pela primeira vez sinto uma pontada de preocupação. E se ela *não* se juntou à rebelião e estiver assistindo a isso? E se ficar assustada?

Eu estava tão certo de que a Oficial Lei era parte da Insurreição...

Poderia estar errado a respeito de Cassia?

Não estou. Ela me disse naquele dia no terminal. Ela não podia dizer as palavras diretamente, mas ouvi em sua voz. Sei como escutar, e posso dizer que ela se arriscou.

— Estamos esperando que mais enfermeiras e médicos venham — continua o curador-chefe. — Você fica à vontade em ministrar a cura, por enquanto?

Isto não é como a Sociedade. Os limites já estão ficando indefinidos. A Sociedade nunca me deixaria fazer o serviço de um médico após minha promoção para curador.

— Claro — respondo.

Lavo as mãos e pego um dos tubos das caixas. Perto de mim, uma enfermeira faz o mesmo.

— Elas são lindas — diz ela por cima do ombro, e tenho que concordar.

Removo o lacre da seringa e deslizo a agulha no acesso venoso, de modo que a cura flua na veia do paciente. A voz do Piloto sai dos terminais no

centro médico e tenho que sorrir, porque suas palavras são perfeitas:

— A Sociedade está doente — diz ele, começando sua mensagem de novo. — E nós temos a cura.

CAPÍTULO 8

Cassia

Não posso mais esperar aqui. Meu corpo todo treme com o frio.

Onde ele está?

Queria poder me lembrar do que aconteceu hoje mais cedo. A classificação da Insurreiçāo aconteceu? Eu fiz o que eles precisavam?

Por um minuto, arrepios de raiva correm por mim junto com o frio. Eu nunca quis estar aqui na Central. Eu queria que a Insurreiçāo me mandasse a Camas, como Ky e Indie. Mas a Insurreiçāo não achou que eu servisse para voar e lutar, só para classificar.

Tudo bem. Sou aliada da Insurreiçāo, não definida por eles. Tenho meus próprios poemas e

sei como negociar. Talvez seja hora de usar os papéis da Escultura para barganhar minha saída desse lugar. Já esperei o suficiente.

Olho para baixo, para todos os corpos dos peixinhos batendo ao longo da margem, se chocando uns contra os outros. Estremeço com seus olhos mortos, vidrados; seu fedor ensebado, escamoso. Eles roçam contra minhas mãos quando alcanço a água para pegar a caixa. Seu cheiro é tão forte que penso que posso sentir o gosto na boca. Vai permanecer na minha pele, quando eu terminar.

Não olhe, faça.

Apoio a lanterna no chão sob a doca, retiro os papéis dos meus punhos e também os coloco ali. Puxo as mãos sob as mangas, só o suficiente para cobri-las, assim tenho uma barreira entre minha pele e a água. Enquanto avanço, tento não sentir os peixes contra as pernas. O contínuo *bate-bate* dos pequenos corpos mortos em um lago, que

costumava ser um lugar seguro. Espero que minhas roupas sejam o suficiente para me proteger do que quer que tenha envenenado esse lago.

O cheiro é avassalador, e não consigo respirar quando coloco minhas mãos ali. Tenho que tentar não vomitar enquanto sinto escamas, nadadeiras, olhos e caudas me tocando.

A caixa ainda está ali; puxo-a pingando para fora do lago o mais rápido que posso, com peixes pululando em minhas canelas, empurrados pelo movimento da água. À medida que percorro o caminho até a margem, pequenos corpos me rodeiam e me seguem.

Carrego a caixa pela grama e para longe do lago, e me agacho por um momento, escondida no emaranhado do mato. Enquanto limpo minhas mãos em um pedaço seco da camisa, me asseguro de não pingar sobre os papéis que deixei aqui antes.

Eu saberia o valor dessas frágeis páginas, se não tivesse visto o lugar onde elas estavam

escondidas? Se não pudesse imaginar Hunter procurando nelas um poema para escrever na lápide de sua filha? Talvez por isso eu as carregue contra a pele. Não só para escondê-las, mas para senti-las, para me lembrar do que é que carrego.

Estou pensando em fazer uma vestimenta de palavras para mim; algo ladrilhado e em camadas, como as escamas dos peixes atrás de mim. Cada página me protegendo; parágrafos e sentenças se deslocando para me cobrir enquanto me mexo.

Mas as escamas dos peixes não os protegeram no fim, e enquanto abro a caixa reconheço algo que deveria ter percebido antes, logo que a levantei. Mas eu estava muito distraída por todos os pequenos corpos.

A caixa está vazia.

Alguém pegou meus poemas.

Alguém pegou meus poemas, Ky não veio e está frio.

Sei que é tarde demais, mas me pego desejando

não ter vindo aqui essa noite. Aí eu não saberia que tudo está perdido.

Conforme me aproximo da Cidade e olho para cima, para os edifícios residenciais, percebo que algo mais está errado, não só o lago.

Estamos no meio da noite, mas a Cidade não foi dormir.

A cor das luzes parece estranha — azul, ao invés de dourada — e eu levo um momento para perceber o motivo. Os terminais em todos os apartamentos estão ligados. Já vi transmissões em grande escala da Sociedade como essa em noites de inverno passadas, quando o sol se punha cedo e ficávamos acordados durante parte da escuridão.

Mas nunca vi pessoas assistindo aos terminais *tão* tarde.

Pelo menos, não que me lembre.

Passo por áreas verdes, agora coloridas de azul pálido e cinza, encontro o bloco do meu

apartamento e passo através da pesada porta de metal após inserir o código. A Sociedade vai notar meu atraso e alguém virá falar comigo sobre isso. Uma hora não contabilizada, aqui e ali, é uma coisa; isso é metade da noite, tempo que poderia ter sido gasto de inúmeras formas não aceitas pela Sociedade.

O elevador desliza tão silenciosamente quanto um trem aéreo até o meu andar, o 17º, e o corredor está vazio. As portas são bem-feitas, então nada da luz dos terminais escapa por elas, mas quando abro a porta do apartamento, o terminal aguarda no vestíbulo, como sempre.

Minhas mãos voam até a boca, o corpo antecipando a necessidade de gritar antes de minha mente registrar o que está diante de mim.

Mesmo depois do meu tempo na Escultura, eu nunca poderia ter imaginado isso.

A tela do terminal me mostra corpos.

É até pior do que aqueles corpos queimados,

jogados de lado e marcados de azul da Escultura. Pior do que as fileiras de lápides, no assentamento em que Hunter colocou sua filha com cuidado e um adeus. Os números absolutos tornam isso terrível, quase impossível para a minha mente assimilar. A câmera sobe e desce as fileiras, para que se possa ver quantos corpos há. Sobe e desce, sobe e desce.

Por que estamos assistindo?

Porque eles estão mostrando rostos. A câmera se demora em cada pessoa, tempo suficiente para que possamos registrar reconhecimento ou alívio, e então segue adiante e ficamos com medo novamente.

E então outra memória me vem à mente — os tubos dentro da Caverna na Escultura, para onde Hunter nos levou.

É isso que estão fazendo? Essa é uma nova forma de eles nos armazenarem?

Mas vejo agora que as pessoas na tela estão vivas, embora muito quietas e muito imóveis. Seus

olhos estão abertos e cegos, mas seus peitos se movem para cima e para baixo. Suas peles parecem estranhamente escuras e azuis.

Isso não é morte, mas é quase tão ruim quanto. Elas estão aqui, mas não estão. Conosco e ausentes. Perto o suficiente para ver, mas fora de alcance.

Cada pessoa está conectada a uma bolsa clara, com um tubo transparente entrando em seu braço. Os tubos percorrem todas as veias dos pacientes? Suas veias de verdade se foram e agora eles estão preenchidos com plástico? Esse é um novo plano da Sociedade? Primeiro, eles tiram nossas memórias; depois, drenam nosso sangue, até sermos apenas pele frágil e olhos assombrados, cascas de quem costumávamos ser?

Eu me lembro do ninho de vespas de Indie, aquele que ela carregou por toda a escultura, os círculos finos como papel que costumavam conter criaturas zumbindo e que picavam, e suas breves e

ocupadas vidas.

Sem querer, meus olhos são atraídos para os olhares fixos e cegos dos rostos dos pacientes. As pessoas não parecem estar sentindo dor. Mas elas não parecem sentir nada.

O ponto de vista muda, e agora acho que estamos observando a partir dos terminais montados nos muros de qualquer edifício abrigando essas pessoas. Estamos olhando de outro ângulo, mas ainda estamos olhando para todos os doentes.

Homem, mulher, criança, criança, mulher, homem, homem, criança.

Repetidamente.

Há quanto tempo os terminais estão transmitindo isso? A noite toda? Quando começou?

Eles mostram o rosto de um homem com cabelo castanho.

Conheço ele, penso em choque. Eu costumava

classificar com ele, aqui na Central. Estas pessoas estão na Central?

As imagens continuam vindo impiedosamente, imagens de pessoas que não podem fechar os olhos. Mas eu posso fechar os meus, e fecho. Não quero mais ver. Penso em correr e me viro cegamente em direção à porta.

E então escuto a voz de um homem, profunda, melódica e clara.

— A Sociedade está doente — diz ele —, e nós temos a cura.

Viro lentamente de volta. Mas não há rosto onde colocar a voz, apenas o som. Os terminais mostram apenas as pessoas imóveis.

— Essa é a Insurreição — continua ele. — Eu sou o Piloto.

No minúsculo vestíbulo, as palavras ecoam nas paredes, voltando para mim vindas de cada canto, cada superfície no cômodo.

Piloto.

Piloto.

Piloto.

Por meses eu imaginei como seria ouvir a voz do Piloto.

Pensei que fosse sentir medo, surpresa, satisfação, excitação, apreensão.

Não pensei que seria isso.

Desapontamento.

Tão profundo que parece um ataque cardíaco. Esfrego as costas da mão contra os olhos.

Não tinha percebido, até agora, que eu esperava reconhecer a voz do Piloto. *Será que pensei que ele soaria como o Vovô? Será que pensei que o Piloto seria o Vovô, de alguma forma?*

— Chamamos essa doença de Praga — fala o Piloto. — A Sociedade a criou e a enviou ao Inimigo através da água.

As palavras do Piloto caem no silêncio como sementes ou bulbos cuidadosamente selecionados, jogados em espaços abertos no solo. *A*

Insurreição criou esses espaços, penso, e agora eles os estão preenchendo. Esse é o momento em que eles assumem o poder.

O terminal muda; agora estamos do lado de fora, seguindo alguém que sobe os degraus da Prefeitura da Central. A vista é clara, mesmo à noite, e mesmo o edificio não estando aceso com as luzes das ocasiões especiais, a aparência dos degraus de mármore e das portas de espera me faz pensar no Banquete do Par. Não faz nem um ano, eu subia degraus bem parecidos com esses lá em Oria. O que aguarda por trás das portas das Prefeituras por toda a Sociedade agora?

A câmara se move para dentro.

— O Inimigo se foi — afirma o Piloto. — Mas a Praga que a Sociedade infligiu ao inimigo vive entre nós. Olhem o que aconteceu na própria capital da Sociedade, na Central, onde a Praga fez seus primeiros avanços. A Sociedade não pode mais conter a Praga dentro dos centros médicos.

Eles tiveram que encher outros edificios públicos e apartamentos com os doentes.

A Prefeitura está cheia, transbordando com ainda mais pacientes.

E agora estamos do lado de fora, olhando de cima da barricada branca que circula a Prefeitura da Central.

— Agora há barricadas como essa em cada Província — conta-nos o Piloto. — A Sociedade tentou evitar que a Praga se espalhasse, mas eles falharam. Tantos caíram doentes que a Sociedade não pôde manter mais nem suas ocasiões mais especiais. Essa noite, o Banquete do Par fracassou. Alguns de vocês vão se lembrar disso.

Quando vou até a janela, vejo movimento.

A Insurreição está aqui, não se esconde mais. Eles voam sobre nós em naves, estão entre nós vestidos de preto. Quantos deles vêm do céu? Fico imaginando. Quantos simplesmente trocaram o conjunto de roupas? Quão profundamente e bem a

Insurreição se infiltrou na Central? Por que sei tão pouco sobre o que está acontecendo? É culpa da Sociedade, por me fazer esquecer, ou da Insurreição, por não ter me contado o suficiente, para começo de conversa?

— Quando a Praga foi desenvolvida — continua o Piloto —, havia aqueles de nós que viram o que poderia acontecer. Fomos capazes de dar a alguns de vocês a imunidade. Para o resto, temos a cura.

E agora a voz do Piloto assume mais emoção, mais persuasão, *mais*. Torna-se maior; mexe com nosso vazio, preenche nossos corações.

— Vamos manter todas as coisas boas da Sociedade, todas as melhores partes do nosso estilo de vida. Não perderemos todas as coisas que vocês trabalharam tanto para construir. Mas vamos nos livrar das doenças na Sociedade.

“Essa rebelião”, clama o Piloto, “é diferente das outras ao longo da história. Vai começar e

terminar salvando seu sangue, não derramando-o”.

Começo a me deslocar em direção à porta. Preciso correr. Tentar encontrar Ky. Ele não veio essa noite ao lago, talvez seja por isso. Ele não conseguiu escapar. Mas ainda pode estar aqui na Central essa noite, em algum lugar.

— Nosso único arrependimento — diz ele — é que fomos incapazes de agir antes que *qualquer* vida fosse perdida. A Sociedade era mais forte do que nós, até agora. Agora, podemos salvar *todos* vocês.

Na tela, alguém trajando um uniforme negro abre uma caixa. Está cheia de pequenos tubos vermelhos.

Como os tubos na caverna, penso novamente, só que aqueles eram azul brilhante.

— Essa é a cura — anuncia o Piloto. — E agora, finalmente fizemos o suficiente para todos.

O homem na tela alcança o interior da caixa e retira um tubo, puxando o invólucro e revelando

uma agulha. Com a suave confiança de um médico, ele insere a seringa na intravenosa. Eu prendo a respiração.

— A doença pode parecer pacífica — alerta ele —, mas posso garantir que ainda assim é fatal. Sem cuidados médicos, os corpos entram em colapso rapidamente. Os pacientes desidratam e morrem. Pode aparecer infecção. Podemos trazê-los de volta, se os encontrarmos cedo o suficiente, mas, se vocês tentarem fugir, não podemos garantir a cura.

O terminal se apaga. Mas não fica silencioso.

Existem provavelmente muitas razões pelas quais eles escolheram esse Piloto. Mas uma das razões tem que ter sido sua voz.

Porque quando o Piloto começa a cantar, eu paro para ouvir.

É o hino da Sociedade, uma música que conheço durante a minha vida toda, uma que me seguiu pelos cânions adentro, uma que nunca vou

esquecer.

O Piloto o canta lenta e tristemente.

A Sociedade está morrendo, está morta.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.
Sem querer, percebo que estou chorando pela
Sociedade, por seu fim. Pela morte do que
realmente manteve alguns de nós a salvo por um
longo período de tempo.

A Insurreição me disse para esperar.

Mas agora não sou boa nisso.

Sinto o meu caminho por todo o longo corredor
subterrâneo, farelos de musgo verde saem em
minhas mãos e eu penso em como as coisas podem
crescer de forma rápida e fértil aqui embaixo. De
alguma maneira, raramente esbarro com alguém,
embora o medo de esticar a mão para tocar uma
rocha e, no lugar disso, sentir a pele de alguém,

sempre esteja lá.

Não pude encontrar Ky, então vim perguntar aos Arquivistas o que eles sabem. Eles podem se inclinar para um lado ou para o outro — Sociedade ou Insurreição —, mas me parece que são Arquivistas acima de tudo.

Hoje, ninguém está escondido entre suas próprias prateleiras, preso em suas próprias negociações. Os arquivistas e negociantes se reuniram no salão principal e estão em pé em grupos, falando. Claro, o maior grupo se reuniu em volta da Arquivista-chefe. Talvez eu tenha que esperar um longo tempo antes de falar com ela. Para minha surpresa, quando ela me vê, se afasta para vir falar comigo.

— A Praga é real? — pergunto.

— Essa informação é bem valiosa — diz ela, sorrindo. — Eu deveria pedir algo em troca.

— Todos os meus papéis se foram — respondo.

Seu rosto muda, mostra arrependimento genuíno.

— Não — fala a arquivista. — Como?

— Foram roubados — informo.

Sua expressão se suaviza. Ela me entrega um pedaço de papel, uma espiral branca vinda de um dos terminais ilegais dos Arquivistas. À medida que olho em volta, no salão, percebo que muitas pessoas seguram pedaços de papel como o meu.

— Você não é a única que quis saber se a Praga era real — conta ela. — Ela é.

— *Não* — exalo.

— Nós suspeitávamos de uma Praga mesmo antes da barreira da zona imóvel ser erguida — afirma ela. — A Sociedade foi capaz de mantê-la contida por muito tempo, mas agora está se espalhando. Rapidamente.

— Quem contou a vocês? — quero saber. — Foi a Insurreição?

A arquivista sorri.

— Ouvimos coisas da Insurreição *e* da Sociedade. Mas os Arquivistas aprenderam a ser cautelosos com ambos. — Ela gesticula para o papel que tenho na mão. — Nós temos um código para momentos como esse. Nós o usamos há muito tempo para avisar uns aos outros sobre doenças. As frases vêm de um poema muito antigo.

Olho para baixo e leio.

O curador deve esvanecer.

Todas as coisas são feitas para se desfazer;

A praga passa brutal e veloz.

Estou doente, eis minha morte atroz.

Agarro o papel com força.

— Quem é o curador? — pergunto, pensando em Xander.

— Ninguém — afirma ela. — Nada. A palavra importante aqui é *praga*. O curador não é ninguém importante. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Por quê? Quem você pensou que poderia ser?

— O líder da Sociedade — digo, me esquivando.

Mesmo após toda a minha negociação com a Arquivista-chefe, estou hesitante em contar a ela sobre Xander ou Ky.

A mulher sorri.

— Não há líder da Sociedade — lembra ela. — Eles a comandam por comitês de Oficiais vindos de diversos departamentos. A essa altura, com certeza você já entendeu isso.

Ela está certa. Entendi. Mas é estranho ouvir a confirmação do que eu suspeitava.

— E quanto à Praga, então? — pergunto. — Deve ter outras menções a isso em seus arquivos.

— Ah, sim, há — concorda a Arquivista. — As Pragas são mencionadas em todo lugar, na literatura, nas histórias, mesmo na poesia, como você viu. Mas todas elas dizem a mesma coisa: as pessoas morrem até alguém achar a cura.

— Você vai me dizer se meus papéis

reaparecerem, de alguma forma? — questiono. — Se alguém os trazer para negociar?

Já sei a resposta, mas é duro ouvir.

— Não — afirma ela. — Nosso trabalho é apenas certificar a autenticidade dos itens e rastrear nossas próprias negociações. Não pedimos que ninguém dê satisfação dos itens que trazem aqui.

Eu sabia disso, claro. Do contrário, em primeiro lugar eu teria tido que explicar como consegui meus papéis. De certa forma, eu também os roubei.

— Eu poderia escrever alguns poemas — falo. — Tinha pensado nisso antes...

A arquivista-chefe me interrompe.

— Não há mercado para isso — insiste ela, com sua voz prática. — Nós lidamos com coisas antigas, de valor estabelecido. E algumas coisas novas cujo valor seja óbvio.

— Espera — peço, minha ideia tomando conta

e me tornando ousada.

Não posso evitar, eu imagino a cena: todos nós nos juntando para negociar. Por algum motivo, visualizo o episódio acontecendo em uma Prefeitura, sob a cúpula, só que, ao invés de usarmos vestidos claros, estamos levando desenhos claros, segurando palavras coloridas, cantarolando trechos de novas melodias sob nossas respirações, sem medo de sermos pegos, prontos para ouvir: *que música* é essa que você *está cantando*?

— E se — pergunto — nós começássemos uma nova linha de negociações, usando coisas *novas*, que nós tivéssemos feito? Eu posso querer a pintura de outra pessoa. Alguém pode querer meu poema. Ou...

A Arquivista balança a cabeça.

— Não há mercado para isso — repete. — Mas eu *sinto* muito sobre seus papéis. — Sua voz vibra com a perda sentida apenas por um verdadeiro

conhecedor. Ela sabia o que aquelas páginas valiam. Ela viu as palavras, sentiu o aroma suave das rochas e a poeira que se agarrou a elas.

— Também sinto — digo.

E minha perda é muito mais profunda, mais visceral e essencial. Perdi meu jeito de chegar até Ky, a garantia que sempre tive de que se eu parasse de acreditar na Insurreição, ou se as coisas dessem tremendamente errado, eu poderia negociar meu caminho até ele, até minha família. Agora, muito pouco me restou, e mesmo o poema de Thomas que ninguém conhece não vai ser nem de perto o suficiente para me levar lá sem o documento real.

— Você tem, é claro, dois itens em trânsito — fala a Arquivista. — Quando esses itens chegarem, você vai poder tomar posse deles imediatamente, uma vez que já pagou por tudo.

Claro. O poema *Não te alcancei*. O microcartão do Vovô. Eles ainda vão chegar?

— E você pode continuar fazendo negociações para nós — lembra ela —, desde que se prove de confiança.

— Obrigada — digo. Pelo menos, há isso. A pequena quantia que recebo como pagamento pelas negociações não será muito, mas talvez eu possa começar a guardar algo.

— Algumas coisas vão continuar valiosas, não importa quem esteja no comando — conta a Arquivista. — Outras vão mudar. A moeda vai mudar.

Ela sorri.

— É sempre tão interessante observar — diz.

PARTE DOIS

POETA

Xander

— **E**stou morrendo — queixa-se o paciente. Ele abre os olhos. — Não é muito difícil.

— Você não está morrendo — garanto a ele, pegando a cura da minha caixa. Tenho visto mais e mais disso, à medida que passam as semanas. As pessoas conhecem os sintomas da Praga agora e frequentemente vêm antes de sucumbirem. — E esse vermelho? É a cor do tubo, não da cura. Vai começar a funcionar logo.

Ele é idoso, e quando me estico para dar uma palmadinha em sua mão, sua pele me parece muito frágil. Na Sociedade, ele poderia esperar morrer nos próximos anos. Agora, quem sabe? Talvez tenha tempo restante de sobra. Tudo o que temos a

fazer é ajudá-lo a passar pela Praga.

— *Prometa* — pede ele, olhando direto para mim. — Me dê sua palavra como curador.

Eu prometo.

Conecto um monitor de sinais vitais a ele, assim ficaremos avisados se seu coração parar de bater ou se ele deixar de respirar. Então avanço para o próximo paciente. Estamos dando conta, mas está custando cada minuto de cada turno.

A epidemia da Praga aconteceu antes do que a Insurreição planejava. De forma geral, a tomada da Sociedade correu bem, mas não foi perfeita. As pessoas aceitaram a Insurreição porque elas querem a cura. Nós temos sua lealdade, por enquanto. Mas ainda há simpatizantes da Sociedade e aqueles que só estão bastante amedrontados com o que está acontecendo. Eles não confiam em ninguém. É isso que estamos tentando mudar. Quanto mais gente doente vier aqui e sair curada, melhor. Então todos poderão

ver que estamos aqui para ajudar.

— Carrow. — A voz do curador-chefe chega através do meu miniterminal. — Temos um novo grupo se reunindo no salão de conferências, para seu discurso de boas-vindas.

— Claro — assinto. Essa é outra parte do meu trabalho. — Já estou indo.

Aceno para as enfermeiras em serviço, no caminho até a porta. Assim que terminar o discurso, meu turno muda, então não vou voltar aqui essa noite, a não ser que haja uma emergência.

— Até amanhã — digo a elas.

Eu acompanho os outros, andando até o salão de conferências. Não vou muito longe quando escuto alguém chamar meu nome:

— *Carrow*.

Há uma multidão de preto se empurrando no salão e levo um segundo para descobrir quem me chamou, mas então a vejo.

— Oficial Lei — falo antes de me lembrar de que é só Lei agora.

A Insurreição se livrou dos títulos. Nós só usamos os sobrenomes. A última vez que a vi foi há quase dois meses, na época em que a Praga apareceu e ela ficou presa em quarentena. Ela não poderia ter ficado lá muito tempo — a Insurreição deixou todos que estavam nos cubículos irem para casa assim que os Bairros e Cidades ficaram seguros.

Mas, ainda assim, eu fui embora e a deixei lá.

— Me desculpe... — começo, mas ela balança a cabeça.

— Você fez o que precisava fazer — afirma ela. — É bom te ver.

— Bom te ver também — comento. — Especialmente aqui. Isso significa que você se juntou à Insurreição?

— Sim — responde ela —, mas acho que preciso da sua ajuda para permanecer aqui.

— Claro. O que posso fazer?

— Eu tinha esperança que você se responsabilizasse por mim — propõe ela. — Se você não fizer isso, não poderei ficar.

Só é permitido que cada membro da Insurreição seja responsável por três outras pessoas. É claro que queremos que todos se afilem, por fim, mas por ora temos que ser cautelosos. Responder por alguém não é algo para fazer de qualquer jeito. Sempre presumi que minhas três pessoas seriam meus pais e Cassia, se ela precisasse, em caso de eu estar errado sobre ela estar na Insurreição.

Se alguém por quem você se responsabiliza acabar sendo um traidor, você será investigado junto com ele. Então: o quanto eu confio em Lei?

Estou a ponto de perguntar a Lei se existe mais alguém a quem ela possa recorrer, mas algo na rigidez em volta da sua boca e na forma como ela está parada — sua postura ainda mais perfeita do que o usual — me faz perceber que não, não há

ninguém. Ela não desvia o olhar. Eu tinha esquecido como nós somos quase da mesma altura.

— Com certeza — concordo. Ainda vou ter duas pessoas sobrando. Se algo acontecer e eu estiver errado sobre Cassia, meu irmão, Tannen, pode responder por ela ou por nossos pais. Ele provavelmente está planejando fazer isso, de qualquer forma. Não pela primeira vez, gostaria de ter tido uma chance de falar com ele sobre a Insurreição.

Lei coloca a mão sobre meu braço muito ligeiramente.

— Obrigada — diz. Sua voz soa adorável, sincera e um pouco surpresa. Ela não pensava que eu o faria.

— De nada — retruco.

— Se você está aqui — aviso aos novos trabalhadores —, isso significa que você atende às três principais características exigidas para

trabalhar no centro médico. Primeiro, você tem treinamento. Segundo, você está a salvo, porque ou contraiu a Praga imediatamente e desde então está curado, ou então recebeu uma imunização quando se apresentou para voltar ao trabalho. Terceiro, você se juntou à Insurreição.

Eu faço uma pausa e deixo o silêncio se instalar antes de recomeçar:

— Você agora é parte dessa rebelião. Você pode não ter sabido que a Insurreição existia até ter ouvido o Piloto falar, ou você pode ter apenas começado a acreditar na Insurreição agora que viu nossa cura, ou quer nossa imunidade. Não há ressentimentos, claro. Nós estamos gratos por sua ajuda. Nosso objetivo imediato é salvar as pessoas da Praga.

Eu sorrio para eles, e quase todos sorriem de volta. Eles estão felizes de voltar ao trabalho e se sentir parte da solução. Alguns deles parecem francamente ansiosos.

Então uma mulher grita:

— Se isso é verdade, então por que vocês, quer dizer, nós não imunizamos todo mundo *antes* de as pessoas ficarem doentes? Por que esperar até elas precisarem da cura?

Um dos agentes da Insurreição no fundo faz menção de se mover, mas eu levanto minha mão. A Insurreição me forneceu toda a informação de que preciso para responder a uma pergunta como essa. E é uma boa pergunta.

— Por que nós não estocamos tantas imunizações quanto curas? — sugiro. — É isso que você quer saber, não é?

— Sim — confirma ela. — Seria mais fácil e mais eficiente evitar que as pessoas ficassem doentes em primeiro lugar.

— A Insurreição tem recursos limitados — falo. — Nós decidimos que focar na cura era um melhor uso para nossos recursos. Não havia jeito de avisar o público sobre a possibilidade da

Praga, antes de ela ter acontecido, sem causar pânico. E a Insurreição não queria imunizar você sem a sua permissão. Nós não somos a Sociedade.

— Mas vocês... nós imunizamos os bebês — insiste ela. — Sem sua permissão.

— É verdade — concordo. — A Insurreição sentiu que imunizar os bebês era tão importante que nós desviamos alguns dos recursos nessa direção. Como todos sabem, os bebês sofrem mais em tempos de doenças, e mesmo uma cura não pode garantir uma resposta positiva em todos os casos com crianças tão pequenas. Nesse caso, foi tomada a decisão de imunizar sem permissão. E o resultado é que não vimos ninguém com menos de 2 anos ficar doente. — Deixo-a pensar um pouco. — Agora que a Insurreição está totalmente no controle, nós já somos capazes de mudar recursos adicionais para fazer imunizações. Nós vamos salvar todo mundo em algum momento, de um jeito ou de outro.

A mulher assente, aparentemente satisfeita.

Existe outra razão, claro, mas eu não a digo em voz alta: se a Insurreição tivesse imunizado as pessoas secretamente, elas não saberiam a quem agradecer por tê-las salvado. Elas nem saberiam que *tinham* que ser salvas. A Insurreição não tinha começado essa Praga. Tinha dado a solução. E as pessoas precisam saber disso. Elas não podem apreciar a solução a não ser que saibam que há um problema.

Assim, a Insurreição tinha que deixar que as pessoas ficassem doentes. Mas em grande parte das revoluções muitos têm que morrer.

Assim é muito melhor.

— É meu trabalho lembrar — aviso, olhando todo o grupo — que cada um de vocês está aqui porque foi assegurado por um membro da Insurreição. Eles apostaram em vocês, acreditaram que era seguro. Por favor, não os desapontem, ou a nós, tentando sabotar o que estamos fazendo aqui.

Estamos trabalhando para salvar as pessoas.

Não tenho certeza da parte do salão em que Lei está e fico satisfeito com isso. Estou falando para todos, não apenas para ela.

— Agora — acrescento —, deixem-me descrever os procedimentos básicos para cuidar dos doentes. Você receberão mais instruções específicas e suas designações de turnos quando deixarem o salão. Alguns de vocês vão direto ao trabalho, e outros serão designados para descanso e assumir o turno depois.

Explico os passos básicos do protocolo, lembrando os trabalhadores a respeito das técnicas antissépticas adequadas e procedimentos como lavar as mãos e desinfetar suprimentos e equipamentos. Essas práticas são especificamente importantes, já que o vírus pode se espalhar através de contato com fluidos corporais. Falo sobre o sistema de admissão e os exames médicos iniciais; que estamos com poucos colchões

pressurizados e por isso precisamos virar alguns pacientes manualmente. Descrevo os aspiradores de ferimentos que usamos para fechar as lesões, para tentar retardar a infecção.

Seria possível ouvir um alfinete cair quando chego à parte que todos eles acham mais interessante: a cura.

— Administrar a cura é muito parecido com o que vocês viram nas telas dos terminais quando o Piloto falou pela primeira vez a todos — explico. — Quase não se tem notícia de reação negativa, mas se ocorrer, eu assumirei na primeira meia hora da administração da cura.

— Qual é a reação adversa? — pergunta um homem.

— Os pacientes param de respirar — informo. — Eles têm que ser entubados. Mas a cura funciona mesmo assim. Eles só precisam de ajuda para respirar por um tempo. Obviamente, só se permite que os médicos entubem.

— Você já viu uma reação negativa? — ele quer saber.

— Três vezes — falo. — E estou trabalhando neste centro médico desde que a Insurreição assumiu aqui.

De certa forma, parece que não passou tempo algum, e de outra parece que tem sido minha vida inteira.

— Quanto tempo demora para a cura fazer efeito? — pergunta mais alguém.

— Frequentemente, os pacientes ficam completamente alertas dentro de três ou quatro dias — pondero —, e são removidos para a área de recuperação do centro médico por volta do sexto dia. Então ficam lá por mais um tempo, antes de voltar para suas famílias e amigos. A cura é extremamente potente.

Alguns olhos se arregalam e as pessoas se olham surpresas. Elas viram outras pessoas saírem do centro médico, claro, mas só não sabiam quão

rápido a cura agia.

— Isso é tudo — digo. Sorrio para todos. — Bem-vindos à Insurreição.

Todos eles começam a aplaudir e alguns começam a vibrar em voz alta. As pessoas no salão estão completamente empolgadas. Todos estão felizes de estarem de volta fazendo algo que importa, ao invés de sentar do lado de fora dos muros da barricada. Eu entendo. Quando estou dando a cura às pessoas, sei que estou fazendo a coisa certa.

Encaro o teto do dormitório e escuto todos respirarem. Em algum lugar lá fora, no centro médico, Lei está trabalhando com os pacientes. Estou feliz que ela seja parte da Insurreição agora: ela vai cuidar bem dos imóveis. Queria saber por que ela não se juntou a nós antes. Talvez ela apenas não soubesse da Insurreição. As pessoas não falavam abertamente sobre a rebelião, no fim

das contas.

Tenho certeza de que Tannen é parte da Insurreição. Como eu, ele teria reconhecido a rebelião como nossa responsabilidade no minuto em que ouvisse falar dela, e ele é imune ao comprimido também. Ele se encaixa perfeitamente.

Nunca pude entender por que Ky não se juntou à Insurreição de cara, na primeira vez em que eles nos abordaram. A Insurreição poderia tê-lo ajudado. Mas ele não quis e não me disse o porquê.

Mesmo antes de Cassia ir às Províncias Exteriores para encontrar Ky, podia-se dizer que ela faria alguma coisa grande. Como naquele dia na piscina, quando ela finalmente decidiu que estava pronta para pular: ela foi até a água sem olhar para trás. Então eu não deveria ter ficado surpreso pelo jeito como ela se apaixonou por Ky, porque era como eu queria que ela se apaixonasse por mim: completamente.

A única vez em que fiquei tentado a tentar sair da Insurreição foi quando Cassia e eu éramos um Par. Por uns poucos meses joguei nos dois lados do jogo, fazendo o que a Insurreição queria e atuando na Sociedade ao mesmo tempo, para poder ser um Par com Cassia. Mas não demorei muito para perceber — queria que Cassia me *escolhesse*. De certa forma, nós sermos um Par foi o maior ponto contra mim. Como ela poderia me amar quando a Sociedade dizia que era isso que ela devia fazer?

Depois que Cassia me disse que estava se apaixonando por Ky, percebi que, se ele fosse embora, ela também iria. Ela pularia. Não era difícil reconhecer que a Sociedade não o deixaria viver no Bairro de Mapletree para sempre, e onde quer que ele fosse poderia ser perigoso.

Tive que mandar algo para ela: algo que poderia ajudá-la e que a faria lembrar-se de mim.

Então imprimi a imagem pelo terminal e fui

para o lado de fora, para pegar as pétalas das rosas novas. Mas ambas eram coisas para lembrá-la do passado. Decidi que não era o suficiente. Eu queria dar a ela alguma coisa que pudesse ajudá-la no futuro e que a fizesse pensar em mim.

Foi meio irônico ter sido Ky quem me contou sobre os Arquivistas. Sem ele eu poderia não saber como negociar.

Tudo o que tive que dar aos Arquivistas foi a caixa prateada do meu Banquete. Em troca, eles me deram um pedaço de papel impresso de um dos seus terminais — toda a informação que eu passei para eles do meu microcartão oficial do Par, mais algumas alterações e adições por conta própria.

Cor favorita: vermelha.

Há um segredo a contar ao seu Par quando ele a vir de novo.

Essa foi a parte fácil. Conseguir os comprimidos foi mais difícil. Eu não entendi completamente o que os Arquivistas estavam me

pedindo quando concordei com a negociação.

Mas valeu a pena. Os comprimidos azuis mantiveram Cassia viva. Ela até me contou isso pelo terminal: há alguma coisa *a respeito do azul*.

Eu rolo de lado e encaro a parede.

Na noite do Banquete, quando aguardava na parada do trem aéreo com meus pais e meu irmão, esperava que Cassia e eu estivéssemos no mesmo trem. Daquele jeito, poderíamos pelo menos ir até a Cidade juntos antes de tudo mudar. E ela subiu as escadas segurando a saia do seu vestido verde. Vi primeiro o topo de sua cabeça, depois seus ombros e o verde da seda contra sua pele, e finalmente ela olhou para cima e vi seus olhos.

Eu a conhecia naquela época e a conheço agora. Tenho quase certeza disso.

Cassia

Corro junto à beirada da barricada branca, que passa próximo ao Museu. Antes de a Insurreição tapar as janelas do local, você podia ver as estrelas e os estilhaços de vidro quebrado. As pessoas tentaram invadir na noite em que ouvimos a voz do Piloto pela primeira vez. Não sei o que eles esperavam roubar. A maioria de nós percebeu há muito tempo que o Museu não contém nada de valor. Exceto para os Arquivistas, claro, mas eles sempre sabem quando é tempo de se esconder.

Nas semanas que se seguiram, desde que a Insurreição assumiu o poder, nós tivemos mais e tivemos menos do que tínhamos antes.

Chego em casa tarde todo santo dia, porque

sempre vou negociar depois do trabalho. Embora um agente da Insurreição possa me dizer para me apressar, ele ou ela não vai me emitir uma citação ou me alertar sobre o que estou fazendo, então tenho um pouco mais de liberdade. E temos mais conhecimento sobre a Praga e a Insurreição agora. A Insurreição explicou que tornou algumas pessoas imunes à Praga e ao comprimido vermelho desde o nascimento. O que explica a capacidade de Ky e Xander de se lembrarem de tudo, a despeito de terem tomado o comprimido vermelho. Também significa que há muito tempo a Insurreição não me escolheu.

E nós temos menos certezas. O que vai acontecer a seguir?

O Piloto diz que a Insurreição vai salvar todos nós, mas que temos que colaborar para isso acontecer. Sem viagens — nós temos que tentar evitar que a Praga se espalhe e focar os recursos em curar aqueles que estão doentes. Isso, conforme

o Piloto diz, é a coisa mais importante: parar a Praga, para que possamos realmente começar tudo de novo. Estou imunizada contra a Praga agora, como a maioria das pessoas na Insurreição, e em breve, de um jeito ou de outro, todos estaremos a salvo. Aí, o Piloto promete que poderemos verdadeiramente começar a mudar as coisas.

Quando o Piloto fala conosco, sua voz é tão perfeita quanto era no primeiro dia em que a ouvimos através dos terminais, e agora que podemos vê-lo também, é difícil desviar o olhar de seus olhos azuis e da convicção que ele sustenta.

— A Insurreição — fala ele — é para todos.

E posso dizer que ele acredita nisso.

Sei que minha família está bem. Falei com eles algumas vezes através do terminal. Bram caiu doente com a Praga no começo, mas se recuperou como a Insurreição prometeu. Meus pais ficaram de quarentena e foram imunizados. Mas não posso

falar com Bram sobre como foi ter a Praga — nós ainda falamos com reservas; nós sorrimos e não falamos muito mais do que falávamos quando a Sociedade estava no poder. Não temos muita certeza sobre quem pode nos ouvir agora.

A Insurreição só facilitou a comunicação entre membros imediatos da família. De acordo com a Insurreição, os Pares daqueles muito jovens para celebrar o Contrato não existem mais, e a Insurreição não tem tempo para rastrear amigos individuais para cada pessoa.

— Você preferiria perder tempo estabelecendo comunicações — pergunta-nos o Piloto —, ou deveríamos usar nossos recursos para salvar pessoas?

Assim, não fui capaz de perguntar a Xander qual é seu segredo, aquele que ele mencionou em um pedaço de papel que eu li na Escultura. Algumas vezes acho que adivinhei o segredo, que é simplesmente o fato de ele estar na Insurreição.

Outras vezes não estou tão certa.

É fácil imaginar como as pessoas devem se sentir quando Xander vem socorrê-las. Ele se inclina para ouvi-las. Pega suas mãos nas dele. Fala naquele tom gentil e honesto que usava nos meus sonhos, lá nos cânions, quando me disse que eu tinha que abrir os olhos. Os pacientes devem se sentir curados só de olhar para ele.

Enviei uma mensagem a Ky e Xander depois que a Praga estourou, para avisá-los de que estou bem. Aquela negociação me custou mais do que eu podia bancar depois do roubo no lago, mas tive que fazê-la. Não queria que eles se preocupassem.

Não recebi nenhuma mensagem de volta. Nenhuma palavra escrita em papel ou impressa em um recado. E minhas negociações do poema *Não te alcancei* e do microcartão do Vovô ainda não terminaram. Faz tanto tempo...

Algumas vezes, acho que o microcartão deve estar preso nas mãos de um negociante que tenha

ficado imóvel em algum lugar distante; isso significa perdido para sempre. Porque Bram o teria enviado para mim. Acredito nisso.

Quando eu estava trabalhando na Província de Tana, antes que eu fugisse para a Escultura, foi Bram quem me enviou uma mensagem sobre o microcartão, e me fez querer vê-lo de novo. Em sua mensagem, Bram descreveu um pouco do que ele tinha visto quando olhara o microcartão de novo:

Bem no final há uma lista das memórias favoritas do Vovô. Ele tinha uma para cada um de nós. Sua lembrança favorita de mim era de quando eu falei a primeira palavra, que foi “mais”. Sua memória favorita de você era o que ele chamou de “dia no jardim vermelho”.

Lá em Tana, me convenci de que o Vovô tinha cometido um pequeno erro — que ele quis dizer “dias de jardim vermelho”, no plural, aqueles dias de primavera, verão e outono, quando nos

sentávamos conversando do lado de fora do seu prédio.

Porém mais tarde me convenci de que não é esse o caso. Vovô era esperto e cuidadoso. Se ele tinha listado *o dia no jardim vermelho*, no singular, como sua memória favorita de mim, então ele queria dizer um dia específico. E eu não consigo lembrar qual é.

Será que a Sociedade me fez tomar o comprimido vermelho no dia no jardim vermelho?

O Vovô sempre acreditou em mim. Ele foi o primeiro a me dizer para não tomar o comprimido verde, que eu não precisava. Foi ele quem me deu os dois poemas — o de Thomas sobre não ir gentilmente, e o de Tennyson sobre cruzar a margem e ver o Piloto. Eu ainda não sei qual dos dois o Vovô pretendia que eu seguisse, mas ele me confiou ambos.

Alguém espera do lado de fora do Museu — uma

mulher de aparência desamparada em uma tarde de primavera cinzenta, que não se decidia se chovia ou não.

— Eu queria saber mais sobre a Gloriosa História da Central — diz ela.

Seu rosto é interessante, um que eu reconheceria se visse de novo. Alguma coisa nela me faz lembrar um pouco minha mãe. Essa mulher parece esperançosa e assustada, como as pessoas normalmente parecem quando vêm aqui pela primeira vez. A notícia sobre os Arquivistas se espalhou.

— Não sou uma arquivista — esclareço. — Mas tenho autorização para negociar com eles em seu nome. — Nós que fomos sancionados para negociar com os Arquivistas, agora usamos finos braceletes vermelhos sob as mangas, que podem ser mostrados às pessoas que nos abordam. Os negociantes que não têm o bracelete não duram muito, pelo menos não nas adjacências do Museu.

As pessoas que vêm aqui querem segurança e autenticidade. Sorrio para a mulher, tentando deixá-la confortável, e dou um passo em sua direção para que ela possa ver melhor o bracelete.

— Pare! — exclama ela e eu congelo.

— Desculpe — emenda—, mas percebi que você está quase pisando nisso. — Ela aponta para o chão.

É uma letra escrita na lama; eu não deixei isso. Meu coração pula.

— Você escreveu isso? — pergunto.

— Não — responde a mulher. — Está vendo também?

— Estou — afirmo. — Parece um *E*.

Na Escultura, eu ficava pensando que tinha visto meu nome, o que não era verdade até eu encontrar a árvore na qual Ky tinha esculpido meu nome. Mas isso também é real, uma letra escrita fundo na lama, com golpes fortes e bruscos, como se a pessoa que escreveu também quisesse

comunicar um propósito, uma intenção.

Eli. Seu nome me vem à mente, embora, até onde eu saiba, ele nunca tenha aprendido a escrever. E Eli não está aqui, mesmo aqui sendo o lugar em que ele cresceu. Ele está fora, além das Províncias Externas, a caminho das montanhas agora.

As pessoas estão vendo, penso. Talvez elas também coloquem suas mãos na rocha.

— Alguém sabe escrever — diz a mulher, parecendo admirada.

— É fácil — conto a ela. — Você tem o formato das coisas bem na sua frente.

Ela balança a cabeça, sem entender o que digo.

— Eu não escrevi isso, mas sei como fazer — insisto. — Você olha as letras. Faz a forma delas com as mãos. Tudo o que precisa é prática.

A mulher parece preocupada. Seus olhos estão sombrios, e há algo contido na maneira como ela se segura, algo tenso e triste.

— Você está bem? — pergunto a ela.

A mulher sorri e dá a resposta que crescemos acostumados a dar, na Sociedade:

— Sim, claro que estou.

Olho na direção da cúpula da Prefeitura e aguardo. Se ela quiser dizer alguma coisa, ela pode. Aprendi isso ao observar primeiro Ky, depois os Arquivistas — se você não se afasta do silêncio de alguém, ele pode apenas falar.

— É o meu filho — diz ela calmamente. — Desde que a Praga veio, ele não tem conseguido dormir. Eu falo para ele sem parar que há uma cura, mas ele está com medo de ficar doente. Fica acordado a noite toda. Mesmo tendo sido imunizado, ainda está com medo.

— Ah, não — lamento.

— Estamos tão cansados... — continua a mulher. — Preciso de comprimidos verdes, todos os que der para comprar com isso.

Ela segura um anel com uma pedra vermelha.

Como e onde ela o encontrou? Não devo perguntar. Mas, se for autêntico, vai valer alguma coisa.

— Ele está assustado. Não sabemos mais o que fazer.

Eu pego o anel. Tenho visto mais e mais disso, desde que a Insurreição levou embora os comprimidos e os recipientes que a Sociedade nos deu. Embora eu esteja feliz de ver que os comprimidos vermelhos e azuis tenham sumido, sei que existem pessoas que precisam do verde e que estão passando maus bocados sem ele. Até minha mãe precisou dele, uma vez.

Penso nela dobrada sobre minha cama quando eu não podia dormir, e isso envia uma dor através de mim e me lembra de como ela costumava me ninar com descrições de flores.

— *Renda da Rainha Anne* — dizia ela em voz baixa e suave. — *Cenoura selvagem. Você pode comer a raiz quando ela está bem novinha. A flor*

é branca e rendada. Adorável. Como estrelas.

Uma vez, a Sociedade a enviou para longe, para ver flores em outras Províncias. Eles queriam que ela procurasse lavouras clandestinas que as pessoas pudessem estar usando como alimentação, como parte de uma rebelião. Minha mãe me contou que havia um campo inteiro de Renda da Rainha Anne na Província de Grandia, e que em outra Província ela tinha visto um campo de uma flor branca diferente, ainda mais bonita. Minha mãe falou com os agricultores que cultivavam o campo. Ela viu o medo da descoberta em seus olhos, mas fez seu trabalho e os denunciou à Sociedade porque queria manter minha família a salvo. A Sociedade a deixou se lembrar do que tinha feito. Eles não tiraram *aquela* memória.

Minha mãe passou a vida cultivando coisas. Será que a memória do dia no jardim vermelho, sobre a qual meu Avô falou, poderia ter alguma coisa a ver com ela?

A brisa de primavera é cortante ao meu redor, arrancando as últimas folhas velhas dos galhos dos arbustos. Ela puxa minhas roupas e imagino que, se as tirar de mim, meus últimos papéis vão voar pelo mundo, e sei que é hora de eu parar de manter certas coisas tão próximas.

A mulher se vira para olhar em direção ao lago, aquela longa extensão de água cintilando ao sol.

Água, rio, rocha, sol.

Talvez tenha sido isso que a mãe de Ky cantava para ele enquanto pintava nas rochas, nas Províncias Exteriores.

Pressiono o anel de volta dentro da mão da mulher.

— Não dê a ele os comprimidos — aconselho.
— Não ainda. Você pode cantar para ele. Tenta isso primeiro.

— O quê? — pergunta ela, me olhando com genuína surpresa.

— Você podia cantar para ele — repito. —

Pode funcionar.

E então seus olhos se arregalam um pouco mais.

— Eu poderia — concorda ela. — Tenho música em mim. Sempre tive. — Sua voz soa quase feroz. — Mas quais *palavras* eu cantaria?

O que Hunter, lá no assentamento de agricultores, teria cantado para sua filha, Sarah, que tinha morrido? Ela acreditava em coisas nas quais ele não acreditava. Então, o que ele teria dito que poderia transpor o abismo entre crença e descrença?

O que Ky cantaria? Penso em todos os lugares em que estivemos juntos, em todas as coisas que vimos:

Vento sobre a colina, e sob a árvore descer.

Além da fronteira que ninguém pode ver.

Eu me pergunto, ali em pé com a mãe do filho insone, uma coisa que deveria ter me perguntado antes — quando Sísifo alcançou o topo da colina,

havia alguém para ele ver? Houve um contato furtivo, antes de ele se encontrar de novo no fundo da colina com a pedra para empurrar? Ele sorriu para si mesmo, quando começou de novo a rolá-la?

Nunca escrevi uma música, mas comecei um poema antes, um que não pude terminar. Era para Ky e o início era assim:

*Eu escalo escuro adentro por ti
Nas estrelas tu esperas por mim?*

— Aqui — chamo e pego um graveto chamuscado da minha manga e um papel do meu punho.

Escrevo com cuidado. Nenhuma palavra nunca veio tão facilmente a mim, mas não posso cometer nenhum erro ao escrevê-las ou vou ter que voltar aos Arquivistas para buscar mais papel. E tenho o poema todo em minha mente bem agora, então escrevo rápido, com medo de perder alguma parte

dele.

Sempre pensei que meu primeiro poema finalizado seria para Ky. Mas isso parece certo. Esse poema é entre nós dois, mas também para outros. É sobre todos os lugares em que você encontra alguém que ama.

Rosa nova, Antiga rosa, Renda da Rainha Anne.

Água, rio, rocha e sol.

Vento sobre a colina e sob a árvore.

Além da fronteira que ninguém pode ver.

Eu escalo escuro adentro por você

Você vai esperar nas estrelas por mim?

Eu transformei um dos começos que tinha escrito para Ky em um final. Escrevi uma coisa do começo ao fim. Após um momento de hesitação, escrevo meu nome no final da página, como a autora.

— Toma — ofereço. — Você pode colocar música por trás disso, e vai ser a sua própria. — E me ocorre que é assim que é escrever alguma coisa, realmente. Uma colaboração entre você, que dá as palavras, e os que as pegam e dão sentido a elas, ou as deixam de lado por não ser o que era necessário.

A mulher não pega, a princípio. Ela acha que tem que me oferecer algo em troca.

Naquele momento, percebo que a ideia que tenho sobre negociar arte estava toda errada.

— Estou *dando* isso para o seu filho — esclareço. — Vem de mim, não dos Arquivistas. E não como uma negociante.

— Obrigada — diz a mulher. — Isso é muito gentil.

Ela parece grata e surpresa, e enfia o papel na manga me imitando.

— Mas se não funcionar... — começa ela.

— Aí você volta — retruco. — Eu vou pegar

os comprimidos verdes para você.

Depois de deixar a mulher, pego o rumo do esconderijo dos Arquivistas para ver se eles têm mais trabalho para mim, e para verificar minhas coisas. Após o roubo das minhas coisas, pedi aos Arquivistas para guardarem minha caixa para mim. Eles a mantêm em algum lugar em um cômodo escondido, um que eu nunca nem vi. Apenas uns poucos Arquivistas têm as chaves.

Eles trazem minha caixa e eu olho dentro dela. Antes cheia de páginas inestimáveis, minha caixa agora contém um rolo de papel de um terminal, um par de sapatos fornecidos pela Sociedade, uma camisa branca que uma vez foi parte do uniforme de algum Oficial e o vestido de seda vermelha que usei quando achei que fosse ver Ky no lago. Os poemas que restaram eu mantenho sempre comigo. Juntos, não constituem uma coleção impressionante, mas é um começo. Só faz algumas

semanas. Ou a Insurreição vai me levar àqueles que amo, ou vou achar um jeito de fazer isso eu mesma.

— Está tudo aqui — falo ao Arquivista que está me ajudando. — Obrigada. Tem mais alguma troca que vocês querem que eu faça hoje?

— Não — responde ele. — Mas, como sempre, você é bem-vinda para aguardar do lado de fora do Museu para ver se alguém a aborda.

Aceno concordando. Se eu não tivesse falado com a mulher fora da negociação hoje mais cedo, estaria a caminho de outro item para minha coleção.

Rasgo uma longa tira de papel do rolo do terminal e enrolo em torno do punho, por baixo das roupas comuns.

— Isso é tudo — informo. — Obrigada.

A Arquivista-chefe atrai meu olhar quando saio das prateleiras. Ela balança a cabeça. *Ainda não*. Meu poema e o microcartão ainda não chegaram.

Às vezes imagino se a Arquivista-chefe não é o *verdadeiro* Piloto nos conduzindo para dentro das águas do nosso próprio desejo e necessidade, e nos ajudando a sair delas em segurança, em pequenos botes cheios de coisas diferentes para cada pessoa, os itens de que precisamos para começar nossas verdadeiras e corretas vidas.

Não é impossível.

Que lugar melhor para comandar uma rebelião do que daqui debaixo?

Quando subo os degraus e saio acima do solo, sinto o cheiro de grama vindo e a noite caindo.

De volta à Cidade, não sei se posso fazer isso. Eu me agarrei ao poema por muito tempo. Talvez eu esteja gastando e dando demais agora.

Mas meus maiores arrependimentos são de ter economizado e guardado. Mantive meus poemas por tempo demais, e eles foram roubados; nunca ensinei Xander ou Bram a escrever. Por que eu

não pensei em fazer isso? Bram e Xander são espertos; eles poderiam aprender por conta própria, mas às vezes é bom ter alguém para te ajudar no começo.

Eu me esgueiro para dentro da noite e desenrolo o rolo de papel do meu punho. Dobro o papel ao longo da fria e lisa superfície de metal de um dos bancos na área verde e então escrevo, pressionando cuidadosamente com um graveto carbonizado. Eles são muito fáceis de fazer, se você souber como: um mergulho de um galho no incinerador. Quando termino, minhas mãos estão pretas e frias, e meu coração parece quente e vermelho.

Os ramos das árvores estendem seus braços, e eu dobro o papel sobre eles. O vento se move gentilmente, e parece que as árvores acalentam as palavras tão cuidadosamente quanto uma mãe faria com um filho pequeno. Tão cuidadosamente quanto Hunter manteve Sarah quando ele a carregou para

seu túmulo, na Escultura.

Sob a luz branca dos postes, parece que essa área verde poderia estar apenas num voo alto de imaginação ou na profundidade de um sonho. Eu me pergunto se vou acordar e descobrir que tudo se foi. Essas árvores de papel, essa noite branca. Minhas palavras sombrias esperando que alguém as leia.

Sei que Ky entenderia por que tenho que escrever isso, por que não há nada mais que seria suficiente.

Não entre docemente naquela boa noite.

Revolte-se, revolte-se contra o apagar da luz.

Mesmo se for um simpatizante da Sociedade que os arrancar, ele vai ver as palavras quando puxar os papéis da árvore. Mesmo se ele os queimar, as palavras vão ter escorregado entre seus dedos a caminho do fogo. As palavras serão compartilhadas, de um jeito ou de outro.

*Os homens bons que, ao dar o último adeus,
bradando*

*Que seus frágeis feitos teriam bailado numa
verde baía,*

*Revoltam-se, revoltam-se contra o apagar da
luz.*

Existem muitos deles no mundo, eu acho; bons
homens e mulheres com seus feitos frágeis.
Querendo saber o que poderiam ter sido, como as
coisas poderiam acontecer se nós apenas
ousássemos ser brilhantes.

Eu fui um deles.

Desenrolo mais papel e vejo a frase:

*Homens selvagens, que abraçaram e cantaram
o sol na altura*

Enrolo os papéis nos ramos. Uma longa volta.
Para cima e para baixo, os joelhos dobrando. Os

braços acima da cabeça, como as garotas que vi
uma vez em uma pintura, em uma caverna. Existe
um ritmo nisso, uma constância de tempo.

Me pergunto se estou dançando.

— Vai mergulhar hoje? — pergunta um dos outros pilotos.

Nosso esquadrão caminha pela trilha junto ao rio que dá voltas e mais voltas por toda a Cidade de Camas. Em um ponto — perto da Prefeitura e da barricada — o rio se torna uma série de quedas. Uma garça cinzenta corta as águas rápidas, próximo a nós.

— Não — recuso, e não me preocupo em esconder a irritação na minha voz. — Não vejo motivo para fazer isso.

— É um sinal de união — insiste ele. Eu me viro para olhá-lo mais de perto.

— Nós todos trabalhamos para a Insurreição,

não trabalhamos? — pergunto. — Essa não é toda a união de que precisamos?

O piloto, Luke, fica quieto e anda um pouco mais rápido, e assim eu fico sozinho na retaguarda do nosso grupo. Deram-nos umas horas livres e todo mundo quis ir à Cidade. Para muitos de nós ainda parece perigoso e excitante andar livremente pelas ruas da Cidade que costumava ser a Sociedade, mesmo que a Insurreição tenha poder completo em Camas já há algumas semanas, agora. Conforme esperado, Camas foi a primeira e mais fácil Província a ser tomada pela Insurreição — muitos rebeldes moram e trabalham aqui.

Indie fica para trás para andar comigo.

— Você devia mergulhar — aconselha ela. — Todos eles querem que você faça isso.

Alguns dos outros esquadrões começaram a pular no rio. Embora seja oficialmente primavera agora, a água vem das montanhas e está gelada. Não tenho intenção nenhuma de entrar no rio. Não

sou covarde, mas também não sou estúpido. Essa não é a piscina azul, morna e segura do Bairro. Depois do Sísifo e do que aconteceu quando Vick morreu...

Não confio mais na água.

Muitas pessoas andam nas margens do rio hoje. O sol esquentando nossas costas. A Insurreição pediu que todos mantenham seus trabalhos designados pela Sociedade por enquanto, até que a Praga esteja totalmente contida, então a maioria das pessoas está no trabalho. Mas mesmo assim, há recreadores trazendo crianças pequenas para jogar pedras no rio, e trabalhadores com marmitas, curtindo a nova liberdade de poder almoçar onde bem quiserem. Todas essas pessoas devem estar imunes ou curadas, para andar tão livremente. Elas são como nós, elas sabem que estão a salvo.

Dou uma olhadela para o muro de barricada, que também passa perto do rio. Mesmo a Insurreição estando firmemente sob controle, ainda

há algumas restrições por enquanto em relação aos lugares a que podemos ir. Os médicos e trabalhadores por trás dos muros não podem sair. Eles comem, dormem e respiram a Praga.

Cassia me contou que Xander foi designado para Camas. É estranho que ele talvez possa estar do outro lado dessa barricada, trabalhando no centro médico. Nossos caminhos não se cruzaram em Camas, embora ambos estejamos aqui há meses. Queria ter visto Xander. Gostaria de falar com ele. Estaria interessado em ouvir o que ele acha da Insurreição — se acha que é tudo o que pensou que seria.

Não me pergunto se ele ainda ama Cassia. Tenho certeza de que ama.

Eu não soube dela desde que a Praga estourou, mas eles imunizaram todos na Insurreição que ainda não eram imunes. Então, acho que ela está a salvo, de um jeito ou de outro. Mas eu não *sei*.

Enviei a ela uma mensagem o mais cedo que

pude, dizendo quanto sentia por não ter podido chegar até ela naquela noite, no lago. Perguntei se ela estava bem e disse que a amava.

Troquei quatro das minhas marmitas de piloto por aquilo, e valeu a pena, embora eu não possa fazer isso com frequência ou vou arrumar problemas.

O silêncio de Cassia está me deixando maluco. Sempre que voo, tenho que me segurar para não decolar e arriscar tudo para tentar chegar até ela. Mesmo se eu conseguisse roubar uma nave, a Insurreição me abateria. *Você não vai ajudá-la se estiver morto*, fico me lembrando.

Mas eu também não estou ajudando muito ficando vivo. Não sei quanto tempo mais posso esperar antes que tenha que arriscar fazer isso.

— Por que *não* mergulhar? — questiona Indie, ainda me alfinetando. — Você sabe nadar.

— E você? Você vai? — pergunto a ela.

— Talvez — responde a garota. Todos ainda

estão um pouco perplexos com Indie, mas cada vez mais eles a respeitam. É difícil não fazer isso depois de vê-la voar.

Estou a ponto de dizer mais alguma coisa a ela, mas então reconheço um rosto na multidão. Uma das negociantes que costumava me trazer mensagens de Cassia. Não vejo essa negociante em especial há muito tempo. *Ela tem alguma coisa para mim hoje?*

A forma como os Arquivistas negociam é diferente agora. A Insurreição fechou os Museus da Sociedade, dizendo que eles estavam cheios com nada mais do que propaganda. Então nós temos que esperar do lado de fora dos Museus para fazer contato, ou achar uns aos outros na multidão.

A entrega é rápida, como sempre. Ela passa por mim, sustentando o olhar e tranquila, e nós nos trombamos de leve, o esbarrão normal em um percurso lotado. De fora, tenho certeza de que tudo

parece perfeitamente natural, mas ela me entrega uma coisa — uma mensagem.

— Desculpe — diz, olhando-me nos olhos brevemente. — Estou atrasada.

Ela age como se tivesse esbarrado em mim porque está com pressa para chegar a tempo a algum lugar, mas sei o que ela quer dizer. A mensagem está atrasada, provavelmente porque ela teve a Praga. Como ela conseguiu manter o papel? Mais alguém leu enquanto ela estava imóvel?

Meu coração corre como um coelho em busca de um esconderijo no descampado. Essa mensagem tem que ser de Cassia. Ninguém mais nunca enviou nada a mim. Queria poder ler *agora*. Mas vou ter que esperar até ser seguro.

— Se você pudesse voar para qualquer lugar, aonde iria? — pergunta Indie.

— Acho que você sabe essa resposta — digo a ela. Enfio o papel no bolso.

— Seria a Central, então — afirma Indie. —

Você voaria até a Central.

— Para onde quer que Cassia esteja.

Caleb olha para trás, para nós, e me pergunto se ele viu a troca. Duvido. A negociante foi rápida. Não consigo entender Caleb. Ele é o único que traz de volta caixas, quando estamos entregando a cura. Nenhuma das outras naves está trazendo carga. O comandante sempre nos diz que é aprovado, mas acho que tem muito mais coisa acontecendo, além do que a gente sabe. E acho que Caleb foi designado para trabalhar com Indie e comigo para ficar de olho em um de nós — mas não consigo descobrir em qual dos dois. Talvez em ambos.

— E você? — questiono Indie, mantendo meu tom leve. — Se pudesse voar para qualquer lugar, para onde iria? De volta a Sonoma?

— *Não* — diz ela, como se estivesse sugerindo que isso seria ridículo. — Não voltaria para o lugar de onde vim. Eu iria para algum lugar onde

nunca estive.

Meus dedos se fecham em torno do papel no meu bolso. Cassia me disse uma vez que usa algumas das páginas contra a pele. Isso é o mais próximo que posso chegar de tocá-la ou vê-la, agora.

Indie me observa. E então, como ela sempre faz, diz algo desconcertante. Inesperado. Ela se aproxima e sussurra, para que os outros não ouçam:

— Estava querendo te perguntar uma coisa. Por que você não roubou nenhum dos tubos quando a gente estava na caverna? Eu vi Cassia e Eli pegando um cada um. Mas você não pegou.

Indie está certa. Eu não peguei um tubo. Mas Cassia e Eli pegaram. Cassia pegou o tubo do seu avô. Eli roubou aquele que pertencia a Vick. Mais tarde, tanto Cassia quanto Eli me deram seus tubos, por segurança. Eu os escondi em uma árvore perto do riacho que descia até o acampamento da

Insurreição.

— Eu não precisava de um — expliquei.

Indie e eu paramos. O resto do grupo grita e exulta. Eles encontraram o lugar de onde querem pular, um lugar fundo rio abaixo a partir de uma das quedas. É onde os outros esquadrões têm ido e é próximo o suficiente do caminho para que as pessoas possam parar e observar.

— Vamos lá — grita Connor, um dos outros pilotos. Ele olha direto para mim e para Indie. — Estão com medo? — provoca.

Nem me dou ao trabalho de responder. Connor é competente, arrogante e medíocre. Ele acha que é um líder. Eu sei que ele não é.

— Não — discorda Indie, e então ela tira o uniforme até chegar à camisa e aos shorts de baixo que todos usamos, e dá um salto na água. Todo mundo vibra quando ela bate na superfície. Prendo a respiração, pensando em quão fria a água deve estar.

E então estou pensando em Cassia, naquele dia distante em Oria, quando ela pulou na piscina azul aquecida.

Indie emerge molhada, rindo e tremendo.

Embora ela seja bonita, com certa impetuosidade nos olhos, não consigo evitar pensar: *queria que Cassia estivesse aqui.*

Indie percebe isso. Um pouco do brilho em seus olhos desaparece e ela olha para longe de mim, e sai do rio, buscando seu uniforme e cumprimentando outros. Mais alguém pula e o grupo exulta novamente.

Indie se arrepia, torcendo seu longo cabelo.

E eu penso, *tenho que parar isso. Não tenho que amar Indie do jeito que amo Cassia, mas tenho que parar de pensar em Cassia quando olho para ela.* Sei como é quando as pessoas olham através de você, ou pior, quando veem você como outra coisa ou alguém que não você.

Uma formação de aeronaves passa sobrevoando

e todos nós olhamos para o céu; um reflexo, agora que passamos tanto tempo lá.

Indie sobe em uma das rochas junto ao rio e olha os outros mergulharem. Ela inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. Indie lembra um daqueles pequenos lagartos das Províncias Exteriores. Eles podem parecer preguiçosos, mas se você tentar pegá-los, eles fogem rápido como os raios que cortam o céu do deserto antes das tempestades de verão.

Subo próximo a ela e olho para o rio e todas as coisas que flutuam e nadam nele — pássaros e detritos das montanhas. Você poderia construir uma dúzia de barcos a partir das coisas que correm por ali em uma hora ou duas, especialmente na primavera.

— Me pergunto se eles alguma vez vão deixar um de vocês dois voar sozinho — diz Connor. Sua voz é alta, é claro, assim todo mundo pode ouvir, e ele se aproxima, tentando nos intimidar. Ele é

enorme e corpulento, com pelo menos 1,90m. Eu tenho apenas 1,80m, mas sou muito mais rápido, então não me preocupo com uma luta. Ele não pegará Indie e eu se a gente decidir correr.

— Parece que o Piloto sempre coloca vocês dois como um par. Como se ele pensasse que nenhum de vocês pudesse voar sem o outro.

Indie ri alto.

— Isso é ridículo — zomba ela. — O Piloto sabe que posso voar sozinha.

— Talvez — continua Connor, e ele é tão fácil de ler que a coisa suja que ele está a ponto de dizer fica óbvia antes de ele botar para fora. — O motivo de ele colocar os dois para voar juntos seja porque vocês são...

— Os melhores — corta Indie. — Com certeza. Nós somos.

Connor ri. Pinga água dele, do seu mergulho no rio. Ele parece ensopado e estúpido, não legal e brilhante como Indie.

— Vocês se acham muito — diz ele. — Acha que você vai ser o Piloto algum dia? — Ele olha por cima do ombro para ver se alguém está rindo também de quão ridículo isso é. Mas todos permanecem quietos.

— Claro — afirma Indie, como se ela não pudesse acreditar que ele sequer perguntasse.

— É o que todo mundo espera — interrompe uma garota chamada Rae. — Por que não? Agora a gente pode sonhar.

— Mas não *você* — diz Indie para Connor. — Você precisa de outro sonho. Não é bom o bastante para ser o Piloto. E acho que nunca vai ser.

— Sério? — pergunta ele, inclinando-se, escárnio no rosto. — E como você sabe disso?

— Porque eu voei com você — retruca ela —, e você nunca se deixa levar pelo céu. — Connor ri e começa a dizer alguma coisa, mas Indie continua falando junto com ele: — Você só olha para o

próprio umbigo. Como está, o que você está fazendo. Quem vai notar você.

Connor dá as costas a ela. Por cima do ombro, ele diz algo rude sobre Indie — o que faria para ela e com ela, se não fosse louca. Eu começo a ir em direção a ele.

— Não tem problema — diz Indie, seu tom perfeitamente despreocupado. Quero dizer a ela que é perigoso ser tão relaxada com pessoas como Connor. Mas isso faria algum bem?

A diversão acabou. As pessoas começam a voltar ao acampamento para vestir roupas secas. Alguns dos pilotos e mensageiros tremem enquanto andam. Quase todo mundo entrou no rio.

Enquanto andamos, Indie começa a trançar seu longo cabelo, ainda molhado.

— E se você pudesse trazer de volta qualquer um que se foi? — pergunta, mantendo sua linha de questionamento de antes. — E não diga Cassia — acrescenta ela, com um pequeno bufo de

impaciência. — Ela não conta. Ela não está morta.

É bom ouvir Indie dizer isso, mesmo que ela obviamente não tenha certeza. Se bem que, se Cassia me enviou uma mensagem, é uma coisa boa. Fecho meus dedos em volta do papel de novo e sorrio.

— Quem eu traria de volta dos mortos? — repito. — Por que você está me perguntando algo assim?

Indie aperta os lábios. Por um momento acho que ela não vai responder, mas então ela diz:

— Tudo é possível agora.

— Você acha que a Insurreição seria capaz de fazer o que a Sociedade nunca pôde? — insisto. — Você acha que a Insurreição descobriu como trazer pessoas de volta à vida?

— Ainda não — sugere ela —, mas você não acha que eles vão conseguir um dia? Não acha que esse é o objetivo principal do Piloto? Todas as histórias e canções antigas falam dele salvando a

gente. Talvez não signifique apenas da Sociedade ou da Praga, mas da própria morte...

— Não — falo baixo. — Você viu aquelas amostras na Escultura. Como você poderia trazer alguém de volta a partir *daquilo*? E mesmo que você pudesse usar a amostra para criar alguém bem parecido com a pessoa original, nunca seria a *própria* pessoa. Não se pode trazer a pessoa de volta, *nunca*. Entende o que eu digo?

Indie balança a cabeça, teimosa.

Nesse momento eu sinto um empurrão nas costas, me tirando o equilíbrio e me jogando na direção do rio próximo. Mal tenho tempo para enfiar a mão no bolso e fechar os dedos em volta do papel antes de bater na água. Levanto a mão no alto e tomo impulso do fundo do rio o mais forte que posso, com meus pés.

Mas sei que o papel já está molhado.

Os outros acham que meu punho está levantado em alguma forma de saudação, então eles

começam a vibrar e gritar, e levantar os punhos também. Tenho que entrar na onda, então grito:

— Viva a Insurreição! — E todos eles repetem o brado.

Tenho certeza de que foi Connor que me empurrou. Ele observa da margem, com os braços cruzados.

O Rio Camas passa próximo ao nosso acampamento também, e logo que todos estão fora de vista, trocando de roupa no quartel, corro até as pedras planas das margens do rio, desdobrando o papel no caminho. *Se ele tiver estragado a mensagem dela para mim...*

A parte da escrita, no final, está arruinada. Meu coração fica apertado. Mas a maior parte está legível, e está escrita na caligrafia de Cassia. Eu a reconheceria em qualquer lugar. Ela mudou nosso código um pouco, como sempre fazemos, mas não demoro muito para decodificá-lo.

Estou bem, mas a maioria dos meus papéis foi roubada.

Então não se preocupe se você não tiver notícias de mim tão frequentemente. Vou dar um jeito de chegar até você quanto antes. Eu tenho um plano. Ky, sei que você vai querer vir me encontrar, que você vai querer me salvar. Mas preciso que você confie em mim para me salvar sozinha.

A Primavera está chegando. Posso sentir. Eu ainda classifico e espero, mas tenho escrito letras em todo lugar que posso.

Eu estava certo. A mensagem é velha. A Praga acelerou algumas coisas e atrasou outras. Negociar não é tão confiável quanto costumava ser. Há quantas semanas ela escreveu isso? Uma semana depois que a Praga teve início? Duas? Será que ela chegou a receber minha mensagem, ou o papel

está preso no bolso de alguém imóvel em algum centro médico?

Algumas vezes, quando acho que não é justo que estejamos contando nossas histórias um para o outro em pedaços e aos poucos de novo, me lembro de que somos mais sortudos do que a maioria, porque podemos nos escrever. Aquele presente, o primeiro de muitos que você me deu, significa mais para mim a cada dia. Nós temos uma forma de ter contato até podermos estar juntos de novo.

Te amo, Ky.

É assim que sempre terminamos as mensagens entre nós. Mas há mais, dessa vez:

Não pude arcar com o envio de duas mensagens separadas até Camas. Eu nunca pedi isso a você antes; tentei falar com ele de várias maneiras, de forma que vocês dois não

precisassem dividir. Mas você pode dar um jeito de Xander ver isso também? A próxima parte é para ele, e é importante.

E é então que vejo o código mudar parcialmente para números até o final da página. Parece um código numérico básico e, perto do final da folha, ele fica borrado em ondas de tinta sobre o papel, de quando caí no rio.

Estou tentado a decifrá-lo. Cassia sabe que eu poderia, mas acha que pode confiar em mim.

Ela pode. Nunca vou me esquecer do jeito que Cassia me olhou naquela casinha na Escultura, quando percebeu que eu tinha escondido dela o mapa da Insurreição. Eu prometi a mim mesmo então que nunca deixaria o medo me tornar uma pessoa que não queria ser. Agora eu sou alguém que pode confiar e ser confiável.

Tenho que achar um jeito de fazer essa mensagem chegar até Xander, mesmo que esteja incompleta. E mesmo que entregar isso a ele faça

parecer que eu *não sou* confiável, porque parte dela está destruída.

Prendo os papéis em uma pedra lisa com outra rocha pequena, de modo que o vento possa retirar a água das páginas. Não vai demorar muito para a mensagem secar. Com sorte, os outros não vão sentir minha falta.

Quando me viro, vejo Indie andando pelas rochas. Ela colocou um uniforme seco e se senta perto de mim. Mantenho uma mão no canto do papel, com medo de largar, caso o vento o pegue e envie a mensagem pelos ares. Pelo menos uma vez, Indie não diz nada. Não faz nenhuma pergunta.

Então *eu* faço:

— Qual é o segredo?

Indie olha para mim e levanta as sobrancelhas. *O que você quer dizer?*

— Qual é o segredo para voar como você? — pergunto. — Como naquela vez, quando o trem de pouso teve uma avaria e você mesmo assim

pousou a nave. — Nós raspamos todo o asfalto da pista de pouso, a barriga de metal da nave espirrando faíscas, e Indie não pareceu nem um pouco perturbada.

— Eu sei como os espaços se encaixam — responde ela. — Quando olho para as coisas, elas fazem sentido para mim.

Indie está certa. Sempre teve um bom senso de proporção e posição no que se refere a objetos concretos. Indie carrega aquele ninho de vespa porque gosta de sua forma. Quando ela escalou as paredes do cânion, fez parecer fácil. Mas, mesmo assim, só um raciocínio espacial excelente — mesmo que seja praticamente intuição, do jeito que é para ela — não explica quão boa ela é voando e quão rápido ela aprende. Eu não sou nada ruim, mas não sou nada perto dela.

— E eu sei como as coisas se movem — completa Indie. — Como aquela.

Ela aponta para outra garça sobre a água. A ave

desliza sobre o rio, asas esticadas, seguindo a corrente de ar pelo tempo que ela dura. Olho para Indie e sinto uma dor aguda pela solidão dela, como se ela fosse o pássaro. Indie sabe como as coisas funcionam e se movem, mas tão poucas pessoas a entendem... Ela é a pessoa mais solitária que já conheci.

Sempre foi assim?

— Indie — questiono —, *you* pegou um tubo da caverna?

— Claro — concorda ela.

— Quantos? — indago.

— Apenas um.

— Quem?

— Só alguém — desconversa Indie.

— Onde você o escondeu?

— Não fiquei com ele por muito tempo. Ele se perdeu na água, quando descemos o riacho até a Insurreição.

Indie não está dizendo toda a verdade. Não sei

dizer onde está a mentira, mas não tem jeito de fazê-la falar de alguma coisa quando está firme em manter sua própria decisão.

— Você e Hunter foram os únicos que não fizeram isso — conclui Indie. — Quero dizer, pegar um dos tubos.

Claro. Porque eu e Hunter aceitamos a verdade sobre a morte.

— Já vi pessoas mortas — lembro a ela. — Você também. Quando elas estão mortas, elas se foram. Não se pode trazê-las de volta.

Somos nós que estamos vivos. Aqui. Com tudo a perder.

— E se você precisasse levar alguma coisa sobre os muros da barricada? — sugiro, mudando de assunto. — Você diria que é impossível?

— Claro que não — retruca ela. Exatamente como eu sabia que faria. — Tem várias formas de se fazer isso.

— Como o quê? — insisto. Estou sorrindo. Não

posso evitar.

— Escalada — responde Indie.

— Eles veriam a gente.

— Não se formos rápidos — diz ela. — Ou podemos voar.

— Eles nos pegariam com certeza, desse jeito.

— Não se for o Piloto que nos mandar lá para dentro — fala Indie.

Xander

Sempre há um sentimento de excitação no centro médico quando a cura chega. É um dos poucos momentos em que vemos pessoas que *realmente* são de fora da barricada. Nós temos médicos e pacientes entrando aqui o tempo todo, mas os pilotos e mensageiros que trazem a cura são diferentes. Eles não estão presos ao centro médico ou mesmo a Camas.

Há uma chance de vermos o Piloto. Corre o rumor de que ele mesmo traz algumas das curas de Camas. Aparentemente, a aterrissagem dentro da nossa barricada é uma das que apenas os melhores pilotos conseguem realizar.

A primeira nave desce do céu sobre a rua que

eles usam como pista de pouso. O piloto para a nave só a alguns metros das escadas de mármore da Prefeitura.

— Não sei como eles fazem isso — diz um dos curadores espantado, balançando a cabeça.

— Nem eu — concordo. A nave vira e vem em nossa direção. Ela segue bem mais devagar no solo do que no ar. Enquanto a observo vir, me pergunto se algum dia terei a chance de voar em uma dessas. Há tantas coisas a se esperar para depois que curarmos todo mundo...

Nós, curadores, abrimos as caixas no centro de armazenamento médico e escaneamos os tubos com os miniportais. *Bip. Bip. Bip.* Os agentes da Insurreição das naves trazem as caixas, uma após a outra.

Termino de escanear os tubos da primeira caixa. Tão logo isso acontece, aparece outra na minha frente.

— Obrigado — digo, me esticando para pegá-la do agente.

Olho para cima.

É Ky.

— Carrow — cumprimenta ele.

— Markham — retruco. É esquisito usar seu sobrenome. — Você está na Insurreição.

— Claro — retruca ele. — Sempre.

Ele sorri para mim, porque ambos sabemos que é uma mentira. Há milhares de coisas que quero perguntar a ele, mas não temos tempo. Temos que manter os suprimentos em movimento.

De repente, aquilo não parece mais a coisa mais importante do mundo. Quero perguntar a ele como e onde ela está, e se ele teve notícias dela.

— É bom te ver — continua ele.

— Você também — digo. E é verdade. Ky estende a mão para apertar a minha e nos cumprimentamos com firmeza, e eu o sinto pressionar um pedaço de papel na minha palma.

— É dela — Ky avisa em voz baixa, para que os outros não possam ouvir. Antes que alguém possa nos dizer para voltarmos ao trabalho, ele vai em direção à porta. Depois que desaparece, dou uma espiada no resto do pessoal entregando a cura e vejo uma garota ruiva me observando.

— Você não me conhece — afirma ela.

— Não — digo.

Ela inclina a cabeça, me examinando.

— Meu nome é Indie — conta ela. Indie sorri e isso a torna bonita. Sorrio de volta e então ela se vai também.

Enfio o papel no bolso. Ky não volta, pelo menos não que eu veja. Não posso evitar me sentir como quando estávamos jogando nas mesas lá do Bairro, quando ele estava entregando o jogo e eu era o único que sabia. Nós temos outro segredo. O que diz o papel? Queria poder ler agora, mas meu turno ainda não acabou. Quando você está trabalhando, não há tempo para mais nada.

Ky e eu fomos amigos quase desde o começo do seu tempo no Bairro. No início, eu tinha inveja dele. Eu o desafiei a roubar os comprimidos vermelhos, e ele aceitou. Depois disso, nós passamos a nos respeitar.

Eu me lembro de outro momento de quando Ky e eu éramos mais jovens. A gente devia ter uns 13 anos, e estávamos apaixonados por Cassia. Nós ficamos conversando próximo à casa dela, fingindo ligar para o que o outro estava dizendo, mas realmente esperando vê-la quando ela chegasse em casa.

Em algum momento, paramos de fingir.

— Ela não está vindo — percebi.

— Talvez ela tenha ido visitar seu avô — sugeriu Ky.

Concordei.

— Ela vem para casa em algum momento — afirmou ele. — Então não sei por que importa tanto ela não estar aqui agora.

Bem naquele momento eu soube que sentíamos a mesma coisa. Sabia que amávamos Cassia, se não do mesmo jeito, pelo menos com a mesma intensidade. E a intensidade era: total. Cem por cento.

A Sociedade dizia que números como aquele não existiam, mas nem eu nem Ky nos importávamos. Eu respeitava isso nele também. E sempre admirei a forma como ele nunca se queixava ou ficava aborrecido sobre nada, muito embora a vida não pudesse ter sido fácil para ele no Bairro. A maioria das pessoas de lá o via como uma substituição para outra pessoa.

Tem uma coisa sobre a qual sempre me questionei: o que *realmente* aconteceu com Matthew Markham? A Sociedade disse que ele morreu, mas eu não acredito nisso.

Na noite em que Patrick Markham ficou andando para cima e para baixo na rua com suas roupas de dormir, foi meu pai que saiu e falou com

ele para ir para casa antes que alguém chamasse os Oficiais.

— Ele estava fora de si — sussurrou meu pai para minha mãe, nos degraus da frente, depois de ele ter levado Patrick para casa. Eu ouvi por trás da porta.

— Ele estava dizendo coisas que não poderiam ser verdade.

— O que ele disse? — minha mãe quis saber.

Meu pai não falou por uns momentos. Bem quando achei que ele não iria contar a ela, ele abriu a boca:

— Patrick não parava de me perguntar: *por que eu fiz isso?*

Minha mãe prendeu a respiração. Eu também. Ambos se viraram e me viram através da tela.

— Volta para a cama, Xander — pediu minha mãe. — Não tem nada com o que se preocupar. Patrick está em casa agora.

Meu pai nunca contou aos Oficiais o que

Patrick disse. E a vizinhança soube que Patrick vagou na rua naquela noite porque estava de luto pela morte de seu filho — dessa forma, não havia necessidade de dar um comprimido vermelho a nenhum de nós para explicar. Além disso, sua angústia nos lembrava da necessidade de manter as Anomalias distantes de todo mundo.

Mas eu me lembro do que meu pai sussurrou para minha mãe mais tarde, naquela noite, quando eles foram até o vestíbulo juntos:

— Acho que vi alguma outra coisa nos olhos de Patrick, além do pesar.

— O quê? — perguntou minha mãe.

— Culpa — sugeriu ele.

— Porque foi no trabalho dele que tudo aconteceu? — perguntou ela. — Ele não devia se culpar. Ele não tinha como saber.

— Não — insistiu meu pai. — Era culpa. Culpa consciente e real.

Os dois foram para o quarto e não pude ouvir

mais nada.

Não acho que Patrick tenha matado seu filho. Mas aconteceu alguma coisa lá que não fui capaz de descobrir.

Quando o turno finalmente acaba, vou em direção ao pequeno pátio. Cada ala médica tem um, e é o único lugar onde podemos ter acesso ao ar livre. Estou com sorte: as únicas outras pessoas aqui são um homem e uma mulher imersos em uma conversa. Ando até o outro lado do pátio para dar privacidade a eles e viro de costas, assim eles não podem me ver abrir o papel.

No começo, tudo o que faço é olhar fixamente a caligrafia de Cassia.

É linda. Eu queria saber escrever. Queria que ela tivesse me ensinado. Uma pequena onda de amargura me atravessa, como se alguém a tivesse injetado direto nas minhas veias com uma seringa. Mas eu sei como superar o sentimento: lembrar-me

disso não adianta nada. Eu fiquei desgostoso antes por perdê-la, e nunca me levou a lugar nenhum. O mais importante é que esse não é o tipo de pessoa que eu passei a vida tentando me tornar.

Leva só alguns instantes para que eu decifre o código — uma substituição básica de cifra, como aprendemos quando éramos crianças e a Sociedade nos testava para ver quem podia classificar melhor. Será que alguém decodificou antes de a mensagem chegar a mim? Ky leu?

Xander, Cassia escreveu, eu queria te dizer que estou bem, e queria te dizer outras coisas também. Primeiro de tudo, nunca tome um dos comprimidos azuis. Sei que a Insurreição levou os comprimidos embora, mas se você cruzar com qualquer um dos azuis de alguma forma, livre-se deles. Eles podem matar.

Espera. Eu leio de novo. Isso não pode estar certo. Pode? Os comprimidos azuis deveriam nos

salvar. A Insurreição teria me dito se isso não fosse verdade. Não teria? Eles sabem? Sua próxima frase me diz que eles sabem.

Parece ser de conhecimento comum dentro da Insurreição que os comprimidos azuis são tóxicos, mas eu não queria que houvesse a chance de que você descobrisse por conta própria. Tentei te contar no terminal, e acho que você entendeu, mas depois me preocupei de que talvez não. A Sociedade nos disse que os comprimidos iriam nos salvar, mas eles mentiram. Os azuis te paralisam e te deixam imóvel. Se ninguém o salvar, você morre. Eu vi acontecer nos cânions.

Cassia viu acontecer. Então ela tem certeza.

Há algo a respeito do azul. Ela tentou me dizer. Eu me sinto mal. *Por que a Insurreição não me avisou?* Os comprimidos poderiam tê-la matado. E teria sido minha culpa. Como pude cometer esse

tipo de erro?

O casal no pátio está falando mais alto agora. Eu viro as costas para eles. Continuo lendo, minha mente disparada. Sua próxima frase me dá certo alívio: pelo menos eu não estava errado sobre ela estar na Insurreição.

Eu estou na Insurreição.

Tentei te contar isso também.

Eu deveria ter escrito antes, mas você era um Oficial. Não quis arriscar te criar problemas. E você nunca tinha visto minha caligrafia. Como você ia saber que a mensagem era minha, mesmo que os Arquivistas dissessem que era? E então eu descobri um jeito de fazer a mensagem chegar até você — através de Ky. Ele já viu minha caligrafia. Ele pode te dizer que isso realmente veio de mim.

Sei que você está na Insurreição. Eu entendi o que você estava tentando me dizer através do terminal. Eu deveria ter percebido — você

sempre foi o primeiro de nós a fazer a coisa certa.

Tem mais uma coisa que eu queria te dizer pessoalmente, que eu não queria escrever em uma carta. Queria falar com você cara a cara. Mas agora acho que deveria escrever para você afinal de contas, no caso de ainda demorar algum tempo até nos encontrarmos.

Sei que você me ama. Eu te amo e sempre vou amar, mas —

Acaba aqui. Danos causados por água tornaram o resto da mensagem enrugada e ilegível. Por um momento vejo tudo vermelho. Como ela poderia ter sido convenientemente estragada bem nesse ponto crucial? O que ela ia dizer? Ela disse que sempre me amaria, *mas —*

Parte de mim queria que a mensagem acabasse bem ali, antes daquela última palavra.

O que aconteceu? O papel estragou por acidente? Ou Ky poderia ter feito isso de

propósito? Ky jogava limpo nas brincadeiras. Era melhor que estivesse jogando limpo agora.

Dobro o papel de volta e coloco no bolso. Nos minutos em que fiquei lendo a mensagem, a luz se foi. O sol deve ter mergulhado abaixo do horizonte, além dos muros da barricada. A porta para o pátio se abre e Lei entra, bem na hora que o casal sai.

— Carrow — chama ela. — Estava esperando achar você.

— Alguma coisa errada? — questiono. Não vejo Lei há muitos dias. Uma vez que ela não era parte da Insurreição desde o começo, então está trabalhando como curadora, e sim como assistente médica geral, designada a qualquer equipe e turno que precise mais dela.

— Não — responde Lei. — Tudo bem. É bom trabalhar com os pacientes. E você?

— Tudo bem também — afirmo.

Lei olha para mim e vejo em seus olhos a

mesma dúvida que eu sei que havia nos meus quando tive que decidir se responderia por ela ou não. Ela está se perguntando se pode confiar em mim e se realmente me conhece.

— Eu queria te perguntar — diz Lei finalmente — sobre a marca vermelha que os pacientes têm nas costas. O que ela é?

— É uma pequena infecção nos nervos — esclareço. — Acontece junto com as dermatoses nas costas ou no pescoço, quando o vírus está ativo. — Faço uma pausa, mas ela é parte da Insurreição agora, então posso contar tudo a ela. — A Insurreição disse para alguns de nós que procurássemos por ela por ser um sinal evidente da Praga.

— E só acomete as pessoas que realmente ficaram doentes.

— Isso mesmo — confirmo. — A forma morta do vírus que eles dão nas imunizações não leva de forma alguma a nenhum dos sintomas

significativos. Mas quando a pessoa é infectada com o vírus *vivo* da Praga, ele ataca os nervos, provocando aquela marquinha vermelha.

— Você tem visto alguma coisa anormal? — indaga Lei. — Quaisquer variações do vírus básico? — Ela está tentando entender a Praga por conta própria, e não aceitando o que a Insurreição afirma como certo. O que deveria me deixar desconfortável sobre ter me responsabilizado por ela, mas não deixa.

— Na verdade, não — nego. — De vez em quando nós realmente temos pessoas que chegam antes de estarem completamente imóveis. Tive um paciente que estava falando comigo enquanto eu lhe dava a cura.

— O que ele disse? — pergunta ela.

— Ele queria que eu promettesse que ia ficar bem — respondo. — Então eu prometi.

Lei assente e então percebo quão exausta ela parece estar.

— Você tem um turno de descanso agora? — indago.

— Não pelas próximas horas — diz ela. — Não importa muito, de qualquer forma. Não tenho dormido bem desde que ele se foi e nem consigo sonhar. De certa forma, essa é a pior parte de ele ter ido.

Eu entendo.

— Porque, se você não pode sonhar, não pode fingir que ele está aqui — sugiro. Isso é o que *eu* faço quando durmo: volto ao Bairro, com Cassia.

— Não — conclui Lei. — Não posso.

Ela olha para mim e escuto o que ela não diz. *Seu Par se foi e nada mais é o mesmo.*

Então ela se inclina mais para perto e, para minha surpresa, coloca uma mão em meu rosto, muito rapidamente. É a primeira vez que alguém faz isso desde Cassia, e tenho que resistir a ceder ao toque de Lei.

— Seus olhos são azuis — comenta ela. Em

seguida, puxa a mão de volta. — Assim como os
dele. — Sua voz é solitária e cheia de anseio: por
ele.

Cassia

No começo, a área próxima ao Museu parece vazia, e eu cerro os dentes em frustração. Como poderei sair da Central, se ninguém está negociando? Eu preciso das comissões.

Seja paciente, lembro a mim mesma. Nunca se sabe quando alguém pode estar olhando, esperando para decidir se eles querem ou não falar. Sou a única negociante aqui nesse momento, o que não vai durar muito. Outros virão.

Vejo movimento pelo canto do olho, e uma garota de cabelos loiros e curtos e olhos bonitos aparece na esquina do Museu. Suas mãos estão em concha à sua frente, segurando alguma coisa. Por um momento penso em Indie e em seu ninho de

vaspas e em quão cuidadosamente ela sempre o carregava nos cânions.

A garota se aproxima.

— Posso falar com você?— pergunta ela.

— Claro — afirmo. Nos últimos tempos, nós praticamente nos livramos das senhas de perguntar sobre a história da Sociedade. Não há mais muita necessidade disso.

A menina estica as mãos, e ali, sentado nelas, está um passarinho marrom e verde.

É tão estranho que por um minuto eu encaro o passarinho, que não se mexe de jeito nenhum, exceto por suas penas que são balançadas levemente pelo vento.

Elas são de um tom de verde que eu reconheço.

— Eu fiz isso — conta a garota — para agradecer pelas palavras que você escreveu para o meu irmão. Aqui.

Ela me dá o pássaro. É minúsculo, esculpido em lama, e em seguida seco. Ele parece pesado e

terroso na minha palma, e as penas, pequenos pedaços rasgados de seda verde, apenas cobrem as asas.

— É lindo — afirmo. — As penas, elas são...

— Do quadrado de seda que a Sociedade me enviou após meu Banquete, há alguns meses — explica ela. — Eu achei que não precisava mais dele.

Ela também veste verde.

— Não aperta muito o pássaro — avisa a menina —, pode te cortar. — E então ela me puxa para fora da sombra da árvore, e as partes do pássaro que não estão com penas tornam-se cintilantes. Elas reluzem ao sol.

— Tive que quebrar o vidro para tirar a seda — conta ela —, então eu pensei que podia usá-lo também. Eu o esmaguei e em seguida, quando fiz o pássaro, rolei-o nos fragmentos. Eles são quase tão pequenos quanto areia.

Eu fecho os olhos. Fiz uma coisa parecida no

Bairro, quando dei a Ky o pedaço do meu vestido. Lembro-me claramente do *estalo*, quando quebrei o vidro do retalho.

O passarinho brilha e parece se mover. Brilho de vidro, penas de seda.

Parece tanto estar vivo que sinto um impulso momentâneo de arremessá-lo ao céu, para ver se ele voa. Mas sei que vou apenas ouvir o baque da argila e ver a dispersão do verde quando ele bater no chão; o formato que faz dele um *pássaro*, uma *coisa voadora*, destruído. Assim, eu o seguro cuidadosamente e deixo esse conhecimento crescer dentro de mim como uma canção.

Não sou a única escrevendo.

Não sou a única criando.

A Sociedade tirou tanto de nós, mas ainda ouvimos rumores de música, indícios de poesia; ainda vemos insinuações de arte no mundo ao nosso redor. Eles nunca realmente nos impediram de tudo isso. Nós internalizamos, às vezes sem

saber, e muitos ainda desejam uma forma de botar para fora.

Compreendo de novo que não precisamos *negociar* nossa arte — nós podemos dar ou compartilhar. Alguém poderia trazer um poema, outro uma pintura. Mesmo que não levássemos nada conosco, nós todos teríamos mais por ter olhado para algo bonito ou ter ouvido algo verdadeiro.

A brisa faz as penas verdes do pássaro dançarem.

— É bonito demais — digo — para manter só para mim.

— É como me sinto sobre seu poema — concorda ela avidamente. — Eu queria mostrá-lo para todo mundo.

— E se a gente tivesse um jeito de fazer isso? — sugiro. — E se pudéssemos nos reunir e todo mundo pudesse trazer o que cada um fez?

Onde?

O Museu é o primeiro lugar que me vem à mente, e eu viro e olho para suas portas tapadas. Se pudéssemos achar um jeito de entrar, o Museu tem caixas-vitrine e luzes douradas incandescentes. Elas estão quebradas, mas talvez desse para consertar. Eu me imagino abrindo uma das caixas-vitrine e prendendo meus poemas dentro, e então chegando para trás para olhar.

Um pequeno calafrio passa por mim. Não. Esse não é o lugar.

Eu me volto e a garota me observa, seu olhar direto e avaliador.

— Meu nome é Dalton Fuller — diz.

Como negociantes, nós não devemos fornecer nossos nomes, mas eu não estou negociando.

— Meu nome é Cassia Reys.

— Eu sei — retruca ela. — Você assinou no poema que escreveu. — Ela faz uma pausa. — Acho que tenho um lugar que vai funcionar.

— Ninguém vem aqui — explica ela — por causa do cheiro. Mas está começando a melhorar.

Nós estamos de pé na beirada do pântano que dá no lago. Estamos longe o suficiente para só podermos ver a margem, não o que poderia ser banhado por ela.

Eu me perguntei sobre aqueles peixes mortos se chocando contra a doca, minhas canelas e minhas mãos — será que esse foi um último esforço da parte da Sociedade para envenenar ainda mais água, da mesma forma que eles fizeram nas Províncias Exteriores e no território Inimigo? Mas por que a Sociedade faria uma coisa dessas em seu próprio lago?

À medida que a Insurreição curou a Praga, eles tornaram a zona imóvel menor. Eu vi as aeronaves içando pedaços da barricada ao céu, juntando mais os outros pedaços. Alguns dos edifícios que uma vez estiveram dentro da barricada agora estão de volta fora dela.

A Insurreição trouxe os pedaços da barricada não utilizados para fora, até esse terreno vazio próximo ao lago. Separados, os pedaços brancos do muro parecem eles mesmos arte — sinuosos e enormes, como plumas largadas na Terra por seres gigantes e depois transformadas em mármore, como ossos saindo do chão e então transformados em pedra. São um cânion despedaçado, com espaços para andar entre eles.

— Eu vi isso de cima, nas plataformas de trem aéreo — lembro —, mas não sabia como eram assim de pertinho.

Em um lugar, eles deixaram cair dois pedaços mais próximos do que os outros. Os pedaços formam o que parece um longo corredor, se curvando um em direção ao outro, mas sem se tocar no topo. Eu ando por entre eles, e o espaço embaixo é frio e um pouquinho escuro, com uma linha definida de céu azul fluindo de luz por cima. Coloco a mão contra o pedaço da barricada e olho

para cima.

— Ainda vai entrar água aqui — avisa Dalton.
— Mas é coberto o suficiente e eu acho que vai funcionar.

— A gente podia colocar os desenhos e poemas nos muros — digo e ela concorda. — E construir algum tipo de plataforma para sustentar coisas como seu passarinho.

E se alguém soubesse como cantar, podia vir aqui e nós escutaríamos. Fico parada ali imaginando música ecoando pelas paredes e do lado de fora, sobre o arruinado e solitário lago.

Sei que preciso continuar negociando para chegar até minha família, e classificando para manter meu lugar na Insurreição, mas isso também parece algo que tenho que fazer. Acho que o Vovô entenderia.

PARTE TRÊS

CURADOR

Xander

— Estou mandando um novo grupo de pacientes para você — avisa o curador-chefe pelo miniterminal.

— Que bom — respondo. — Estamos prontos para eles. Agora temos leitos vazios. Depois de três meses de Praga, as coisas finalmente estão desacelerando, e muito disso tem a ver com o aumento de imunizações fornecido pela Insurreição. Os médicos, pilotos e trabalhadores deram seu melhor e salvamos centenas de milhares de pessoas. É uma honra fazer parte da Insurreição.

Vou até as portas, para deixar os médicos de transferência entrarem.

— Parece que temos um pequeno surto em um dos subúrbios — comenta um dos médicos, abrindo caminho e se segurando na borda de uma maca. O suor escorre do seu rosto, e ele parece exausto. Eu admiro os médicos de transferência mais do que qualquer outra pessoa na Insurreição.

— Acho que de alguma forma eles perderam as imunizações.

— Pode colocar ele aqui — digo, apontando. Eles transferem o paciente da maca para o leito. Uma das enfermeiras começa a colocar um avental no paciente e escuto sua exclamação de surpresa.

— O que foi? — pergunto.

— A mancha — diz ela. Aponta para o paciente, e vejo faixas vermelhas atravessando seu peito. — Está grave nesse aqui.

Embora a marquinha vermelha seja mais comum, de vez em quando vemos a mancha se estender ao longo do dorso.

— Vamos virá-lo e verificar as costas —

ordeno.

Nós fazemos isso. A mancha continua nas costas do paciente. Olho para baixo, para o miniterminal, para inserir a informação.

— Os outros também estão assim? — questiono.

— Não que a gente tenha percebido — fala o médico.

Os médicos e eu examinamos os outros novos pacientes. Nenhum deles apresenta uma mancha tão grande, ou nem mesmo possui as marquinhas vermelhas.

— Provavelmente não é nada — tranquilizo —, mas vou chamar um dos virologistas.

Não demora muito para o virologista aparecer.

— O que temos aí? — pergunta com o tom confiante. Não tive muita interação com ele, mas o conheço de vista e pela reputação como um dos melhores médicos pesquisadores da Insurreição.

— É uma variação?

— Parece que sim — afirmo. — A erupção viral aguda, que antes era pequena e localizada, agora está se manifestando em dermatoses por todo o dorso.

O virologista me olha surpreso, como se não esperasse que eu utilizasse a linguagem correta. Mas já estou aqui há três meses. Sei quais palavras usar e, mais importante do que isso, sei o que elas significam.

Nós já estamos de máscaras e luvas por padrão. O virologista alcança uma caixa e retira uma cura.

— Me consiga um monitor de sinais vitais — diz ele a um dos outros médicos. — E você — continua, virando-se para mim —, retire uma amostra de sangue e coloque nele um acesso venoso. Não é nada inesperado — explica ele enquanto eu insiro a agulha na veia do homem. O curador-chefe nos observa do terminal principal na parede. — Víroses mudam o tempo todo. Dá

para ver mutações diferentes de um único vírus aparecendo em diversos tecidos, até no mesmo corpo.

Eu penduro a bolsa de fluidos e nutrientes e começo o gotejamento.

— Para que tenha se desenvolvido uma mutação — prossegue ele —, tem que ter sido aplicado algum tipo de pressão seletiva. Algo que tenha tornado a mutação mais viável do que o vírus original.

Percebo que ele está me ensinando, o que não precisa fazer. E acho que entendo o que ele está dizendo.

— Como uma cura? — pergunto. — Será que poderia ser essa a pressão seletiva? Será que *nós* poderíamos ter dado a esse vírus a oportunidade de se desenvolver?

— Não se preocupe — retruca ele. — É mais provável que a gente tenha um sistema imune respondendo de forma única ao vírus.

Ele olha para o paciente e faz uma notificação no miniterminal. Uma vez que estou atendendo, ela também aparece no meu terminal. *Virar o paciente a cada duas horas, para prevenir dano à pele. Limpar e fechar as áreas afetadas para evitar que a infecção se espalhe.* As instruções são as mesmas para todos os outros pacientes.

— Pobre camarada — comenta ele. — Talvez seja melhor que ele permaneça apagado por um tempo. Ele vai sofrer, antes de se curar.

— A gente devia colocar os pacientes dessa transferência em quarentena em uma parte separada do centro? — pergunto ao curador-chefe pelo terminal.

— Só se você preferir não tê-los na sua ala — responde ele.

— Não — concluo. — Podemos colocá-los de quarentena depois, se necessário.

O virologista concorda.

— Eu te aviso assim que tivermos os resultados

das amostras — diz ele. — Talvez dentro de uma ou duas horas.

— Nesse meio-tempo, comece com a cura em todos eles — ordena o curador-chefe.

— Tudo bem.

— Bom trabalho retirando o sangue — elogia o virologista enquanto sai da sala. — A gente pensaria que você ainda é médico.

— Obrigado — digo.

— Carrow — chama o curador-chefe—, você já está há muito tempo sem fazer uma pausa. Faça uma agora, enquanto eles estão processando a amostra.

— Eu estou bem.

— Você já esticou seu turno uma vez — insiste o curador-chefe, do terminal. — As enfermeiras e os médicos podem lidar com isso.

Comecei a tirar todos os meus intervalos no pátio. Eu até trago minha comida até aqui para comer. É

um pequeno recorte de árvores e flores que estão começando a morrer, porque ninguém tem tempo de cuidar delas, mas pelo menos, quando estou aqui fora, sei se é dia ou noite.

Além disso, acho que se eu ficar no mesmo lugar a maior parte do tempo, há mais chance de eu ver Lei e nós poderemos falar sobre nosso trabalho e sobre o que percebemos.

No começo penso que estou sem sorte, porque ela não está no pátio. Mas aí, bem quando estou terminando minha refeição, a porta se abre e Lei sai.

— Carrow — diz ela, soando satisfeita. Lei também deve ter andado me procurando, o que faz eu me sentir bem. Ela sorri e cumprimenta outras pessoas no pátio.

— Todo mundo descobriu esse lugar.

Lei tem razão. Posso contar pelo menos 14 outras pessoas sentadas ao sol.

— Estava querendo falar com você — digo. —

Aconteceu uma coisa interessante na nossa última transferência.

— O que foi? — pergunta ela.

— Chegou um paciente com uma mancha mais forte.

— Como era?

Conto a ela sobre as lesões e o que o virologista disse. Tento explicar a pressão seletiva, mas não consigo direito. Mesmo assim ela entendeu.

— Então é possível que a *cura* tenha provocado a mutação.

— Se é que é uma mutação — lembro. — Nenhum dos outros pacientes tem uma mancha igual. Claro, pode ser que eles ainda não tenham tido tempo de desenvolver.

— Queria poder ver — diz ela. No começo, acho que ela está falando dos pacientes, mas depois vejo que ela está gesticulando na direção onde as montanhas estariam à vista se os muros

não as estivessem bloqueando. — Sempre quis saber como as pessoas viviam sem ter as montanhas para indicar onde elas estavam.

— Nunca senti falta delas — admito.

Tudo que a gente tinha em Oria era a Colina, e eu nunca realmente dei muita importância a ela. Sempre gostei dos lugares pequenos — o gramado na Primeira Escola, o azul brilhante da piscina. E eu gostava dos bordos no Bairro, antes que eles os derrubassem. Quero construir todas essas coisas de novo, mas dessa vez sem a Sociedade.

— Meu outro nome é Xander — digo repentinamente a Lei, surpreendendo a nós dois. — Acho que eu nunca te disse.

— O meu é Nea — fala ela.

— Bom saber — afirmo. E é mesmo, ainda que a gente não vá quebrar o protocolo e usar nossos primeiros nomes enquanto estivermos trabalhando.

— O que eu mais gosto nele — comenta ela, seu tom e a mudança de assunto quase abruptos —

é que ele nunca tem medo. Exceto quando se apaixonou por mim. Mas, mesmo então, ele nunca retrocedeu.

Levo um tempo maior do que o normal para pensar na coisa certa a dizer, e antes que diga alguma coisa, Lei fala de novo:

— Então, o que você gosta nela? — indaga. — *Seu Par?*

— Todas as coisas — respondo. — Tudo. — Levanto as mãos do lado do meu corpo. De novo, estou sem palavras. É um sentimento nada familiar e não tenho certeza de por que é tão difícil falar sobre Cassia.

Acho que Lei vai ficar frustrada comigo, mas ela não fica. Ela concorda.

— Eu entendo isso também — afirma.

Meu tempo se esgota e meu intervalo acaba.

— Tenho que voltar — aviso. — Hora de ver como eles todos estão.

— Isso tudo vem muito naturalmente para você

— diz Lei. — Não é?

— O que você quer dizer? — pergunto.

— Cuidar das pessoas. — Ela está olhando na direção das montanhas de novo. — Onde você estava morando no verão passado? — quer saber ela. — Você já tinha sido designado para Camas?

— Não — respondo. Nessa época, eu estava em casa, em Oria, tentando fazer Cassia se apaixonar por mim. Parece que foi há muito tempo. — Por quê?

— Você me lembra um tipo de peixe que vai ao rio durante o verão — explica ela.

Eu rio.

— Isso é uma coisa boa?

Lei está sorrindo, mas parece triste.

— Eles fazem o caminho todo, desde o mar.

— Isso parece impossível — comento.

— É impossível — afirma ela. — Mas eles fazem assim mesmo. E eles mudam completamente durante a jornada. Quando eles vivem no oceano,

são azuis com costas prateadas. Mas no momento em que chegam aqui, estão descontroladamente coloridos, vermelho brilhante com cabeças verdes.

Não tenho certeza sobre o que ela acha que isso tem a ver comigo.

Lei tenta explicar:

— O que estou tentando dizer é que você encontrou seu caminho para casa. Você nasceu para ajudar as pessoas, e você vai encontrar uma forma de fazer isso, não importa onde esteja. Do mesmo modo que os peixes vermelhos nasceram para achar seu caminho de volta ao oceano.

— Obrigado — digo.

Por um segundo, cogito contar tudo a ela, incluindo o que eu realmente fiz para conseguir os comprimidos azuis. Mas não conto.

— Hora de voltar para o trabalho — informo a Lei, despejo o resto da água do meu cantil sobre as rosas novas próximas ao nosso banco e vou em direção à porta.

Ando por trás das casas do Bairro de Mapletree, próximo aos trilhos de entrega de comida. Mesmo sendo tarde e não havendo entrega de refeições, posso ouvir o suave raspar dos carrinhos em minha mente. Quando passo pela casa de Cassia, quero me esticar e tocar uma das persianas ou bater em uma janela, mas é claro que não faço isso.

Vou até a área comum do Bairro, onde as áreas de recreação são agregadas, e antes mesmo que eu tenha tempo de me perguntar onde o Arquivista está, ele aparece do meu lado.

— Nós estamos bem atrás da piscina — diz ele.

— Eu sei — retruco. Essa é minha vizinhança e sei exatamente onde estou. A borda branca e aguda do trampolim alto paira em frente a nós. Nossas vozes sussurrando na noite úmida, soando como asas de gafanhotos chiando.

Ele escala sobre a cerca rapidamente e eu o

sigo. Quase digo “a piscina está fechada. Nós não podemos ficar aqui”, mas, obviamente, nós estamos.

Um grupo de pessoas aguarda sob um trampolim alto.

— Tudo o que você tem que fazer é retirar o sangue deles — informa o Arquivista.

— Por quê? — pergunto, gelando.

— Nós estamos pegando amostras de preservação de tecido — conta o Arquivista. — Nós todos queremos o controle de nós mesmos. Você sabe disso.

— Pensei que estávamos retirando as amostras do jeito comum — digo. — Com cotonetes, não agulhas. Você só precisa de um pouco de tecido.

— Dessa forma é melhor — fala o Arquivista.

— Vocês não estão roubando de nós, do jeito que a Sociedade faz — uma das mulheres me diz, sua voz baixa e calma. — Vocês estão retirando

nosso sangue e devolvendo. — Ela levanta o braço. — Estou pronta.

O Arquivista me entrega uma caixa. Quando a abro, vejo tubos estéreis e seringas lacradas em plástico.

— Vá em frente — ele incentiva. — Está tudo arranjado. Eu tenho os comprimidos para lhe dar quando terminar. Você não precisa saber nada mais do que isso.

O homem está certo. Eu não quero tentar entender o complicado sistema de trocas e equilíbrio. E eu certamente não quero saber o que essas pessoas pagaram para estarem aqui. Será que uma negociação como essa é sancionada pelos outros Arquivistas, ou esse homem está conduzindo transações à parte? No que foi que eu tropecei? Não tinha percebido que o mercado negro de sangue seria o preço pelos comprimidos azuis.

— Você vai ser pego — aviso.

— Não — diz ele. — Não vou.

— Por favor — pede a mulher. — Eu quero ir para casa.

Coloco um par de luvas e preparo uma seringa. A mulher mantém os olhos fechados o tempo todo. Deslizo a agulha da seringa em sua veia próxima à curva do cotovelo. Ela faz um som assustado.

— Quase terminado — aviso. — Aguenta firme. — Retiro a seringa e a levanto. Seu sangue é negro.

— Obrigada — diz ela, e o Arquivista lhe entrega um pedaço de algodão que ela pressiona na parte interna do braço.

Quando termino, o Arquivista me dá os comprimidos azuis. E então ele avisa aos outros:

— Nós estaremos aqui de novo na próxima semana. Tragam suas crianças. Vocês não querem ter certeza de ter amostras para elas também?

— *Eu não vou estar aqui na próxima semana*
— *informo ao Arquivista.*

— *Por que não? — estranha ele. — Você está*
prestando um serviço a eles.

— *Não — discordo. — Não estou. Não existe*
ciência ainda para trazer as pessoas de volta.

Se existisse, penso, tenho certeza de que as
pessoas a usariam. Como Patrick e Aida
Markham. Se houvesse um jeito de trazer seu
filho de volta, eles o fariam.

De volta em casa, usando um pequeno bisturi
roubado do centro médico, realizo a única
cirurgia que provavelmente farei na vida,
talhando muito cuidadosamente ao longo das
costas dos comprimidos, cortando o papel do
terminal dos Arquivistas em tiras, inserindo-os e
em seguida segurando as embalagens sobre o
incinerador para derreter novamente o adesivo
junto.

Levou quase a noite toda e pela manhã

acordei com o som de gritos no Bairro, enquanto eles levavam Ky embora. Não muito depois disso, Cassia partiu também e me agradeceu; ela tinha comprimidos azuis para levar com ela.

Ando de volta até minha ala para verificar os pacientes.

— Alguma reação adversa à cura? — indago.

A enfermeira balança a cabeça.

— Não. Cinco deles estão respondendo bem.

Mas o resto, incluindo o paciente com a mancha no corpo, não está. Mas ainda é cedo, óbvio.

Ela não precisa articular o que nós dois sabemos: normalmente já teríamos visto algum tipo de resposta até agora. Isso não é bom.

— Mais alguém manifestou a mancha?

— Nós não verificamos desde que eles deram a entrada — confessa ela. — Tem menos de uma hora.

— Vamos fazer isso agora — sugiro.

Nós viramos um dos pacientes cuidadosamente. Nada. Viramos outro. Nada.

Mas a mancha da terceira paciente marca seu corpo inteiro. Suas lesões ainda não estão tão vermelhas quanto aquelas do primeiro paciente, mas a reação é certamente atípica.

— Chame o virologista — ordeno a um dos médicos. Cuidadosamente, viramos a mulher de volta e eu prendo a respiração. Sangue vaza de sua boca e seu nariz.

— Temos um paciente com sintomas diferentes — informo ao curador-chefe pelo terminal. Antes que ele possa responder, outra voz sai pelo miniterminal. É o virologista.

— Carrow?

— Sim?

— Eu analisei o genoma viral retirado do paciente com a erupção circunferencial — diz ele.

— Ele revela uma cópia adicional do invólucro de inserção neural do gene de proteína. Você entende

o que estou dizendo?

Eu entendo.

Nós temos uma mutação nas mãos.

Cassia

Ao anoitecer, a luz do final da tarde torna o branco da barricada cor de ouro, e o céu está limpo e azul, exceto pelo ponto onde o sol se põe além do horizonte. É quando nós nos reunimos, mais de nós a cada dia. Uma pessoa avisa duas pessoas, que avisam quatro, e isso aumenta exponencialmente, e dentro de poucas semanas depois que começamos, temos o que eu acho que seja uma viralização de nós mesmos.

Não sei quem começou a se referir a esse lugar como a Galeria, mas o nome pegou. Estou feliz de que as pessoas se importem o suficiente para nomeá-la. Gosto especificamente quando escuto os sussurros daqueles que estão aqui pela primeira

vez, que ficam parados em frente à parede com as mãos sobre a boca e lágrimas em seus olhos. Embora eu possa estar errada, acho que muitos deles se sentem como eu, toda vez que venho aqui.

Eu não estou sozinha.

Se eu tenho um pouco de tempo e posso ficar um pouco, mostro a quem quer que queira aprender como escrever. Uma vez que tenham me visto fazer isso, eles fazem suas próprias marcas; desajeitados no começo, e em seguida precisos, confiantes.

Ensino para eles a letra de imprensa, não a letra cursiva enfeitada que Ky me ensinou. A letra de imprensa é mais fácil por causa das linhas separadas, distintas. É escrever junto — a escrita sem cessar e o movimento contínuo — que é mais difícil aprender, que parece tão estranho em nossas mãos. De vez em quando eu escrevo em cursiva, assim não perco a sensação de conexão com o que estou escrevendo, e mais importante,

com Ky. Quando escrevo sem levantar o graveto do chão ou o lápis do papel, me lembro de Hunter e seu povo, como eles desenhavam as linhas azuis em suas peles e depois sobre a pessoa seguinte.

— Assim é mais difícil — diz um homem me observando escrever em cursiva. — Mas do jeito normal, não é ruim.

— Não — digo.

— Então por que nós não fazemos isso sempre? — pergunta ele.

— Acho que algumas pessoas fazem — respondo, e ele concorda.

Temos que ser cuidadosos. Ainda há focos de simpatizantes à Sociedade que querem brigar e destruir, e eles podem ser perigosos. A Insurreição em si não proibiu de nos reunirmos desse jeito, mas o Piloto pediu que todo mundo focasse a atenção em completar nosso trabalho e exterminar a Praga. Ele nos diz que salvar as pessoas é o que mais importa, e eu acredito que isso seja verdade,

mas acho que aqui na Galeria também estamos salvando a nós mesmos. Muitas pessoas esperaram muito tempo para criar ou tiveram que esconder o que fazem.

Nós trazemos o que quer que tenhamos feito para a Galeria. Existem muitos desenhos e poemas pregados à parede com seiva das árvores. Parecem bandeiras esfarrapadas — papel dos terminais, guardanapos e até pedaços rasgados de pano.

Há uma mulher que esculpe padrões em pedaços de madeira e em seguida os escurece com cinzas carbonizadas, e pressiona os pedaços contra o papel, imprimindo seu mundo nos nossos.

Há um homem que deve ter sido um Oficial uma vez, que pega todos os seus uniformes brancos e encontra um jeito de colocar diversas cores neles. Ele corta o tecido em peças e faz vestimentas em um estilo diferente de qualquer um que eu já tenha visto, com ângulos e floreios e linhas que são

inesperadas e retas. Ele pendura suas criações no topo da Galeria, e elas parecem as promessas de quem a gente pode ser no futuro.

Há Dalton, que sempre traz artesanato que é bonito e curioso, decorado com peças de outras coisas. Hoje ela trouxe uma pessoa criada de pedacinhos de tecido e papel rasgados e então reconstruídos em alguma coisa maior com pedras para os olhos e sementes como dentes, e é bonito e terrível.

— Oh, Dalton! — exclamo.

A mulher sorri e eu me aproximo para olhar melhor. Sinto o cheiro penetrante da seiva de árvore que ela usa para juntar os pedaços de suas criações.

— Existe um rumor — diz Dalton suavemente — de que quando escurecer alguém vai cantar.

— Nós temos certeza dessa vez? — pergunto. Já ouvimos esse rumor antes. Mas nunca parece acontecer. Poemas e artesanato são mais fáceis de

deixar; nós não *temos* que ficar de pé diante dos outros e ver seus rostos enquanto oferecemos o que temos para dar.

Antes que Dalton possa responder, há alguém junto ao meu cotovelo. Eu me viro, e lá está um Arquivista que conheço. O pânico se instala por um momento — como ele encontrou a Galeria? Então eu me lembro de que os Arquivistas não são a Sociedade, e que também nós não estamos competindo com os Arquivistas por negociações. Esse é um lugar para compartilhar.

Ele retira algo branco de dentro do casaco e me entrega. Um pedaço de papel. Poderia ser uma mensagem de Ky? Ou de Xander? O que Xander achou da *minha* mensagem? Aquelas foram as palavras mais difíceis que tive que escrever. Começo a abrir o papel.

— Não leia — pede o Arquivista, soando embaraçado. — Não enquanto estou aqui. Eu estava pensando, você pode esperar um pouco?

Depois que eu for embora? É uma história que eu escrevi.

— Claro — prometo a ele. — Vou ler hoje à noite.

Não deveria ter presumido que ele era apenas um Arquivista. É claro que ele também poderia ter algo a adicionar à Galeria.

— As pessoas nos procuram perguntando se há algum valor no que elas fazem — diz ele. — Eu tenho que dizer a elas que não há. Não para nós. Eu as envio para você. Mas não sei como você chama esse lugar.

Por um momento, eu hesito, e então lembro a mim mesma que a Galeria não é um segredo, não pode ser escondido.

— Nós o chamamos de Galeria — conto.

O Arquivista concorda.

— Vocês deveriam ser cuidadosos ao se reunirem em grupos — avisa ele. — Há rumores de que a Praga sofreu mutação.

— Nós temos ouvido esses rumores há semanas — afirmo.

— Eu sei — concorda ele —, mas algum dia eles podem ser verdadeiros. Por isso eu vim essa noite. Eu tinha que escrever isso no caso de a gente não ter mais.

Eu entendo. Aprendi que, mesmo sem a Praga ou uma mutação, o tempo é *sempre* curto. Por isso eu tinha que escrever aquelas coisas para Xander, muito embora fosse quase impossível de fazer. Eu tinha que dizer a ele a verdade, porque já que o tempo é curto, não deveria ser desperdiçado esperando:

Sei que você me ama. Eu te amo e sempre vou amar, mas as coisas não podem continuar desse jeito. Elas têm que parar. Você diz que não se importa, que vai esperar por mim, mas eu acho que você realmente se importa, e que você deveria. Porque nós esperamos muito em nossas vidas, Xander. Não espere mais por mim.

Eu desejo amor para você.

Eu espero isso mais do que qualquer outra coisa, talvez ainda mais do que minha própria felicidade.

E de certa forma, talvez isso signifique que eu amo Xander mais do que qualquer um.

CAPÍTULO 16

Ky

— **P**ra onde a gente vai? — pergunta Indie, subindo na nave.

É minha vez de pilotar, então me sento no lugar do piloto.

— Não faço ideia — resmungo. — Como sempre.

Desde que a Insurreição começou para valer, nós paramos de receber nossas missões antecipadamente. Começo a verificar meu equipamento. Indie me ajuda.

— Uma nave mais antiga hoje — percebe ela. — Bom.

Eu aceno concordando. Indie e eu preferimos as naves mais antigas, que podem ser mais

temperamentais do que as novas, mas também nos dão uma sensação diferente. Quando você está pilotando as naves novas, às vezes parece que elas estão te pilotando, e não o contrário.

Tudo está em ordem, então esperamos pelas instruções. Está chovendo de novo e Indie cantarola, parecendo feliz. Ela me faz sorrir.

— É uma coisa boa eles terem nos colocado para voar juntos — admito. — Eu nunca mais te vi no quartel ou no refeitório.

— Tenho estado ocupada — desculpa-se Indie. Ela se aproxima de mim. — Depois que a Praga acabar, você vai pedir para ser treinado como combatente?

É por isso que não tenho visto tanto Indie? Ela está planejando mudar de emprego algum dia? Os combatentes, aqueles que dão cobertura às nossas naves de missões enquanto voamos, têm que treinar por anos. E, é claro, eles têm que aprender a lutar e matar.

— Não — respondo. — E você?

Antes que ela possa responder, nosso plano de voo começa a sair. Indie faz menção de pegá-lo, mas eu o arranco primeiro e ela me mostra a língua, como se fôssemos crianças. Eu olho para os planos e meu coração acelera.

— O que é? — questiona Indie, esticando o pescoço para conseguir ver.

— Vamos para Oria — aviso aturdido.

— Isso é estranho — pondera ela.

E é. A Insurreição não gosta que voemos para Províncias onde já vivemos. Eles acham que vamos querer tentar dar a carga às pessoas que conhecemos, ao invés de deixar a Insurreição distribuir conforme a necessidade. “A tentação é muito grande”, nos diz o comandante.

— Bom, isso pode ser interessante — afirma Indie. — Eles dizem que Oria e a Central são os lugares que mais têm simpatizantes.

Eu me pergunto quem ainda vive lá que eu

conheceria. A família de Cassia foi enviada a Keya, e meus pais foram levados embora. A família de Em ainda vive lá? E os Carrow?

Não vejo Xander desde que entreguei a ele a mensagem de Cassia. Uns dias depois que falei com Indie sobre invadir a barricada da Cidade de Camas, a Insurreição nos enviou para entregar algumas curas. Acho que Indie teve alguma coisa a ver com a designação, mas sempre que pergunto a ela sobre isso, ela dá de ombros.

— Provavelmente eles só queriam ver se a gente consegue aterrissar — diz ela —, já que é uma das mais difíceis dentro de uma Cidade.

Mas ela tem aquele brilho no olho que significa que não está contando a história toda. Eu me preocupo, mas se Indie não quer te dizer alguma coisa é inútil ficar perguntando.

Mas nós fomos para dentro dos muros e ajudamos Caleb com a carga, e eu entreguei a mensagem de Cassia. Foi bom ver Xander de

novo. Ele ficou feliz de me ver também. Imagino quanto tempo isso durou, depois que ele viu que aquela parte da carta estava estragada.

A maior parte do voo, como sempre, é tudo céu.

Depois nós baixamos de altitude. Aponto a nave na direção da barricada. Embora tenha sido a Sociedade que colocou as barreiras brancas, a Insurreição as deixou no lugar para manter uma linha entre os doentes e os saudáveis.

— Oria está igual a qualquer outro lugar — fala Indie, parecendo desapontada.

Nunca pensei nisso assim. Mas ela tem razão. Essa sempre foi a característica mais importante de Oria — ela era tão perfeitamente da Sociedade que era praticamente anônima. Não como Camas, que tem as montanhas para destacá-la, ou Acadia, que tem uma costa rochosa até o Mar Leste, ou a Central, com seus lagos. As Províncias medianas — Oria e Grandia, Bria e Keya — parecem

basicamente as mesmas.

Exceto por uma coisa.

— Nós temos uma Colina — conto a Indie. —
Você vai ver quando nos aproximarmos.

Estou faminto pela visão daquele surgimento de floresta, com suas árvores verdes. Sinto que se não posso ver Cassia, ver a Colina é a segunda melhor coisa. Nós ficamos juntos lá. Nós nos escondemos nas árvores e pela primeira vez nossos lábios se tocaram. Quase posso sentir o vento na pele, e sua mão na minha. Engasgo.

Mas quando pairamos em círculo sobre Oria, nos preparando para aterrissar, não consigo encontrar a Colina na luz sombria da tarde.

É Indie quem a vê.

— Aquela coisa marrom? — aponta ela.

Ela tem razão.

Aquele lugar marrom e descoberto é a Colina.

Começo a baixar a nave. Nós nos aproximamos cada vez mais do solo. As árvores ao longo das

ruas se tornam maiores. O chão vem em nossa direção. Os edifícios tornam-se familiares, ao invés de genéricos.

No último segundo, eu arremeto.

Sinto Indie me olhando. Nunca fiz isso antes, nos meses em que estivemos entregando suprimentos.

— A aterrissagem não parecia certa — informo nos alto-falantes. Acontece. Vai entrar no meu registro como um erro. Mas eu tenho que ver a Colina de novo, mais de perto.

Nós subimos na direção oposta e nos dirigimos à Colina, indo mais baixo do que deveríamos, para que eu possa dar uma boa olhada.

— Alguma coisa errada? — pergunta um dos combatentes pelo alto-falante.

— Não — respondo. — Estou trazendo a nave.

Já vi o que precisava ver. O solo está nu. Foi completamente demolido. Queimado. Massacrado. É como se a Colina nunca tivesse conhecido

árvores. Partes da Colina deslizaram para baixo, não mais escoradas pelas raízes dos organismos vivos.

O pequeno pedaço de seda verde do vestido de Cassia não está mais preso a uma árvore, no topo da Colina, desbotando com o vento, a chuva e o sol. Nossos pedaços de poemas enterrados foram exumados e reenterrados e empurrados para mais longe.

Eles mataram a Colina.

Eu pouso a nave. Atrás de mim, escuto Caleb abrir o compartimento de carga e começar a arrastar as caixas. Sento e olho direto para a frente.

Quero estar de volta lá, na Colina, com Cassia. Quero tanto isso que acho que pode me destruir. Todos esses meses se passaram, e continuamos afastados. Coloco a cabeça nas mãos.

— Ky — chama Indie. — Você está bem? — Ela coloca a mão em meu ombro por um segundo. Então ela solta e, sem me olhar, desce para ajudar Caleb.

Estou grato a ela, tanto pelo toque quanto pelo isolamento, mas nenhum dos dois dura muito.

— Ky? — grita Indie. — Vem ver isso!

— O quê? — pergunto, descendo até o compartimento de carga. Indie aponta para um ponto próximo ao chão, antes escondido pelas caixas. Alguém arranhou o metal da nave e esculpiu imagens nas paredes. Isso me lembra das figuras lá na Escultura.

— Eles estão bebendo o céu — afirma Indie.

Indie está certa. Não é chuva que a figura mostra, não como uma que eu desenhei lá no Bairro. É diferente — pedaços quebrados do céu caindo no chão e pessoas pegando-os e extraindo água deles.

— Me faz ficar com sede.

— Olha — digo, apontando para a figura vinda do céu. — Quem você acha que é?

— O Piloto, claro — afirma ela.

— Você desenhou isso? — questiono Caleb, que apareceu no alto do compartimento de carga, pronto para mais carga.

— Desenhou o quê? — ele quer saber.

— As figuras esculpidas na lateral da nave.

— Não — responde ele. — Deve ter sido um dos outros mensageiros. Eu jamais vandalizaria a propriedade da Insurreição.

Eu entrego outra caixa.

Nós terminamos nossa entrega e vamos em direção à nave. À medida que andamos, Indie fica para trás. Eu me viro e a vejo falando com Caleb. Ele balança a cabeça. Indie se aproxima mais dele. Ela levantou o queixo e sei exatamente como devem estar seus olhos.

Ela o está desafiando com alguma coisa.

Caleb balança a cabeça novamente. Sua postura

está tensa.

— Me diz — escuto ela dizer. — *Agora*. Nós deveríamos saber.

— Não — esquiva-se ele. — Você nem é o piloto desse voo. Me deixa em paz.

— Ky está pilotando — fala ela. — Ele teve que vir até aqui, até sua Província natal. Você sabe como deve ser difícil? E se você tivesse que voltar a Keya, ou seja lá de onde você for? Ele pelo menos deveria saber o que estamos fazendo.

— Estamos trazendo suprimentos — diz ele.

— Isso não é tudo o que estamos fazendo — insiste ela.

Ele desvia dela.

— Se o Piloto quisesse que vocês soubessem — fala por cima do ombro —, vocês iam saber.

— Você sabe que não passa de um mensageiro, mesmo para o Piloto — lembra Indie. — Ele não pensa em você como sendo dele.

Caleb dá um passo atrás e vejo em seu rosto

ódio por Indie.

Porque ela está certa. Ela sabe o que Caleb espera. É o sonho de cada trabalhador órfão, sem pais da Insurreição — deixar o Piloto tão orgulhoso que ele os proclame como seu familiar. É o sonho de Indie também.

Indie me encontra mais tarde no campo próximo ao acampamento. Ela se senta e respira fundo. No começo acho que vai tentar me fazer sentir melhor falando sobre coisas que não importam, mas Indie nunca foi muito boa nisso.

— Podemos tentar — sugere ela. — Podemos fazer uma viagem até a Central, se você quiser.

— Não é uma opção — digo. — Os combatentes iriam nos abater.

— Você tentaria, se não fosse por mim — afirma ela.

— É — concordo. — E por causa de Caleb. — Parei com o egoísmo que me fez deixar todo

mundo para trás nos planos e levar apenas Vick e Eli à Escultura. Caleb é parte do nosso grupo. Quando piloto, ele é minha responsabilidade. Também não posso arriscá-lo. Cassia não iria querer que outras pessoas morressem só para que eu pudesse encontrá-la.

E se o Piloto está dizendo a verdade, isso não importa. A Praga está sob controle. Tudo vai ficar bem logo, e vou encontrar Cassia e ficaremos juntos. Eu *quero* acreditar no Piloto. Algumas vezes eu acredito.

— Lá no acampamento, quando estávamos treinando — lembro —, você voou com ele alguma vez?

— Voei — afirma ela simplesmente. — Foi assim que eu soube que ele era o Piloto, mesmo antes de nos dizerem. O jeito como ele voa... — Ela para, sem palavras, e então seu rosto se ilumina. — Era como a figura que vimos hoje, esculpida na nave — diz ela. — Parecia que eu

estava bebendo o céu.

— Então você confia nele? — pergunto.

Indie assente.

— Mas você ainda correria o risco de ir até a Central comigo.

— Correria — afirma ela —, se isso é o que você quer. — Ela me olha como se quisesse ver dentro de mim. Queria que ela sorrisse. Aquele lindo, largo, sábio, inocente e tortuoso sorriso dela.

— No que você está pensando? — ela quer saber.

— Quero ver seu sorriso — digo.

E então ela sorri — de repente, satisfeita — e eu abro o sorriso de volta.

A grama farfalha com a brisa. Indie se inclina um pouco mais para perto. Seu rosto está radiante, esperançoso e natural. Parece que foi aberto um novo buraco no meu coração.

— O que está nos impedindo de voar juntos? —

sussurra Indie. — Eu e você?

Mal posso ouvi-la sobre o vento assobiando na grama, mas sei o jeito como essa pergunta soa para ela. Perguntaram algo como isso a ela antes.

— Cassia — aviso. — Estou apaixonado por ela. Você sabe disso. — Não há incerteza na minha voz.

— Eu sei. — E não há uma desculpa na voz dela.

Quando Indie quer muito uma coisa, seu instinto é se jogar.

Como Cassia.

Indie inspira e então se move.

Ela se move para mim.

Sua mão se emaranha em meu cabelo, seus lábios pressionam os meus.

Nada parecido com Cassia.

Eu recuo, sem fôlego.

— Indie — digo.

— Eu tinha que fazer isso — retruca ela. —

Não me arrependo.

Cassia

Alguém está entrando no esconderijo dos Arquivistas; escuto seus passos na escada. Já que estou esperando na área principal com os outros, jogo o facho da minha lanterna para cima, como todos. A figura para, esperando por nós.

Uma vez que vejo quem é — uma negociante com quem já cruzei por aqui antes —, eu afasto a luz. Mas muitos dos outros não fazem isso. Ela está presa ali como uma mariposa. Um Arquivista próximo sinaliza para que eu coloque a luz de volta, e eu faço isso, piscando, embora a garota parada na soleira seja a única pega na claridade.

— Samara Rourke — chama a Arquivista-chefe. — Você não deveria estar aqui.

A garota ri, nervosa. Ela está com um pacote volumoso e o abaixa um pouco.

— Não se mova — ordena a Arquivista-chefe.
— Vamos acompanhar você para fora.

— Eu tenho permissão para negociar aqui — afirma ela. — Foi *você* que me mostrou onde era esse lugar.

— Você não é mais bem-vinda — avisa a Arquivista-chefe. Ela está em algum lugar nas sombras e então ela se adianta apontando o facho de luz da sua lanterna direto nos olhos da garota. Esse lugar é dos Arquivistas. Eles decidem quem fica nas sombras e oculta, e quem tem que enfrentar a luz.

— Por quê? — pergunta Samara, e sua voz finalmente vacila um pouco.

— Você sabe o porquê — acusa a Arquivista-chefe. — Você quer que todos saibam também?

A garota umedece os lábios.

— Você devia ver o que eu achei — fala ela.

— Prometo que você vai querer saber... — ela faz menção de pegar o pacote ao seu lado.

— Samara trapaceou — anuncia a Arquivista, cada pedacinho de sua voz tão poderoso quanto a voz do Piloto. Ressoa pelo lugar. Nenhuma das luzes oscila, e quando fecho os olhos ainda posso ver seus pontos luminosos e a garota nervosa, a expressão ofuscada.

— Alguém deu um item a Samara, para que ela negociasse em seu nome. Ela trouxe aqui. Nós avaliamos o item, o aceitamos e demos um item em troca, com outro item menor, à parte, como taxa pela negociação. E então Samara ficou com os dois.

Há negociantes desonestos no mundo, muitos deles. Mas normalmente eles não ousam tentar trabalhar com os Arquivistas.

— Vocês não se prejudicaram — alega Samara à Arquivista. — Vocês tiveram seu pagamento. — Sua tentativa de desafio me faz sofrer de pena. O

que a levou a fazer isso? Com certeza ela sabia que seria pega. — Se alguém devia me punir, seria a pessoa de quem eu roubei.

— Não — discorda a Arquivista. — Você *nos* comprometeu quando roubou.

Três dos arquivistas baixam as luzes e se adiantam.

Meu coração se aperta e eu recuo um pouco para dentro das sombras. Embora eu venha aqui com frequência, não sou uma Arquivista. A qualquer momento meus privilégios — que são maiores do que aqueles permitidos à maioria dos negociantes — podem ser revogados.

Escuto o clique da tesoura, e a Arquivista-chefe volta segurando o bracelete vermelho de Samara no ar. Samara parece pálida, mas ilesa, e com as luzes ainda direcionadas a ela posso ver sua manga levantada e seu punho nu onde o bracelete costumava ficar.

— As pessoas devem saber — anuncia a

Arquivista para o grande salão — que podem confiar, quando negociam conosco. O que aconteceu aqui compromete tudo. Agora *nós* teremos que pagar o preço da troca. — Os outros baixaram as luzes agora, assim a voz dela é sua parte mais identificável; seu rosto está nas sombras. — Pagar o preço por outros não é algo que gostamos de fazer — então seu tom muda e o incidente acaba, está terminado. — Vocês podem voltar para suas negociações.

Não me mexo. Quem sabe se eu não faria o que Samara fez, se passasse algo pelas minhas mãos que eu precisasse para alguma outra pessoa? Porque eu acho que é isso que aconteceu. Não acho que Samara arriscou isso por ela mesma.

Sinto uma mão em meu cotovelo e me viro para ver quem é.

É a própria Arquivista-chefe.

— Vem comigo — chama ela. — Tem uma coisa que preciso que você veja.

Ela me leva através de fileiras de prateleiras e através de um longo e escuro corredor, apertando firme meu braço. E agora estamos em outro vasto cômodo ladeado de prateleiras de metal, mas essas estão todas cheias. Elas estão enfileiradas com tudo o que qualquer um jamais poderia desejar, cada peça perdida de um passado, cada fragmento de um futuro.

Outros Arquivistas se movem entre as prateleiras, enquanto outros montam guarda. Esse cômodo tem outras luzes, amarradas pelo teto e brilhando debilmente. Capto um vislumbre de caixas, caixotes e contêineres de tamanhos desiguais. Seria necessário um mapa para encontrar o caminho através de um lugar como esse.

Sei onde estamos antes de ela me dizer, embora eu nunca tenha estado aqui. Os Arquivos. É um

pouco como ver o Piloto pela primeira vez; eu sempre soube da existência desse lugar, mas me defrontar cara a cara com ele me faz querer cantar ou chorar ou fugir. Não estou certa do quê.

— Os Arquivos estão cheios de tesouros — diz a Arquivista. — E eu conheço cada um deles.

Seu cabelo reluz dourado nessa luz, como se ela fosse um dos tesouros que guarda. Então ela se vira para olhar para mim.

— Poucas pessoas estiveram aqui — conta.

Então, por que eu?, me pergunto.

— Há muitas histórias que passaram pelas minhas mãos — lembra a Arquivista. — Sempre gostei de uma sobre uma garota que tinha a tarefa de transformar palha em ouro. Uma coisa impossível, mas ela conseguiu mais de uma vez. É assim que esse trabalho é.

A Arquivista caminha até um canto e levanta uma caixa da prateleira. Ela a abre e dentro vejo fileiras e fileiras de barras embrulhadas em papel.

Ela pega uma delas e levanta.

— Se eu pudesse — divaga ela —, ficaria aqui o dia todo. Aqui é onde comecei meu trabalho como Arquivista. Eu classifiquei os itens e os cataloguei. — Ela fecha os olhos e inspira profundamente, e me pego fazendo o mesmo.

O aroma vindo da caixa é familiar, uma memória, mas não consigo localizá-la, no começo. Meu coração se acelera um pouquinho e evoco uma súbita onda de raiva; inesperada, deslocada. E então eu sei.

— É chocolate — afirmo.

— É — concorda ela. — Quando foi a última vez que você comeu?

— No meu Banquete do Par — lembro.

— Claro — afirma ela.

Ela fecha a caixa, pega outra e abre. Vejo cintilações de prata que no começo acho que são caixas do Banquete, mas ao invés disso são garfos, facas e colheres. Em seguida outra caixa, essa

manuseada mais gentilmente do que as outras, e dentro vejo peças de porcelana, brancas como a neve e frágeis como gelo. Então vamos para outro canto e ela me mostra anéis com pedras vermelhas, verdes, azuis e brancas, e de novo até outra fileira, de onde ela retira livros com figuras tão ricas e lindas que tenho que apertar as mãos para não tocar as páginas.

Há tanta riqueza aqui... Mesmo que eu não negociasse por prata ou chocolate, entendo por que outra pessoa negociaria.

— Antes da Sociedade — conta a Arquivista-chefe — as pessoas costumavam usar dinheiro. Havia moedas, algumas de ouro, e papéis-cédula verdes. Elas os trocavam entre si e eles representavam coisas diferentes.

— Como funcionava? — quero saber.

— Digamos que eu estivesse com fome — explica a Arquivista. — Eu daria a alguém cinco dos papéis e eles me dariam comida.

— Mas aí o que eles fariam com os papéis?

— Usariam para conseguir outra coisa — fala ela.

— Eles tinham coisas escritas neles?

— Não — diz a mulher. — Nada como os seus poemas.

Eu balanço a cabeça.

— Por que alguém faria isso? — Negociar do jeito que os Arquivistas fazem parece muito mais lógico.

— Eles confiavam uns nos outros — responde ela. — Até não confiarem mais.

Ela aguarda. Não sei exatamente o que ela espera que eu diga.

— O que eu estou mostrando pra você — continua a Arquivista — são as coisas que a maioria das pessoas acha que são valiosas. E nós também temos caixas e mais caixas cheias de itens muito específicos, para gostos mais excêntricos. Nós fazemos isso por um bom tempo.

Ela me conduz de volta pelo caminho que viemos, até as fileiras onde as joias estão armazenadas. Para um momento para pegar uma caixa. Não a abre, mas a carrega com ela enquanto anda.

— Todo mundo tem uma moeda — diz ela. — Uma das mais interessantes é o conhecimento, quando as pessoas querem *saber* coisas e não possuí-las. Claro, o que as pessoas querem saber é um negócio similarmente variado e intrincado. — Ela para perto do final das prateleiras. — O que você quer saber, Cassia?

Quero saber se minha família, Ky e Xander estão bem. O que o Vovô quis dizer com dia no jardim vermelho. Quais memórias eu perdi.

Uma pausa, naquele cômodo decadente e circunspecto.

A luz da sua lanterna passeia pelas prateleiras, mandando vislumbres e relances de luz a lugares estranhos. Seu rosto, quando consigo vê-lo, parece

pensativo.

— Sabe o que é extremamente valioso no momento? — pergunta ela. — Aqueles tubos que a Sociedade tinha, aqueles secretos. Ouviu falar deles? As amostras que eles tiraram muito antes do Banquete Final?

— Ouvi falar deles — admito. Eu os vi também. Todos enfileirados e armazenados em uma caverna no meio de um cânion. Enquanto estávamos lá, naquela caverna, Hunter quebrou alguns dos tubos e Eli e eu roubamos outros, um cada um.

— Você não é a única que tem — sugere a Arquivista-chefe. — Algumas pessoas fariam tudo o que pudessem para colocar as mãos naquelas amostras.

— Os tubos não importam — retruco. — Eles não são pessoas de verdade.

Estou citando Ky, e espero que a Arquivista não possa ouvir a mentira na minha voz. Porque eu

roubei o tubo do Vovô da Escultura e dei a Ky para esconder, e fiz aquilo porque não conseguia me livrar da ideia de que aqueles tubos *poderiam* ser importantes.

— Pode ser — admite a mulher. — Mas outros não concordam com você. Eles querem suas próprias amostras, e aquelas que pertencem a sua família e seus amigos. Se eles perderem alguém que amam na Praga, vão querer ainda mais os tubos.

Se eles perderem alguém na Praga.

— Isso é possível? — pergunto, mas no minuto em que falo, sei que é. A morte é sempre possível. Aprendi isso na Escultura.

Quase como se ela estivesse lendo minha mente, a Arquivista pergunta:

— Você viu os tubos, não viu? Quando você estava fora da Sociedade?

Por algum motivo, quero rir. *A Caverna que você está perguntando, sim, eu a vi, com fileiras*

e fileiras de tubos armazenados arrumadinhos na terra. Eu também vi uma caverna cheia de papéis, e maçãs douradas e árvores sombrias retorcidas por terem crescido em um lugar com muito vento e pouca chuva, e meu nome entalhado em uma árvore, e pinturas na pedra.

E na Escultura eu vi corpos queimados sob o céu e um homem cantando para sua filha em seu túmulo, marcando seus braços e os dela em azul. Eu senti vida naquele lugar e vi morte.

— Você não trouxe nenhum daqueles tubos para negociar, trouxe? — questiona ela.

Quanto ela sabe?

— Não — respondo.

— Que pena — lamenta.

— O que as pessoas trocariam pelos tubos? — indago.

— Cada um tem uma coisa — diz a mulher. — Claro, nós não garantimos nada, a não ser que a amostra pertença à pessoa certa. Nós não

prometemos que haja um jeito de trazer ninguém de volta.

— Mas está implícito — sugiro.

— Só seriam necessários alguns tubos para te levar para onde quer que você quisesse ir — fala a Arquivista. — Como a Província de Keya. — Ela espera para ver se eu mordo a isca. A mulher sabe onde minha família está. — Ou de volta para casa, para Oria.

— E que tal — digo, pensando em Camas — um lugar completamente diferente?

Nós nos olhamos, esperando.

Para minha surpresa, a Arquivista fala primeiro e é então que sei quão desesperadamente ela quer aquelas amostras.

— Se você está pedindo uma passagem para as Outras Terras — sugere muito suavemente —, isso não é mais possível.

Eu nunca ouvi falar das Outras Terras, só dos Outros Países, marcados em um mapa lá em Oria,

lugares sinônimos de território Inimigo. Do jeito que a Arquivista fala das *Outras Terras*, no entanto, posso deduzir que ela quer dizer algum lugar inteiramente diferente e distante, e uma pequena excitação passa por mim. Mesmo Ky, que viveu nas Províncias Exteriores, nunca mencionou as Outras Terras. Onde elas são? Por um momento, fico tentada a dizer *sim* à Arquivista, para tentar descobrir sobre lugares tão remotos que não apareçam em nenhum mapa que eu já tenha visto, mesmo aqueles pertencentes aos aldeões que viveram certa vez na Escultura.

— Não — digo. — Não tenho nenhum tubo.

Por um instante, ambas ficamos em silêncio. E então a Arquivista fala:

— Percebi que ultimamente seu foco se desviou da negociação. Eu vi a Galeria. É uma realização e tanto.

— É mesmo — concordo. — Todo mundo tem algo digno de ser compartilhado.

A Arquivista me olha com pena e perplexidade nos olhos.

— Não — retruca ela. — Tudo feito na Galeria já foi feito antes e melhor. Mas, a seu modo, ainda é uma conquista notável.

Ela não é o Piloto. Sei disso agora. Ela me lembra minha Oficial, lá de Oria. Ambas têm em comum a convicção de que ainda estão aprendendo, ainda se desenvolvendo, quando na verdade já perderam essa capacidade há muito tempo.

É um alívio deixar os Arquivos e voltar para a Galeria, que está viva e acima do solo. À medida que me aproximo da Galeria, escuto algo.

Canto.

Não conheço a canção; não é uma das Cem. Não consigo realmente entender as palavras, estou muito distante, mas escuto a melodia. A voz de uma mulher sobe e desce, fere e cura, e em

seguida, em coro, um homem se junta a ela.

Eu me pergunto se ela sabia que ele também cantaria, se é uma coisa que eles planejaram, ou se ela ficou surpresa em descobrir de repente que ela não estava sozinha com sua música.

Quando eles param há silêncio, no começo. Então o aplauso de alguém na frente, e logo todos nos juntamos a ele. Eu me aproximo empurrando a multidão, tentando ver os rostos daqueles que são a música.

— Mais uma? — pergunta a mulher, e nós gritamos a resposta. *Sim*.

Dessa vez ela canta outra coisa, algo curto e claro. A melodia é cheia de movimento, mas fácil de seguir:

Eu, uma rocha, estou rolando

No alto da colina mais alta

Você, meu amor, está chamando

Embora o inverno esfrie

*Nós devemos continuar
Agora, sempre e ainda*

Será que essa canção poderia ser uma das Províncias Exteriores? Ela me lembra da história de Sísifo, e Ky me disse que nas Províncias Exteriores eles mantinham suas canções por mais tempo. Mas todas essas pessoas se foram, agora. Isso faz com que as palavras devessem parecer tristes, mas com a música por trás delas, elas não soam assim.

Eu me pego murmurando junto e, antes que perceba, estou cantando, assim como as pessoas à minha volta. Cantamos a canção sem parar, até conseguirmos entoar as palavras e a melodia de forma correta. No começo, fico envergonhada, quando percebo que estou me movendo, e então eu não me importo mais, não ligo; tudo o que eu queria era que Ky estivesse aqui e que ele pudesse me ver agora, cantando também e dançando na

frente do mundo.

Ou Xander. Queria que ele estivesse aqui. Ky já sabe como cantar. Será que Xander sabe?

Nossos pés batem no chão, e nós não conseguimos mais sentir nem um traço do cheiro dos corpos dos peixes que uma vez bateram contra as margens, porque eles se deterioraram agora, só sobraram os ossos; o fedor deles se perdeu na fragrância da nossa vida, nossa carne, no sal de nossas lágrimas e suor, na nitidez do verde da grama e plantas pisoteadas sob os pés. Estamos respirando o mesmo ar, cantando a mesma canção.

Xander

Durante a noite, 53 novos pacientes dão entrada. Nem todos eles têm a erupção e o sangramento, mas alguns sim. O curador-chefe ordena colocar todos eles em quarentena na nossa ala, e me designa o curador responsável pela mutação. Estarei encarregado de administrar o cuidado aos pacientes no local, enquanto ele observa do terminal.

— Não quer arriscar a própria pele — resmunga uma das enfermeiras para mim.

— Tudo bem — digo a ela. — Quero ver de perto. Mas isso não significa que você tenha que se arriscar. Posso pedir para ele te realocar em algum outro lugar.

Ela balança a cabeça.

— Vou ficar bem. — Ela sorri para mim. — Além disso, você pediu a ele para incluir o pátio como parte da área de quarentena. Isso faz diferença.

— Temos a cafeteria também — lembro, e ela gargalha. Nenhum de nós passa mais muito tempo lá, exceto para pegar nossas refeições.

O virologista entra e examina os pacientes. Ele também está intrigado.

— O sangramento ocorre porque o vírus está destruindo plaquetas — diz ele. — O que significa que provavelmente o baço está se tornando maior nos pacientes afetados.

Uma médica próxima a nós concorda. Ela está conduzindo um exame médico de rotina em um dos primeiros pacientes.

— O baço dele *está* aumentado — diz ela. — Está se projetando sob o rebordo costal.

— E os pacientes estão perdendo a capacidade

de limpar as secreções dos pulmões e do trato respiratório — constata outro médico. — Vamos ter problemas com pneumonia e infecções se não conseguirmos fazê-los melhorarem logo.

Mais à frente, na fileira de pacientes, ouvimos um grito.

— Temos uma ruptura! — alerta um médico. — Acho que ele está com sangramento interno.

Peço um cirurgião através do miniterminal. Todos nos reunimos em torno do paciente, que ficou pálido. O monitor de sinais vitais apita enquanto a pressão sanguínea do paciente cai e sua frequência cardíaca sobe. Os médicos e cirurgiões berram instruções.

Esse paciente, e todos os outros, permanecem completamente imóveis.

Não podemos salvá-lo. Não temos tempo nem de levá-lo a uma sala de operações antes que morra. Dou uma olhada nos pacientes em volta. Espero

que eles não tenham visto muito. O que eles *poderiam* ter visto? O peso da morte do paciente me esmaga enquanto pego o miniterminal, que apita insistentemente com uma mensagem privada do curador-chefe. Ele viu a coisa toda pelo terminal principal.

Enviando agora os dados do paciente. Revisar imediatamente.

Ele quer que eu olhe os dados agora? Quando acabamos de ter uma morte? A equipe toda parece abalada. O objetivo do centro médico e da Insurreição é salvar as pessoas. Nós não as perdemos assim.

Vou até a lateral do quarto para verificar os dados. No começo, não entendo a urgência. São os dados dos pacientes que chegaram doentes, e as informações parecem hemogramas médicos básicos. Não tenho certeza sobre o que deveriam me dizer.

Então eu entendo. Os hemogramas são todos

recentes, de quando os pacientes foram imunizados. *Os pacientes foram imunizados e mesmo assim tiveram a mutação, o que significa um enorme segmento da população em risco.*

— Vou ter que isolar sua ala completamente — avisa o curador-chefe pelo miniterminal.

— Eu entendo — digo. Não há mais nada que eles possam fazer. — Nós estamos sendo isolados — aviso à equipe.

Eles concordam, exaustos. Eles entendem. Nós passamos por isso milhões de vezes nas simulações. Estamos aqui para salvar as pessoas.

Então escuto passos correndo atrás de mim. Eu me viro.

O virologista está correndo para as portas principais da ala. Eles já tiveram tempo de trancá-las? Ou ele vai expor um grupo inteiro de pessoas à mutação da Praga?

Eu disparo, correndo por entre fileiras de pacientes o mais rápido que posso. Ele é mais

velho do que eu. É moleza alcançá-lo e derrubá-lo, jogando nós dois no chão.

— Você não *corre* — aviso, sem me preocupar em esconder a repulsa na voz. — Você fica para ajudar as pessoas que estão doentes. Faz parte do serviço.

— Escuta — pede ele, lutando para se sentar. Eu deixo, mas prendo seu braço. — Talvez a gente não esteja a salvo dessa mutação. Nossas imunizações podem não significar nada.

— É exatamente por isso que você não pode arriscar expor mais ninguém — informo. — Você sabe disso melhor do que ninguém. — Eu o arrasto pelas costas do uniforme e o escolto de volta, em direção aos armários de armazenamento da ala. Não quero trancar o homem, mas não estou certo sobre como lidar com ele de outra forma agora.

— A não ser — sugere o virologista, soando tanto louco quanto inspirado — que as pessoas com manchas estejam a salvo. As manchas

pequenas.

Sei o que ele quer dizer.

— As pessoas que tiveram a primeira leva da Praga — confirmo. A Insurreição nos disse para procurar pelas marcas, e Lei e eu falamos sobre elas: essas pequenas manchas vermelhas entre suas escápulas.

— Isso — afirma ele, ansioso. — Elas poderiam ter tido uma versão ligeiramente mutada do primeiro vírus, e sua variante é próxima o suficiente da forma mutante para que eles não a peguem. Mas a imunização que deram para mim e para você eram só pedaços cortados do vírus original. Não será parecida o suficiente com essa nova forma mutante para nos proteger.

Continuo segurando-o, mas aceno com a cabeça para mostrar que estou ouvindo.

— Nós não pegamos a versão anterior da Praga — lembra ele. — Mas ainda estamos expostos. Nossa imunidade inicial nos protegeu dos piores

sintomas, mas a gente ainda podia contrair aquela versão inicial da Praga. É assim que funciona uma imunização. Ensina nosso corpo a reagir a um vírus, de modo que nosso sistema reconheça o vírus quando ele aparecer de novo. Não é que você não fique doente de forma nenhuma. Mas seu corpo sabe como lidar com isso.

— Eu sei — digo. Já tinha descoberto até aí.

— *Presta atenção no que estou te falando* — alerta o virologista. — Se isso aconteceu e nós realmente *contraímos* a primeira versão da Praga, aquela que estava por aí quando o Piloto falou pela primeira vez, então nós temos a marca vermelha também, e estamos a salvo. A gente não sucumbiu, mas ainda tinha o vírus. Nossos corpos apenas lidaram com ele. Mas se nós *não pegamos* o vírus anterior, durante aquele intervalo — ele estende as mãos —, nós ainda podemos pegar a mutação. E nós podemos não ter uma cura que funcione para essa versão.

Por um minuto ele soa louco, como se estivesse tagarelando bobagens, e então tudo se encaixa e acho que ele pode ter razão.

O virologista libera o braço do meu apertão e começa a desabotoar suas roupas comuns. Em seguida ele abaixa a gola do seu uniforme negro.

— Olha — pede ele. — Eu não tenho a marquinha. Tenho?

Ele não tem.

— Não — digo. Eu resisto ao impulso de abaixar minha própria gola e tentar ver se a marca está ali. Nunca pensei em procurar por isso em mim mesmo. — Você é necessário aqui. E se for lá fora, poderia infectar outras pessoas. Você já foi exposto à mutação, como o resto de nós.

— Eu vou para o meio da mata. As pessoas nas Fronteiras sempre souberam como sobreviver. Há lugares para onde posso ir.

— Como onde? — pergunto.

— Como os vilarejos de pedra — fala ele.

Levanto as sobancelhas. Ele está confuso? Não sei o que são esses lugares. Nunca ouvi falar deles antes.

— E eles têm bolsas de fluidos e nutrientes lá? — indago. — Eles têm o que você precisa para ficar vivo até que exista uma cura? E você não se importa de expor o vilarejo à doença?

O virologista olha para cima, para mim, com pânico nos olhos.

— Você não viu? — pergunta. — Aquele paciente? Ele morreu. Não posso ficar aqui.

— Essa foi a primeira vez que você viu alguém morrer na vida real? — indago.

— As pessoas não morriam na Sociedade — afirma ele.

— Elas morriam — informo. — Eles só eram melhores em esconder isso.

E eu entendo o porquê de o virologista estar com medo. Eu também penso em fugir, mas apenas por um segundo.

O curador-chefe decide relaxar o isolamento tempo suficiente para nos enviar mais pacientes e mais pessoal. Ele ouviu tudo o que o virologista me disse pelo miniterminal, então ele vai decidir como relatar tudo isso ao Piloto. Estou feliz por esse não ser meu trabalho.

Mas eu tenho mesmo um pedido para o curador-chefe.

— Quando você enviar para cá pessoal novo — peço —, certifique-se de que eles saibam que essa nova forma de vírus ainda não respondeu à cura. Não precisamos de mais ninguém tentando fugir. Queremos que eles saibam onde estão se metendo.

Não demora muito antes de diversos agentes da Insurreição, armados e usando trajes de contaminação, escoltarem o novo pessoal até a nossa ala. Os agentes levam o virologista com eles. Não sei ao certo onde vão colocá-lo em quarentena — em um quarto vazio sozinho, talvez

—, mas ele se tornou um risco, e não podemos mantê-lo aqui quando ele é tão volátil. Estou tão concentrado em garantir que estão cuidando dele que levo um tempo para perceber que uma das pessoas do novo pessoal é Lei.

Logo que posso, encontro-a no pátio.

— Você não devia estar aqui — digo a ela, calmamente. — Não podemos garantir que seja seguro.

— Eu sei — retruca ela. — Me disseram isso. Eles não têm certeza de que a cura funcione na mutação.

— É mais do que isso — alerta. — Lembra quando a gente estava falando sobre a marquinha vermelha nas pessoas que tiveram o vírus inicial?

— Lembro.

— O virologista que eles levaram embora tinha uma teoria sobre ela.

— Qual era?

— Ele achava que se alguém tivesse a marca

vermelha, significava que tinha tido o vírus, como pensávamos... e também achava que significava que eles estavam protegidos dessa nova mutação.

— Como isso pode ser possível? — pergunta Lei.

— O vírus muda — esclareço. — Como aqueles peixes dos quais a gente falava. Era uma coisa, agora está diferente.

Lei balança a cabeça.

Eu tento novamente:

— As pessoas imunizadas foram expostas a uma forma do vírus, a morta. Então a primeira leva da Praga surgiu. Talvez alguns de nós tenhamos contraído o vírus, mas não ficamos realmente doentes porque já tínhamos sido expostos a ele em sua forma enfraquecida. A imunização fez seu papel e nosso corpo combateu a doença. Ainda assim, nós fomos expostos ao próprio vírus vivo, o que significa que podemos estar a salvo dessa mutação. O vírus morto não era parecido o

suficiente com a mutação para nos proteger, mas nossa exposição à versão viva original da Praga pode ser capaz, desde que nós realmente a tenhamos contraído.

— Ainda não entendo — afirma Lei.

Tento mais uma vez.

— De acordo com a teoria dele, quem tem a marca vermelha está com sorte — explico. — Eles foram expostos às versões certas do vírus, nos momentos certos. E significa que estão a salvo dessa mutação.

— Como as pedras no rio — diz ela, o entendimento cruzando seu rosto. — Atravessando. Você tem que pisar nelas na ordem certa para chegar com segurança do outro lado.

— Acho que é — concordo. — Ou como os peixes de que você estava falando. Eles mudam.

— Não — retruca ela. — Os peixes permanecem os mesmos. Eles se adaptam; parecem completamente diferentes, mas não se

alteram de forma fundamental ou se vão.

— Certo — concordo, embora agora seja eu quem está confuso.

Lei percebe.

— Acho que você tem que ver os peixes — sugere ela.

— Você tem a marca? — pergunto.

— Não sei — fala ela. — Você tem?

Balanço a cabeça.

— Também não tenho certeza — admito. — Não está exatamente em um lugar fácil de ver.

— Eu vejo para você — oferece ela, e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Lei dá a volta por trás de mim, enfia o dedo na minha gola e puxa para baixo. Sinto seu hálito no meu pescoço.

— Se o virologista estiver certo, você está a salvo — avisa ela, e posso ouvir o sorriso em sua voz. — Você tem a marca.

— Tem certeza? — pergunto.

— Sim — confirma ela. — Tenho sim. Está bem aí. — Depois que Lei tira a mão ainda posso sentir o ponto onde seu dedo pressionou a pele.

Lei sabe o que estou a ponto de perguntar.

— Não — diz. — Não olha. Não quero que mude o que eu faço.

Mais tarde, enquanto deixamos o pátio, Lei para e me olha. À medida que ela faz isso, percebo que não há muitas pessoas que tenham olhos da cor dos dela: pretos.

— Mudei de ideia — conta ela.

No começo não entendo o que ela quer dizer, mas então Lei desliza o longo cabelo para o lado e diz:

— Acho que quero saber. — Há um débil tremor em sua voz.

A marca. Ela quer saber se tem.

— Tudo bem — concordo, e de repente me sinto desajeitado. O que é ridículo, porque já olhei

muitos corpos que eram apenas corpos. Sei que eles são pessoas, e quero ajudá-los, mas até certo ponto eles são anônimos, todos os mesmos.

Mas o corpo dela — vai ser *dela*.

Lei vira de costas para mim e desabotoa o uniforme. Por um momento eu hesito, meus dedos suspensos. Então respiro fundo e desço sua gola. Sou cuidadoso em não roçar sua pele.

A marca não está lá.

E então, sem pensar, eu toco nela. Coloco a mão nela, com minha palma espalmada sobre o osso da base do seu pescoço, e meus dedos se curvando dentro do seu cabelo. Como se eu pudesse esconder isso dela.

Então prendo a respiração e retiro minha mão. *Estúpido*. Só porque eu sou completamente imune, não significa que eu ainda não possa carregar alguma forma de mutação da Praga.

— Sinto muito... — começo.

— Eu sei — diz ela. Ela se estica e segura

minha mão sem me olhar, e por um breve momento nossos dedos se entrelaçam e se seguram.

Então ela solta e empurra a porta, andando para dentro do edifício sem olhar para trás. E do nada eu penso: *então é assim que uma pessoa se sente ao estar de pé na beirada de um cânion.*

PARTE QUATRO

PRAGA

CAPÍTULO 19

Ky

Parece que a Cidade de Oria tomou um chute nos dentes. A barricada aqui não é mais um círculo arrumado. Ao invés disso, está crivada de falhas. A Insurreição deve ter ficado sem paredes brancas para encerrar a zona imóvel, então eles tiveram que usar uma cerca de metal. Eu vejo o lampejo quente dela sob o sol de primavera, enquanto a sobrevoamos. Tento não olhar em direção à Colina.

Outras pessoas, agentes da Insurreição vestidos de preto, acenam para nós. Estamos voando baixo agora e posso ver pessoas pilhando e empurrando pontos fracos na cerca. A barricada está a ponto de ser violada. Mesmo daqui de cima, posso sentir

o pânico.

— A situação se deteriorou muito para pousar — alerta nosso comandante. — Nós vamos fazer um lançamento de suprimentos.

Tenho que admitir que houve momentos em que desejei que algo de ruim acontecesse ao povo dos Bairros de Oria. Como na época em que a Sociedade me levou embora e ninguém correu atrás de mim, além de Cassia. Ou quando as pessoas riram durante as apresentações, porque elas não entenderam a morte. Nunca quis *vê-las* morrer, mas eu teria gostado que elas soubessem como é sentir medo. Quis que elas soubessem que suas vidas fáceis tinham um custo. Mas isso é terrível de ver. Em poucas semanas, a Insurreição perdeu o controle das pessoas e da Praga. Eles não vão dizer o que aconteceu, mas aconteceu algo. Mesmo os Arquivistas e negociantes parecem ter desaparecido completamente. Não tenho nenhum jeito de enviar uma mensagem a Cassia.

Um dia desses, não vou conseguir resistir a voar até a Central.

— A área mais segura está situada em frente à Prefeitura — instrui o comandante. — Vamos fazer o lançamento aqui.

— Vamos lançar todos os suprimentos na Prefeitura? — pergunto ao comandante. — E os Bairros?

— Tudo em frente à Prefeitura — confirma ele. — É o jeito mais seguro.

Não concordo. Precisamos dispersar os suprimentos, ou será um banho de sangue. As pessoas já estão tentando passar pela barricada. Quando nos virem lançar, vão querer entrar ainda mais, e não sei por quanto tempo a Insurreição poderá evitar usar de violência em uma situação como essa. Eles vão enviar combatentes para dentro, como eles tiveram que fazer em Acadia?

Indie e eu somos os últimos na formação, então circulamos de novo enquanto os outros fazem o

lançamento. Estamos fora da Cidade em si agora, recuando para os Bairros. À medida que fazemos isso, vejo pessoas saindo das casas para nos ver sobrevoar. Elas obedeceram aos comandos da Insurreição de se recolher e esperar, ao invés de vir até a barricada.

E isso significa que provavelmente vão passar fome, enquanto as outras, nos muros, brigam pelos suprimentos que trouxemos.

Sinto um surto feroz, inesperado, de pesar e lealdade pelo povo dos Bairros. Eles tentam seguir ordens e fazer a coisa certa. É tudo culpa deles, nessa confusão?

Não.

Sim.

— Preparar para lançar — avisa o comandante. Nunca fizemos isso antes, deixar suprimentos sem pousar, mas treinamos para isso. Há um alçapão na barriga da nave por onde podemos despachar a carga.

— Caleb — chamo, ligando o alto-falante que dá no compartimento de carga. — Está pronto?

Não há resposta.

— Caleb?

— Estou pronto — responde ele, mas sua voz soa desligada.

Sou o piloto dessa vez, então estou no comando.

— Vai lá ver o que tem de errado com ele — peço a Indie.

Ela concorda e anda até o compartimento de carga; seu equilíbrio é perfeito, mesmo com o movimento da nave. Escuto-a abrir a escotilha para o compartimento de carga e descer as escadas.

— Algum problema? — questiona o comandante.

— Acho que não — digo a ele.

— Caleb não parece bem — avisa Indie um momento depois, reaparecendo vinda do

compartimento de carga. — Acho que está doente.

— Eu estou bem — insiste Caleb, mas sua voz ainda tem um toque de tensão. — Acho que estou tendo uma reação a alguma coisa.

— Não lance sua carga — avisa o comandante. — Retornem imediatamente à base.

Indie me olha e levanta as sobrancelhas. *Ele está falando sério?*

— Repito — insiste —, não lancem a carga. Reportem-se imediatamente à base em Camas.

Olho para Indie e ela dá de ombros. Manobro a nave, e sobrevoamos as pessoas. Eu estava voando baixo para o lançamento, então consigo ver seus rostos virando para cima, para nos olhar. Elas parecem filhotes de passarinhos esperando por comida.

— Pega — digo a Indie, gesticulando para que ela assuma os controles. Desço para verificar Caleb.

Ele não está mais com o cinto de segurança.

Está de pé no fundo do compartimento de carga, as mãos pressionadas contra a lateral da nave, a cabeça caída, cada músculo contraído em agonia. Quando ele olha para mim, vejo medo em seus olhos.

— Caleb — chamo. — O que está acontecendo?

— Nada — diz ele. — Tudo bem. Volta lá para cima.

— Você está doente — constato. Mas com o quê? Nós não podemos pegar a Praga.

A não ser que alguma coisa tenha dado errado.

— Caleb — insisto. — O que está acontecendo?

Ele balança a cabeça. Não vai me dizer. A nave se mexe um pouco e ele tropeça.

— Você sabe o que está acontecendo — digo —, mas não vai me dizer. Então, como vou ajudar você?

— Não há nada que você possa fazer — fala

Caleb. — Você não deveria estar aqui, de qualquer forma, se estou doente.

Caleb está certo. Eu me viro para sair. Quando me sento, Indie levanta as sobrancelhas para mim.

— Tranque o compartimento de carga — ordeno. — Não volte lá embaixo.

Estamos quase de volta a Camas antes que Caleb fale de novo. Estamos sobrevoando as longas planícies de Tana, e é claro que estou pensando em Cassia e em sua família quando a voz de Caleb soa pelo alto-falante.

— Mudei de ideia — diz ele. — Tem uma coisa que você pode fazer. Preciso que você escreva uma coisa por mim.

— Não tenho nenhum papel — aviso. — Estou pilotando a nave.

— Não precisa escrever agora — pede ele. — Depois.

— Tudo bem — concordo. — Mas, antes, você

me conta o que está acontecendo.

O comandante está em silêncio. Ele está ouvindo?

— Eu não sei — alega ele.

— Então, não posso escrever — digo.

Silêncio.

— Me conta o seguinte — sugiro —, o que estava naquelas caixas que você ficava trazendo de volta, quando a gente entregava a cura?

— Tubos — Caleb responde imediatamente, me surpreendendo. — Nós trouxemos tubos.

— Que tubos? — pergunto, mas acho que sei a resposta. Eles caberiam nas caixas perfeitamente. Eles são praticamente do mesmo tamanho das curas. Eu deveria ter adivinhado há muito tempo.

— Os tubos com as amostras de preservação de tecido — conta ele.

Estou certo. Mas não entendo a razão.

— Por quê? — pergunto.

— A Insurreição tomou as instalações de

armazenamento onde a Sociedade mantinha os tubos — explica ele —, mas alguns membros da Insurreição queriam as amostras de seus familiares sob seu próprio controle. O Piloto providenciou esse serviço para eles.

— Isso não é justo — digo. — Se a Insurreição realmente é para todos, eles deveriam ter devolvido *todas* as amostras.

— Piloto Markham — alerta nosso comandante —, você está se envolvendo em especulação sobre os agentes de comando, o que constitui insubordinação. Ordeno que você encerre essa linha de conversação.

Caleb não diz nada.

— Então a Insurreição acha que pode trazer as pessoas de volta? — pergunto. O comandante começa a falar de novo, mas dessa vez eu falo junto com ele, assim como Caleb.

— Não — responde ele. — Eles sabem que não podem. Eles sabem que a Sociedade também não

podia. Eles apenas querem as amostras. Por segurança.

— Não entendo — replico. — Alguém como o Piloto deveria ter visto morte suficiente para saber que os tubos não valem a pena. Por que ele gastaria recursos fazendo uma coisa tão idiota?

— O Piloto sabe que não se pode trazer pessoas de volta com as amostras — confirma Caleb. — Nem todo mundo sabe. Ele usa isso como vantagem. — Ele expira. — O motivo pelo qual estou te contando isso — continua ele — é que você precisa acreditar no Piloto. Se você não acreditar, vamos perder tudo.

— Não sabia que eu era tão importante — especulo.

— Você não é — esclarece ele. — Mas você e Indie são dois dos melhores pilotos. Ele vai precisar de todo mundo que puder, antes que tudo isso termine.

— O que é *isso*? — pergunto. — A Praga? A

Insurreição? Você está certo. O Piloto precisa de toda a ajuda que ele puder conseguir. Ele não conseguiu ter nada sob controle até agora.

— Você nem conhece ele — lembra Caleb. Ele parece com raiva. Isso é bom. Há um pouco mais de vida em sua voz.

— Eu não o conheço — insisto. — Mas você conhece, não conhece? Você o conhecia antes de a Insurreição assumir o poder.

— Nós dois viemos de Camas — diz ele. — Eu cresci na base do Exército onde ele estava alocado. Ele foi um dos Pilotos que voou até as Outras Terras. Tirou mais pessoas dos vilarejos de pedra do que qualquer outro piloto. E nunca foi pego. Foi a escolha óbvia para liderar a Insurreição, quando foi a hora de ter um novo Piloto.

— Eu vivi nas Províncias Exteriores — conto —, e nunca ouvi falar dos vilarejos de pedra *ou* das Outras Terras.

— Eles são reais — fala Caleb. — As Outras Terras são os lugares *bem* além do território Inimigo. E os vilarejos de pedra foram construídos por Anomalias ao longo da fronteira das Províncias Exteriores, quando a Sociedade assumiu o poder. Os vilarejos são como caminhos de pedras em um rio. Foi assim que eles conseguiram seu nome. Eles vão de norte a sul, e estão construídos a um dia de distância uns dos outros. Quando você alcança o último, tem que atravessar pelo território Inimigo se quiser continuar até as Outras Terras. Você realmente não ouviu falar dos vilarejos?

— Não de nome — admito, mas minha mente corre longe. Os agricultores na Escultura estavam muito distantes de quaisquer outras Anomalias, mas eles tinham um mapa com outro vilarejo marcado nas montanhas. *Aquele* vilarejo poderia ter sido o vilarejo de pedra mais ao sul, o último. É possível.

— Então, o que o Piloto fez? — indago.

— O Piloto salvou pessoas — responde Caleb.

— Ele e alguns outros pilotos levaram as pessoas para fora da Sociedade, tão longe quanto o último vilarejo de pedra. Ele fez os cidadãos pagarem para sair, e ajudou Aberrações e Anomalias também.

— Foram eles que entalharam nas naves, não foram? — digo, entendendo. — As pessoas que estavam escondidas ali quando o Piloto voou com elas para longe.

— Foi estupidez delas — fala Caleb, um toque de raiva em sua voz. — Elas poderiam ter colocado os pilotos em má situação.

— Acho que elas fizeram isso como tributo. — Eu me lembro da figura entalhada em uma de nossas naves anteriores, do Piloto dando água às pessoas. — Foi isso que pareceu para mim.

— Ainda assim foi estúpido — insiste Caleb.

— As pessoas ainda vivem nos vilarejos? —

pergunto.

— Não sei — responde ele. — Todas elas podem ter fugido para as Outras Terras a essa altura. O Piloto tentou fazer com que elas se juntassem à Insurreição, mas elas não fariam isso.

Isso parecia com as Anomalias que viviam na Escultura. Elas também não se juntariam à Insurreição. Isso me faz imaginar o que aconteceu ao povo de Anna quando eles alcançaram o vilarejo que nós vimos marcado no mapa. Será que encontraram os aldeões de pedra lá? Os grupos tinham o suficiente em comum para se juntarem? As pessoas vivendo nos vilarejos de pedra ajudaram as pessoas da Escultura ou as expulsaram — ou pior? O que aconteceu com Hunter e Eli?

— Outras crianças cresceram contando histórias sobre o Piloto — lembra Caleb. — Mas *eu* cresci vendo-o voar. Eu sei que ele é o único que pode nos liderar para fora disso.

Caleb parece mal. A dor está ganhando. Posso ouvi-la pesada em sua voz. E sei o que está acontecendo.

Ele está ficando imóvel.

Caleb deveria ser imune. Alguma coisa está acontecendo com a Praga. Essa é uma nova versão dela? Da qual nossa imunidade não pode nos proteger?

— Quero que você escreva tudo o que eu contei sobre o Piloto — pede Caleb —, incluindo que eu acreditei nele até o fim.

— Esse é o fim? — pergunto.

Silêncio.

— Caleb?

Nada.

— Ele parou de se mexer? — questiona Indie.
— Ou decidiu que não quer mais falar?

— Não sei — respondo.

Ela se levanta como se estivesse a ponto de descer para o compartimento de carga.

— Não — proíbo. — Indie, você não pode arriscar se expor ao que quer que seja isso.

— Ele não te disse muito — fala Indie, se sentando de novo. — Aposto que havia um monte de gente que sabia aquilo sobre os tubos e o Piloto.

— A gente não sabia — lembro a ela.

— Você acredita no Caleb porque ele tinha aqueles entalhes em suas botas — diz ela —, mas isso não significa que ele esteve nos acampamentos. Qualquer um poderia ter cortado as botas daquele jeito.

— Acho que ele esteve lá — falo.

— Mas você não *sabe* se ele esteve.

— Não.

— Apesar disso, ele está certo sobre o Piloto — admite Indie.

— Então você acredita no Caleb — sugiro. — Pelo menos sobre o Piloto.

— Eu acredito *em mim* sobre o Piloto —

retruca Indie. — Sei que ele é real. — Ela se aproxima de mim e por um minuto acho que ela pode me beijar de novo, como fez semanas atrás. — Os vilarejos também são reais — continua ela —, e as Outras Terras. Tudo isso.

Cada pedaço da sua voz está tão comovido quanto a de Caleb estava. E eu a entendo. Indie me ama, mas ela é uma sobrevivente. Quando eu disse que não iria fugir com ela, ela se virou para outra coisa para continuar seguindo. Eu acredito em Cassia. Indie acredita na Insurreição e no Piloto. Nós dois achamos alguma coisa para nos manter.

— Poderia ter sido diferente — digo, quase sussurrando. Se eu tivesse beijado Indie de volta, depois de ela ter me beijado. Se eu não tivesse conhecido Cassia, antes de encontrar Indie.

— Mas não é — lembra ela, e está certa.

Cassia

O mundo não está bem.

Olho pela janela do meu apartamento e coloco a mão contra o vidro. Está escuro. Multidões se reúnem na barricada, e em breve os agentes da Insurreição virão de preto e dispersarão todos eles; pétalas ao vento, folhas na água.

A Insurreição não nos contou exatamente o que aconteceu, mas pelas próximas semanas todos nós vamos confinados em nossos apartamentos. Aqueles dentre nós que podem enviam seus trabalhos através dos terminais. Toda a comunicação com outras Províncias foi encerrada. A Insurreição diz que é temporário. O próprio Piloto promete que logo tudo ficará bem.

Começou a chover.

Eu me pergunto como teria sido ver uma inundação na Escultura, de uma altura como essa. Eu gostaria de ter ficado de pé na beirada do cânion e ter sentido o estrondo; ter fechado meus olhos para ouvir melhor a água; tê-los aberto de novo para ver o mundo jogado fora, as rochas e árvores despedaçadas e desabando. Seria algo digno de se ver, o fim do mundo.

Talvez eu esteja testemunhando isso agora.

Um alarme soa na cozinha. O jantar chegou, mas não estou com fome. Sei qual vai ser a comida — rações de emergência. Nós só recebemos duas refeições por dia, agora. Algum dia eles vão ficar sem suprimentos também. E então não sei o que vão fazer.

Se começarmos a nos sentir doentes e cansados, devemos enviar uma mensagem pelo terminal. Então eles virão nos ajudar. *Mas* e se você ficar imóvel enquanto dorme?, eu me pergunto. O

pensamento me mantém acordada à noite. Está cada vez mais difícil descansar.

Retiro a refeição da fenda de entrega. Aqui está ela, fria, sem graça e inexpressiva; os armazenamentos da Sociedade servidos a nós pela Insurreição.

Eu aprendi algumas coisas com os Arquivistas. A comida está acabando; por isso, é valiosa. Então eu a usei para negociar minha saída do confinamento no meu apartamento. Eu levo a refeição para fora, para o guarda da Insurreição na entrada do nosso edifício. Ele é jovem e faminto, então entende.

— Cuidado — avisa ele, e segura a porta para mim enquanto eu avanço na noite.

Sinto o caminho, descendo pelas rochas e degraus, minhas mãos raspando contra as laterais e voltando com o familiar cheiro verde e o toque do musgo. A chuva recente tornou as coisas

escorregadias, e tenho que me concentrar, mantendo o fecho de luz da lanterna firme.

Quando chego ao final do corredor, não sou cegada do jeito que costumo ser. Nenhuma lanterna pisca em cima de mim, nenhum fecho de luz oscila em minha direção à medida que as pessoas percebem que estou chegando.

Os Arquivistas se foram.

Um arrepio percorre minha coluna enquanto me lembro como esse lugar me recordava a cripta das Cem Lições de História. Fecho os olhos, imaginando os Arquivistas deitando nas prateleiras, cruzando as mãos sobre o peito e ficando perfeitamente imóveis enquanto esperam a morte chegar.

Lentamente, jogo luz nas prateleiras.

Elas estão vazias. É claro. Não importa o que aconteça, os Arquivistas vão sobreviver. Mas eles não me disseram que estavam indo embora, e não tenho a menor ideia de para onde foram. Será que

eles deixaram alguma coisa para trás, nos Arquivos?

Estou a ponto de ir olhar quando escuto passos nas escadas e me viro, jogando minha lanterna para cegar quem quer que esteja entrando.

— Cassia? — chama uma voz. É ela. A Arquivista-chefe. Ela voltou. Eu abaixo a luz para que ela possa ver.

— Estava esperando encontrar você — diz ela.
— A Central não é mais segura.

— O que aconteceu? — indago.

— Rumores sobre uma mutação da Praga — explica ela — se provaram verdade. E nós confirmamos que a mutação se espalhou daqui até a Central.

— Então vocês todos fugiram — digo.

— Todos nós decidimos ficar vivos — explica ela. — Tenho uma coisa para você. — Ela pega o pacote que está com ela e puxa uma tira de papel.
— Isso finalmente chegou.

O papel é verdadeiro e antigo, impresso com letras escuras prensadas a fundo na página, não a impressão superficial de um terminal. Há duas estrofes; aquelas que eu não tenho. Mesmo que o tempo seja curto e o mundo esteja errado, não posso evitar olhar para baixo, ávida para ler um pedaço, uma parte do poema:

*O sol que entorta — a noite aqui está
Antes que ele no horizonte se vá
Certo que passamos do mar Central
Quase desejamos que nosso final
Distante estivesse — tão grande que é
Tão perto do Todo que fica de pé.*

Quero ler o resto, mas sinto o olhar da Arquivista-chefe em mim. Alguma coisa está fora de lugar aqui; a noite está vindo. Estou chegando perto do fim? Parece quase isso — que haja tanto a vir, já tendo vindo tanto — e, ainda assim, nada parece terminado.

— Obrigada — digo.

— Estou feliz que tenha chegado a tempo — comenta ela. — Eu nunca deixei uma negociação inacabada.

Eu dobro o poema de volta e coloco na manga. Mantenho minha expressão neutra, mas sei que ela vai ouvir o tom de desafio no que estou a ponto de dizer.

— Estou grata pelo poema, mas você ainda deixou uma negociação inacabada. Meu microcartão nunca chegou.

Ela ri um pouco, o som ecoando através dos Arquivos vazios.

— Aquele chegou também — conta ela. — Você vai receber o microcartão em Camas.

— Não tenho o suficiente para pagar uma passagem para Camas — lamento. *Como ela descobriu que é para lá que quero ir?* Ela realmente tem um jeito de me levar a Camas ou está fazendo um joguinho cruel? Meu batimento

cardíaco acelera.

— Não há taxa pela sua viagem — avisa ela.
— Se você for à sua Galeria e esperar, alguém da Insurreição vai chegar para te levar.

A Galeria. Eu nunca a mantive em segredo, mas alguma coisa sobre ela ser usada assim parece errada.

— Não entendo — admito.

A Arquivista faz uma pausa.

— O que você negociou — esclarece ela, muito cuidadosamente — tem sido interessante para alguns de nós.

É como minha Oficial de novo. Eu não era interessante para ela, mas meus dados eram.

Quando minha Oficial disse que a Sociedade tinha colocado Ky na seleção de Pares, eu vi o pestanejar de uma mentira em seus olhos. Ela não tinha certeza sobre quem o tinha colocado lá.

Acho que a Arquivista-chefe está escondendo alguma coisa de mim também.

Tenho muitas perguntas.

Quem colocou Ky na seleção?

Quem pagou minha passagem para Camas?

Quem roubou meus poemas?

Isso, eu acho que sei. *Todo mundo tem sua moeda.* A própria Arquivista me disse isso. Algumas vezes, nós podemos nem saber qual é o nosso preço, até sermos confrontados com ele, cara a cara. A Arquivista poderia resistir a qualquer outra coisa naquela arca dos tesouros dos Arquivos, mas meus papéis, cheirando a arenito e água, e simplesmente fora de alcance, eram irresistíveis para ela.

— Já paguei minha passagem — sugiro. — Não paguei? Com minhas páginas do lago.

Está muito quieto aqui, debaixo do solo.

Será que ela vai admitir? Tenho certeza de que estou certa. A pedra impassível do rosto da Arquivista parece inteiramente diferente do pestanejar que vi no rosto da Oficial quando ela

mentiu para mim. Mas em ambas as vezes eu sinto a verdade. A Oficial não sabia. A Arquivista pegou minhas páginas.

— Minha obrigação com você termina aqui — diz ela, virando-se para sair. — Você está ciente da chance de passagem para Camas. É com você aceitar ou recusar. — Ela vai para longe do facho da minha lanterna e entra na escuridão.

— Adeus, Cassia — despede-se.

E então, ela se foi.

Quem vai estar me esperando na Galeria? A passagem para Camas é real, ou é uma traição final? Ela arrumou isso para mim, talvez por culpa de pegar meus papéis? Eu não sei. Não posso mais confiar nela. Retiro o bracelete vermelho que me marcava como uma das negociantes dos Arquivistas e coloco na prateleira. Não preciso disso, porque não significa o que achei que significasse.

Encontro minha caixa sozinha na prateleira.

Quando a abro e olho o conteúdo dentro, descubro que não quero nada. Eles são parte das vidas de outras pessoas, e parece que elas não têm mais lugar na minha.

Mas vou guardar o poema que a Arquivista me deu. *Porque isso*, penso, é real. A Arquivista pode ter roubado de mim, mas não acredito que ela falsificaria alguma coisa. Esse poema é verdadeiro. Posso dizer isso.

Pisamos com veludo na neve —

Eu paro nessa linha e me lembro de quando fiquei na beirada da Escultura, na neve, procurando por Ky. E me lembro de quando dissemos adeus, na beirada do riacho...

Ouvimos da água murmúrio breve,

Passaram três rios e a colina,

Dois desertos e o mar!

A morte rouba-me o prêmio, minha sina

E lança-te um olhar.

Não.

Isso não pode estar certo. Eu leio as duas últimas linhas de novo.

*A morte rouba-me o prêmio, minha sina
E lança-te um olhar.*

Desligo minha luz e digo a mim mesma que o poema não importa, no final das contas. As palavras significam o que você quiser que elas signifiquem. Eu não sei disso, a essa altura?

Por um momento, sinto-me tentada a ficar aqui, escondida dentre os labirintos de prateleiras e salas. Eu poderia ir lá em cima agora e então reunir comida e papel; isso não é o suficiente para se viver? Eu poderia escrever histórias; poderia me esconder do mundo e construir o meu próprio, ao invés de tentar mudá-lo ou viver nele. Eu poderia escrever pessoas de papel, e eu as amaria

também; posso fazê-las quase reais.

Em uma história, você pode voltar ao começo e começar de novo, e todo mundo vive mais uma vez.

Isso não funciona na vida real. E eu amo minhas pessoas reais mais do que tudo. Bram. Minha mãe. Meu pai. Ky. Xander.

Posso confiar em alguém?

Sim. Na minha família, claro.

Ky.

Xander.

Nenhum de nós nunca iria trair o outro.

Antes de vir aqui, Indie e eu descemos um rio, e nós não sabíamos se ele iria nos envenenar ou nos deixar onde queríamos ir. Nós assumimos um perigoso risco na água negra; mesmo agora, acho que posso sentir os borrifos enquanto descemos, o crescente enquanto éramos varridas para baixo.

Valeu a pena, naquele momento.

Eu me lembro de novo da Caverna, na

Escultura. Ela e os Arquivos se fundem em minha mente — aqueles ossos enlameados e fossilizados, e os pequenos tubos transparentes, essas prateleiras vazias e os cômodos vagos. E percebo que nunca posso ficar nesses lugares ociosos na terra por muito tempo, antes de ter que buscar ar.

Essa passagem para Camas, digo a mim mesma, é um risco que estou disposta a correr. Você não pode mudar sua jornada, se não estiver disposto a se mexer de forma alguma.

Eu me escondo em becos, por trás das árvores. Quando enrolo a mão em torno da casca de um pequeno salgueiro em uma área verde, sinto letras frescas entalhadas nele, e elas não soletram meu nome. A árvore está pegajosa com seu próprio sangue. Isso me deixa triste. Ky nunca cortou fundo desse jeito quando esculpia em coisas vivas. Limpo a mão em minhas roupas comuns pretas e desejo que houvesse um jeito de deixar uma marca

sem machucar.

Não estou nem na metade do caminho até o lago quando escuto e vejo as aeronaves.

Elas ressoam sobrevoando, levando pedaços da barricada de volta à Cidade.

Não, penso, não a Galeria.

Corro pelas ruas, desviando das luzes e das pessoas, tentando não contar quantas vezes as naves sobrevoam. Alguém me chama, mas não reconheço a voz, então continuo em frente. É muito perigoso parar. Há um motivo pelo qual devemos ficar em casa — as pessoas estão bravas e com medo, e a Insurreição está achando progressivamente difícil curar e manter a paz.

Eu corro para dentro do escuro do pântano. Agentes da Insurreição, vestidos de preto, escalam em cabos de segurança os muros da barricada, enquanto as naves pairam sobre eles, suas hélices cortando o ar. Posso apenas entender o que está acontecendo a partir das naves acima e das balizas

sinalizadoras daqueles que pousaram no pântano.

A Galeria ainda está ali, à minha frente, se ao menos eu conseguisse alcançá-la a tempo.

Eu me recosto contra uma parede, respirando com dificuldade. Estou chegando perto. O cheiro da água do lago me atinge.

Uma das paredes da Galeria é içada para o céu e eu abafó um grito. Tanto vai se perder se a Galeria se for... Todos aqueles papéis, tudo o que nós fizemos; e como vou achar a pessoa que deveria me levar a Camas, se o lugar de encontro não existir mais?

Eu corro e corro, tanto quanto corri para dentro da Escultura para encontrar Ky.

Eles içam do chão o segundo pedaço da Galeria.

Não. Não. Não.

Em instantes estou parada lá, encarando os sulcos profundos na terra, onde papéis flutuam em poças, como velas sem barcos. Pinturas, poemas,

histórias; tudo afogado. As pessoas que costumavam se encontrar aqui — o que vai acontecer com elas? E como vou chegar a Camas *agora*?

— Cassia — chama alguém. — Você quase chegou tarde demais.

Eu a reconheço imediatamente, mesmo sem tê-la ouvido falar por meses; jamais poderia esquecer a voz da pessoa que me guiou rio abaixo.

— *Indie* — digo, e ali está ela, vestindo negro e se levantando do seu lugar escondido entre as plantas do pântano e samambaias.

— Eles enviaram *você* para me levar a Camas — constato e rio, porque agora eu sei que vou chegar lá, não importa o que acontecer. Indie e eu fugimos para a Escultura, descemos o rio, e agora...

— Vamos voar — diz ela. — Mas temos que *ir*. Eu a sigo, correndo até sua nave no solo.

— Você não precisa se preocupar de ter

nenhum outro agente da Insurreição na nave — avisa ela, por cima do ombro. — Sou a única que voa sozinha. Mas não podemos falar a bordo. As outras naves podem estar escutando. E você vai ter que viajar no compartimento de carga.

— Tudo bem — concordo, sem fôlego. Estou feliz de não ter bagagem para me atrapalhar; já é o suficiente ter que acompanhar Indie desse jeito, carregando nada a não ser a leveza do papel.

Alcançamos a nave e Indie sobe nela. Eu a sigo e paro um momento, surpresa com todas as luzes na cabine do piloto que Indie deve administrar. Nossos olhos se encontram e ambas sorrimos. Então eu me apresso e entro no compartimento de carga. Indie fecha a porta e fico sozinha.

A nave é menor e mais leve do que aquelas em que a gente voa nos acampamentos. Algumas luzinhas se alinham no chão, mas o compartimento de carga é amplamente escuro e não há janelas. Estou tão cansada de voar às cegas...

Passo as mãos pelas paredes da nave, tentando me distrair descobrindo tudo o que puder sobre o meu arredor.

Aqui. Acho que encontrei alguma coisa. Uma pequena linha arranhada na parede próxima ao chão:

l

Um *L*, em letra minúscula?

Sorrio um pouco para mim mesma, em como eu quero encontrar letras em tudo. Poderia ser um arranhão, ranhuras aleatórias e raspagem que surgem com o carregamento e deslocamento da carga. Mas quanto mais tempo eu gasto passando o dedo sobre ela, mais eu me convenço de que foi entalhada de propósito. Tento sentir mais, mas não consigo ir além enquanto estou afivelada.

Olhando para a porta do compartimento de carga, solto o cinto e me movo silenciosamente para tentar sentir mais adiante.

Há muitas delas, entalhadas em fileira.

llllll

Essa letra deve significar alguma coisa, penso, para estar escrita tantas vezes, e então eu percebo; não são letras. Ranhuras. Como aquelas que Ky me contou que as iscas cortavam em suas botas para marcar o tempo que sobreviveram nos campos de trabalho.

Eu me lembro do que Ky me disse sobre seu amigo Vick, como cada dia que ele marcava era um dia sem a garota que ele amava.

Ky e eu andamos marcando também, com bandeiras na Colina. Com a poesia de outros e com nossas próprias palavras. Quem quer que tenha entalhado aqui, estava matando o tempo e aguentando firme.

Eu faço o mesmo, passando os dedos sobre cada pequeno sulco no metal, sem parar, pensando nas peças da Galeria içadas ao céu. Eu me pergunto se quando a Insurreição as baixar de novo para construir um muro, alguns dos papéis

vão ter sobrevivido ao voo.

A porta para o compartimento de carga se abre e Indie acena para que eu suba.

A nave está voando sozinha, de alguma forma. Indie senta atrás dos controles. Ela gesticula para que eu sente no lugar ao lado dela e eu obedeco, com o coração apertado. Até agora, nunca fui capaz de ver enquanto voo, e sinto uma leveza vertiginosa enquanto olho para fora, para o solo abaixo de nós.

É isso *que eu perdi*?

As estrelas desceram à terra, e o oceano se virou sobre o chão; ondas escuras encostam no céu. Elas estão imóveis, pouco visíveis além da luz do sol nascendo atrás delas.

Montanhas, percebo. É isso que é o oceano. Aquelas ondas são picos. As estrelas são luzes nas casas e nas ruas. A terra reflete o céu e o céu se encontra com a terra e, de vez em quando, se temos

sorte, nós temos um momento para vermos quão pequenos somos.

Obrigada, quero dizer a Indie. Obrigada por me deixar ver enquanto voo. Eu quis isso por tanto tempo...

Xander

O paciente número 73 exibe de pouca a nenhuma melhora.

A paciente número 74 exibe de pouca a nenhuma melhora.

Espere, isso é um erro. Eu ainda não examinei a paciente 74. Apago a anotação e ligo o monitor de sinais vitais a ela. O visor se ilumina com números. Seu baço está aumentado, então eu a viro muito cuidadosamente quando realizo o exame. Quando jogo luz em seus olhos, ela não reage.

A paciente número 74 exibe de pouca a nenhuma melhora.

Eu sigo para o próximo paciente.

— Estou verificando seus sinais vitais de novo

— tranquilizo-o. — Nada para se preocupar.

Já faz semanas e nenhum dos pacientes apresentou melhoras. As erupções pelos nervos infectados viraram furúnculos, o que seria extremamente doloroso se os imóveis pudessem sentir alguma coisa. Nós achamos que eles não podem. Mas não temos certeza.

Só alguns de nós sobramos sem ficar doentes. Ainda sou curador, mas como estamos tão sem pessoal, gasto a maior parte do meu tempo trocando as bolsas de nutrientes e os cateteres dos pacientes, monitorando seus sinais vitais, e fazendo exames físicos. Aí eu durmo por poucas horas e faço tudo de novo.

Eles não trazem mais novos pacientes muito frequentemente, exceto por aqueles que já estão por aqui trabalhando quando adoecem. Não temos lugar para mais ninguém, porque os imóveis não vão para casa. Eu costumava me orgulhar de quão rápido nós recuperávamos os pacientes. Agora,

minha satisfação vem de manter o máximo deles aqui o maior tempo possível, porque atualmente, quando um paciente vai embora, significa que ele morreu.

Assim que terminar esse turno, vou descansar. Acho que vou ser capaz de pegar no sono rapidamente. Estou exausto. Se eu já não soubesse, acharia que eu mesmo estou sucumbindo à mutação da Praga. Mas essa é a mesma velha exaustão que tenho sentido há dias.

A maioria dos trabalhadores no centro médico já descobriu, a essa altura, que aqueles que têm a marquinha vermelha são aqueles dentre nós que a Insurreição inicialmente tornou imunes. Parece que a teoria do virologista está certa. Se alguém foi sortudo o suficiente para ser exposto à Praga inicial — o vírus vivo —, agora é imune e carrega a marca vermelha nas costas. A Insurreição não contou ao público em geral sobre a marca vermelha, porque nossos líderes estavam

preocupados com o que iria acontecer. Eles têm tentando descobrir uma cura para a mutação.

É muito para um Piloto administrar.

De novo, tenho tido sorte. O mínimo que posso fazer é aguentar as pontas. São as pessoas como Lei que eu realmente admiro. Elas sabem que não são imunes, mas ficam assim mesmo, para poder ajudar os pacientes.

Vou em direção ao resto dos pacientes, até o final até o último leito, onde o paciente cem aspira de forma molhada e irregular. Tento não pensar muito em como a cura pode ter provocado a mutação, ou sobre onde minha família ou Cassia estão. Eu já falhei com eles. Mas não posso falhar com esses cem.

Não vejo Lei no pátio quando termino, então quebro o protocolo e procuro no dormitório. Ela também não está ali.

Ela não teria fugido. Então, onde ela está?

À medida que passo pela cafeteria apagada, vejo um tremeluzir de luz. O terminal está ligado. Quem poderia estar lá dentro? O Piloto está falando conosco? Normalmente, quando ele fala, eles nos fazem assistir em uma das telas maiores. Abro a porta da cafeteria e vejo a silhueta de Lei contra o terminal. Quando me aproximo um pouco mais, vejo que ela está passando as Cem Pinturas.

Estou a ponto de dizer algo, mas então me refreio e a observo por um segundo. Nunca vi ninguém olhar as pinturas do jeito que ela faz. Ela se aproxima. Dá uns passos para trás.

Ela se detém em uma pintura, e a escuto puxar o ar enquanto coloca a mão direita sobre a tela. Permanece ali olhando por tanto tempo que chamo sua atenção tossindo. Lei se vira. Mal posso ver seu rosto na luz refletida pelo terminal.

— Ainda com dificuldade para dormir? — pergunto.

— Sim — responde ela. — Esse é o melhor

remédio que achei. Eu tento visualizar as cenas outra vez na minha mente, quando estou deitada.

— Você está gastando um tempo com elas — digo, tentando brincar com Lei. — Parece até que você nunca viu as pinturas antes.

Por um momento, sinto como se ela estivesse a ponto de me contar alguma coisa. E então:

— Essa não — admite, chegando para o lado para que eu possa ver a tela.

— É a número 97 — reconheço. A pintura mostra uma garota em um vestido branco e muita luz e água.

— Acho que não prestei atenção nela até agora — diz Lei, e sua voz soa decisiva, como uma porta batendo. Não sei o que eu disse de errado. Por algum motivo, fico desesperado para abrir a porta de novo. Eu falo com todo mundo aqui, todo o tempo, pacientes, médicos e enfermeiras, mas Lei é diferente. Eu e ela trabalhávamos juntos antes de chegar aqui.

— O que você gosta nela? — pergunto, tentando mantê-la falando. — Eu gosto que a gente não consiga dizer se ela está na água ou na margem. Mas o que ela está fazendo? Nunca fui capaz de adivinhar.

— Ela está pescando — afirma Lei. — Isso que ela está segurando é uma rede.

— Ela pegou alguma coisa? — tento descobrir, me aproximando.

— É difícil dizer — pondera Lei.

— Então é por isso que você gosta — sugiro, me lembrando da história dela sobre os peixes que sobem o rio em Camas. — Por causa dos peixes.

— É — admite ela. — E por causa disso. — Ela toca uma pequena mancha de branco no alto da pintura. — Isso é um barco? O reflexo do sol? E aqui. — Lei aponta para pontos escuros na obra. — Não sabemos o que está lançando essas sombras. Há coisas acontecendo fora das bordas. Te deixa com uma sensação de alguma coisa que

você não pode ver.

Acho que entendo.

— Como o Piloto — concluo.

— Não — fala.

Ao longe, ouvimos gritaria e berros. Uma nave de combate zune no alto.

— O que está acontecendo lá fora? — indaga Lei.

— Acho que é o mesmo de sempre — digo a ela. — As pessoas fora da barricada querendo entrar. — A luz alaranjada das fogueiras no lado de fora dos muros parece estranha, mas não é nova. — Não sei mais quanto tempo os agentes vão conseguir segurá-las.

— Elas não iriam querer entrar se soubessem como é — afirma ela.

Agora que meus olhos se ajustaram à escuridão, posso ver que a fadiga de Lei na verdade é dor. Seu rosto tem um aspecto retorcido, e suas palavras, sempre tão claras, parecem pesadas.

Ela está ficando doente.

— Lei — chamo. Eu quase me estico e pego-a pelo cotovelo para guiá-la para fora da cafeteria, mas não sei como ela se sentiria com o gesto. Ela sustenta meu olhar por um instante. Então, lentamente ela gira para longe de mim e levanta a camisa. Linhas vermelhas atravessam suas costas.

— Não precisa dizer — ela me consola. Ela enfia a camisa de volta e se vira. — Eu já sei.

— A gente devia te colocar com uma daquelas bolsas de nutrientes — comento. — Agora. — Pensamentos cruzam minha mente. *Você não devia ter ficado, devia ter partido como os outros fizeram, até que a gente soubesse que tinha alguma coisa que funcionasse...*

— Não quero me deitar — avisa Lei.

— Vem comigo — ordeno e dessa vez eu realmente pego seu braço. Sinto o calor da sua pele através da manga.

— Onde a gente está indo? — ela quer saber.

— Para o pátio — informo. — Você pode se sentar em um banco enquanto eu pego uma intravenosa e uma bolsa de nutrientes. — Desse jeito, ela não vai precisar estar lá dentro quando sucumbir. Poderá ficar do lado de fora o máximo possível.

Ela me encara com seus lindos e exaustos olhos.

— Rápido — apressa ela. — Não quero estar sozinha quando acontecer.

Quando retorno com o equipamento, Lei espera no pátio com os ombros caídos de exaustão. É estranho vê-la com uma postura menos do que perfeita. Ela levanta o braço e eu insiro a agulha nele.

Os fluidos começam a pingar. Eu sento perto dela, segurando a bolsa mais alto do que seu braço, de modo que a intravenosa continue fluindo.

— Me conta uma história — pede ela. —

Preciso ouvir alguma coisa.

— Qual das Cem você gostaria? — pergunto.
— Eu me lembro da maioria delas.

Escuto um fraco traço de surpresa em sua voz, sob a fadiga:

— Você não conhece mais nenhuma?

Faço uma pausa. Não sei, na verdade. A Insurreição não teve tempo de nos dar novas histórias, e eu não sei criá-las. Eu só uso o que tenho.

— Conheço — afirmo, tentando pensar em algo. Então eu pego emprestado da minha própria vida. — Há cerca de um ano, na Sociedade, havia um garoto que se apaixonou por uma garota. Ele vinha observando-a há um longo tempo. Ele tinha esperanças de que ela fosse seu Par. E então ela foi. Ele estava feliz.

— Só isso? — pergunta ela.

— Só isso — confesso. — Muito curta?

Lei começa a rir e por um momento ela soa

como ela mesma.

— É você — fala ela. — É óbvio. Isso não é história.

Eu também rio.

— Desculpa — digo. — Não sou muito bom nisso.

— Mas você ama seu Par — lembra Lei, sem rir. — Sei isso sobre você. Você sabe isso sobre mim.

— É — concordo.

Ela me olha. O líquido pinga na intravenosa.

— Sei uma história antiga sobre pessoas que não *poderiam* ser um Par — conta Lei. — Ele era uma Aberração. Ela era uma Cidadã e uma piloto. Foi o primeiro dos desaparecimentos.

— Dos desaparecimentos? — fico curioso.

— Algumas pessoas dentro da Sociedade queriam sair — retruca Lei. — Ou queriam que seus filhos saíssem. Havia pilotos que levariam as pessoas para longe, em troca de outras coisas.

— Nunca ouvi falar de nada assim — admito.

— Aconteceu — afirma ela. — Eu vi. Alguns desses pais trocariam tudo, arriscariam tudo, porque eles achavam que enviar seus filhos para longe era o melhor jeito de mantê-los em segurança.

— Mas para onde eles os levariam? — questiono. — Para dentro do território Inimigo? Isso não faz nenhum sentido.

— Eles os levariam para a fronteira do território Inimigo, sim — confirma Lei. — Para lugares chamados vilarejos de pedra. Depois disso, era com as pessoas decidir se ficariam nos vilarejos ou se tentariam cruzar o território Inimigo para encontrar um lugar conhecido como Outras Terras. Ninguém que foi para as Outras Terras jamais voltou.

— Não entendo isso — retruco. — Como é que mandar seus filhos embora, para o meio do nada, para perto do Inimigo, pode ser mais seguro do

que ficar na Sociedade?

— Talvez eles soubessem da Praga — sugere Lei. — Mas obviamente seus pais não se sentiam assim. Nem os meus. — Ela me olha. — Você fala quase como se estivesse defendendo a Sociedade.

— Não estou — retruco.

— Eu sei — emenda ela. — Me desculpa. Eu não quis falar para você de História. Eu quis te contar uma história.

— Estou pronto — falo. — Estou ouvindo.

— A história, então. — Ela levanta o braço e observa o líquido entrando nele. — Essa piloto amava o homem, mas tinha obrigações em casa, aquelas de que ela não poderia se esquivar, e obrigações com seus líderes também. Se ela partisse, muitas pessoas sofreriam. Ela levou o homem que amava até as Outras Terras, o que ninguém tinha feito antes.

— O que aconteceu depois disso? — indago.

— Ela foi abatida pelo Inimigo no caminho de

volta — conta Lei. — Ela nunca disse às pessoas o que tinha visto nas Outras Terras. Mas ela salvou aquele que amava. Ela sabia daquilo, não importa o que acontecesse.

No silêncio que se segue à história, ela se recosta em mim. Acho que ela nem percebe que está fazendo isso. Lei está sucumbindo.

— Você acha que poderia fazer isso? — pergunta ela.

— Voar? Talvez.

— Não — diz ela. — Você acha que poderia deixar alguém ir, se você achasse que seria o melhor para ele?

— Não — retruco. — Eu teria que *saber* que era o melhor para ele.

Lei concorda, como se esperasse minha resposta.

— Quase qualquer um poderia fazer isso — alega ela. — Mas e se você não soubesse e apenas *acreditasse*?

Lei não sabe se isso é verdade. Mas ela quer que seja.

— Essa história nunca seria uma das Cem — diz ela. — É uma história da Fronteira. O tipo de coisa que só pode acontecer por lá.

Alguma vez ela foi um piloto? É onde o seu marido está? Ela o levou para longe e agora está sucumbindo? Essa é uma história verdadeira? Qualquer parte dela?

— Eu nunca ouvi falar nas Outras Terras — falo.

— Você ouviu — diz ela, e eu balanço a cabeça. — *Ouviu* — insiste ela me desafiando. — Mesmo que você nunca tenha ouvido o nome, você tem que saber que elas existiam. O mundo não pode ser apenas as Províncias. E ele não é plano como nos mapas da Sociedade. Como funcionaria o sol? E a lua? E as estrelas? Você não olhou para cima? Você não percebeu que eles mudaram?

— Percebi — concordo.

— E você não pensou por quê?

Meu rosto esquenta.

— É claro — constata Lei, sua voz baixa. — Por que eles iam ensinar você? Você deveria ser um Oficial desde o começo. E isso não está nas Cem Lições de Ciência.

— Como *você* sabe? — pergunto.

— Meu pai me ensinou — explica ela.

Há muitas coisas que eu gostaria de perguntar a Lei. Como era o pai dela? Qual a cor que ela usou quando foi um Par? Por que eu não descobri tudo isso antes? Agora não há tempo suficiente para as pequenas coisas.

— Você não é uma simpatizante da Sociedade — retruco. — Eu sempre soube disso. Mas você não era da Insurreição no começo.

— Eu não sou da Insurreição ou da Sociedade — esclarece ela. O fluido pinga em seu braço lentamente. Ele não consegue acompanhar o que está acontecendo com ela.

— Por que você não acredita na Insurreição?
— pergunto. — Ou no Piloto?

— Eu não sei — admite ela. — Eu queria poder.

— No que você acredita? — questiono.

— Meu pai sempre me ensinou que a Terra era uma pedra gigante — conta ela. — Rolando e girando através do céu. E que nós todos estamos ali juntos. Eu acredito nisso.

— Por que nós não caímos? — pergunto.

— A gente não poderia, nem se tentasse — fala ela. — Existe alguma coisa que nos prende aqui.

— Então o mundo está se movendo sob meus pés agora mesmo — sugiro.

— Está.

— Mas eu não sinto.

— Você vai sentir — diz Lei. — Algum dia. Se você deitar e ficar muito imóvel.

Lei olha para mim. Nós dois percebemos o que ela disse: *imóvel*.

— Eu esperava vê-lo de novo antes que isso acontecesse — lamenta.

Quase digo, *estou aqui*. Mas olhando para ela sei que isso não vai ser suficiente, porque eu não sou aquele que ela deseja. Eu vi alguém me olhar desse jeito antes. Não através de mim exatamente, mas além de outra pessoa.

— Eu tinha esperança — diz ela — que ele me encontrasse.

Depois que Lei fica imóvel, eu encontro uma maca abandonada pelos médicos. Eu a deito nela e penduro a bolsa. Um dos médicos-chefe passa por nós.

— Nós não temos espaço nessa ala — avisa o médico.

— Ela é uma de nós — informo. — Nós vamos arrumar espaço.

Ele também tem a marca vermelha, então não hesita em se abaixar e olhar para Lei mais de

perto. O reconhecimento atravessa seu rosto.

— Lei — fala ele. — Uma das melhores. Vocês dois trabalharam juntos mesmo antes da Praga, não trabalharam?

— Sim — concordo.

O rosto do médico é compreensivo.

— Parece que foi em outro mundo completamente diferente, não parece? — pergunta ele.

— Sim — afirmo. Parece. Eu me sinto estranhamente distante, como se estivesse me olhando cuidar de Lei. É apenas a exaustão, mas eu me pergunto se isso é o que você sente quando se está imóvel. Seus corpos ficam num lugar, mas suas mentes podem ir para outro?

Talvez parte de Lei esteja flutuando em volta do centro médico, e indo a todos os lugares que ela conheceu. Ela está nos quartos dos pacientes, supervisionando seus tratamentos. Ela está no pátio, respirando o ar noturno. Ela está no

terminal, olhando para a pintura da menina pescando. Ou talvez tenha deixado o centro médico para trás, e tenha ido encontrá-lo. Eles poderiam estar juntos agora mesmo.

Eu trago Lei para dentro do quarto com os outros. Há 101 deles agora, todos encarando o teto ou os lados.

— Você deve dormir agora — ordena o curador-chefe do terminal.

— Eu vou em um minuto — afirmo. — Me deixa arrumar a Lei. — Eu chamo uma das médicas para vir me ajudar a realizar o exame médico.

— Ela está bem até agora — diz a médica. — Nada está aumentado, e sua pressão sanguínea está decente. — Ela se estica e toca minha mão antes de partir. — Sinto muito — lamenta a mulher.

Estou olhando dentro dos olhos fixos de Lei. Eu falei com muitos outros pacientes, mas não tenho certeza do que dizer a ela.

— Sinto muito — digo, ecoando as palavras da médica. Não é o suficiente: eu não posso fazer nada por Lei.

Então eu tenho uma ideia e, antes que possa me dissuadir disso, disparo pelo corredor até a cafeteria e o terminal onde Lei estava olhando as pinturas.

— Por favor, tenha papel, por favor, tenha papel — imploro ao terminal. Se eu falo com pacientes que não podem responder, por que não falar com o terminal também?

O terminal escuta. A máquina imprime todas as Cem Pinturas quando digito o comando. Eu reúno aqueles papéis cheios de cor e luz e os levo comigo. Isso é o que fiz por Cassia quando ela me deixou: tentei dar algo que eu sabia que ela amaria ter consigo.

A maioria dos outros trabalhadores pensa que estou louco, mas uma das enfermeiras concorda

que minha ideia pode ajudar.

— Pelo menos vai *me* dar alguma coisa diferente para olhar — diz ela, e encontra fita adesiva e fio cirúrgico no armário de suprimentos, e me ajuda a pendurar as pinturas no teto, acima dos pacientes.

— O papel do terminal se deteriora muito rápido — aviso —, então nós vamos ter que imprimi-los de novo dentro de poucos dias. E nós devemos variá-los. Não queremos que os pacientes enjoem de nenhuma pintura. — Eu dou um passo atrás para inspecionar o que fizemos. — Seria melhor se tivéssemos novas pinturas. Não quero que os pacientes pensem que estão de volta à Sociedade.

— A gente poderia fazer algumas — diz outra enfermeira, ávida. — Eu sempre senti falta de desenhar, do jeito que a gente fazia na Primeira Escola.

— O que vocês usariam? — pergunto. — Nós

não temos nenhuma tinta.

— Vou pensar em alguma coisa — promete ela.

— Não é a chance que vocês sempre quiseram?

— Não — responde. Acho que isso a surpreende, então sorrio para suavizar a resposta. Imagino se eu seria uma pessoa diferente, do tipo por quem Lei e Cassia poderiam se apaixonar, se eu precisasse.

— O curador-chefe vai te tirar do seu próximo turno, se você não for para o dormitório agora — avisa a enfermeira.

— Eu sei — concordo. — Eu o ouvi no terminal.

Mas tem alguém com quem eu tenho que falar antes de ir.

— Sinto muito — digo a Lei. As palavras são tão inadequadas quanto eram da primeira vez, então eu tento de novo. — Eles vão encontrar a cura, você não acha? — Aponto para a pintura pendurada acima dela. — Tem que ter alguma luz

em um canto, em algum lugar. — Eu não teria visto a luz, se ela não tivesse apontado, mas uma vez que Lei o fez, tornou-se impossível ignorar.

No caminho para o dormitório, a porta do pátio se abre e alguém de preto entra no corredor, bloqueando minha passagem. Eu dou uma brecada. É uma garota que já vi antes, mas minha mente exausta não me deixa localizar exatamente onde. Apesar disso, sei que ela não pertence à nossa ala isolada. O curador-chefe não me avisou que ninguém novo estava vindo, e mesmo se estivesse, eles precisam entrar pela porta principal.

— Meu Deus — exclama a garota. — Aí está você. Eu estava te procurando.

— Como você entrou aqui? — pergunto.

— Eu voei — responde ela. Então ela sorri e eu sei exatamente quem é: Indie, a garota que uma vez trouxe as curas com Ky. — Eu também posso ter alguns códigos-chave para as portas — avisa

Indie.

— Você não deveria estar aqui — alerta. — Esse lugar está cheio de pessoas doentes.

— Eu sei — confirma ela —, mas você não está, está?

— Não — afirmo. — Não estou doente.

— Preciso que você venha comigo — apressa-me ela. — Agora.

— Não — digo. Isso não faz nenhum sentido. — Sou um curador aqui. — Não posso deixar todos os imóveis, e com certeza não posso deixar Lei. Eu pego o miniterminal.

— Mas eu estou aqui para te levar até Cassia — esclarece Indie, e eu deixo a mão cair. Ela está falando a verdade? Será que Cassia realmente poderia estar em algum lugar aqui perto? Então o medo me inunda.

— Ela está no centro médico? — pergunto. — Está doente?

— Ah, não — retruca Indie. — Ela está bem.

Está lá fora, na minha nave.

Durante todos esses meses eu quis ver Cassia de novo, e agora talvez eu tenha a chance. Mas não posso fazer isso. Há muitos imóveis, e um deles é Lei.

— Desculpa — digo. — Eu tenho que tomar conta dos pacientes aqui. E você foi exposta à mutação agora. Não deveria ir embora. Você precisa ficar de quarentena.

Indie suspira.

— Ele achou que você poderia ser difícil de convencer. Então eu devo te dizer que, se você vier comigo, você vai ser capaz de ajudá-lo a trabalhar com a cura.

— De quem você está falando? — questiono.

— Do Piloto, claro. — Ela fala isso de um jeito tão prosaico que eu acredito nela.

O *Piloto* quer que eu ajude na cura.

— Ele sabe que você tem conhecimento da mutação da Praga em primeira mão — afirma

Indie. — Ele precisa de você.

Eu olho para trás, para o corredor.

— *Agora* — insiste Indie. — Ele precisa de você agora. Não há tempo para dizer adeus. — Sua voz está honesta e inabalável. — Algum deles pode te ouvir, de qualquer forma?

— Não sei — confesso.

— Você confia no Piloto — diz Indie.

— Confio.

— Mas você já o conheceu?

— Não — respondo. — Mas você já.

— Já — fala ela. Ela insere um código e abre a porta. É quase de manhã, agora. — E você está certo de acreditar nele.

CAPÍTULO 22

Ky

— Ky — sussurra uma voz feminina para mim.
— Ky.

Sua mão é suave sobre minha bochecha. Não pareço poder acordar. Talvez porque eu não queira. Faz muito tempo desde que sonhei com Cassia.

— Ky — chama ela de novo. Eu abro os olhos.
É Indie.

Ela vê no meu rosto que estou decepcionado. Sua expressão vacila um pouco, mas mesmo na luz muito pálida do começo da manhã, posso ver triunfo em seus olhos.

— O que você está fazendo? — pergunto a Indie. — Você deveria estar em quarentena. —

Depois que trouxemos Caleb de volta, eles o levaram e me trancaram com Indie em cubículos de quarentena aqui na base. Pelo menos não nos puseram na Prefeitura. — Como você entrou aqui? — insisto, olhando em volta. A porta do meu cubículo está aberta. Todas as outras pessoas que eu consigo ver estão dormindo.

— Eu consegui — diz ela. — Eu tenho uma nave. E tenho ela. — Indie abre um sorriso. — Enquanto você estava dormindo, eu voei até a Central.

— Você foi até a *Central*? — pergunto, levantando. — E você a encontrou?

— Sim — confirma Indie. — Cassia não está doente. Ela está bem. E agora vocês podem fugir.

Agora vocês podem fugir. Podemos dar o fora daqui. Sei que é perigoso, mas sinto como se fosse capaz de tudo se Cassia realmente estiver em Camas. Quando me levanto, fico tonto por um segundo e coloco a mão na parede para me apoiar.

Indie para.

— Você está bem? — indaga.

— Claro — respondo. Cassia não está mais na Central. Ela está aqui e está a salvo.

Juntos, Indie e eu deslizamos a porta do cubículo e vamos em direção aos campos. As gramas sussurram entre si no escuro pálido e eu começo a correr. Indie permanece perto de mim, mantendo o ritmo.

— Você devia ter visto as aterrissagens que eu fiz — conta Indie. — Elas foram perfeitas. *Mais* do que perfeitas. As pessoas vão contar histórias sobre elas, algum dia. — Indie parece quase vaidosa. Eu nunca a ouvi assim antes, e é contagiante.

— Como ela está? — pergunto.

— A mesma de sempre — diz ela, e eu começo a gargalhar e paro de correr, e me estico para pegar Indie e girá-la, e beijar sua bochecha e agradecer-lhe por conseguir o impossível, mas

então eu me lembro.

Eu poderia estar doente. Assim como ela.

— Obrigado — digo. — Queria que a gente não estivesse em quarentena.

— Isso realmente importa? — pergunta ela, se aproximando um pouquinho.

Seu rosto está cheio de pura alegria e eu sinto aquele beijo de novo em meus lábios.

— Sim — lamento —, importa. — Então sou atingido pelo medo. — Você garantiu que Cassia não fosse exposta ao novo vírus, não é?

— Ela viajou no compartimento de carga quase o tempo todo — responde ela. — A nave foi esterilizada, eu realmente nem falei com ela.

Vou ter que ser cuidadoso. Usar uma máscara, ficar fora do compartimento de carga, manter distância de Cassia... Mas pelo menos eu posso vê-la. *Muito bom para ser verdade*, algum instinto interno me avisa. *Você e Cassia juntos, voando para longe, do jeito que você imaginou? As*

coisas não acontecem desse jeito.

Se você deixa a esperança entrar, ela toma conta de você. Ela se alimenta de suas entranhas e usa seus ossos para escalar e crescer. Finalmente, ela se torna a coisa que *são* seus ossos, que te mantém firme. Que te segura até você não saber mais como viver sem ela. Arrancá-la de você ia te matar por completo.

— Indie Holt — digo —, você é boa demais para ser verdade.

Indie ri.

— Ninguém nunca me chamou de boa antes.

— Claro que chamou — retruco. — Quando você está voando.

— Não — discorda ela. — Aí eles dizem que eu sou ótima.

— Isso mesmo — afirmo —, você é.

Estamos correndo de novo para as naves. Elas se amontoam contra a manhã, como uma revoada de pássaros de metal.

— Essa aqui — aponta Indie, e eu a sigo. —
Você primeiro — diz ela.

Subo na cabine, me virando para perguntar:

— Quem vai pilotar?

— Eu vou — avisa uma voz familiar.

O Piloto emerge das sombras da traseira da cabine.

— Está tudo bem — tranquiliza Indie. — É ele que vai ajudar você a fugir até as montanhas.

Nem o Piloto nem eu dizemos nada. É estranho não ouvir sua voz de novo. Estou acostumado que ele fale conosco pelo terminal.

— *Ela realmente está aqui?* — pergunto a Indie baixinho, esperando que ela tenha mentido para mim sobre Cassia estar a bordo. Alguma coisa nisso tudo parece errada. Indie não pode sentir?

— Vai lá ver — sugere ele, apontando o compartimento de carga. Ela sorri. Então eu sei. Ela não acha que isso seja uma armadilha, e

Cassia está aqui. Isso está claro, embora nada mais esteja. Tem alguma coisa errada comigo. Não consigo pensar direito, e quando desço para o compartimento de carga, quase tropeço.

Ali está ela. Após todos esses meses, estamos na mesma nave. Tudo o que eu queria, bem aqui. *Vamos fazer o Piloto descer, vamos fugir, vamos juntos até as Outras Terras.* Cassia olha para mim, sua expressão forte, sábia e linda.

Mas Cassia não está sozinha.

Xander está com ela.

Onde o Piloto está levando todos nós? Indie confia nele, mas eu não.

Indie, o que você fez?

— Você não fugiria comigo — explica Indie —, então eu a trouxe para você. Agora você pode ir para as montanhas.

— Você não vem com a gente — digo, entendendo.

— Se as coisas fossem diferentes, eu iria —

fala Indie, e, quando ela me olha, é difícil sustentar seu olhar honesto e desejoso. — Mas elas não são. E eu ainda tenho voos a fazer. — E então, rápida como um peixe ou uma ave, ela desaparece da entrada do compartimento de carga. Ninguém consegue pegar Indie quando é hora de ela partir.

Cassia

Nós deveríamos ter nos encontrado meses atrás, em uma noite escura de começo de primavera, no lago, onde poderíamos estar sozinhos.

O rosto de Ky está retorcido de fadiga, e eu capto o aroma de sálvia, areia e grama do mundo exterior. Eu conheço aquela aparência de pedra em seu rosto, aquela linha em sua mandíbula. Sua pele é áspera. Seus olhos são profundos.

Começamos com sua mão em torno da minha, me mostrando os formatos.

Os olhos de Ky estão tão repletos de amor e desejo, que me atravessam como o canto alto e agudo de um pássaro no cânion, ecoando por todo o meu corpo. Eu sou vista e conhecida, embora

ainda não tocada.

O momento entoa entre nós e então tudo entra em movimento.

— Não — diz Ky, retrocedendo de volta à escada. — Eu esqueci. Não posso ficar aqui embaixo com você.

É muito tarde; o Piloto fechou a escotilha acima de nós. Ky esmurra a porta enquanto os motores se acionam e a voz do Piloto vem pelos alto-falantes:

— Preparar para decolagem.

Eu me agarro em um dos cintos pendendo do teto. Xander faz a mesma coisa. Ky ainda bate na porta do compartimento de carga.

— Não posso ficar aqui — alerta Ky. — Tem uma doença lá fora, pior do que a Praga, e eu fui exposto a ela.

Seus olhos estão ferozes.

— Está tudo bem — Xander tenta dizer a Ky, mas Ky não pode ouvir por causa do barulho dos motores e do martelar de suas mãos.

— Ky — grito o mais alto que consigo, entre as batidas de seus punhos no metal. — Está. Tudo. Bem! Eu. Não. Posso. Ficar. Doente.

Então ele se vira.

— Nem Xander — continuo.

— Como vocês sabem? — pergunta Ky.

— Nós dois temos a marca — explica Xander.

— Que marca?

Xander se vira e abaixa seu colarinho, para que Ky possa ver.

— Se você tem isso, significa que não pode pegar a mutação da Praga.

— Eu também tenho — confirmo. — Xander procurou para mim, quando a gente estava voando para cá.

— Eu tenho trabalhado com essa mutação há semanas — afirma Xander.

— E eu? — pergunta Ky.

Ele se vira e, em um movimento rápido, puxa a camisa pela cabeça. Ali, na penumbra da

aeronave, eu vejo a superfície plana e musculosa de suas costas, macia e bronzeada.

E nada mais.

Minha garganta se aperta.

— Ky — falo.

— Você não tem — avisa Xander. Suas palavras são neutras, mas compreensivas. — Você deveria ficar longe de nós, no caso de a sua exposição não ter realmente infectado você. Ainda podemos ser portadores.

Ky concorda e coloca a camisa de volta. Quando ele se vira para nós, há medo e alívio em seus olhos. Ky não esperava ser imune; ele nunca teve sorte. Mas está feliz que eu seja. Meus olhos queimam com lágrimas de raiva. Por que tem que ser sempre assim com Ky? Como ele aguenta?

Ele segue em frente.

A voz do Piloto entra por um alto-falante na parede.

— O voo não vai ser longo — avisa ele.

— Aonde nós vamos? — pergunta Ky.

O Piloto não responde.

— Para as montanhas — digo, ao mesmo tempo em que Xander completa: — Para ajudar o Piloto a achar uma cura.

— Isso é o que Indie disse para vocês — fala Ky, e eu e Xander concordamos. Ky levanta as sobrancelhas como se dissesse, *mas o que o Piloto tem em mente?*

— Há uma coisa no compartimento de carga para Cassia — informa o Piloto. — Está em uma caixa na traseira.

Xander encontra a caixa primeiro e empurra-a para mim. Ele e Ky observam enquanto eu a abro. Dentro há duas coisas: um leitor de dados e um pedaço de papel branco dobrado.

Eu tiro o leitor de dados primeiro e entrego-o para Xander segurar. Ky permanece do outro lado da nave. Então eu levanto o papel. É lustroso, uma folha branca de um terminal, e mais pesado do que

deveria ser, dobrado em um intrincado padrão para guardar alguma coisa dentro. Quando abro as camadas, vejo o microcartão do Vovô no centro.

Bram o enviou, afinal de contas.

Meu irmão mandou mais alguma coisa também. Chamando a atenção no meio do papel estão linhas de escrita escura. Um código.

Reconheço o padrão na escrita — Bram fez parecer como um jogo que uma vez eu fiz para ele no escrevinhador. *Essa é a letra do meu irmão.* Bram aprendeu sozinho a escrever, e ao invés de só decifrar minha mensagem, bolou um código simples por conta própria. Nós achamos que ele não podia prestar atenção em detalhes, mas ele pode, quando o interessa o suficiente. Bram daria um maravilhoso classificador, apesar de tudo.

Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto imagino minha família exilada em sua casa em Keya. Eu só pedi o microcartão, mas eles enviaram mais. O código de Bram, o papel da

minha mãe — penso que a vejo fazer cuidadosamente a dobradura. O único que não me enviou nada foi meu pai.

— Por favor — pede o Piloto —, vá em frente e veja o microcartão. — Seu tom permanece gentil, mas ouço a ordem em suas palavras.

Eu insiro o microcartão no leitor de dados. É um modelo mais antigo, mas só leva alguns segundos para a primeira imagem carregar. E ali está Vovô. Seu rosto bondoso, esperto e maravilhoso. Eu não o vejo há quase um ano, exceto em meus sonhos.

— O leitor de dados está funcionando? — pergunta o Piloto.

— Está — digo, minha garganta doendo. — Está, obrigada.

Por um momento, esqueço que estou procurando por algo específico — a memória favorita do Vovô comigo. Ao invés disso, estou distraída com as imagens da sua vida.

O Vovô jovem, uma criança em pé com seus pais. Um pouco mais velho, vestindo roupas comuns, e então com o braço em volta de uma jovem. Minha avó. Vovó aparece segurando um bebê, meu pai, com meu avô rindo perto dele, e então isso também se vai.

Bram e eu aparecemos na tela com o Vovô.

E desaparecemos.

A tela para em uma imagem do Vovô no final da vida, seu rosto bonito e olhos escuros olhando para fora do leitor de dados com humor e força.

— Ao se despedir, como é de costume, Samuel Reyes fez uma lista de suas memórias favoritas de cada um dos seus familiares vivos — conta a historiadora. — A que ele escolheu sobre sua nora, Molly, foi do dia em que ele a conheceu.

Meu pai se lembrava daquele dia também. No Bairro, ele me contou como foi com seus pais para conhecer minha mãe no trem. Meu pai disse que todos se apaixonaram por ela naquele dia; que ele

nunca tinha visto uma pessoa tão calorosa e cheia de vida.

— Sua memória favorita do seu filho, Abran, foi do dia em que eles tiveram sua primeira discussão de verdade.

Deve ter havido uma história por trás dessa memória. Vou ter que perguntar ao meu pai sobre ela quando o vir de novo. Meu pai raramente discute com alguém. Eu sinto uma pequena pontada de dor. Por que Papai não me enviou nada? Mas ele deve ter aprovado que eles enviassem o microcartão. Minha mãe nunca faria nada escondido dele.

— Sua memória favorita do seu neto, Bram, foi sua primeira palavra — continua a historiadora. — A palavra foi “mais”.

Agora, minha vez. Eu me inclino para a frente, do jeito que eu fazia quando era pequena e o Vovô me contava as coisas.

— Sua memória favorita de sua neta, Cassia —

diz a historiadora —, foi o dia no jardim vermelho.

Bram estava certo. Ele ouviu a historiadora corretamente. A mulher realmente disse *dia*. Não dias. Então a historiadora cometeu um erro? Eu queria que eles deixassem o Vovô falar por si mesmo. Gostaria de ouvir *sua* voz dizendo essas palavras. Mas esse não é o jeito que a Sociedade faz as coisas.

Isso não me disse nada, a não ser que o Vovô me amava — nada pouco, mas que eu já sabia. E um dia no jardim vermelho poderia ser qualquer momento do ano. Folhas vermelhas no outono, flores vermelhas no verão, e mesmo algumas vezes, quando sentávamos do lado de fora, no inverno, nossos narizes e bochechas se tornavam vermelhos do frio, e o sol se punha avermelhado no oeste. Dias no jardim vermelho. Há tantos deles...

E por isso, sou grata.

— O que aconteceu no dia no jardim vermelho?
— pergunta o Piloto, e eu olho para cima. Por um momento, esqueci que ele estava ouvindo.

— Não sei — admito. — Eu não me lembro.

— O que diz o papel? — pergunta Xander.

— Eu ainda não o decodifiquei — respondo.

— Posso te poupar tempo — fala o Piloto. — Ele diz: *Cassia, quero que você saiba que estou orgulhoso de você, por ver as coisas claramente e por ser mais corajosa do que eu fui. É do seu pai.*

Meu pai me *mandou* uma mensagem. E Bram a codificou para ele, e minha mãe a embrulhou.

Dou uma olhada para baixo, para o código de Bram, para ter certeza de que o Piloto traduziu a mensagem corretamente, mas então o Piloto me interrompe.

— Essa negociação não chegou ao final até recentemente — explica o Piloto. — Parece que depois que deixou as mãos da sua família, o

negociante envolvido ficou doente. Quando realmente chegou, achamos o microcartão intrigante, e a mensagem também.

— Quem deu isso a você? — pergunto.

— Tenho pessoas que procuram coisas que sabem que me interessam — informa o Piloto. — A Arquivista-chefe, na Central, é uma delas.

Ela me traiu de novo.

— As trocas deveriam ser secretas — digo.

— Em tempos de guerra, regras diferentes se aplicam — rebate o Piloto.

— Nós não estamos em guerra — discordo.

— Nós estamos *perdendo* uma guerra — afirma o Piloto —, contra a mutação. Nós não temos cura.

Olho para Ky, que não tem a marca, que não está a salvo, e entendo a urgência das palavras do Piloto. Nós não podemos perder.

— Ou você está nos ajudando a encontrar e administrar a cura — ameaça o Piloto —, ou está dificultando nossos esforços.

— Nós queremos ajudar você — afirma Xander. — É por isso que você está nos levando para as montanhas, não é?

— Eu *estou* levando vocês para as montanhas — confirma o Piloto. — O que acontece com vocês quando chegarem lá é que ainda não decidi.

Ky ri.

— Se você está gastando todo esse tempo decidindo o que fazer com nós três quando há um vírus incurável enfurecido pelas províncias, ou você é estúpido ou está desesperado.

— A situação — esclarece o Piloto — passou muito do desespero.

— Então, o que você possivelmente poderia esperar que *nós* fizessemos?

— Vocês vão ajudar — diz ele —, de um jeito ou de outro. — A nave vira um pouco, e eu me pergunto onde estamos no céu. — Não há muitas pessoas em quem eu possa confiar — explica o Piloto. — Então, quando duas delas me dizem

coisas contraditórias, isso me preocupa. Um dos meus aliados acha que vocês três são traidores, que deveriam ser aprisionados e interrogados longe das Províncias, onde tenho a certeza da lealdade das pessoas. O outro acha que vocês podem me ajudar a encontrar uma cura.

A Arquivista-chefe é a primeira pessoa, penso. Mas quem é a outra?

— Quando a Arquivista chamou minha atenção para essa negociação — continua o Piloto —, fiquei interessado, como ela sabia que eu ficaria, tanto pelo nome no microcartão quanto pela mensagem incluída no papel. Seu pai não se aliou à Insurreição. Exatamente o que você fez, que ele não ousou fazer? Você levou as coisas mais além e *combateu* a Insurreição? E então, quando olhei mais de perto, encontrei outras coisas que achei dignas de prestar atenção.

Ele começa a recitar nomes de flores para mim. No começo, acho que ele ficou maluco, mas

depois percebo o que ele está dizendo:

Rosa nova, rosa antiga, Renda da Rainha Anne.

— Você escreveu isso e distribuiu — acusa ele. — O que o código representa?

Não é um código. São apenas as palavras da minha mãe, transformadas em um poema. Onde ele as encontrou? Alguém deu a ele? Eu quis que isso fosse compartilhado, mas não assim.

— *Onde* é o lugar sobre a colina, embaixo da árvore, e passando a fronteira que ninguém pode ver?

Quando ele faz a pergunta assim, soa complicado, como uma charada. E era só para ser simples, uma canção.

— Quem estava se encontrando lá? — pergunta ele, e sua voz está clara e estável. Mas Ky tem razão. O Piloto *está* desesperado. Não há vestígio de medo em seu tom quando ele fala, mas a pergunta que ele está fazendo, o jeito como ele

está apostando seu tempo precioso conosco — tudo isso me deixa gelada de medo. Se o Piloto não sabe como nos salvar da nova Praga, quem sabe?

— Ninguém — digo. — É um poema. Não é para ter sentido literal.

— Mas os poemas normalmente têm — rebate ele. — Você sabe disso.

Ele tem razão. Pensei no poema com o nome do Piloto e se aquele era o que o Vovô realmente queria que eu encontrasse. Meu avô me deu o compacto, me contou as histórias de escalada da Colina de sua mãe, que cantava poemas proibidos para ele. *O que* o Vovô queria que eu fizesse? Eu sempre me perguntei.

— Por que você reuniu pessoas na Galeria? — indaga o Piloto.

— Para que elas pudessem trazer o que elas fizeram.

— Sobre o que vocês falavam lá?

— Poesia — respondo. — Canções.

— E isso é tudo — sugere o Piloto.

Sua voz pode ser fria ou quente como uma pedra, percebo. Às vezes soa generosa e acolhedora, como arenito sob o sol, e outras vezes é implacável como o mármore da escadaria da Prefeitura.

Eu tenho uma pergunta para o Piloto.

— Por que meu nome te interessou *agora*? — questiono. — As pessoas na Insurreição devem tê-lo visto antes. Não significava nada para elas.

— Aconteceram coisas desde que você se juntou à Insurreição, meses atrás — esclarece o Piloto. — Lagos envenenados. Códigos misteriosos. Uma Galeria construída onde as pessoas podiam se reunir e trocar coisas que elas escreveram. Parecia que seu nome merecia uma segunda olhada. E quando olhamos de novo, havia uma grande negociação a ser encontrada. — E agora sua voz é *muito* fria.

— Cassia não está combatendo a Insurreição — retruca Xander. — Ela é parte *da* Insurreição. Posso responder por ela.

— Eu também — completa Ky.

— Isso poderia significar alguma coisa para mim — diz o Piloto —, se não fosse pela confluência de dados em torno de vocês três. Há o suficiente para tornar *todos* vocês suspeitos.

— Como assim? — pergunto. — Nós fizemos tudo o que a Insurreição nos pediu para fazer. Eu voltei a viver na Central. Ky pilotou naves para vocês. Xander salvou pacientes.

— Suas pequenas obediências serviram para camuflar suas outras ações para aqueles na Insurreição com menos autoridade e informações — diz o Piloto. — Inicialmente eles não tinham motivo para relatá-los a mim. Mas depois que vocês foram trazidos à minha atenção, eu vi coisas e fiz conexões que estavam indisponíveis para os outros. Como Piloto, eu tenho acesso a mais

informações. Quando olhei com mais atenção, descobri a verdade. Pessoas morreram onde quer que vocês estivessem. As iscas no seu acampamento, por exemplo, muitas das quais eram Aberrações.

— Nós não matamos aquelas iscas — explica Ky. — Vocês mataram. Quando a Sociedade enviou as pessoas para lá para morrer, vocês se recostaram e observaram.

O Piloto continua implacável.

— Um rio perto da Escultura foi envenenado enquanto vocês estavam na área. Vocês detonaram cabos na Escultura, destruindo parte de um vilarejo que pertencia a Anomalias. Destruíram tubos em uma instalação de armazenamento nos cânions, uma instalação onde a Insurreição tinha se infiltrado. Vocês conspiraram para obter e transportar comprimidos azuis. E até mesmo mataram um menino com eles. Nós encontramos seu corpo.

— Isso não é verdade — retruco, mas de certa forma é. Eu não queria matar aquele garoto dando a ele comprimidos azuis, mas matei. E então eu percebo por que a Arquivista me perguntou sobre as localizações onde as amostras de preservação de tecidos poderiam estar armazenadas. — Era você que queria saber quanto eu sabia sobre os tubos — afirmo. — Você realmente negociou com eles?

— Você *negociou* com eles? — espanta-se Ky.

— Claro — afirma o Piloto. — Eu faria o que fosse preciso para garantir lealdade e recursos para encontrar a cura. As amostras são uma moeda que funciona quando quase nada mais funciona.

Ky balança a cabeça, enojado. Não consigo não ficar grata por termos sido capazes de retirar o tubo do Vovô da Caverna. Quem sabe para que o Piloto o teria usado?

— Tem mais coisas — continua o Piloto. — As Cidades onde vocês moraram estavam dentre

aquelas que sofreram contaminação dos reservatórios da água.

O lago. Eu me lembro daqueles peixes mortos. Mas não entendo o que ele quer dizer. Nós três nos olhamos. *Nós temos que entender isso.*

— A Praga se espalhou muito rápido — diz Xander, seus olhos se iluminando. — Ficou contida na Central por muito tempo, e então de repente se generalizou. Até o vírus entrar na água, nós tínhamos uma epidemia, pessoas ficando doentes de pegarem umas das outras. Depois dos reservatórios de água serem contaminados, nós tivemos uma pandemia.

E agora Ky e eu estamos bem ali com Xander, juntando as peças.

— É uma Praga transmissível pela água — percebe Ky. — Como aquela que eles enviaram ao Inimigo.

Os números da Praga fazem sentido para mim agora.

— O surto súbito que nós vimos no começo da Praga, contaminação difundida em várias Cidades e Províncias diferentes, significa que alguém adicionou o vírus aos recursos de água para acelerar o processo. — Eu balanço a cabeça. — Eu devia ter percebido. É por isso que a doença estava em todo lugar, de uma vez.

— E é por isso que nós ficamos sob tensão máxima no centro médico — conclui Xander. — A Insurreição não antecipou a sabotagem. Mas nós lidamos com ela mesmo assim. Tudo teria ficado bem, exceto pela mutação.

— Você não pode achar que nós três poderíamos coordenar tudo isso — diz Ky.

— Não — admite o Piloto. — Mas vocês três foram parte disso. E está na hora de confessar o que vocês sabem. — Ele faz uma pausa. — Tem mais uma coisa para Cassia no leitor de dados.

Eu torno a olhar para a tela, e vejo um segundo arquivo adicionado. Dentro eu encontro uma foto

da minha mãe e uma do meu pai. A tela indo e voltando das duas fotos.

— Não — digo. — *Não*. — Meus pais me olham da tela, os olhos vidrados. Ambos estão imóveis.

— Eles têm a mutação — avisa o Piloto. — Não há cura. Ambos estão em um centro médico em Keya. — Ele antecipa minha próxima pergunta, antes que eu possa fazê-la. — Não fomos capazes de localizar seu irmão.

Bram. Ele está caído em algum lugar, onde ninguém pode encontrá-lo? Ele está morto como o menino na Escultura? Não. Bram não está. Não acredito nisso. Não consigo imaginar Bram imóvel.

— Agora — fala o Piloto —, você tem um incentivo para nos contar tudo o que puder. Para quem você trabalha? Vocês são simpatizantes da Sociedade? Mais alguém é? Seu grupo introduziu a mutação? Vocês têm a cura?

Pela primeira vez, eu o escuto perder o controle enquanto fala. É apenas na última palavra, *cura*, e posso dizer quão realmente desesperado e determinado ele está. O Piloto quer a cura. Ele vai fazer qualquer coisa que puder para achá-la.

Mas nós não temos a cura. Ele está perdendo tempo conosco. O que deveríamos fazer? Como convencê-lo?

— Sei que vocês podem fazer a coisa certa — fala o Piloto. A quebra em sua voz se foi, e agora ele soa persuasivo, gentil. — Seu pai pode ter se aliado à Sociedade e ter se recusado a se juntar à Insurreição, mas seu avô trabalhou para nós. Você é bisneta da grande Piloto Reyes, claro. E você já nos ajudou antes, embora não se lembre disso.

Eu mal escuto a última coisa que ele diz, porque...

Minha bisavó. *Ela* foi o Piloto.

Era ela que cantava poemas para meu avô, mesmo quando a Sociedade lhe disse que ela só

podia escolher cem. Foi ela que salvou a página que eu queimei.

— Nunca conheci a Piloto Reyes pessoalmente — continua o Piloto. — Ela veio antes do meu antecessor. Mas, como Piloto, sou umas das poucas pessoas que sabem os nomes dos Pilotos que vieram antes. E eu a conheço por seus escritos. Ela foi o Piloto certo no momento certo. Reyes preservou registros e reuniu o que precisávamos saber para entrar em ação depois. Mas uma coisa é a mesma para *todos* os Pilotos: temos que entender o que significa ser Piloto. Sua bisavó entendia que, se você não salva, você falha. E ela sabia que o pequeno rebelde que faz seu trabalho é tão grande quanto o Piloto que lidera. Ela não apenas acreditava nisso. Ela *sabia* disso.

— Nós não fizemos nada... — começo, mas subitamente a nave perde altitude e continua caindo.

Ky perde o equilíbrio e se choca com as caixas

contra a parede. Tanto eu quanto Xander corremos para ajudá-lo.

— Estou bem — avisa Ky.

Mal posso ouvi-lo por causa dos barulhos da nave, e então nós batemos forte contra o chão. Meu corpo todo estala com o impacto.

— Quando ele abrir o compartimento de carga — avisa Ky —, nós vamos fugir. Nós vamos embora.

— Ky — chamo —, espera.

— Nós podemos passar por ele — continua Ky.
— Nós somos três e ele é só um.

— Há dois de vocês — avisa Xander. — Eu não vou.

Ky encara Xander, perplexo.

— Você não escutou nada?

— Escutei — afirma Xander. — O Piloto quer uma cura. Eu também. Vou ajudá-lo do jeito que eu puder. — Xander olha para mim, e vejo que ele ainda acredita no Piloto. Ele está escolhendo o

Piloto acima de qualquer um, aqui pelo menos.

Por que ele não faria isso? Ky e eu o deixamos para trás; eu nunca o ensinei a escrever. E eu nunca perguntei a Xander sobre a *sua* história, porque pensei que já sabia. Olhando para ele agora, percebo que eu não sabia tudo antes, e certamente não sei tudo agora. Ele atravessou seus próprios cânions e saiu deles mudado.

E Xander está certo. Tudo o que importa é a cura. É por isso que temos que lutar agora.

Eu sou o voto de Minerva. Ambos esperam por mim. E dessa vez escolho Xander, ou pelo menos escolho seu lado.

— Vamos falar com o Piloto — peço a Ky. — Só mais um pouquinho.

— Tem certeza? — questiona Ky.

— Tenho — afirmo, e o Piloto abre a porta para o compartimento de carga. Eu sigo Ky escada acima, Xander vindo atrás, e entrego ao Piloto o leitor de dados com as fotos dos meus pais.

— A Galeria era um lugar para encontros e poesia — explico ao Piloto. — Os comprimidos azuis foram um acidente. Nós não sabíamos que eles matavam. Nós usamos cabos na Escultura para vedar a caverna de modo que a Sociedade não pegasse as coisas dos aldeões. Os rios e a água envenenada: essa é a assinatura da Sociedade, e nós não somos a Sociedade, nem simpatizamos com ela.

Por um momento tudo fica tão quieto quanto pode ficar, dentro de uma nave nas montanhas. O vento se move nas árvores do lado de fora, e por baixo disso está a respiração daqueles de nós que não estão imóveis, ainda não.

— Não estamos tentando derrubar a Insurreição — afirmo. — Nós acreditamos nela. Tudo o que nós queremos é uma cura. — E então, percebo quem deve ser a outra pessoa em quem o Piloto confia. O piloto que ele pediu que nos reunisse quando não podia assumir o tempo e o risco. —

Você deveria ouvir Indie — falo. — Nós *podemos* te ajudar.

O Piloto não parece surpreso que eu tenha adivinhado.

— Indie — diz Ky. — Ela tem a marca?

— Não — responde o Piloto —, mas faremos o possível para que ela continue voando.

— Você mentiu para ela — acusa Ky. — Você a usou para trazer todos nós aqui.

— Não há pedra que eu não mova — reafirma o Piloto — para encontrar a cura.

— Nós podemos te ajudar — repito. — Eu posso classificar dados. Xander tem trabalhado com os doentes e viu a mutação em primeira mão. Ky...

— Pode ser o mais útil de todos — completa o Piloto.

— Eu serei um corpo — oferece Ky. — Como nas Províncias Exteriores. — Ky se afasta de mim em direção à porta. Ele se move mais lentamente

do que o normal, mas com a mesma fluidez que sempre associei a ele; seu corpo pertence a ele mais do que o corpo da maioria das pessoas, e eu sofro com o pensamento de que Ky possa parar, ficar imóvel.

— Você ainda não sabe disso — digo com o coração apertado. — Você pode não estar doente. — Mas a expressão de Ky é resignada. Ele sabe mais do que está dizendo? Ele pode sentir a mutação dentro dele, correndo em suas veias, deixando-o doente?

— De qualquer forma, Ky foi exposto ao vírus — lembra Xander. — Você não quer arriscar que ele exponha pessoas que estão trabalhando para você na cura da mutação.

— Não há risco — alega o Piloto. — Os aldeões são imunes.

— Então é *por isso* que você está procurando a cura aqui — diz Xander, e sorri. Sua voz se enche de esperança. — *Existe* uma chance de que a gente

descubra.

— Mas se você sabia sobre a marca vermelha, por que não trouxe alguns daqueles que a tinham para cá antes? — pergunto ao Piloto. — Talvez nossos dados fossem úteis. — Se eu sou imune, eles poderiam correlacionar meus dados com aqueles dos aldeões das montanhas.

No momento em que as palavras deixam minha boca, eu balanço a cabeça.

— Não vai funcionar — digo, respondendo a minha própria pergunta —, porque nossos dados estão comprometidos. Todas as imunizações, as exposições que tivemos... você precisa de um grupo de amostras puras para achar a cura.

— Sim — concorda o Piloto, me olhando com uma expressão de avaliação. — Nós só podemos usar aqueles que viveram fora da Sociedade desde o nascimento. Outros podem nos ajudar a trabalhar na cura, mas não podemos usar seus dados.

— E você deve dar mais peso àqueles que

viveram mais tempo fora da Sociedade — confirmo. — Para aldeões de segunda ou terceira geração. Suas informações vão ter uma importância maior.

— Nós nos deparamos com alguns dados adicionais recentemente — continua o Piloto. — Um segundo grupo de aldeões também se mostrou imune, embora só tenham chegado às montanhas há pouco tempo.

Os agricultores da Escultura. Devem ser. Eu me lembro da casinha escura, o símbolo para *assentamento*, que vimos marcada nas montanhas do mapa dos agricultores. Eles não sabiam o nome do vilarejo ou se alguém ainda morava ali, mas foi para lá que os agricultores foram quando a Escultura não era mais segura.

Ky está olhando para mim. Ele teve o mesmo pensamento. *E se pudermos ver o Eli de novo? Ou Hunter?*

— Quando as pessoas da Escultura chegaram,

os aldeões da Pedra Final deixaram que eles construíssem um assentamento em sua própria vizinhança — informa o Piloto. — No começo, a gente não tinha certeza se as pessoas da Escultura também seriam imunes à mutação. Elas viveram em um clima muito diferente e não tinham tido nenhum contato com aqueles vivendo na Pedra Final por muitos anos. Mas elas eram imunes. O que foi uma grande bênção para nós, porque...

— ...então vocês poderiam correlacionar os dados delas — completo, entendendo imediatamente. — Vocês poderiam procurar por semelhanças entre os dois grupos. Economizaria tempo.

— Quanto perto vocês *estão*? — indaga Xander.

— Não tão perto quanto a gente gostaria — admite o Piloto. — Havia muitas semelhanças nas dietas e nos hábitos dos dois grupos. Estamos excluindo cada possibilidade o mais rápido que podemos, mas precisamos de tempo e pessoas nas

quais testar a cura.

O Piloto está olhando para nós três. Nós o convencemos?

Xander me observa também. Quando nossos olhos se encontram, ele sorri e eu vejo o velho Xander outra vez, aquele que costumava sorrir para mim exatamente desse jeito para me fazer pular na piscina, para me juntar aos jogos. Quando me viro para Ky, vejo que suas mãos estão tremendo um pouco, suas mãos finas que me ensinaram a escrever, que me tocaram quando atravessamos os cânions.

Há muito tempo, na Colina, Ky me alertou sobre uma situação como essa, onde pudéssemos ser pegos. Ele me contou sobre o dilema do prisioneiro, e como teríamos que manter um ao outro a salvo. Ele alguma vez pensou que poderíamos ser três e não dois?

Aqui, entre o sorriso de Xander e as mãos de Ky, eu chego à minha própria conclusão de que

manter um ao outro, em segurança, é achar a cura.

— Nós podemos te ajudar — digo de novo ao Piloto, esperando que dessa vez ele acredite em mim.

O Vovô acreditava em mim. Na palma da mão, seguro o microcartão. Foi embrulhado em um papel da minha mãe, que estava coberto pelas palavras do meu pai, escrito pelas mãos do meu irmão.

PARTE CINCO

O DILEMA DO PRISIONEIRO

Xander

Fora da nave, Ky anda pela clareira enquanto esperamos que os aldeões venham nos conhecer.

— Você devia descansar — aconselho. — Não há provas de que o movimento contínuo atrasa o surgimento da doença.

— Você parece um Oficial falando — diz Ky.

— Eu costumava ser um — admito.

— O motivo de você não ter nenhuma prova de que funciona — continua ele — é que você nunca teve ninguém que tentasse.

Eu e Ky estamos conversando e brincando, usando o mesmo tom que usávamos quando jogávamos os jogos de mesa. Mais uma vez, Ky vai perder e não é justo. Ele não deveria ter que

ficar imóvel.

Mas ele não perdeu Cassia. O jeito como os dois se olham é como o toque. Estou preso no meio disso.

Não há tempo para pensar nisso agora. Um grupo de pessoas sai de trás das árvores. Há nove delas. Cinco carregam armas e o resto tem macas.

— Não tenho nenhum paciente para vocês hoje — avisa o Piloto. — Nem suprimentos, eu sinto muito. Só esses três.

— Meu nome é Xander — digo, tentando deixar os aldeões à vontade.

— Leyna — diz uma das mulheres. Seu cabelo está preso em uma longa trança loira e ela parece jovem, como nós. Nenhum dos outros se mexe para se apresentar, mas todos eles parecem fortes. Não vejo sinais de doença entre eles.

— Eu sou Cassia — apresenta-se ela.

— Ky — diz ele.

— Nós somos Anomalias — avisa Leyna. —

Provavelmente as primeiras que já viram. — Ela espera nossa reação.

— Conhecemos outras Anomalias na Escultura — explica Cassia.

— Mesmo? — pergunta Leyna, a voz cheia de interesse. — Quando foi isso?

— Bem antes que elas viessem pra cá — responde Cassia.

— Então vocês conhecem Anna — diz um dos homens. — A líder deles.

— Não — responde Cassia. — Nós viemos depois que ela partiu. Só conhecemos Hunter.

— Ficamos surpresos quando os agricultores vieram para a Última Pedra — diz Leyna. — Pensamos que todo mundo na Escultura tinha morrido há muito tempo. Achamos que nós, nos vilarejos de pedra, éramos tudo o que restava entre a Sociedade e o resto do mundo.

Leyna é muito boa nisso. Sua voz é calorosa, mas forte, e ela nos avalia enquanto nos olha. Ela

daria uma boa curadora.

— O que eles podem fazer por nós? — pergunta Leyna ao Piloto, se dirigindo a ele não como seu líder, mas como seu igual.

— Eu sou um corpo — explica Ky. — Eu tenho a mutação. Só não sucumbi ainda.

Leyna levanta as sobrancelhas.

— Não tínhamos visto ninguém de pé — diz ela ao Piloto. — Todos os outros pacientes já estavam imóveis.

— Ky é um piloto — acrescenta Cassia. Posso dizer que ela não gosta do jeito como Leyna está se referindo a Ky. — Um dos melhores.

Leyna concorda, mas continua olhando Ky. Seus olhos são sagazes.

— Xander é um médico — continua ela —, e eu posso classificar.

— Um médico e um classificador — diz Leyna. — Excelente.

— Na verdade, não sou mais um médico —

corrijo. — Tenho trabalhado na administração. Mas tenho visto um monte de doentes e tenho dado assistência em seu cuidado.

— Isso será útil — confirma Leyna. — É sempre bom falar com alguém que tenha visto o vírus e como ele funciona nas Cidades e nos Bairros.

— Vou voltar o mais rápido que eu puder — promete o Piloto. — Há alguma novidade para relatar?

— Não — diz Leyna —, mas haverá em breve. — Ela gesticula para uma das macas. — Nós podemos te carregar, se você precisar. — Ela está falando com Ky.

— Não — retruca ele. — Vou continuar até cair.

— Você confia muito no Piloto — digo a Leyna, enquanto subimos o caminho para o vilarejo. Cassia e Ky andam na nossa frente, mantendo um

passo lento, mas firme. Sei que Leyna e eu estamos observando eles. Outros no grupo também continuam olhando para Ky. Todo mundo esperando o momento em que ele ficará imóvel.

— O Piloto não é nosso líder — explica ela —, mas confiamos o suficiente para negociar com ele, e ele acha a mesma coisa de nós.

— E vocês são realmente imunes? — pergunto.
— Mesmo à mutação?

— Somos — confirma ela. — Mas nós não temos a marca. O Piloto falou que alguns de vocês têm.

Concordo.

— Queria saber por que há uma discrepância — digo. Apesar do que vi fazer às pessoas, o funcionamento da Praga e sua mutação me fascinam.

— Não temos certeza — fala Leyna. — Nosso especialista no vilarejo diz que viroses e imunidade são incrivelmente complexas. Sua

melhor explicação é que, o que quer que crie nossa imunidade, simplesmente previne que a infecção sequer se instale, o que significa que não ficamos com a marca.

— E também significa que é melhor não mudarem muito sua dieta ou seu ambiente antes de descobrirem *o que* os torna imunes, ou vocês poderiam ficar doentes — alerta.

Ela concorda.

— Deve ter precisado de muita coragem para se voluntariar a se expor à mutação — admito.

— Precizou.

— Quantas pessoas vivem no vilarejo? — questiono.

— Mais do que você pensaria — informa Leyna. — As pedras estão rolando.

O que ela quer dizer?

— Quando a Sociedade começou a arrebanhar Aberrações e Anomalias para enviar aos acampamentos de iscas — explica Leyna —, mais

e mais delas começaram a escapar para esses lugares, os vilarejos de pedra. Já ouviu falar neles?

— Já — digo, lembrando-me de Lei.

— Agora estamos todos reunidos em um vilarejo, o último — continua Leyna. — É chamado Última Pedra. Nós estamos juntando nossos recursos para tentar transformar nossa imunidade na sua cura.

— Por quê? — indago. — O que aqueles que vivem nas Províncias já fizeram por vocês?

Leyna ri.

— Não muito — afirma ela. — Mas o Piloto nos prometeu uma coisa em troca, se tivermos sucesso.

— O quê? — pergunto.

— Se a gente achar a cura — diz Leyna —, ele vai usar suas naves para nos levar para as Outras Terras. Isso é o que a gente mais quer, e a cura é o que *ele* mais quer, então a troca é justa. E se

acontecer de a nossa imunidade mudar quando a gente for embora, com certeza vamos querer levar curas conosco para as Outras Terras, por precaução.

— Então as Outras Terras *realmente* existem — digo.

— Claro — afirma ela.

— Se vocês deixassem todo mundo nas Províncias morrer, poderiam pegar as naves do Piloto vocês mesmos — lembro. — Ou poderiam esperar até todo mundo ter ido, e então entrar e tomar suas Cidades e casas para vocês.

Pela primeira vez, sua máscara agradável e charmosa cai um pouco e eu vejo o desprezo por baixo.

— Vocês são como ratos — constata Leyna, sua voz ainda simpática. — Mesmo se a maioria morrer, ainda haverá muitos de vocês para derrotarmos. Nós estamos prontos para deixar todos vocês para trás e ir para algum lugar que

nunca tocaram.

— Por que você está me contando tudo isso? — pergunto a ela. Nós acabamos de nos conhecer, então não pode ser por já confiar em mim.

— É bom para você entender quanto nós temos a perder — avisa ela.

E eu entendo. Com tanto em jogo, Leyna não pode e não vai tolerar nada que comprometa seu objetivo. Vamos ter que ter cuidado por aqui.

— Nós temos o mesmo objetivo — alego. — Encontrar a cura.

— Bom — concorda ela. Ela abaixa a voz e olha para Ky. — Então, me diga: quando é que ele vai sucumbir?

Ky desacelerou um pouco ritmo.

— Não vai demorar muito agora — atesto. Cassia está elétrica, iluminada simplesmente porque Ky está por perto, mesmo que ela esteja preocupada com a possibilidade de ele ficar doente. *Valeria a pena ter a mutação, se eu*

soubesse que Cassia me ama?, eu me pergunto. Se pudesse trocar de lugar com ele agora, eu faria isso?

CAPÍTULO 25

Cassia

Quando acontece, tudo parece súbito e lento ao mesmo tempo.

Estamos andando ao longo do estreito caminho quando Ky cai de joelhos.

Eu me agacho ao seu lado, coloco as mãos em seus ombros.

Seus olhos, desfocados no começo, me encontram.

— Não — diz Ky. — Não quero que você veja isso.

Mas eu não desvio o olhar. Eu me mantenho firme e o ajudo a abaixar, até Ky estar deitado na grama da primavera, e mantenho as mãos embaixo de sua cabeça. Seu cabelo é macio e morno; a

grama está fria e fresca.

— Indie — conta Ky. — Ela me beijou. —
Vejo dor em seus olhos.

Eu deveria estar chocada, eu sei. Mas não importa. O que importa é aqui, agora, seus olhos me olhando, meus dedos segurando-o e tocando a terra. Quase digo isso a Ky, que não importa, mas então percebo que *importa* para ele ou não teria me dito.

— Está tudo bem — consolo-o.

Ky suspira de alívio e exaustão.

— Como nos cânions — lembra ele.

— É — concordo. — Nós vamos atravessá-los.

Xander se ajoelha também. Nós três nos olhamos; meus olhos encontram os de Xander rapidamente, depois os de Ky.

Podemos confiar uns nos outros? Podemos manter uns aos outros a salvo?

Próximo à beirada do caminho, a grama cede lugar às flores silvestres, algumas cor-de-rosa,

algumas azuis, algumas vermelhas. O vento agita a grama em volta dos nossos pés, enviando um cheiro limpo de flores desabrochando e poeira no ar.

Ky segue meu olhar. Eu me estico e arranco um dos botões e o giro na mão. Está tão maduro em tonalidade e textura que eu quase espero olhar para baixo e ver minha palma ficar vermelha, mas ela não está. O botão mantém sua cor.

— Você me falou uma vez — digo a Ky, segurando o botão para ele ver e em seguida pressionando-o em sua mão — que vermelho era a cor do começo.

Ky sorri.

A cor do começo. Por um momento, uma memória aparece e desaparece. É um momento raro na primavera em que tanto os botões nas árvores quanto as flores no chão estão vermelhos. O ar está fresco e ao mesmo tempo morno. O Vovô me observa, seus olhos claros e determinados.

Primavera, então. O dia no jardim vermelho que o Vovô mencionou no microcartão foi durante a primavera, que tem botões vermelhos nas árvores e flores vermelhas ao mesmo tempo, que tinha essa sensação. Estou certa disso. Mas o que eu e o Vovô falamos a respeito?

Ainda não sei. Mas enquanto sinto os dedos de Ky se endurecerem em torno dos meus, penso em como ele sempre foi desse jeito: dando-me algo mesmo quando a maioria pensaria que não resta nada a fazer a não ser partir.

Ky

— Ky — chama Cassia. Imagino se essa vai ser uma das últimas vezes em que o som da sua voz vai me alcançar. Os imóveis podem ouvir alguma coisa que seja?

Soube que eu estava doente quando não conseguia manter o equilíbrio na nave. Meu corpo não se movia quando o instinto dizia que deveria se mover. Meus músculos parecem frouxos e meus ossos parecem tensos.

Xander se ajoelha perto de mim. Eu tenho um vislumbre de seu rosto. Ele pensa que vai achar a cura. Xander não é cego, só crédulo. É tão malditamente doloroso de ver...

Olho de volta para Cassia. Seus olhos são

frescos e verdes. Quando olho dentro deles, me sinto melhor. Por apenas um segundo, a dor é silenciada.

Então ela volta.

Agora eu sei por que as pessoas podem não tentar lutar por muito tempo.

Se eu parasse de lutar contra a dor, o cansaço ganharia, e isso parece preferível. Eu prefiro estar dormindo a sentir isso. Percebo que a Praga era muito mais gentil do que a mutação é. A Praga não tinha as feridas que eu sinto se formando em torno do meu dorso, e através das minhas costas.

Pequenos pontos de luz, vermelhos e brancos, aparecem em frente à minha vista à medida que os aldeões me colocam em uma maca. Eu tenho outro pensamento. *E se você se render à exaustão, se deixar ficar imóvel, e então a dor voltar?*

Cassia toca meu braço.

Nós fomos livres nos cânions. Não por muito tempo, mas fomos. Ela tinha areia sobre a pele, e o

cheiro de água e pedras em seu cabelo. Acho que sinto o cheiro de chuva chegando. Quando ela chegar, eu vou estar longe demais para me lembrar?

É bom saber que Xander está aqui. Assim, quando eu sucumbir, Cassia não ficará sozinha.

— Você atravessou a Escultura para me encontrar — digo suavemente a Cassia. — Vou atravessar isso para te alcançar.

Cassia segura uma das minhas mãos. Na outra, posso sentir a flor que ela me deu. O ar nas montanhas é fresco. Posso dizer quando passamos por baixo das árvores. Luz. Escuro. Luz. É quase agradável ter alguém carregando meu corpo. Essa maldita coisa está tão pesada...

E então a dor piora. Ela se torna vermelha por todo o meu corpo e essa é a única coisa que consigo ver — vermelho-vivo em frente às minhas pálpebras.

A mão de Cassia desaparece da minha.

Não, quero gritar. Não vai!

Ao invés disso, a voz de Xander está aqui.

— O importante — avisa ele — é se lembrar de respirar. Se você não limpar seus pulmões, é aí que a pneumonia se instala. — Uma pausa. Então Xander diz: — Sinto muito, Ky. Eu vou encontrar a cura. Eu prometo.

Então ele se vai e Cassia volta, sua mão fazendo uma pressão mais suave na minha.

— O que o Piloto estava falando na nave — diz ela — era um poema que eu escrevi para você. Eu finalmente o terminei.

Cassia fala comigo gentilmente, quase cantando. Eu respiro.

Rosa nova, Rosa antiga, Renda da Rainha Anne.

Água, rio, rocha e sol.

Vento sobre a colina, e sob a árvore.

Além da fronteira que ninguém pode ver.

*Eu escalo escuro adentro por você
Você vai esperar nas estrelas por mim?*

Eu vou.

E não importa o que acontecer, Cassia vai se lembrar de mim. Ninguém, nem a Sociedade ou a Insurreição ou outra pessoa, pode tirar isso dela. Muita coisa aconteceu. E passou muito tempo.

Ela vai saber que estive aqui. E que eu a amo.

Cassia vai sempre saber disso, a não ser que *ela* escolha esquecer.

Xander

O vilarejo não está todo imóvel. As pessoas estão em toda parte. Crianças correm pelos caminhos e brincam em uma enorme pedra no centro do vilarejo. Diferentemente das esculturas nas áreas verdes da Sociedade, essa pedra não é lapidada. É bruta e distinta onde se quebrou da lateral da montanha, anos atrás. Dá para dizer que as pessoas construíram o vilarejo em torno dela. As crianças se viram para nos olhar enquanto passamos, e seus olhos são curiosos, não medrosos, o que é bom de ver.

A enfermaria é um longo prédio de madeira que atravessa o vilarejo a partir da pedra. Uma vez que estamos dentro, transferimos Ky

cuidadosamente de sua maca para um catre.

— Precisamos levar vocês dois de volta para o laboratório de pesquisas e interrogá-los — Leyna diz para mim e Cassia. Em volta de nós, as versões dos médicos e enfermeiras dos aldeões cuidam dos imóveis. Eu faço uma rápida contagem e vejo que Ky é o 52º paciente.

— Precisamos das informações de Xander sobre a Praga e sua mutação, e precisamos que Cassia dê uma olhada nos dados que reunimos. Vocês serão mais úteis lá. — Leyna sorri para amenizar o que ela está dizendo. — Sinto muito. Sei que ele é seu amigo, mas realmente o melhor jeito de ajudá-lo...

— É trabalhar na cura — completa Cassia. — Eu entendo. Mas com certeza nós teremos folgas, às vezes. Eu poderia vir visitá-lo.

— Isso é com a Sylvie — avisa Leyna, gesticulando para uma mulher mais velha de pé perto de nós. — Estou encarregada de

supervisionar a cura como um todo, mas ela supervisiona a enfermaria.

— Eu não ligo, desde que vocês se desinfetem e usem máscara e luvas — explica Sylvie. — Pode ser interessante observar. Nenhum dos outros aqui tem ninguém para visitá-los. Talvez ele se recupere mais rápido.

— Obrigada — diz Cassia, seu rosto iluminado de esperança. Eu não quero lhe dizer: *na verdade, falar e ficar com eles parece* não fazer diferença nenhuma. Eu continuei falando com meus pacientes. É instinto. E talvez a pessoa certa *pudesse* fazer a diferença. Quem sabe? Eu espero que alguém lá no centro médico esteja falando com Lei. Não teria sido melhor eu ter ficado lá?

A porta se escancara. Cassia e eu nos viramos surpresos, e um homem atravessa a entrada. Ele é alto e magérrimo, e nos encara com olhos escuros astutos que espreitam por baixo de sobrancelhas grisalhas peludas. Sua cabeça é bronzeada, lisa e

careca.

— Onde ele está? — o homem exige saber. — Colin me disse que tem alguém aqui que sucumbiu na última hora.

— Aqui — diz Leyna apontando para Ky.

— Já não era sem tempo — resmunga ele, correndo para nós. — O que eu venho dizendo para o Piloto todo esse tempo? Traga-os para mim enquanto eles ainda estão frescos e talvez eu tenha uma chance de trazê-los de volta.

Cassia não se afasta de Ky. Ela permanece ali, parecendo protetora.

— Eu sou Oker — o homem se apresenta, mas não se oferece para apertar nossas mãos. Ele carrega uma bolsa plástica cheia de líquido e suas mãos nodosas a agarram tão firmemente que ela incha e parece que vai estourar. — Inferno — fala ele quando percebe e então a entrega para Sylvie. — Tira isso de perto de mim — diz Oker. — Estou apertando. Não quebre os meus dedos.

Sylvie arranca a bolsa do seu aperto.

— Pendure agora — ordena Oker, indicando Ky. — Acabei de fazer isso. Está fresco. Tão fresco quanto ele. — Então ele ri.

— Espera — pede Cassia. — O que é isso?

— Uma coisa melhor do que o que a Insurreição dá a eles — fala Oker. — Vai — fala apressando Sylvie. — Rapidinho.

— Mas o que é isso? — insiste Cassia.

Oker bufa e olha de forma penetrante para Sylvie.

— Cuida disso. Não tenho tempo de repassar todos os ingredientes. — Ele abre a porta com o ombro e deixa a enfermaria. Escuto seus sapatos no caminho externo enquanto a porta guincha ao abrir. Oker se move rápido. Suas mãos podem ser retorcidas, mas não tem nada de errado com suas pernas.

— Ele está certo — concorda Sylvie. — Primeiro, nós usamos as bolsas de nutrientes que o

Piloto trouxe das Províncias, mas então nós ficamos sem, antes que o Piloto pudesse entregar mais. Oker fez sua própria mistura para manter os pacientes vivos e pareceu funcionar melhor, assim estamos usando-a desde então.

— Mas isso não vai comprometer a cura? — pergunto. — Isso não é o que os pacientes lá nas Províncias estão tomando.

— Isso pode mudar — explica ela. — Oker recentemente deu ao Piloto a fórmula para a solução nas bolsas. Se o Piloto puder, ele vai tentar mudar o que eles usam nas Províncias.

— O que você acha? — pergunta-me Cassia em voz baixa.

— Eles realmente parecem melhores — digo. — A cor deles é boa. Espera aí. — Ausculto um dos pacientes. Seus pulmões parecem livres de líquido. Apalpo próximo às costelas. — O baço parece ter tamanho normal. Acho que Oker está dizendo a verdade — confirmo. Quisera que nós

tivéssemos essa fórmula antes. Talvez tivesse feito diferença para nossos pacientes.

Cassia se ajoelha perto de Ky. Ele parece mais acinzentado do que os outros, embora seja o imóvel mais recente. Ela percebe isso.

— Tudo bem — fala ela.

Sylvie concorda e pendura a bolsa que Oker trouxe. Cassia e eu observamos o rosto de Ky para ver se há alguma alteração, o que é estúpido. Poucas coisas funcionam assim tão rápido.

Mas a coisa do Oker funciona. Depois de apenas alguns minutos, Ky realmente parece um pouco melhor. Isso me lembra do jeito como a cura funcionava na primeira Praga.

— Parece bom demais para ser verdade. — Cassia suspira. Ela parece preocupada. — E se for?

— Nós não temos muito a perder — lembro. — O que a Insurreição está fazendo nas Províncias não está funcionando.

— Você nunca viu ninguém voltar? — pergunta a garota.

— Não — digo. — Não da mutação.

Nós dois ficamos lá mais um momento, observando o líquido pingar na intravenosa de Ky. Nós evitamos nos olhar nos olhos.

Cassia inspira profundamente e me pergunto se vai chorar. Mas então ela sorri.

— Xander — chama ela.

Eu nem tento me impedir. Me estico e puxo-a para perto, e ela deixa. É bom, e por um momento eu não digo nada. Seus braços me envolvem e eu posso sentir sua respiração.

— Você está bem? — pergunta ela.

— Estou legal — respondo.

— Xander — questiona Cassia —, onde *you* esteve? Enquanto eu estava nos cânions e na Central, o que aconteceu com você?

Não tenho certeza de como contar a ela. *Bom, eu não atravessei nenhum cânion, mas eu dei*

comprimidos a bebês nos seus Dias de Boas-vindas. E retirei amostras de tecidos de pessoas idosas nos seus Banquetes Finais. Eu fiz uma amiga de verdade, mas não consegui evitar que ela ficasse imóvel. Ninguém de quem eu cuidei voltou.

— Precisamos ir — avisa Leyna. — Colin está reunindo pessoas para questionarem vocês. Não quero fazer eles esperarem.

— Eu te conto depois — falo, e sorrio para Cassia. — Agora, temos que achar a cura.

Cassia concorda. Não quero fazer parecer que estou tentando ficar quite com ela por todas as vezes em que ela me deixou no escuro sobre o que estava acontecendo. Mas é estranho perceber que ela sabe tão pouco sobre mim no momento quanto eu sabia sobre ela por todos esses meses. Ela é que tem que se perguntar.

Não quero que tenhamos mais que nos perguntar sobre o outro. Eu gostaria que a gente *soubesse* o

que está acontecendo, porque estivemos juntos. Espero que achar essa cura possa ser o começo disso.

— Você pode nos dar algum número específico em relação ao jeito como vocês estavam tratando os imóveis? — pergunta-me um dos aldeões.

A sala está cheia de gente. Eu não poderia dizer de cara, só de olhar para eles, quais poderiam ser pessoas como nós, trazidas aqui pelo Piloto para ajudar com a cura, e quais poderiam ser as Anomalias do vilarejo. Após uns poucos minutos, acho que posso dizer quem viveu na Sociedade, em algum momento ou outro.

Oker se senta em uma cadeira perto da janela, os braços dobrados, me ouvindo. Alguns dos classificadores do vilarejo estão aqui para pegar informações. Oker é a única pessoa presente, além de mim, sem um leitor de dados. Leyna me vê observando os leitores de dados.

— O Piloto trouxe para a gente — explica ela.
— Eles são muito úteis, mas não tão perigosos quanto miniterminais. Nós não permitimos *nenhum* miniterminal no vilarejo. — Eu concordo. Leitores de dados podem registrar informações, mas não transmitem a localização do jeito que os miniterminais podem fazer.

— Eu tenho dados de tratamento e pacientes para a Praga normal e para a mutação — conto ao grupo. — Tenho trabalhado dentro do centro médico desde a noite que o Piloto veio aos terminais para anunciar a Praga.

— E quando você foi embora? — pergunta alguém.

— Cedo, essa manhã — respondo.

Todos eles se inclinam para a frente ao mesmo tempo.

— *Sério?* — indaga outra pessoa. — Você tem trabalhado com a mutação tão recentemente?

Eu aceno que sim.

— Perfeito — diz outra, e Leyna sorri.

Os médicos querem saber tudo o que eu consigo me lembrar sobre cada paciente — a aparência que eles tinham, suas idades, a taxa de infecção, quanto tempo demorou até eles ficarem imóveis, quais doenças humanas progrediam mais rapidamente que as outras.

Sou cuidadoso em avisar a eles quando não tenho certeza.

Mas, para a maior parte, eu me lembro. Então eu falo e eles ouvem, mas eu queria que fosse Lei aqui, trabalhando comigo na cura. Ela sempre sabia quais perguntas fazer.

Eu falo por horas. Todos eles fazem anotações, exceto Oker, e eu percebo que ele não consegue manusear o leitor de dados pelo modo como suas mãos são. Eu espero que ele me interrompa, como fez quando entrou na enfermaria, mas Oker permanece perfeitamente quieto. Em dado

momento, ele inclina a cabeça para trás, contra a parede, e parece adormecer. Minha voz começa a se exaurir bem quando estou explicando sobre a mutação e a marquinha vermelha.

— Quanto a isso — fala Leyna —, a gente já sabia. O Piloto nos contou. — Ela se levanta. — Vamos dar um descanso a Xander por alguns minutos.

A sala se esvazia. Algumas das pessoas olham por cima dos ombros, como se estivessem preocupadas que eu fosse desaparecer.

— Não se preocupem — tranquiliza-as Leyna. — Ele não vai a lugar nenhum. Algum de vocês pode trazer alguma coisa para ele comer? E mais água. — Eu bebi a jarra que eles trouxeram para mim há muito tempo.

Oker ainda está cochilando no fundo da sala.

— É difícil para ele descansar — conta Leyna. — Ele tira uma soneca onde der. Então vamos deixá-lo em paz.

— *Você é médica?* — pergunto a Leyna.

— Ah, não — diz ela. — Não posso cuidar de pessoas doentes. Mas sou boa lidando com os vivos. É por isso que estou encarregada de achar a cura. — Ela empurra sua cadeira um pouco para trás, e então se inclina para mim. Eu me lembro de novo de um oponente em uma das mesas de jogos lá na Sociedade. Ela está me envolvendo, se preparando para fazer algum tipo de movimento. — Tenho que admitir — começa ela, sorrindo — que isso tudo é bastante engraçado.

— O que é engraçado? — pergunto me inclinando para a frente, de modo que não haja muito espaço entre nós.

Seu sorriso se alarga.

— Toda essa situação. A Praga. Sua mutação. Você estar aqui agora.

— Me conta — digo. — Quero entender a piada. — Mantenho minha voz agradável, coloquial, mas vi imóveis demais para achar que

qualquer coisa que aconteça a eles seja engraçada.

— Todos vocês nos chamavam de Anomalias — explica Leyna. — Não bons o suficiente para viver entre vocês. Não bons o suficiente para casar com vocês. E agora vocês precisam de nós para salvar vocês.

Sorrio de volta.

— Verdade — concordo. Eu baixo minha voz. Não estou completamente certo de que Oker esteja dormindo. — Então — digo a Leyna —, você me fez um monte de perguntas. Deixa eu te fazer uma ou duas.

— Claro — responde ela, piscando. Ela está curtindo isso.

— Existe alguma chance de vocês acharem a cura?

— Claro — diz ela de novo, perfeitamente confiante. — É só uma questão de tempo. Vocês vão ser úteis para nós. Não vou mentir. Mas nós teríamos encontrado a cura sem vocês. Vocês só

vão nos ajudar a acelerar o processo, o que é valioso, claro. O Piloto não vai nos levar para as Outras Terras se pessoas demais morrerem antes que possamos salvá-las.

— E se sua imunidade não fornecer nenhuma pista? — indago. — E se acabar sendo uma questão de genética?

— Não é — afirma ela. — Sabemos disso. As pessoas no vilarejo vieram de muitos lugares diferentes. Algumas vieram há muitas gerações, outras mais recentemente. O Piloto não quer que a gente inclua as chegadas recentes nos dados, então não incluímos, mas somos *todos* imunes. Deve ser ambiental.

— Mesmo assim — continuo —, uma imunidade e uma cura não são a mesma coisa. Vocês podem não descobrir como trazer as pessoas de volta. Talvez vocês só descubram como evitar que elas peguem o vírus, em primeiro lugar.

— Se for assim — informa Leyna —, essa ainda é uma descoberta extremamente valiosa.

— Mas só se vocês a tiverem a tempo — avalio. — Vocês não podem imunizar as pessoas se elas já tiverem o vírus. Então nós somos *muito* valiosos para vocês, na verdade.

Escuto um bufar vindo do canto. Oker se levanta e anda em nossa direção.

— Parabéns — fala Oker. — No final das contas, você não é só um garoto da Sociedade. Eu estava me perguntando.

— Obrigado — digo.

— Você era um curador na Sociedade, não era? — indaga Oker.

— Era — confirmo.

Oker acena uma mão retorcida na minha direção.

— Mande ele para o meu laboratório, quando você terminar — pede ele a Leyna.

A mulher não gosta, eu percebo, mas assente.

— Está bem — concorda ela. É o sinal de um grande líder quando se conhece o jogador mais importante do jogo; e se ele é Oker, ela deveria se assegurar de que ele tivesse o que precisa para tentar vencer.

Eles levam quase a noite toda para terminar de me interrogar.

— Você devia descansar um pouco — fala Leyna. — Vou te mostrar onde você vai dormir.

Ela anda comigo pelo vilarejo e eu escuto o cantar dos grilos. Sua música soa diferente, aqui em cima, do que soava no Bairro, como se importasse mais. Não há muitos outros sons para cobri-lo, então você tem que ouvir.

— Você cresceu nesse vilarejo? — pergunto a ela. — É lindo.

— Não — diz Leyna. — Eu costumava morar em Camas. Nós, nas Províncias de Fronteira, fomos os últimos a partir. Eles costumavam nos

deixar trabalhar na base do Exército, algumas vezes. Nós partimos para as montanhas quando a Sociedade tentou reunir as últimas Anomalias e Aberrações.

Leyna olha para longe.

— Foi o Piloto que nos alertou que devíamos partir — lembra ela. — A Sociedade queria todos nós mortos. Aqueles que não vieram junto foram retirados pela Sociedade e enviados para as Províncias Exteriores para morrer.

— Então é por isso que você confia no Piloto — concluo. — Ele avisou vocês.

— É — responde a mulher. — E teve parte nos desaparecimentos. Não sei se você ouviu falar deles.

— Ouvi — confirmo. — Pessoas que escaparam da Sociedade e acabaram aqui ou nas Outras Terras.

Leyna concorda.

— E ninguém nunca voltou das Outras Terras?

— Ainda não — diz ela. Leyna para em um prédio com barras nas janelas. Um guarda está parado na porta e acena.

— Temo que essa seja a prisão — explica ela. — Nós não te conhecemos bem o suficiente para confiar em você sozinho, sem supervisão, então vão existir momentos em que precisaremos te manter aqui, especialmente à noite. Algumas das pessoas que o Piloto trouxe aqui foram menos cooperativas do que você é. Elas estão aqui em tempo integral.

Faz sentido. Eu faria a mesma coisa se estivesse no comando dessa situação.

— E Cassia? — indago. — Onde ela vai ficar?

— A Cassia vai ter que dormir aqui também — completa Leyna. — Mas viremos te buscar logo. — Ela gesticula para que o guarda me leve para dentro.

— Espera — peço a Leyna. — Estou tentando entender.

— Pensei que estivesse claro — retruca ela. — Nós não te conhecemos. Não confiamos em você sozinho.

— Não é isso — explico. — É sobre as Outras Terras, e por que vocês querem ir para lá. Vocês nem têm certeza de que elas existem.

— Elas existem — afirma a mulher.

Leyna sabe de algo que eu não sei? É possível que ela não esteja me contando tudo. Por que deveria? Como ela mesma disse, ela não me conhece e não pode confiar em mim ainda.

— Mas ninguém nunca voltou — insisto.

— Pessoas como você veem isso como evidência de que as Outras Terras não são reais — rebate ela. — Pessoas como eu veem isso como evidência de que é um lugar tão maravilhoso que ninguém nunca *ia querer* voltar.

Cassia

Onde você está, Ky?

É isso, meu maior medo. O que eu temi desde a Escultura, quando vi aquelas pessoas mortas, ao relento. Alguém que eu amo está me deixando.

A classificadora-chefe, Rebecca, tem a mesma idade da minha mãe. Ela me fez completar alguns testes de classificação. Depois de ver meu trabalho, ela sorri e diz que eu posso começar imediatamente.

— Você vai descobrir que o jeito que trabalhamos aqui é diferente do que você está acostumada — avisa Rebecca. — Na Sociedade, você classifica sozinha. Aqui, você vai precisar falar com Oker e os médicos sobre tudo. — Ela

coloca o leitor de dados sobre a mesa. — Se a gente cometer um erro e deixar alguma coisa de fora, esquecer algum padrão, aí poderia ser crítico.

Isso *vai* ser diferente de qualquer classificação que eu já tenha feito antes. Na Sociedade, nós não devemos saber a que os dados estão ligados, como realmente é; tudo permanece codificado.

— Eu fiz um conjunto de dados com as pessoas do nosso vilarejo e aquelas da Escultura que viveram fora da Sociedade sua vida toda.

Eu quero dizer a ela que conheço alguns daqueles que viveram na Escultura — quero descobrir como Hunter e Eli vão indo. Mas nesse momento eu tenho que focar na cura, em Ky e na minha família.

— Nós temos informações sobre dieta, idade, hábitos de recreação, ocupações e históricos familiares — enumera Rebecca. — Alguns dos dados são corroborados por outras fontes, mas a

maior parte são relatos pessoais.

— Então, não é o conjunto de dados mais confiável — observo.

— Não — admite ela. — Mas é tudo o que a gente tem. Há similaridades em todo lugar, nos dados, é claro. Mas fomos capazes de reduzir certas coisas, extrapolando a partir do que tínhamos. Por exemplo, nossos dados indicam uma exposição ambiental ou alimentar.

— Você quer que eu classifique os elementos para a cura agora? — pergunto esperançosamente.

— Eu vou querer — avisa Rebecca —, mas primeiro tenho outro projeto para você. Preciso que você resolva um problema de otimização de limitação.

Acho que já sei o que ela quer dizer. É o problema que está na minha cabeça desde que percebi que não havia cura para a mutação.

— Você quer que eu descubra quanto tempo vai demorar antes de a Insurreição começar a tirar as

pessoas da intravenosa — digo. — Precisamos saber quanto tempo nós temos.

— Sim — concorda Rebecca. — O Piloto não vai nos levar embora se não restar ninguém para salvar. Quero que você trabalhe nisso enquanto eu continuo classificando para a cura. Em seguida você pode me ajudar. — Ela empurra um leitor de dados através da mesa. — Aqui estão as anotações da entrevista de Xander. Elas incluem informações relacionadas à taxa de infecção, taxa na qual os recursos têm sido gastos, e atributos de pacientes. Temos dados adicionais do Piloto sobre as mesmas coisas.

— Ainda está faltando alguma informação — lembro. — Não sei a quantidade inicial dos recursos ou da população da Sociedade como um todo.

— Você vai ter que extrapolar a quantidade inicial de recursos a partir da taxa de consumo — avisa a classificadora. — Quanto à população das

Províncias como um todo, o Piloto foi capaz de nos dar uma estimativa de 20,2 milhões.

— Só isso? — pergunto, surpresa. Sempre pensei que a Sociedade fosse muito maior do que isso.

— Só — confirma ela.

A Insurreição vai tentar descobrir como alocar melhor os recursos e o pessoal. As pessoas têm que cuidar dos imóveis, obviamente. Outras têm que trabalhar para manter a comida chegando, para garantir que os edifícios nas Cidades e nos Bairros tenham eletricidade e água. E mesmo que uma pequena parcela da população esteja a salvo, por ter contraído a Praga inicial, há apenas alguns deles, e serão eles que vão ter que cuidar do resto do pessoal.

Preciso saber quantos deles há lá fora — quantas pessoas provavelmente estão imunes. Vou ter que adivinhar quantas pessoas provavelmente vão ficar imóveis, qual a percentagem de doentes

que os imunes podem manter razoavelmente vivos e quão rapidamente essa percentagem vai diminuir.

— Oker estimou que de cinco a 10% da população está genericamente imune a qualquer Praga — informa Rebecca. — Então vai ter esse grupo, bem como o pequeno grupo como seu amigo Xander, que era inicialmente imune e então contraiu o vírus vivo precisamente no momento certo. Você vai ter que levar ambos os grupos em consideração.

— Tudo bem — concordo. E, do mesmo jeito que tive que fazer com tanta frequência antes: quando eu classifico dados, devo colocar Ky fora da minha mente. Por um frágil e vacilante momento, quero deixar essa tarefa impossível de lado, deixar os números caírem onde for, caminhar até o quartinho onde Ky está e segurá-lo, nós dois juntos nas montanhas agora, depois de ter atravessado os cânions.

Isso pode acontecer, digo a mim mesma. Só um

pouco mais adiante, agora. Como a jornada do poema Não te alcancei:

Caminhamos no macio, paramos como a neve
—

*As águas murmuram agora,
Três Rios e uma Colina passaram,
Dois desertos e um mar!
Agora a morte usurpa meu prêmio
E pega o Teu olhar.*

Mas eu vou reescrever as duas últimas linhas. A morte não vai levar as pessoas que amo. Nossa jornada *vai* terminar de forma diferente.

Eu levo um longo tempo, porque quero que fique certo.

— Terminou? — pergunta Rebecca em voz baixa.

Por um momento, não consigo tirar os olhos do resultado. Na Escultura, eu desejei um momento

assim, uma colaboração com pessoas que tivessem vivido nos limites. Ao invés disso, encontramos um vilarejo vazio em um lugar bonito, povoado somente por papéis e páginas deixados em uma caverna, coisas guardadas e deixadas para trás.

Nós sempre estamos lutando contra sermos silenciados, contra ir gentilmente.

— Sim — respondo.

— E? — indaga ela. — Quanto tempo antes de eles começarem a deixar as pessoas irem?

— Eles já começaram — afirmo.

Ky

Alguém entra. Eu escuto a porta se abrir e então passos atravessando o chão.

Poderia ser Cassia?

Não dessa vez. Quem quer que seja, não cheira à essência de flores e papel de Cassia. Essa pessoa cheira a suor e fumo. E respira diferente dela. Mais alto. Mais forte, como se estivesse correndo e tentasse prender a respiração.

Escuto a pessoa pegar a bolsa.

Mas eu não preciso de fluido novo. Alguém apenas a muda. Onde eles estão agora? Eles sabem o que está acontecendo?

Sinto um puxão no braço. A pessoa desprende a bolsa da minha intravenosa e começou a drená-

la. O líquido pinga em algum tipo de balde, ao invés de para dentro de mim.

Sou virado na direção da janela, então o vento chocalhando as vidraças é ainda mais alto agora.

Isso está acontecendo com todo mundo? Ou apenas comigo? Alguém está se certificando de que eu não volte?

Posso ouvir meu próprio coração desacelerar.

Estou indo mais fundo.

A dor é menor.

É difícil me lembrar de respirar. Eu repito o poema de Cassia para mim mesmo, respirando com as pausas.

Nova. Rosa. Velha. Rosa. Renda. Da. Rainha. Anne.

Para dentro. Para fora. Para dentro. Para fora. Para dentro. Para fora. Para dentro.

Para fora.

CAPÍTULO 30

Xander

Eu devo ter adormecido, porque pulo quando a porta da cadeia abre.

— Tira ele daqui — alguém diz ao guarda, e então Oker aparece em frente à minha cela, observando o guarda abrir a porta.

— Você — chama Oker. — Hora de voltar ao trabalho.

Espio a cela do outro lado da minha. Cassia não veio. Ela passou a noite toda velando o sono de Ky? Ou eles a fizeram trabalhar todo esse tempo? Todos os outros prisioneiros estão em silêncio. Posso ouvi-los respirar, mas ninguém mais parece estar acordado.

Quando saímos, vejo que está escuro; nem perto

da manhã ainda.

— Você está trabalhando para mim — explica Oker —, então mantém os mesmos horários que eu. — Ele aponta para o laboratório de pesquisa além do caminho. — É meu — avisa ele. — Faça o que eu disser, e você pode passar a maior parte do seu dia lá, ao invés de preso.

Se Leyna é a curadora desse vilarejo, então acho que Oker é o piloto.

— Siga minhas instruções com precisão — continua ele. — Tudo o que preciso são suas mãos, já que as minhas não funcionam direito.

— Oker não é muito de dar instruções — diz um dos assistentes depois que Oker vai embora. — Meu nome é Noah. Trabalho com Oker desde que ele chegou aqui. — Noah parece estar na casa dos 30 anos. — Essa é Tess.

Tess me cumprimenta. Ela parece ser um pouco mais nova do que Noah, e tem um sorriso amável.

— Eu sou Xander — retruco. — O que é isso

tudo? — Uma das paredes do laboratório está coberta de figuras de pessoas que não conheço. Algumas são fotos antigas e páginas arrancadas de livros, mas a maioria delas parece que foi desenhada à mão. Oker fez isso, antes que suas mãos parassem de funcionar direito? Estou impressionado, e o lugar me faz pensar naquela enfermeira lá do centro médico. Talvez eu *seja* o único que não consegue fazer coisas, figuras, poemas, sem nenhum treinamento.

— Oker os chama de heróis do passado — explica Noah. — Ele acredita que deveríamos conhecer o trabalho daqueles que vieram antes de nós.

— Ele foi treinado na Sociedade, não foi? — pergunto.

— Foi — confirma Tess. — Ele veio para cá há dez anos, exatamente antes do seu Banquete Final.

— Ele tem *90 anos*? — surpreendo-me. Nunca

conheci ninguém tão velho.

— Tem — responde Noah. — A pessoa mais velha do mundo, até onde sabemos.

A porta do escritório se escancara e todos voltamos ao trabalho.

Horas depois, Oker autoriza os assistentes a fazerem uma pausa.

— Você não — diz a mim. — Preciso fazer uma coisa, e você pode ficar e me ajudar com ela.

Noah e Tess me enviam olhares de compaixão.

Oker coloca um monte de caixas e frascos ordenadamente etiquetados à minha frente, e me entrega uma lista.

— Junte esses compostos — ordena ele, e eu começo a medir. Oker volta ao armário para esquadrinhar mais ingredientes. Eu ouço os recipientes se chocando.

Então, para minha surpresa, ele começa a falar comigo.

— Você disse que viu aproximadamente 2 mil pacientes enquanto trabalhou no centro médico em Camas — começa ele. — Durante quatro meses.

— Sim — confirmo. — Havia muito mais pacientes que eu não tratei, lógico, em outras partes do centro e em outros edifícios em Camas.

— Dentre todos os que você *realmente* viu, quantos deles pareciam melhores quando estavam imóveis do que os meus pacientes aqui? — indaga.

— Nenhum — confesso.

— Você respondeu muito rápido — comenta Oker. — Não tenha pressa e pense melhor.

Eu relembro todos os meus pacientes. Não consigo me lembrar do rosto de todos, mas me recordo dos últimos cem. E de Lei, claro.

— Nenhum — repito.

Oker cruza os braços e se recosta, satisfeito. Ele me observa medir mais alguns ingredientes.

— Tudo bem — diz ele. — Agora *você* pode fazer uma pergunta.

Eu não esperava essa oportunidade, mas vou aproveitá-la.

— Qual a diferença entre as bolsas que você faz e as que a Insurreição usa? — indago.

Oker empurra um recipiente em minha direção.

— Você já ouviu falar na doença de Alzheimer?

Essa é uma pergunta, não uma resposta. Mas eu digo:

— Não.

— Claro que não — rebate Oker. — Porque eu a curei antes de você nascer.

— *Você* curou — repito. — Só você. Ninguém mais?

Oker toca em um par de fotos na parede atrás dele.

— Não sozinho. Fui parte de uma equipe de pesquisas na Sociedade. Essa doença obstruía o cérebro com proteínas extras. Outros antes da gente tinham trabalhado no projeto, mas *a gente*

descobriu um jeito de controlar o nível de expressão dessas proteínas. Nós as desligamos. — Ele se inclina um pouco mais para olhar o composto que eu fiz. — Então, para responder sua primeira pergunta, a diferença é que eu sei o que estou fazendo quando misturo a medicação. Diferente da Insurreição. Sei como ajudar a evitar que algumas proteínas da mutação se acumulem, porque elas agem de uma forma similar à doença que curamos. E sei como evitar que as plaquetas dos pacientes se acumulem no baço de modo que eles não sofram ruptura e tenham sangramento interno. A outra diferença é que eu não incluo tantos narcóticos em minhas soluções. Meus pacientes sentem alguma dor. Não agonia, é mais um desconforto. Isso os faz se lembrarem de respirar. É mais provável trazê-los de volta desse jeito.

— Mas isso é uma coisa boa? — pergunto. — E se eles puderem sentir toda a dor dos

furúnculos?

Oker bufa.

— Se eles sentem alguma coisa, eles lutam — afirma. — Se você estivesse em um lugar sem dor, por que iria querer voltar?

Oker desliza uma bandeja de pó na minha direção.

— Meça isso e destile na solução.

Olho para as instruções e misturo 2 gramas de pó ao líquido.

— Às vezes eu não acredito nisso — murmura Oker. Não sei se ele está falando consigo mesmo ou não, mas então ele olha em minha direção. — Aqui estou eu, trabalhando em uma cura para aquela maldita Praga de novo.

— Espera — interrompo. — Você trabalhou na primeira cura?

Ele concorda.

— A Sociedade sabia sobre o trabalho que nós fizemos com a expressão de proteína. Eles

pegaram minha equipe para trabalhar na cura da Praga. Antes de a Sociedade enviá-la ao Inimigo, eles queriam garantir que tivéssemos uma cura... para o caso de a Praga voltar.

— Então a Insurreição mentiu — digo. — A Sociedade *tinha* uma cura.

— Claro que tinha — afirma Oker. — Não o suficiente para uma pandemia, então a Insurreição leva crédito por ter feito mais. Mas a Sociedade apareceu com a primeira cura. Aposto que seu Piloto não mencionou isso.

— Ele não mencionou — admito.

— Eu paguei uma quantia considerável para escapar pra cá — conta Oker. — Foi o Piloto atual quem me trouxe. — Oker vai procurar mais alguma coisa no armário. — Isso foi antes de ele ser o Piloto da Insurreição... — continua ele, sua voz abafada. — Quando a Insurreição pediu a ele que liderasse, eu disse a ele que não acreditasse neles. Eles não são nenhuma rebelião. São a Sociedade

com um nome diferente, e só querem você e seus seguidores, eu disse. Mas o Piloto tinha tanta certeza de que ia funcionar... — Oker volta à mesa. — Talvez não tivesse *tanta* certeza assim — pondera ele. — Ele manteve o registro de onde eu estava, aqui na Pedra Final.

Então Oker foi parte dos desaparecimentos que Lei me contou.

— Isso te incomodou? — pergunto. — Ele te rastreando assim?

— Não — responde Oker. — Eu queria estar fora da Sociedade, e eu estava. Não me incomodo de me sentir útil de vez em quando. Aqui. — Ele me entrega o leitor de dados. — Navega por essa lista para mim.

Conforme eu faço isso, ele resmunga.

— Eles não podem restringi-la mais? Todos nós presumimos que seja algo ambiental. Bom, nós comemos tudo o que podemos encontrar e cultivar. É uma longa lista. A gente vai encontrar algo para

ajudar essas pessoas. Mas pode não ser a tempo.

— Por que o Piloto não levou você para Camas ou para a Central? — indago. — Seria um lugar melhor para trabalhar na cura. Eles poderiam trazer suprimentos e plantas das montanhas pra você. Nas Províncias, você teria acesso a todos os dados, todo o equipamento...

O rosto de Oker fica rígido.

— Porque eu concordei em trabalhar com ele apenas sob uma condição — informa ele. — Que eu ficasse aqui.

Eu assinto.

— Uma vez que você sai daqui — explica Oker —, você não volta.

Suas mãos parecem tão velhas, como papel cobrindo os ossos, mas as veias saltam, cheias de vida e sangue.

— Percebo que você tem outra pergunta — diz ele, sua voz irritada e interessada ao mesmo tempo. — Faça.

— O Piloto nos disse que alguém contaminou o fornecimento de água. — explico. — Você acha que eles também criaram a mutação? As duas aconteceram tão rápido... Parece que a mutação poderia ter sido manipulada, do jeito que o surto foi.

— Essa é uma boa pergunta — elogia Oker —, mas aposto que a mutação aconteceu naturalmente. Pequenas mudanças genéticas ocorrem regularmente na natureza, mas, a não ser que haja uma vantagem adquirida por uma mutação, ela simplesmente se perde, porque outras versões sem mutação predominam. — Ele aponta para outro frasco, e eu o pego para ele e abro a tampa. — Mas se algum tipo de pressão seletiva está presente e confere uma vantagem para uma mutação, essa mutação acaba crescendo e sobrevivendo às formas sem mutação.

— Isso é o que um virologista lá em Camas disse pra mim — comento.

— Ele está certo — afirma Oker. — Pelo menos eu acho.

— Ele também me contou que provavelmente foi a própria cura que aplicou a pressão seletiva e provocou a mutação.

— É provável — analisa Oker —, mas, mesmo assim, acho que ninguém planejou essa parte. Como nós que vivemos fora da Sociedade dizemos às vezes, foi azar. Uma das mutações era imune à cura, então ela prosperou e pegou.

Oker confirmou isso. A cura provocou a verdadeira pandemia.

— Eu me adiantei — lembra Oker. — Ainda não te disse o jeito como um vírus funciona. Você adivinhou uma parte sozinho. Mas a melhor forma de explicar — diz e seu tom fica ríspido — é contar uma história. Uma das Cem, na verdade. A número três. Você se lembra?

— Lembro — falo, e realmente me lembro. Sempre me lembrei, porque o nome da garota,

Xanthe, lembra o meu.

— Me conta — pede Oker.

A última vez que tentei contar uma história foi para Lei, e não foi nada bom. Queria ter feito mais por ela. Mas vou tentar de novo agora, porque Oker me pediu para fazê-lo e acho que vai ser ele que vai descobrir a cura. Tenho que tentar não rir. *Vai acontecer. Vamos fazer isso.*

— A história é sobre uma garota chamada Xanthe — começo. — Um dia ela decidiu que não queria comer a própria comida. Quando a entrega de comida chegou, ela pegou o mingau de aveia de seu pai e comeu ao invés da sua comida. Mas estava muito quente, e durante o dia inteiro Xanthe se sentiu doente e febril. No dia seguinte, ela roubou o mingau de aveia de sua mãe, mas estava muito frio, e Xanthe se sacudiu com calafrios. No terceiro dia, ela comeu sua própria refeição e estava perfeita. Ela se sentiu bem. — Eu paro. É uma história bem estúpida, destinada a lembrar às

crianças da Sociedade a fazerem o que lhes for mandado. — Ela continua assim sem parar — digo a Oker. — Xanthe termina com três advertências por mau comportamento, antes de perceber que a Sociedade sabe o que é certo para ela.

Para minha surpresa, ele concorda.

— É o suficiente — afirma ele. — A única parte que você esqueceu foi a parte sobre o cabelo dela.

— É verdade — lembro. — Ele era de ouro. É isso que o nome Xanthe significa.

— Não importa, de qualquer forma — retruca Oker. — A coisa importante é a ideia de que alguma coisa pode ser muito quente, muito fria ou certa. É isso que você precisa se lembrar sobre a forma como um vírus funciona. Ele usa uma coisa que vejo como sendo a estratégia de Xanthe. Um vírus não quer ficar sem alvos muito rapidamente. Ele mata o organismo que infecta, mas não pode matar muito rápido. O vírus precisa ser capaz de

se transferir para outro organismo a tempo.

— Então, se o vírus mata tudo muito rápido — pondero —, está muito quente.

— E se não se muda para outro organismo rápido o suficiente, ele morre — completa Oker. — Muito frio.

— Mas em algum lugar no meio — digo —, está certo na medida.

Oker concorda.

— Essa mutação — explica — estava na medida certa. E não era só por causa da Sociedade e da Insurreição e pelo que as duas fizeram. Elas contribuíram para algumas das condições, sim. O vírus sofreu mutação por si só, como as viroses fazem há anos. Tem havido Pragas por toda a história e isso não acaba nesta aqui.

— Então, nunca estamos realmente seguros — falo.

— Ah, não, meu rapaz — retruca Oker, quase gentil. — Esse pode ter sido o maior triunfo da

Sociedade: que tantos de nós acreditassem que estávamos.

Cassia

Eu deveria ir ver Ky.

Eu deveria focar aqui e trabalhar na cura.

Quando eu me deixo realmente pensar, estou dividida entre dois lugares e fico perdida, à deriva em preocupações, realizando nada e sem ajudar ninguém. Então eu *não* penso. Não daquele jeito. Eu penso em plantas, números e curas, e classifico através dos dados, tentando achar alguma coisa que traga de volta os imóveis.

Comparar as listas não é tão fácil quanto parece. Elas não só incluem os nomes das coisas que os aldeões e agricultores comem, mas também a frequência na qual as comidas foram consumidas; o tipo do solo em que foram

cultivadas, se eram produtos animais ou vegetais, e uma miríade de outras informações que precisam ser levadas em consideração. Só porque uma coisa foi consumida frequentemente não quer dizer que forneceu imunidade; ou o contrário: é improvável que alguma coisa consumida só uma vez produza imunidade.

As pessoas vêm e vão — médicos examinando pacientes e voltando para relatar, Oker e Xander fazendo seu trabalho, os classificadores fazendo uma pausa, Leyna verificando nosso trabalho. Eu me acostumo às idas e vindas, e finalmente nem levanto mais o olhar quando escuto a porta de madeira abrir ou fechar; mal noto quando a brisa da montanha se esgueira e sussurra em meu cabelo.

Uma voz de mulher interrompe minha concentração.

— Nós pensamos em mais algumas coisas — diz ela. — Quero ter certeza de que incluimos

todas na nossa lista.

— Claro — concorda Rebecca.

Algo na voz da mulher parece familiar. Eu olho para cima.

Ela parece mais velha do que sua voz, o cabelo completamente grisalho e torcido em complicadas tranças e nós para cima de sua cabeça. Tem a pele curtida e uma forma gentil de mover as mãos, levantando uma lista em um pedaço de papel. Mesmo daqui, consigo dizer que é escrita à mão e não impressa.

— Anna! — exclamo.

Ela se vira para me olhar.

— A gente se conhece? — indaga.

— Não — respondo. — Me desculpe. Mas eu vi seu vilarejo, e conheço Hunter e Eli. — Quero ver Eli. Mas, como andei visitando Ky e trabalhando na cura, não tive tempo de procurar o novo assentamento dos agricultores, mesmo sabendo que não é longe do vilarejo principal. A

culpa toma conta de mim, embora eu não saiba se Leyna e os outros me permitiriam ir, mesmo se eu pedisse. Eu *estou* aqui para trabalhar na cura.

— Você deve ser Cassia — fala Anna. — Eli sempre falou de você.

— Sou eu — afirmo. — Diga a Eli que Ky está aqui também. — Eli contou a Anna sobre Ky? Pelo lampejo de reconhecimento nos olhos de Anna, acho que sim. — Mas Ky é um dos pacientes.

— Sinto muito — lamenta Anna.

Eu agarro as beiradas da mesa tosca, me lembrando de não pensar muito profundamente em Ky, ou eu vou surtar e não servir de nada para ele.

— Hunter e Eli, eles estão bem? — questiono.

— Estão — confirma Anna.

— Eu quis ir vê-los... — começo.

— Tudo bem — consola-me Anna. — Eu entendo.

Rebecca se move ligeiramente e Anna aproveita a deixa. Ela sorri para mim.

— Depois que eu terminar, vou dizer a Eli que vocês estão aqui. Ele vai querer ver vocês. Assim como Hunter.

— Obrigada — digo, sem acreditar muito que eu a conheci. Essa é *Anna*, a mulher de quem ouvi falar por Hunter e cujos escritos vi na caverna. Quando ela começa a ler sua lista, não consigo me desligar do som da sua voz.

— Lírio mariposa — Anna diz a Rebecca. — Flores-pincel, mas só em pequenas quantidades. De outra forma elas podem ser tóxicas. Nós usamos sálvia para temperar, e éfedra para o chá...

Palavras tão bonitas quanto canções. E eu percebo por que reconheço a voz de Anna. Ela soa um pouquinho como a da minha mãe. Eu puxo um pedaço de papel e escrevo os nomes que Anna diz. Minha mãe pode já conhecer alguns deles, e vai amar conhecer os outros. Vou cantá-los para ela, quando for levar a cura.

— É hora de você descansar um pouco. — Rebecca pressiona na minha mão um pedaço de pão chato, enrolado em tecido. O pão está morno, e o cheiro dele faz meu estômago roncar. Eles fazem sua própria comida aqui. Como seria isso? E se eu tivesse tempo de aprender isso também? — E aqui — diz ela, me entregando um cantil. — Você deveria comer enquanto o visita.

Rebecca sabe para onde vou, claro.

Enquanto desço o caminho até a enfermaria, eu respiro a floresta. Flores silvestres crescem por todos os lugares onde as pessoas não caminham, roxas, vermelhas, azuis e amarelas. As nuvens, de um surpreendente rosa em movimento, planam no céu acima das árvores e dos picos das montanhas. E uma convicção chega até mim nesse momento: *podemos achar uma cura*. Nunca senti isso tão fortemente.

Quando chego, sento junto a Ky e olho para ele,

toco sua mão.

As vítimas da Praga não fecham os olhos. Queria que fechassem. O olhar de Ky parece vazio e cinza; não as cores que estou acostumada a ver, azul e verde. Coloco a mão em sua testa, sentindo a extensão macia de sua pele, a estrutura dos ossos. Ky parece quente. Ele poderia estar infectado?

— Ele não parece bem — aviso a um dos médicos de plantão. — A bolsa de nutrientes já está vazia. Vocês colocaram o gotejar muito rápido?

A médica verifica suas anotações.

— Esse paciente deveria ter uma bolsa ainda funcionando.

Eu não me mexo. Não é culpa de Ky que algo esteja errado. Após um momento, a médica se levanta e vai pegar uma nova bolsa para colocar em sua intravenosa. Ela parece apressada. Só há dois médicos de plantão.

— Você precisa de mais ajuda aqui? — ofereço.

— Não — responde ela rispidamente. — Leyna e Oker só querem que nós, com treinamento médico, trabalhemos com os imóveis.

Quando ela termina, sento ao lado de Ky e pouso a mão nele, pensando em como ele estava vivo na Colina, nos cânions, e por um momento, nas montanhas. E então ele se foi. Penso em como gastei todo aquele tempo tentando adivinhar a cor de seus olhos quando comecei a me apaixonar por ele. Eu o achava inconstante e difícil de categorizar em um grupo limitado, em uma descrição clara.

A porta se abre e eu me viro, esperando que alguém venha me dizer que meu tempo acabou, que eu preciso voltar ao trabalho. E não quero ir. É estranho. Quando estava classificando, tinha certeza de que era a coisa mais importante que eu podia estar fazendo. Quando estou aqui, sei que

estar com os imóveis é mais importante.

Mas não é alguém do laboratório de pesquisas.
É Anna.

— Posso entrar? — indaga ela. Após ter lavado as mãos e ter colocado a máscara, ela vem em minha direção. Eu levanto, pronta a oferecer minha cadeira, mas ela balança a cabeça e se senta no chão, junto à cama. É estranho a olhar de cima.

— Então esse é o Ky — diz ela. Ele está virado de lado, e ela olha em seus olhos e toca sua mão.
— Eli quer vir vê-lo. Você acha que é uma boa ideia?

— Não sei — admito. Pode ser uma boa ideia Eli vir, porque então Ky poderia ouvir mais do que apenas uma voz falando com ele, chamando-o de volta. Mas seria uma boa para Eli? — Você saberia melhor do que eu. — É duro dizer, mas é claro que é verdade. Eu só conheci Eli por alguns dias. Ela o conhece há meses.

— Eli me contou que o pai de Ky foi um

negociante — comenta Anna. — Eli não sabia seu nome, mas lembrou que Ky disse a ele que seu pai tinha aprendido a escrever em nosso vilarejo.

— Sim — confirmo. — Você se lembra dele?

— Lembro — assente ela. — Eu não me esqueceria dele. Seu nome era Sione Finnow. Eu o ajudei a aprender a escrever. Claro, ele quis aprender o nome da esposa antes. — Ela sorri. — Ele negociava por ela sempre que podia. O pai dele trouxe para ela aqueles pincéis, mesmo quando não tinha recursos para bancar a tinta.

Eu me pergunto se Ky pode ouvir isso.

— Sione negociava por Ky também — conta Anna.

— O que você quer dizer? — indago.

— Alguns dos negociantes costumavam trabalhar com os pilotos desgarrados — explica Anna. — Aqueles que levavam as pessoas para fora da Sociedade. Sione fez isso uma vez.

— Ele tentou negociar para levar Ky embora?

— surpreendo-me.

— Não — diz Anna. — Sione realizou uma negociação em nome de outra pessoa para trazer alguém, seu sobrinho, para os vilarejos de pedra. Nós, agricultores, nunca ajudamos em nada disso, claro. Mas Sione me contou sobre isso.

Minha mente está rodopiando. *Matthew Markham. O filho de Patrick e Aida. Ele não está morto?*

— Sione realizou aquela negociação sem cobrar, porque era um membro da família que queria. Era a irmã de sua esposa. Seu marido sabia que havia algo de podre na Sociedade. Ele queria seu filho fora de lá. Foi uma negociação extremamente delicada e perigosa.

Ela olha através de mim, lembrando-se do pai de Ky, um homem que nunca conheci. *Como ele era?* Queria saber. É impossível não imaginá-lo como uma versão mais velha e mais imprudente de Ky: brilhante, ousado.

— Mas — continua Anna — Sione deu um jeito. Ele achou que a sociedade ia preferir boatos de uma morte circulando do que notícias de uma escapada, e ele estava certo. A Sociedade inventou uma história para explicar o desaparecimento do garoto. Eles não queriam que se espalhassem rumores sobre os desaparecimentos, como eles chamavam. Não queriam que as pessoas pensassem que podiam escapar.

— Ele se arriscou muito por seu sobrinho — reconheço.

— Não — nega Anna. — Ele o fez por seu filho.

— Por Ky?

— Sione não podia mudar quem ele era. Ele não podia se Reclassificar. Mas queria para o filho uma vida melhor do que a que ele podia dar.

— Mas o pai de Ky foi um rebelde — alego. — Ele acreditava na Insurreição.

— E no fim eu acho que ele foi também realista — retruca ela. — Ele sabia que as chances de uma rebelião ser bem-sucedida eram muito pequenas. O que ele fez por Ky foi uma apólice de seguro. Se alguma coisa desse errado e Sione morresse, então Ky teria um lugar na Sociedade. Ele poderia voltar a viver com seus tios.

— E ele foi — afirmo.

— Foi — concorda Anna. — Ky estava seguro.

— Não — discordo. — No final eles o mandaram para os acampamentos de trabalho. — *Eu* o enviei para os acampamentos de trabalho.

— Mas muito mais tarde do que ele teria ido — insiste Anna. — Ele provavelmente viveu mais onde estava na Sociedade do que teria vivido se tivesse ficado preso nas Províncias Exteriores.

— Onde está aquele garoto agora? — pergunto. — Matthew Markham?

— Não faço ideia — diz Anna. — Entenda, eu nunca conheci o Matthew. Só soube dele por

Sione.

— Eu conheci o tio de Ky — conto. — Patrick. Não posso acreditar que ele ia enviar o filho para cá, para viver onde ele não conhecia nada nem ninguém.

— Os pais fazem coisas estranhas quando veem um perigo claro para seus filhos — explica Anna.

— Mas Patrick não fez o mesmo por Ky — digo com raiva.

— Eu suspeito — sugere ela — que eles quiseram honrar a escolha dos pais de Ky para seu filho, que era ele ter uma chance de viver fora das Províncias Exteriores. E, no final, tenho certeza de que seus tios não quiseram desistir dele. Enviar um filho embora deve quase tê-los matado. E então, quando nada de terrível aconteceu por anos, eles devem ter se perguntado se fizeram a coisa certa ao mandar o filho para longe. — Anna respira fundo. — Hunter deve ter te dito que eu o deixei para trás, junto com sua filha. Minha neta.

Sarah.

— Disse — confirmo. Eu vi Hunter enterrar Sarah. Vi a citação em seu túmulo: *Subitamente através de junho, um vento com dedos se vai.*

— Hunter nunca me culpou — fala Anna. — Ele sabia que eu tinha que atravessar as pessoas. O tempo era curto. As pessoas que ficaram *realmente* morreram. Eu estava certa sobre isso.

Anna olha para cima, para mim. Seus olhos estão muito escuros.

— Mas eu me culpo — confessa ela. Então Anna segura uma das mãos, flexionando os dedos, e acho que vejo traços de azul marcados em sua pele, ou talvez sejam suas veias por baixo. Na penumbra da enfermaria, é difícil dizer.

Anna se levanta.

— Quando é sua próxima folga? — pergunta.

— Não sei — respondo.

— Vou tentar descobrir e trazer Eli e Hunter para te ver. — Anna se dobra e toca o ombro de

Ky. — E você — completa ela.

Depois que ela se vai, me inclino sobre Ky.

— Você ouviu tudo aquilo? — pergunto a ele.

— Você ouviu quanto seus pais te amavam?

Ky não responde.

— E eu te amo — digo a ele. — Nós ainda estamos procurando a sua cura.

Ky não se mexe. Declamo poemas para ele e repito que o amo. Sem parar. Enquanto eu observo, acho que o líquido pingando em suas veias está ajudando; há uma calidez em seu rosto, como o sol em uma pedra, quando surge a luz.

CAPÍTULO 32

Ky

Sua voz chega primeiro. Bonita e gentil. Ela ainda está me falando poesia.

Então a dor volta, mas agora está diferente. Meus músculos e ossos costumavam doer. Mas agora estou muito mais profundamente dolorido que antes. A infecção se espalhou?

Cassia quer que eu saiba que ela me ama.

A dor quer me devorar.

Eu queria poder ter uma sem a outra, mas esse é o problema de se estar vivo.

Você normalmente não escolhe a medida de sofrimento ou o grau de felicidade que tem.

Não mereço nem seu amor, nem essa doença.

Esse é um pensamento estúpido. As coisas

acontecem, quer você as mereça ou não.

Por enquanto, vou cavalgar para longe da dor na melodia da sua voz. Não vou pensar sobre o que vai acontecer quando ela tiver que partir.

Nesse momento, Cassia está aqui e me ama. Ela diz isso sem parar.

Cassia

Xander me encontra ali, junto a Ky.

— Leyna me enviou para te levar de volta — avisa ele. — É hora de retornar ao trabalho.

— O gotejamento de Ky tinha acabado — digo. — Queria ficar até ele parecer melhor.

— Isso não deveria ter acontecido — estranha Xander. — Vou avisar a Oker.

— Que bom — comento. A raiva de Oker vai ter muito mais peso com os líderes do vilarejo do que a minha.

— Eu vou voltar — prometo a Ky, para o caso de ele poder ouvir. — O mais rápido que puder.

Do lado de fora da enfermaria, as árvores crescem

direto até o limite das construções do vilarejo. Galhos se esfregam e cantam juntos quando o vento passa por eles. Há tanta vida aqui... Grama, flores, folhas, e pessoas andando, falando, vivendo.

— Me desculpe pelos comprimidos azuis — pede Xander. — Eu... você poderia ter morrido. Teria sido minha culpa.

— Não — discordo. — Você não sabia.

— Você nunca tomou um, tomou?

— Tomei — digo. — Mas eu estou bem. Eu segui em frente.

— *Como?* — pergunta ele.

Eu segui em frente pensando em Ky. Mas como posso dizer isso a Xander?

— Eu simplesmente fiz isso — afirmo. — E os arranhões nos comprimidos ajudaram.

Xander sorri.

— O segredo que você mencionou em um dos arranhões — lembro. — Qual era?

— Eu sou parte da Insurreição — diz Xander.

— Achei que pudesse ser o que você queria dizer — falo. — Você me disse no terminal. Não disse? Não com palavras, eu sei, mas achei que era o que você estava tentando dizer...

— Você está certa — confirma Xander. — Eu realmente te disse. Não era muito segredo. — Ele abre um sorriso, e então sua expressão fica séria. — Eu tinha a intenção de te perguntar sobre o comprimido vermelho.

— Não sou imune — esclareço. — Ele funciona em mim.

— Tem certeza?

— Eles me deram na Central — confirmo. — Tenho certeza disso.

— A Insurreição me prometeu que você era imune ao comprimido vermelho e à Praga — diz Xander.

— Então ou eles mentiram para você ou cometeram um erro — sugiro.

— Isso significa que você deve ter sido vulnerável à versão original da Praga — analisa Xander. — Você sucumbiu a ela? Eles te deram a cura?

— Não. — Eu entendo o que o está confundindo. — Se o comprimido vermelho funciona em mim, então nunca me deram a imunização inicial quando eu era bebê. Então eu deveria ter caído doente com a Praga original. Mas eu não caí. Eu só tenho a marca.

Xander balança a cabeça, tentando entender. Eu também estou classificando.

— O comprimido vermelho funciona em mim — repito. — Eu nunca tomei o verde. E sobrevivi ao azul.

— Mais alguém alguma vez sobreviveu ao azul? — indaga Xander.

— Não que eu saiba — afirmo. — Eu tinha Indie comigo, e ela me ajudou a continuar. Isso talvez tenha feito diferença.

— O que mais aconteceu nos cânions? —
Xander quer saber.

— Por um longo tempo, eu nem estava com Ky — conto. — Nós começamos em um vilarejo cheio de outras Aberrações. Então três de nós fugiram para a Escultura; eu, o menino que morreu e Indie.

— Indie está apaixonada por Ky — afirma Xander.

— Está — confirmo. — Acho que agora está. Mas no começo era por você. Ela costumava roubar coisas. Ela pegou meu microcartão e o miniterminal de alguma outra pessoa, e usava para olhar para seu rosto sempre que podia.

— E no final, foi Ky que ela quis — diz Xander. Percebo uma nota de amargura em sua voz; não é algo que eu tenha ouvido frequentemente antes.

— Eles voaram no mesmo acampamento da Insurreição — explico. — Ela o via o tempo todo.

— Você não parece brava com ela — percebe

ele.

E eu não estou. Houve o momento de choque e dor quando Ky me disse que ela o tinha beijado, mas sumiu quando Ky ficou imóvel.

— Ela escolhe o próprio caminho — retruco.
— Ela faz o que quer. — Balanço a cabeça. — É difícil ficar aborrecida com ela.

— Não entendi — diz Xander.

E não acho que ele possa. Ele não conhece realmente Indie; nunca a viu mentir ou trapacear para ter o que quer, ou percebeu que dentre isso tudo está uma inexplicável honestidade que é só dela. Ele não a viu lutar contra a água prateada e nos trazer em segurança, contra todas as chances. Ele nunca soube como ela se sentia sobre o mar e quanto desesperadamente ela queria um vestido feito de seda azul.

Algumas coisas não podem ser compartilhadas. Eu poderia dizer a ele tudo o que aconteceu na Escultura e ele ainda não teria estado lá comigo.

E é o mesmo para ele. Ele poderia me contar tudo sobre a Praga, e a mutação que se seguiu e o que ele viu, mas, ainda assim, eu não estaria *lá*.

Observando o rosto de Xander, vejo que ele percebe isso. Ele engole. Ele está a ponto de me perguntar algo. Quando pergunta, não é o que eu esperava.

— Alguma vez você escreveu alguma coisa para mim? Além daquela mensagem, quero dizer.

— Você recebeu — percebo.

— Tudo, menos o final — explica ele. — Ficou destruído.

Meu coração se aperta. Então ele não sabe o que eu disse, que eu pedi a ele para não pensar mais em mim daquele jeito.

— Queria saber — continua ele — se você alguma vez escreveu um poema para mim.

— Espera — peço. Não há papel aqui, mas há um graveto e terra escura no chão, e, afinal de contas, é como eu aprendi a escrever. Hesito por

um momento, olhando para trás, para a enfermaria, mas então eu percebo: *a época de esconder isso para nós mesmos passou há muito tempo. E, se eu tentei dividir isso com todo mundo na Central, por que esconderia de Xander?*

Ao mesmo tempo, parece íntimo escrever para Xander. Significa mais.

Fecho meus olhos por um momento, tentando pensar em alguma coisa, e então vem a mim uma extensão do poema que me fez pensar em Xander. Eu começo a escrever.

— Xander — digo pausadamente.

— Quê? — pergunta ele. Xander não levanta os olhos das minhas mãos, como se elas fossem capazes de um milagre e ele finalmente pudesse testemunhar o que é.

— Eu pensei em *você* na Escultura também — confesso. — Eu sonhei com você.

Agora ele realmente olha para mim e descubro que não posso sustentar seu olhar; algo profundo

que sinto me faz olhar para baixo e eu escrevo:

Escuro, escuro, escuro estava

Mas a mão do curador era leve.

Ele conhecia a cura, ele mantinha o bálsamo

Para curar nossas asas para voar.

Xander lê. Ele move os lábios.

— Curador — diz suavemente. Sua expressão é dolorosa. — Você acha que posso curar pessoas — conclui.

— Acho — confirmo.

Nesse momento, algumas das crianças do vilarejo descem pelo caminho e passam por nós. Como se fôssemos uma só pessoa, Xander e eu nos levantamos ao mesmo tempo para vê-las passar.

As crianças estão fazendo uma brincadeira que nunca vi antes, em que elas fingem que são outras pessoas. Cada criança está vestida como um animal. Algumas usaram grama para fazer o pelo, outras usaram folhas para fazer penas, e há ainda

mais delas com asas amarradas juntas, feitas de galhos e de cobertores que serão usados de novo para aquecer à noite. O reaproveitamento da natureza e de retalhos para criação me lembra da Galeria, e me pergunto se as pessoas lá na Central encontraram outro lugar para se reunir e compartilhar, ou se elas não têm mais tempo nenhum para isso, com a mutação à solta e nenhuma cura à vista.

— Como teria sido se a gente pudesse ter feito isso? — indaga Xander.

— Isso o quê? — pergunto.

— Ser *o que quer* que quiséssemos? — completa ele. — E se eles tivessem deixado a gente fazer isso quando éramos crianças?

Eu pensei nisso, especialmente quando estava na Escultura. *Quem eu sou? Quem eu queria ter sido?* Penso em como sou sortuda, apesar da Sociedade, por ter sonhado tanto, coisas tão selvagens. Parte disso é graças ao Vovô, claro,

que sempre me desafiou.

— Lembra de Oria? — continua Xander.

Sim. Sim. Eu me lembro. De tudo. Está tudo claro e próximo de novo; nós dois, um Par, de mãos dadas no trem aéreo voltando para casa do Banquete. Minha mão em sua nuca enquanto eu jogava a bússola para dentro de sua camisa, para que ele pudesse salvar o artefato de Ky dos Oficiais. Mesmo naquele momento, nós três estávamos dando nosso melhor para manter a fé uns nos outros.

— Lembra daquele dia, plantando rosas novas? — pergunta ele.

— Lembro — respondo, pensando naquele beijo, o único que tivemos, e meu coração dói por nós dois. O ar aqui nas montanhas é cortante, mesmo no verão. Ele nos açoita, bagunça nosso cabelo, coloca lágrimas em nossos olhos. Estar aqui com Xander no meio das montanhas é igual e diferente de estar com Ky na fronteira da

Escultura.

Estico a mão para pegar a de Xander. Minha palma está riscada com terra de ter escrito com o graveto, e enquanto olho para ela e penso em Xander e em raízes de rosa nova penduradas, o vento se move e as crianças dançam em direção ao vilarejo de pedra, e, clara como o ar, outra semente de choupó de memória chega até mim:

As mãos de minha mãe estão encardidas de terra, mas posso ver as linhas brancas atravessando suas palmas quando ela levanta as mudas. Estamos paradas no viveiro do Arboreto; o teto de vidro acima de nós e a bruma úmida aqui dentro enganam o frio da manhã de primavera lá fora.

— Bram chegou à escola a tempo — digo.

— Obrigada por me avisar — retruca ela, sorrindo para mim. Nos raros dias em que tanto ela quanto meu pai têm que ir trabalhar cedo, é minha responsabilidade levar Bram para pegar

seu trem pela manhã, para a Primeira Escola.

— Aonde você vai agora? Você tem alguns minutos antes do trabalho.

— Talvez eu passe para ver o Vovô — respondo. Está tudo bem desviar da rotina usual desse jeito, porque o Banquete do Vovô está chegando. Assim como o meu. Temos tantas coisas para conversar...

— Claro — concorda minha mãe. Ela está transferindo as mudas dos tubos onde as plantas começaram, enfileiradas em uma bandeja, para suas novas casas, vasilhinhos cheios de solo. Ela levanta uma das mudinhas.

— Não tem muitas raízes — percebo.

— Ainda não — confirma ela. — Elas virão.

Dou um beijo rápido em Mamãe e parto outra vez. Não devo me demorar no seu local de trabalho e tenho um trem aéreo para pegar. Acordar cedo com Bram me deu um pouco de tempo extra, mas não muito.

O vento da primavera está brincalhão, me empurrando para um lado, me puxando para outro. Ele faz girar no ar algumas das últimas folhas de outono, e imagino como seria se eu subisse na plataforma do trem aéreo e pulasse, se a espiral de vento me pegaria e me levaria para cima rodopiando.

Não consigo pensar em cair sem pensar em voar.

Eu poderia fazer isso, eu acho, se eu encontrasse um jeito de criar asas.

Alguém se aproxima de mim enquanto passo pelo confuso mundo da Colina a caminho da parada do trem aéreo.

— Cassia Reyes? — pergunta a trabalhadora. Os joelhos de suas roupas comuns estão escurecidos de sujeira, como os da minha mãe quando ela está trabalhando. A mulher é jovem, alguns anos mais velha do que eu, e ela tem algo na mão, mais raízes pendendo para baixo.

Arrancando ou plantando?, eu me pergunto.

— Sim? — digo.

— Preciso falar com você — avisa ela. Um homem emerge da Colina atrás dela. Ele tem a mesma idade dela, e algo a respeito deles me faz pensar, Eles dariam um bom Par. Nunca tive permissão para ir à Colina, e olho de volta para o tumulto de plantas e floresta atrás dos trabalhadores. Como é estar em um lugar tão selvagem?

— Precisamos de você para classificar uma coisa para a gente — pede o homem.

— Sinto muito — digo, me movendo novamente. — Eu só classifico no trabalho. — Eles não são Oficiais, nem meus superiores ou supervisores. Esse não é o protocolo, e eu não burlo as regras por estranhos.

— É para ajudar seu avô — explica a mulher. Eu paro.

— Cassia? — chama Xander. — Você está

bem?

— Estou — respondo. Ainda estou encarando minha mão, desejando poder fechá-la apertado em volta do resto da memória. Sei que pertence ao perdido dia no jardim vermelho. Estou certa disso, embora não possa dizer o motivo.

Xander parece estar a ponto de dizer mais alguma coisa, mas as crianças voltam ao seu jogo, tendo circulado todo o caminho em torno do vilarejo de pedra. Elas são barulhentas e estão rindo, como as crianças deveriam fazer. Uma garotinha sorri para Xander e ele sorri de volta, se esticando para tocar sua asa enquanto ela passa, mas a garotinha se vira na hora errada e Xander não pega em nada.

Xander

Oker está tão motivado que é quase desumano. Eu me sinto da mesma forma — nós *temos* que achar a cura —, mas seu foco é outra coisa. Não leva muitos dias para eu me acostumar à rotina no laboratório de pesquisas, que é: nós trabalhamos quando Oker nos diz para trabalharmos e descansamos quando Oker nos diz para tirar uma folga. Às vezes pego um relance de Cassia nas salas de classificação, mas na maioria das vezes gasto meu tempo compondo fórmulas de acordo com as instruções de Oker.

Oker faz suas refeições aqui mesmo no laboratório. Ele nem mesmo senta. Então é isso que o resto de nós faz também: nós ficamos por

aqui e nos observamos mastigar nossas comidas. Provavelmente é o estresse da situação e as horas tardias, mas alguma coisa a respeito disso sempre me dá vontade de rir. As conversas da hora das refeições são uma medida de quão bem as coisas estão indo com os testes da cura. Oker é diferente da maioria das pessoas, porque quando as coisas vão bem, ele não fala. Quando as coisas vão mal, ele fala mais.

— O que é essa coisa com as Outras Terras. Que faz com que todos vocês queiram tanto ir para lá? — pergunto a Oker hoje.

Oker bufá.

— Nada — diz ele. — Estou velho demais para começar de novo. Eu vou ficar bem aqui. E não sou o único.

— Então por que trabalhar na cura, se vocês não vão dividir a recompensa? — indago.

— Por causa do meu altruísmo inerente — esclarece

Não posso evitar rir disso e Oker me dá uma olhadela.

— Quero derrotar a Sociedade — explica ele.
— Quero encontrar a cura antes.

— Não é mais a Sociedade — lembro a ele.

— Claro que é — retruca, inclinando para trás seu cantil para beber. Ele limpa a boca com as costas da mão e me dá uma olhada. — Só os tolos pensam que alguma coisa mudou. A Insurreição e a Sociedade se infiltraram uma na outra tão completamente que elas nem sabem mais qual é qual. É como uma cobra comendo sua maldita cauda. Isso, aqui fora, é a única rebelião verdadeira.

— O Piloto acredita na Insurreição — digo. — Ele não é uma fraude.

Oker olha para mim.

— Talvez não — rebate ele. — Mas isso não significa que você deveria segui-lo. — Então seu olhar se aguça. — Ou a mim.

Não digo nada, pois ambos sabemos que já estou seguindo os dois. Acho que o Piloto é o caminho para a revolução e que Oker é o caminho para a cura.

Os pacientes aqui ainda parecem muito melhores do que aqueles lá nas Províncias. Oker curou todos os sintomas secundários da mutação da Praga, como a acumulação de plaquetas, as secreções pulmonares. Mas ele continua resmungando sobre proteínas e o cérebro, e sei que ainda não descobriu como prevenir ou reverter os efeitos da mutação no sistema nervoso. Mas vai chegar lá.

Oker xinga. Ele derramou um pouco de água do cantil na blusa.

— A Sociedade estava certa sobre uma coisa — diz. — As malditas mãos pararam de funcionar um ano ou dois depois dos 80. Claro, minha mente ainda funciona melhor do que a da maioria das pessoas.

Cassia já está em sua cela quando chego lá, mas ela está esperando por mim. Não posso vê-la bem porque é de noite, mas posso ouvi-la quando fala comigo. Alguém no final do corredor grita para ficarmos quietos, mas o resto das pessoas parece ter dormido.

— Rebecca me disse que todos os médicos pesquisadores gostam de você — conta Cassia. — Ela também falou que você é o único que contesta Oker.

— Talvez eu devesse parar — reflito. Não quero alienar nenhum dos trabalhadores. Tenho que ficar dentro do laboratório de pesquisas trabalhando naquela cura.

— Rebecca diz que isso é bom — esclarece Cassia. — Ela acha que Oker gosta de você porque você o lembra dele mesmo.

Isso é verdade? Não acho que eu seja tão orgulhoso quanto Oker, ou tão esperto. Claro, sempre me perguntei se *eu* poderia ser o Piloto

algum dia. Eu gosto de pessoas. Gosto de ficar perto delas e tornar as coisas melhores para elas.

— Estamos chegando perto — afirma Cassia.
— Temos que estar.

Sua voz parece um pouco distante. Ela deve ter se mexido para se sentar na cama, ao invés de ficar de pé bem na frente da cela.

— Boa noite, Xander — diz Cassia.

— Boa noite — respondo.

Cassia

Às vezes, quando estou cansada, parece que nunca morei em nenhum outro lugar. Nunca fiz nada além disso. Ky sempre esteve imóvel, e Xander e eu sempre estivemos trabalhando na cura. Meus pais e Bram estão perdidos para mim, e eu tenho que encontrá-los, e a tarefa à mão parece muito grande, grande demais para qualquer pessoa ou grupo de pessoas.

— O que você está fazendo? — pergunta uma das outras classificadoras. Ela gesticula para o leitor de dados, e para os pedacinhos de papel e o graveto chamuscado que tenho usado para tomar notas. Descobri que às vezes tenho que escrever as coisas à mão para entender os dados que vejo na

tela do leitor de dados. Escrever clareia minha mente. E ultimamente, tenho tentado desenhar a partir das descrições gravadas no leitor de dados, porque não consigo imaginar as coisas que eles descreveram como sendo componentes possíveis para a cura. Os olhos da classificadora se enrugam de riso à medida que ela vê minha tentativa de desenhar uma flor, e eu puxo o papel para mais perto de mim.

— Não há nenhuma figura no leitor de dados — explico. — Só descrições escritas.

— Isso é porque todos *nós* sabemos como é a coisa da aparência — retruca outra classificadora, soando irritada.

— Sim — alego suavemente —, mas eu não sei. E isso está afetando as classificações que fazemos. Elas estão erradas.

— Você está dizendo que não estamos fazendo nosso trabalho direito? — pergunta a primeira classificadora, sua voz fria. — A gente sabe que

os dados podem ter erros. Mas a gente está classificando do jeito mais eficiente possível.

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Não é isso que eu quero dizer. Não é o começo ou o fim da classificação, não são os dados ou a forma como classificamos. Algo não está se encaixando no meio, na correlação das listas. É como se houvesse um fenômeno subjacente que não estamos observando, alguma variável latente que não estamos medindo nos dados. — Tenho certeza de que o nosso entendimento da relação entre estes dois conjuntos de dados não está correto. Tão certa quanto me sinto de que estou esquecendo o meio da minha memória do dia no jardim vermelho.

— O importante — diz outra classificadora — é que a gente continue dando as listas a Oker. — Todos os dias, a gente envia pra ele sugestões do que poderia contribuir para a cura, medidas de acordo com as melhores informações que temos

dos pacientes e levando em consideração o que não funcionou.

— Não sei quanto Oker nos escuta, de qualquer forma — falo. — Acho que só há uma pessoa em quem Oker confia, e é nele mesmo. Mas se a gente puder chegar a algum tipo de consenso, em quais seriam os ingredientes mais importantes, e entregássemos a ele, poderia ser mais provável que ouvisse o que dizemos, se nossas análises se alinhassem.

Leyna está me observando.

— Mas isso é o que estamos fazendo — protesta um dos classificadores.

— Não sinto que estou fazendo isso direito — reclamo. Frustrada, empurro minha cadeira para trás e me levanto, segurando o leitor de dados. — Acho que vou fazer meu intervalo agora.

Rebecca concorda.

— Vou com você até a enfermaria — avisa Leyna, me surpreendendo. Ela trabalha muito,

muito duro, e sei que as Outras Terras são para ela o que Ky é para mim: o melhor e mais bonito lugar, não completamente realizado, mas cheio de promessas.

Nós atravessamos o círculo do vilarejo e passamos pela enorme pedra colocada ali. Em frente a ela há duas calhas estreitas.

— Para que vocês usam isso? — pergunto a Leyna.

— Para votar — explica. — É como nós escolhemos. Os agricultores também. Cada pessoa no vilarejo tem uma pedra com seu nome escrito. Essas calhas são onde as pessoas colocam suas pedras. A escolha, ou calha, com mais votos, ganha.

— Sempre só tem duas escolhas? — questiono.

— Geralmente — responde Leyna. Então ela acena para que a siga até o outro lado da pedra. — Olha aqui.

Há minúsculos nomes na pedra, arrumados em

colunas. Alguém lascou e entalhou-os ali. Eles começam no alto e vão até embaixo, onde só há um lugar sobrando.

— Essa coluna — conta Leyna — é uma lista de todos aqueles que morreram nesse vilarejo, na Pedra Final. E essa — acrescenta ela, apontando para outra parte da pedra — é uma lista de pessoas que se foram para as Outras Terras. Este é o lugar de partida, digamos assim, então qualquer um que passou por aqui a caminho das Outras Terras, não importa de onde tenha vindo, tem seu nome esculpido aqui.

Fico ali um momento, olhando os nomes na pedra na coluna das Outras Terras, esperando encontrar alguém. No começo, meus olhos passam direto por seu nome, não ousando acreditar que ele está ali, mas então eu volto e ele não desapareceu.

Matthew Markham.

— Você o conhecia? — pergunto ávida a Leyna, tocando o nome.

— Não muito bem — diz ela. — Ele era de outro vilarejo. — Ela me olha com interesse. — *Você o conhece?*

— Conheço — respondo, e meu coração se aperta. — Ele morava no Bairro. Seus pais o enviaram para fora da Sociedade. — Eu deveria ter pensado em perguntar sobre isso antes; mal posso esperar para contar a Ky que seu primo esteve aqui uma vez, que ele pode estar vivo em algum lugar, mesmo se for um lugar do qual as pessoas não voltam.

— Muitos dos que desaparecem foram para as Outras Terras — comenta ela. — Alguns deles, e não consigo lembrar se Matthew foi desse jeito, sentiram que se seus pais não os queriam na Sociedade, eles tinham que ir ainda mais longe do que suas famílias pretendiam. Para alguns, foi quase como vingança. — Então ela coloca a mão sobre o nome dele também. — Mas você diz que ele usava esse nome no Bairro?

— Isso — confirmo. — É seu nome real.

— Isso é alguma coisa, então — alega ela. — Muitos deles mudaram seus sobrenomes. Matthew não mudou. Isso significa que ele não queria apagar completamente o rastro, se alguém quisesse procurar por ele, eventualmente.

— Eles não tinham naves — digo. — Então eles teriam que andar todo o caminho até as Outras Terras.

Ela concorda.

— É por isso que eles não voltam — explica ela. — A viagem é muito longa. Sem naves, levaria *anos*. — Então ela aponta para o final da pedra. — Há apenas espaço suficiente para o resto dos nossos nomes — completa. — É um sinal de que devemos ir.

— Eu entendo — digo. As apostas são altas, quase impossíveis para cada um de nós.

Quando chego à enfermaria, conto a Ky tudo sobre a pedra.

— É a prova de que Anna está certa, de que ele não morreu em Oria — digo —, a não ser que haja outro Matthew Markham, mas a probabilidade disso é... — paro de calcular e exalo. — Acho que é ele. Eu sinto.

Tento me lembrar de Matthew. Cabelo escuro, mais velho do que eu, bonito. Ele se parecia o suficiente com Ky para que você pudesse dizer que eram primos, mas diferentes. Matthew não era tão quieto quanto Ky; ele tinha uma gargalhada mais alta, uma presença maior no Bairro. Mas era amável, como Ky.

— Ky — chamo —, quando encontrarmos a cura, vou te levar para ver a pedra. E então podemos voltar e contar a Patrick e Aida.

Estou a ponto de dizer mais quando a porta se abre. Finalmente Anna trouxe Eli para me ver.

Eli cresceu, mas ainda me deixa segurá-lo do jeito que espero que Bram deixe quando eu o vir de novo: puxando para perto e apertado.

— Você conseguiu — constato. Ele cheira como ao ar livre, uma essência de pinheiro e terra, e estou tão satisfeita de que ele esteja bem que lágrimas descem por minhas bochechas, muito embora eu sorria.

— Consegui — concorda Eli.

— Eu vivi na sua cidade — conto. — Na Central. Pensei em você o tempo todo e imaginei se estava andando nas ruas em que você tinha morado, e eu vi o lago.

— Sinto falta, às vezes — admite Eli. Ele engole. — Mas é melhor aqui.

— Sim — concordo. — É, sim.

Quando Eli se afasta, olho para Hunter. Ele ainda usa as marcas azuis de cima a baixo em seus braços, e seus olhos estão muito cansados.

— Quero ver Ky — pede Eli.

— Você tem certeza de que Eli é imune? — pergunto a Anna.

Ela concorda.

— Ele não tem a marca — explica —, mas nenhum de nós tem.

Eu me afasto do catre, para que Eli possa dar a volta até o outro lado. Ele se agacha perto de Ky e olha direto em seus olhos.

— Eu vivo nas montanhas agora — conta Eli a Ky, e eu tenho que me virar.

Anna aponta para o meu leitor de dados.

— Você está um pouco mais perto de uma cura? — indaga.

Balanço a cabeça.

— Não estou ajudando — admito. — Não sei o suficiente sobre as coisas nas listas. Posso ler as descrições, mas não sei como *são* fisicamente as plantas e os animais que vocês comem.

— E você acha que importa? — pergunta Anna.

— Acho — afirmo.

— Posso fazer alguns desenhos para você — oferece-se ela. — Me mostra os itens na lista que você nunca viu antes.

Puxo uma tira de papel e escrevo todos eles para Anna. É uma longa lista e me sinto embaraçada.

— Vou trabalhar nela agora mesmo — promete. — Por onde devo começar?

— Primeiro as flores — respondo. Parece o certo. — Obrigada, Anna.

— Estou feliz por fazer isso — diz ela.

— E obrigada por vir ver Ky — digo a Hunter. Ele balança a cabeça como se dissesse, *Não é nada*. Quero perguntar como ele vai, descobrir mais como tem sido sua vida aqui nas montanhas, mas ele acena para mim e parte. Eu deveria ir também. Tenho sempre mais classificação para fazer, até nós acharmos uma cura.

Ky

Toda vez que vai embora, Cassia promete que vai voltar.

Parece que faz muito tempo desde que ela esteve aqui, mas não posso dizer com certeza. Agora que Cassia se foi, escuto outras vozes, como ouvi a de Vick depois que ele morreu na margem.

Dessa vez é Indie falando comigo, mas isso não pode estar certo, porque ela não está aqui.

— Ky — chama ela. — Eu trouxe Cassia para Camas por você.

— Eu sei — retruco. — Eu sei, Indie.

Não posso vê-la. Mas sua voz é tão clara que é difícil acreditar que na verdade sou eu, inventando

isso. Porque Indie não pode estar aqui falando comigo. Pode?

— Estou doente — conta ela. — Então eu tive que fugir. Ainda não há cura.

— Para onde você está fugindo? — pergunto.

— O mais longe que eu conseguir, antes de sucumbir — explica ela.

— Não — peço. — Não, Indie. Volte. Eles vão encontrar a cura. E você pode ter a versão antiga da doença. Talvez eles possam te ajudar. — Não acredito que estou dizendo a ela para fazer isso, mas que outra escolha existe?

Indie não vai me ouvir.

— Não — discorda ela. — É a mutação.

— Você não pode ter certeza — digo a ela.

— Posso — insiste Indie. — Tenho as marcas vermelhas em torno das costas. Dói, Ky. Então, estou fugindo. — Ela ri. — Ou voando, você poderia dizer. Eu peguei uma nave do Piloto.

Estou repetindo seu nome sem parar, tentando

impedi-la. *Indie, Indie, Indie.*

— Mesmo quando te odiei, eu gostava da sua voz — conta ela.

— Indie... — imploro mais uma vez, mas ela não me deixa continuar.

— Eu sou o melhor piloto que você já viu? — indaga.

Ela é.

— Eu sou — afirma ela, e posso dizer pela sua voz que ela está sorrindo. Ela é sempre tão linda quando sorri...

— Lembra que eu costumava achar que o Piloto viria pela água? — pergunta Indie. — Porque minha mãe cantava aquela canção para mim. — Então Indie a canta para mim, sua voz forte e simples. — *Qualquer dia seu barco pode voar / Através das ondas e até a costa.* — Uma pausa. — Pensei que ela pudesse estar tentando me dizer que eu poderia ser o Piloto algum dia. Então eu construí um barco e tentei escapar.

— Dê a volta — peço a Indie. — Volte. Deixe que eles te coloquem uma intravenosa, para te manter viva.

— Eu não *quero* morrer — explica Indie. — Ou eles vão me abater ou vou chegar a algum lugar onde eu possa pousar, e então eu vou *correr* até não poder mais. Você entende? Não estou desistindo. Só estou fugindo até o final. Não posso voltar de novo.

E agora eu não sei o que dizer.

— Ele não é o Piloto — fala Indie. — Sei disso agora. — Ela expira trêmula. — Lembra que pensei que *você* fosse o Piloto?

— Lembro — afirmo.

— Você sabe quem o Piloto *realmente* é? — indaga Indie.

— Claro — respondo. — Você também sabe.

Ela prende a respiração, e por um momento penso que ela pode chorar. Quando Indie fala, escuto as lágrimas em sua voz, mas também posso

dizer que ela está sorrindo de novo.

— Sou *eu* — constata ela.

— É — concordo. — Claro que é.

Durante um tempo há silêncio.

— Achei que você tivesse me beijado de volta — sugere Indie.

— Eu beije — confirmo.

Não me arrependo mais.

Quando Indie me beijou, senti toda a sua dor e a ânsia e o desejo. E me dilacera como ela se sentia, e saber quanto eu a amava também, mas não de uma forma que pudesse dar certo. O jeito como me sinto sobre Indie é uma compreensão tão dolorosa e elementar que me partiria ao meio.

O estranho é que o que ela sentiu por mim a manteve inteira.

Eu poderia fazer por ela o que Cassia faz por mim. Eu sabia disso e foi por isso que beije Indie de volta.

Parece como se estivesse fugindo com ela —

vejo momentos da sua vida. Água enchendo um barco em Sonoma enquanto os Oficiais o afundam em frente dela. Sua triunfante descida no rio até a Insurreição, que não a salvou. Nosso beijo. Um voo, um pouso, uma fuga, passo após passo, após passo, fugindo quando qualquer outra pessoa ficaria imóvel...

Então nada além do escuro.

Ou talvez fosse vermelho.

Xander

— Oker — avisa Leyna —, os classificadores fizeram outra lista para você.

— Outra? — pergunta Oker. — Coloca ali. — Ele gesticula para a ponta de uma longa mesa.

Teoricamente, Oker precisa das listas dos classificadores porque sua inserção é valiosa. Os classificadores tentam descobrir quais fatores são mais prováveis de contribuir para a imunidade. Oker tem que entender o que aquilo significa no mundo real. Se comer algum tipo de planta parece ser um fator, que componente da planta é importante? Como você coloca isso em uma cura? Em que concentração? A colaboração deveria economizar o tempo de todo mundo e aumentar as

chances de que encontremos uma cura eficaz rapidamente.

Mas Oker nunca parece inclinado a deixar o que está fazendo e ler logo a lista. Sei quão duro Cassia tem trabalhado peneirando a informação. Ela é valiosa. Limpo a garganta para dizer algo, mas Leyna fala antes.

— Você tem que dar uma olhada nela — pede Leyna a ele. — Os classificadores repassaram todos aqueles dados de novo com as últimas informações da enfermaria, e a partir de suas próprias observações. Eles modelaram a probabilidade de cada um desses ingredientes efetivamente tratar a doença.

— Certo — fala Oker. — Você já disse tudo isso antes. — Ele começa a ir para seu escritório, segurando seu leitor de dados.

— *Oker* — chama Leyna. — Como a administradora da cura, preciso insistir que você olhe a lista. Ou vou remover você das suas

funções.

— Ah, tá — ironiza Oker. — Não há outro farmacêutico completamente treinado nesse lugar.

— Seus assistentes são perfeitamente competentes — afirma Leyna.

Oker resmunga alguma coisa e volta. Ele pega o leitor de dados.

— Eles estão sempre enviando listas — queixa-se Oker. — O que há de tão urgente a respeito dessa?

— Nós temos uma nova classificadora agora — lembra ela. — E você pode ter certeza de que aqueles lá nas Províncias estão usando classificadores para ajudar a decidir na próxima cura.

— Claro que é isso que eles estão fazendo — concorda Oker. — Eles costumavam ser a Sociedade. Não são capazes de ter nenhuma ideia original. Não conseguem agir sem números.

Leyna tenta de novo.

— A nova classificadora, Cassia...

Oker acena com a mão.

— Não preciso saber sobre os classificadores. Vou olhar isso agora. — Ele anda de volta até seu escritório, levando o leitor de dados e a lista, e bate a porta forte atrás dele.

Apenas alguns instantes depois, escuto a porta do escritório de Oker se abrir. Espero ouvi-lo dizer alguma coisa cáustica sobre ser hora de Leyna ir embora, mas ao invés disso ele fica parado ali como se estivesse congelado, seus olhos se estreitando na lista.

— Camassia — fala ele.

— É Cassia — corrijo, achando que ele está tentando se lembrar dos nomes dos classificadores por alguma razão, mas então Oker me corta.

— Não — emenda. — *Camassia*. É uma planta. Não fizemos muito com essa ainda. — Agora ele está resmungando, como se não se lembrasse de

que podemos ouvi-lo. — É comestível. Nutritiva, até. Tem gosto de batata, mas mais doce. A flor é roxa. É de onde a Província de Camas tirou seu nome. — Seus olhos entram em foco de novo e ele olha direto para mim. — Vou desenterrar algumas.

— A camassia não está classificada muito no alto da lista dos classificadores — lembra Leyna.

— *Isso não é a Sociedade* — rosna Oker. — A gente não tem que se guiar pelos números. Nós temos espaço para intuição e inteligência nesse vilarejo, não temos? A gente pode encontrar a cura mais rápido do que as pessoas nas Províncias, mas só se a gente parar de pensar do jeito que eles pensariam.

Leyna balança a cabeça. Sei que ela deve estar tentando decidir a melhor forma de lidar com isso, e está se fazendo as mesmas perguntas que já se fez antes: Oker é um bem valioso o suficiente para que Leyna possa deixá-lo fazer o que quer, mesmo quando ele está em oposição direta ao que ela

acha que é melhor?

— Que tal isso — propõe Oker. — Você reúne os outros ingredientes, e eu faço as curas que você quiser também. — Ele olha para Noah e Tess. — Vocês ficam e continuam produzindo as bolsas.

— Nós temos sobrando — alega Noah.

— Vamos precisar de muito mais — retruca Oker, impacientemente. — *Não deixe* nenhum dos pacientes ficar sem, especialmente aquele novo. — Então ele se vira para mim. — Vamos. Você pode me ajudar a cavar.

— Nós só temos sete pacientes disponíveis para teste agora — avisa Leyna, enquanto Oker aponta coisas que ele quer que eu coloque em uma bolsa: tiras de estopa limpas, cantis e duas pequenas pás. — Os outros pacientes ainda precisam de tempo para retirar o mais recente teste de cura dos seus sistemas.

— Então nós só vamos usar sete pacientes — retruca Oker, mal conseguindo controlar sua

frustração.

— O Piloto vai precisar de mais evidência do que uns poucos pacientes curados... — começa Leyna.

— Então dê a todos eles a *minha* cura — rebate Oker. Ele abre a porta. — Nós estamos andando em círculos. Eu vou fazer as curas. Você decide quem recebe. Só se assegure de que alguém receba a minha. E eu quero o imóvel mais recente para receber minha cura. — Então ele olha de relance por cima do ombro para Leyna. — Você deveria pedir aos classificadores para calcularem as chances de nós descobrirmos isso antes das pessoas lá nas Províncias. Nós não somos a melhor chance do Piloto. Ele está jogando tudo o que ele pode no ar, na esperança de que algo voe. E nós somos o menor e mais fraco dos passarinhos.

— Suas medicações fazem diferença — diz firmemente Leyna. — O Piloto sabe disso.

— Eu não disse que não podemos ser aqueles que vão descobrir — explica Oker. — Mas só se você me deixar fazer o que preciso fazer.

— Nós temos camassia em nossos armazéns — lembra Leyna, como protesto final. — Vocês não precisam andar até os campos de camassia.

— Eu a quero fresquinha — diz Oker a ela.

— Então eu vou mandar alguém lá fora para colher no campo — sugere Leyna. — Vai ser mais rápido do que você ir pessoalmente.

— *Não* — insiste Oker. — Não. — Ele respira fundo. — Não quero que nada comprometa essa cura. Vou ver tudo, do começo até o final.

Agora isso soa como algo que um Piloto de verdade diria. Eu sigo Oker porta afora.

Eu não me engano de que Oker me escolheu para vir com ele porque ele confia mais em mim. Ele

pode contar com Noah e Tess para preparar as bolsas de nutrientes medicadas para os pacientes, mas não pode confiar em mim ainda para administrá-las, sem supervisão. Ele só precisa de alguém para cavar para ele.

E ele gosta de falar comigo sobre a mutação, porque sou a pessoa mais recente a ter trabalhado em primeira mão com os imóveis. Eu vi a mutação de perto. Claro que isso tudo seria intrigante para ele. Foi Oker que inventou a primeira cura. Ele sabia da Praga antes de quase todo mundo.

— Quão longe a gente vai? — pergunto.

— Poucas milhas — responde ele. — O campo que eu quero não é perto daqui. É mais perto dos outros vilarejos de pedra, em direção a Camas.

Eu o sigo. Parece tudo grama e rocha para mim. Nada se destaca como um caminho.

— As pessoas não devem mais ir frequentemente até os outros vilarejos — suponho.

— Não depois dessa última reunião na Pedra

Final — explica Oker. — Nós enviamos pessoas para colher diferentes plantações selvagens desde então, mas não demorou muito para a montanha retomar o caminho.

De vez em quando, passamos por uma pedra redonda aplainada no solo. Oker diz que as pedras indicam que estamos na trilha certa.

— Eu andei por toda parte por aqui — conta Oker. Sua voz soa serena, contemplativa, mas ele se move o mais rápido que pode. — Naquela época, o mais longe que os pilotos frequentemente te levavam era o primeiro vilarejo de pedra e então cabia a você para onde ia depois disso. Eu decidi pela Última Pedra, já que era o caminho mais longe. Pensei que eu pudesse não conseguir, uma vez que de acordo com a Sociedade eu era velho o suficiente para estar morto, mas eu continuei indo. — Ele ri. — Eu andei por todo o dia do meu próprio Banquete Final.

— Foi isso que meu amigo tentou fazer — digo

a Oker. — Ele tentou continuar andando através da mutação. Ele estava convencido de que, se continuasse em movimento, não ficaria imóvel.

— De onde ele tirou uma ideia dessas? — indaga Oker.

— Acho que é porque Cassia andou depois de um comprimido azul, uma vez. Ela tomou um e continuou andando.

Espero que Oker diga que é impossível, mas ao invés disso, diz:

— Talvez seus amigos estejam certos. Coisas estranhas aconteceram. — Então ele sorri. — Cassia é um nome incomum. É botânico. A casca é usada como tempero.

— Tem alguma relação com a planta que estamos procurando agora? — indago. — Os nomes soam parecidos.

— Não — nega Oker. — Não que eu saiba.

— Ela ajudou com aquela lista — informo. — Você devia olhá-la de novo, depois que a gente

terminar com a camassia. — Não trago à tona, ainda, o fato de que deveria ser ela a decidir qual cura dar a Ky, e não ele.

Oker para a fim de se orientar. Eu poderia ir mais rápido do que isso, mas ele está em excelente forma para alguém tão idoso.

— A camassia deve estar perto daqui — informa ele. — Aqui é aonde os aldeões vêm para colher. Mas eles não vão ter tirado tudo. Sempre tem que deixar algo para crescer para o próximo ano, mesmo se você espera não estar aqui. — Ele sai do caminho e começa a descer através de um grupo de árvores.

Eu o sigo. As árvores na encosta são pinheiros e algumas outras que não conheço. Elas têm casca branca e finas folhas verdes. Gosto do som quando andamos sob elas.

Oker aponta para baixo.

— Está vendo isso?

Eu levo um momento, mas vejo. As flores estão

um pouco mortas e secas, mas elas são roxas como ele disse.

— Você pode cavar aqui — indica ele. — Não tire todas elas. Cave uma sim, outra não. Não precisamos das flores, só das raízes. Embrulhe as raízes em estopa e molhe-as no rio. — Ele aponta para um minúsculo arroio de água se esgueirando através da grama, deixando-a alagadiça. — Seja o mais rápido que puder com isso.

Eu me ajoelho e começo a cavar em volta da planta. Quando puxo o bulbo, ele é escuro e sujo, com emaranhados de raiz saindo. Ela me faz lembrar de Cassia, e como nós dois plantamos aquelas flores no dia em que nos beijamos no Bairro. Aquele beijo me manteve por meses.

No riacho, molho as tiras de estopa e enrolo os bulbos, um após o outro. Eu continuo cavando, o sol brilha sobre mim, e decido que gosto do cheiro da terra. Minhas costas doem um pouco, então me levanto para alongar. Estou com a bolsa quase sem

espaço.

Oker está impaciente para que eu termine. Ele se agacha perto de mim e começa a cortar uma planta, seus movimentos desajeitados. As flores batem para a frente e para trás, para a frente e para trás. Ele puxa as raízes, tateando com suas mãos retorcidas, e então entrega as plantas para mim.

— Não consigo embrulhar — avisa. — Você vai ter que fazer para mim.

Eu embrulho a colheita de Oker e termino de encher nossas bolsas. Quando começo a pendurar sua bolsa no ombro, junto com a minha — eu deveria carregá-la para ele, agora que está cheia —, Oker balança a cabeça.

— Posso carregar a minha.

Concordo e a entrego a ele.

— Você acha que essa camassia é realmente a cura?

— Acho que há uma boa chance — fala Oker.
— Vamos embora.

Oker tem que parar e descansar no caminho de volta para o vilarejo.

— Esqueci de comer, essa manhã — explica ele. É a primeira vez que o vejo desgastado. Ele se inclina contra uma rocha, seu rosto torcido em uma carranca de impaciência enquanto ele espera seu coração desacelerar.

— Tenho pensado em uma coisa — comento. Oker grunhe, mas não me diz que não posso perguntar, então eu prossigo. — Como os aldeões descobriram que eram imunes à Praga antes da mutação, em primeiro lugar?

— Eles sabiam da sua imunidade à Praga original há anos — explica Oker. — Quando a Sociedade enviou a Praga ao Inimigo, um dos pilotos que entregou o vírus fugiu da sua base do Exército e veio até o primeiro vilarejo de pedra, aquele mais perto de Camas.

Oker espera um momento para recuperar o fôlego.

— O que o idiota não percebeu, quando veio — continua ele —, foi que ele mesmo tinha pegado a Praga. Ele achava que só se podia pegar através da água, porque era assim que ele tinha distribuído nos rios e riachos do Inimigo. Mas também pode ser transmitida de pessoa a pessoa, e ele tinha tido contato com alguns dos Inimigos. Aparentemente, o piloto tinha tentado ajudá-los antes de vir ao vilarejo de pedra.

— Por que ele fugiu para o vilarejo? — pergunto.

— Ele era um dos pilotos que participaram dos desaparecimentos — conta Oker —, então conhecia as pessoas no vilarejo e elas o conheciam. Uma semana depois que ele se refugiou lá, ficou doente. — Oker se força para longe da rocha. — Vamos continuar.

Pássaros gorjeiam nas árvores ao redor de nós, e o mato cresce tanto sobre o caminho que açoita contra as pernas das nossas calças.

— Claro que a Sociedade tinha curas para qualquer um de seus trabalhadores que por algum motivo contraíssem a doença — retoma Oker. — Mas, como o piloto não voltou à Sociedade, ele não pegou a cura. Ele veio para os vilarejos de pedra e morreu.

— Porque os aldeões não tinham uma cura, ou porque mataram ele? — pergunto.

Oker olha para mim, seu olhar cortante.

— Eles os deixaram lá na floresta com comida e água, mas sabiam que ele ia morrer.

— Eles tinham que fazer isso — digo. — Todo mundo achou que o piloto podia infectar todo o vilarejo.

Oker concorda.

— Quando o piloto ficou doente, contou a eles sobre a Praga, o Inimigo e o que tinha acontecido. Ele implorou aos aldeões que voltassem para a Sociedade e trouxessem uma cura para ele. Àquela altura, ele já tinha exposto a maioria do vilarejo.

A comunidade inteira achou que fosse morrer, e eles sabiam que nunca colocariam as mãos na cura a tempo. Tiveram que tentar fazer o que podiam. — Oker ri. — Claro que naquela época eles não tinham ideia de que acabariam sendo imunes.

— Eles exilaram mais alguém? — eu quero saber.

— Não — nega Oker. — Eles colocaram em quarentena aqueles que tinham sido expostos, mas ninguém nunca ficou doente.

Eu exalo um suspiro de alívio.

— Sua imunidade não teria importado para a Sociedade, claro — continua Oker —, uma vez que eles já tinham a cura. Mas significava alguma coisa para os aldeões. Eles sabiam que se a Sociedade tentasse colocar a Praga nas águas dos vilarejos, eles não iriam morrer. Eles guardaram a imunidade em segredo da maioria. Alguém contou ao Piloto, mas ele não fez nada com o que sabia até que a mutação ocorreu.

— E então ele imaginou se os aldeões poderiam ser imunes à mutação também — concluo.

— Certo — confirma Oker. — Ele veio até aqui para perguntar se alguém estava disposto a testar sua imunidade, e descobrir se a gente poderia ajudar na descoberta da cura.

— Sei que as pessoas se voluntariaram para ser expostas à mutação do vírus — lembro. — Por quê?

— Refeições prontas — diz Oker, soando enojado. — Ele nos trouxe um compartimento de carga cheio delas e disse que poderia trazer mais.

— Por que alguém iria querer aquilo? — estranho. — A comida aqui é muito melhor.

— Para a viagem para as Outras Terras — explica ele. — Aquelas refeições duram anos. Elas seriam perfeitas para a jornada. O Piloto prometeu que poderia arrumar o suficiente para *todos* os viajantes levarem, se apenas alguns se

voluntariassem para se expor ao vírus. Eles injetaram as pessoas com a mutação e a fizeram ficar em outros vilarejos, só por precaução. Mas ninguém ficou doente. — Agora Oker está rindo de orelha a orelha. — Você deveria ter visto a cara do Piloto. Ele não podia acreditar que houvesse uma chance. Foi quando ele nos ofereceu as naves, se pudéssemos encontrar a cura.

Oker caminha sobre um charco com flores azuis crescendo bem no meio do caminho.

— Seus amigos que tentaram passar por cima da doença estão mais perto da verdade sobre o vírus e os comprimidos azuis do que você poderia pensar. Aqueles comprimidos não são veneno. São um acionador.

— Um acionador? — indago.

— Quando a Sociedade fez a Praga para usar no Inimigo — explica Oker —, eles arquitetaram diversas outras viroses como experimentos. Uma delas tinha um efeito similar ao que a Praga tem,

faz as pessoas pararem e ficarem imóveis, mas não podia ser transmitida de pessoa a pessoa. Só afetava a pessoa que tinha tido contato direto com o comprimido. A Sociedade decidiu não usar aquele vírus específico com o Inimigo. Ao invés disso, eles usaram em sua própria gente.

Oker espia por cima do ombro para me olhar.

— A Sociedade nomeou as viroses — diz ele.

— Aquela foi chamada de vírus Cerúleo.

— Por quê? — pergunto.

— É outra palavra para azul — afirma ele. —

E eles usaram rótulos azuis para aquele vírus no laboratório, assim podiam facilmente diferenciá-lo dos outros. Eu me pergunto às vezes se foi isso que deu aos Oficiais a ideia de usá-lo no comprimido azul. A Sociedade modificou o vírus Celúreo e o colocou nas imunizações dos bebês. Então, se eles precisassem, poderiam acionar o vírus mais tarde com o comprimido azul.

— É a perfeita lógica da Sociedade — afirmo.

— Enquanto eles te protegem, também implantam um vírus de modo que ainda possam te controlar se precisarem. Mas por que não teve mais gente ficando imóvel antes?

— Porque ele está latente — elucida Oker. — Ele se infiltra no seu DNA, mas então permanece inativo. O vírus não se torna ativo até você tomar o acionador, que é o comprimido azul. Se você tomar um, vai ficar imóvel até alguém da Sociedade te ajudar, se eles te encontrarem a tempo. Se não encontrarem, você morre. Eles têm a cura para o vírus Cerúleo, assim como têm para a Praga. Mas esse é o limite de sua ciência. Eles não encontraram uma cura para a mutação.

— Por que você está me contando tudo isso? — indago.

— Porque eu poderia cair morto a qualquer minuto — alega Oker. — Alguém precisa saber o que está acontecendo.

— E por que você ia me escolher? — estranho.

— Você nem mesmo me conhece.

— Você conhece pessoas que têm a mutação — explica Oker. — Você tem família ou amigos do lado de dentro, e aquele seu amigo aqui, agora. Você quer que as pessoas melhorem por razões pessoais. E você sabe que se não curar seu amigo, vai sempre se perguntar quem ela teria escolhido dentre vocês dois.

Oker está certo, claro. Ele percebeu mais do que achei que perceberia, embora eu não devesse estar surpreso. Um verdadeiro piloto teria que ser daquele jeito.

Nós não falamos durante o resto do caminho de volta.

Quando chegamos ao laboratório, lançamos os bulbos na mesa.

— Deem uma lavada neles — Oker instrui Tess e Noah. — Mas não os esfreguem. Só os queremos livres de sujeira.

Eles concordam.

— Vou selecionar os melhores bulbos — conta ele, empurrando o sortimento com as juntas. — Você reúne equipamento. Precisamos de facas, uma tábua de corte, um almofariz e um pilão. Garanta que esteja tudo esterilizado.

Eu me apresso em deixar o equipamento preparado. Oker já terminou de selecionar quando estou pronto. Ele toca em uma pequena pilha de bulbos.

— Estes são os melhores — diz. — Vamos começar com eles. — Ele empurra um em minha direção. — Abra ao meio. Você vai ter que fazer essa parte. Eu não consigo.

Então eu faço a incisão bem no meio do bulbo. Quando o deixamos aberto, eu inspiro fundo. Ele tem camadas por dentro, como uma cebola, e a cor é linda: um branco perolado, quase brilhante.

Oker me entrega o almofariz e o pilão.

— Pulveriza ele — comanda. — Vamos

precisar do suficiente para todos.

A porta do laboratório de Oker se escancara.

— Aí estão vocês — diz Leyna, seu rosto pálido. — Eu mandei alguém para fora do vilarejo para procurar vocês.

— Acabamos de voltar — explico. — Devemos ter nos encontrado.

— O que foi? — indaga Oker.

— São os imóveis — conta Leyna. — Eles começaram a morrer.

A sala fica completamente silenciosa.

— É um dos pacientes daquele primeiro grupo que o Piloto trouxe? — pergunta Oker.

— É — confirma Leyna. Eu exalo de alívio. Isso significa que não é Ky.

— Isso tinha que acontecer, de um jeito ou de outro — fala Oker. — Aquele primeiro grupo tem aguentado por semanas, agora. Vamos lá ver o que podemos fazer.

Leyna concorda. Antes de irmos, Oker me faz

embrulhar de novo os bulbos e trancá-los.

— Voltem para as bolsas — diz ele a Noah e Tess. — Mas não quero ninguém trabalhando na cura de verdade, a não ser que eu esteja aqui.

Eles acatam. Oker tira a chave de mim. Só então seguimos Leyna até a enfermaria, onde as pessoas se reuniram do lado de fora. A multidão se afasta para deixar Oker e Leyna passar. Eu sigo atrás deles, agindo como se eu pertencesse àquele lugar, e sou sortudo como sempre, porque ninguém me para ou me pergunta o que estou fazendo. Se eles fizessem isso, eu os diria a verdade e contaria que encontrei meu verdadeiro Piloto, e que não vou deixá-lo fora da minha vista até termos a cura.

Cassia

Eu estava na enfermaria quando a primeira pessoa morreu.

Não foi uma boa forma de partir. E não foi imóvel.

Eu escutei uma comoção na outra ponta da enfermaria.

— Pneumonia — avisou um dos médicos do vilarejo para outro. — Seus pulmões estão cheios de infecção.

Alguém puxou uma cortina, e todos se apressaram em volta para tentar salvar o paciente, que estava respirando em terríveis arquejos úmidos e sufocantes, que soavam como se ele tivesse engolido o mar inteiro. Então ele tossiu, e

um respingo de sangue saiu de sua boca. Eu vi, mesmo de bem longe. Era vermelho-vivo em seu limpo lençol branco.

Todos estavam ocupados demais para me mandar ir embora. Eu quis fugir, mas não podia deixar Ky. E não queria que ele ouvisse os sons das pessoas tentando salvar o homem, ou como a própria respiração de Ky soava trabalhosa.

Então me agachei em frente a Ky, cobri uma de suas orelhas com minha mão trêmula, e então me inclinei bem perto de sua outra orelha e cantei para ele. Eu nem tinha conhecimento que sabia como fazer isso.

Ainda estou cantando quando Leyna traz Oker e Xander para dentro. Tenho que continuar cantando, porque mais alguém começa a engasgar.

Um dos médicos do vilarejo caminha até Oker e diz bem na sua cara:

— É sua culpa, por mantê-los lúcidos. Vem ver

o que você fez. Ele sabe o que está acontecendo. Não há paz em seus olhos.

— Ele voltou? — pergunta Oker, e escuto excitação em sua voz. Isso me deixa doente.

— Apenas o suficiente para saber que está morrendo — continua o médico. — Ele não está curado.

Xander para e se agacha perto de mim.

— Você está bem? — indaga ele.

Eu aceno que sim. Continuo cantando. Ele pode ver em meus olhos que não estou louca. Ele toca meu braço muito rapidamente, e vai ficar com Oker e os outros perto dos pacientes.

Entendo que Xander precise ver o que está acontecendo. E ele encontrou um Piloto em Oker. Se *eu* tivesse que escolher um Piloto, escolheria Anna.

Mas também sei que não podemos planejar que ninguém nos resgate. Temos que fazer isso sozinhos. Pode não haver nenhum Piloto. Temos

que ser fortes o suficiente para prosseguir sem a crença de que alguém pode chegar e nos salvar. Eu penso no Vovô.

— *Você se lembra do que eu disse uma vez sobre o comprimido verde?* — pergunta ele.

— *Lembro* — respondo. — *Você disse que eu era forte o suficiente para passar sem ele.*

— *Área verde, comprimido verde* — diz ele, citando a si mesmo naquele dia distante. — *Olhos verdes em uma menina verde.*

— *Sempre vou me lembrar daquele dia* — conto a ele.

— *Mas você está tendo dificuldade em se lembrar desse aqui* — afirma ele. *Seus olhos são sábios, solidários.*

— *Estou* — admito. — *Por quê?*

O Vovô não me responde, pelo menos não diretamente.

— *Eles costumavam ter uma frase para um dia realmente memorável* — diz ele, ao invés disso.

— Um dia de letra vermelha. Você consegue se lembrar disso?

— Não tenho certeza — falo. Pressiono as mãos na minha cabeça. Eu me sinto confusa, não muito certa. O rosto do Vovô está triste, porém determinado. Isso me faz ficar determinada também.

Olho em volta de novo, para os brotos vermelhos, as flores.

— Ou — continuo, sentindo alguma coisa me perfurando — você poderia chamar de dia no jardim vermelho.

— Sim — confirma o Vovô. — Um dia no jardim vermelho. Um dia para se lembrar.

Ele se aproxima.

— Vai ser difícil de lembrar — avisa. — Mesmo isso, agora, não vai ser claro depois. Mas você é forte. Sei que pode recuperar tudo.

Eu me lembrei de outra parte do dia no jardim vermelho. E posso recuperar *tudo*. O Vovô disse.

Eu aperto os dedos em volta dos de Ky e continuo cantando.

Vento sobre a colina, e sob a árvore.

Além da fronteira que ninguém pode ver.

Vou cantar para ele até as pessoas pararem de morrer e então vou descobrir a cura.

Ky

*A*lém da fronteira *Que ninguém pode ver.*

Estou no mar. Sobre e abaixo. E abaixo. E abaixo.

Indie está lá no mar.

— Você *não* deveria estar aqui — avisa ela, aborrecida. Exatamente como eu me lembro. — Esse é o meu lugar. Fui eu que o encontrei.

— Toda a água do mundo não pode ser sua — alego.

— É — diz ela. — E o céu. Tudo o que é azul é meu, agora.

— As montanhas são azuis — digo a ela.

— Então elas são minhas.

Nós vamos para cima e para baixo, nas ondas

próximas umas às outras. Eu começo a rir. Indie também. Meu corpo parou de doer. Eu me sinto leve. Posso nem ter mais um corpo.

— Gosto do oceano — conto a Indie.

— Sempre soube que você gostaria — afirma Indie. — Mas você não pode me seguir. — Então ela sorri. Indie desliza abaixo das ondas e se vai.

Cassia

— Cassia — chama Anna, parada na porta da enfermaria —, vem com a gente.

— Não posso — aviso, folheando minhas anotações, levantando a vista para as flores que Anna mencionou.

Lírio mariposa. Éfedra. Píncel. Anna disse que me traria ilustrações das flores. Ela esqueceu? Estou a ponto de perguntar, quando ela fala de novo:

— Nem mesmo para ver a votação? — As pessoas do vilarejo e os agricultores se reuniram do lado de fora para decidir o que fazer com as curas que Oker, Xander e os outros assistentes fizeram. Há alguma discordância sobre o que

testar antes e como proceder.

— Não — lamento. — Preciso continuar pensando. Há alguma coisa que esqueci. E tenho que fazer isso aqui. Alguém está tirando o remédio de Ky. Não vou partir.

— Isso é verdade? — pergunta Anna a um dos médicos.

O médico dá de ombros, infeliz.

— Poderia ser — admite ele. — Mas não vejo como. Nós sempre temos médicos atendendo. E quem no vilarejo iria querer fazer mal aos pacientes? Todos nós queremos encontrar a cura.

Nem Anna nem eu falamos o óbvio. Talvez nem todos no vilarejo se sintam da mesma forma.

— Eu mesma fiz sua pedra — diz Anna. — Ela me entrega uma minúscula pedra com meu nome escrito nela. *Cassia Reyes*. Levanto os olhos para ela pela primeira vez e vejo que Anna tem as linhas azuis pintadas por todo seu rosto e braços. Ela percebe meu olhar.

— Em um dia de votação, me visto com as marcas cerimoniais — conta ela. — É uma tradição da Escultura.

Eu pego a pedra dela.

— Eu tenho um voto? — pergunto.

— Tem — afirma Anna. — Foi decidido pelo conselho do vilarejo que você e Xander poderiam ter, cada um, uma pedra, igual a todo mundo.

O gesto me toca. As pessoas daqui começaram a confiar em nós.

— Não gosto de deixar Ky — digo. — Alguém pode colocar minha pedra para mim?

— Poderia — diz Anna —, mas acho que você deveria ver a votação. É algo que todo líder deveria presenciar.

O que Anna quer dizer? Não sou uma líder.

— Você confiaria em Hunter para ficar aqui de olho? — pergunta Anna. — Só por uns momentos, para que você possa votar?

Olho para Hunter. Eu me lembro da primeira

vez que o vi. Ele estava enterrando sua filha, e colocou aquele bonito poema para marcar seu lugar.

— Sim — respondo. Não vai demorar muito, e dessa forma eu posso perguntar a Anna sobre as flores outra vez.

Hunter entrega sua pedra a Anna.

— Eu voto com Leyna — informa ele.

Anna concorda.

— Vou colocar lá para você.

Anna estava certa.

O que eu vejo é tão extraordinário que quase me esqueço de respirar.

Todos vêm com uma escolha na mão. Alguns, como Anna, carregam duas pedras, porque lhes pediram para votar por eles. Deve existir muita confiança para que isso funcione.

Oker e Leyna ficam próximos às calhas, e outros, incluindo Colin, observam para ter certeza

de que ninguém troque as pedras de um lugar para outro. Há duas escolhas hoje: votar em Oker ou votar em Leyna. Alguns param, indecisos, mas a maioria caminha direto e coloca suas pedras na calha próxima a Oker. Eles acham que a gente deveria dar a cura de camassia de Oker para *todos* os pacientes qualificados. Os mais cautelosos dão suas pedras para Leyna, que quer tentar diversas curas diferentes.

A calha de Oker está quase cheia.

A decisão é tomada à sombra da grande rocha do vilarejo, e à medida que todos agarram suas pedrinhas nomeadas, eu penso em Sísifo e na história do piloto, aquela que eu troquei pela bússola meses atrás. Crenças e mitos estão amarrados tão firmemente que você nunca tem certeza sobre o que é lenda e o que é verdade.

Mas talvez isso não importe. Ky disse aquela vez, depois que me contou a história de Sísifo na Colina. *Mesmo se* Sísifo não tiver vivido sua

história, *muitos de nós viveram vidas como aquela. Então é verdade de qualquer forma.*

Xander atravessa a multidão para me encontrar. Ele parece tão exausto quanto iluminado, e quando eu estico minha mão livre para segurar a dele, Xander agarra meus dedos bem apertado.

— Você já votou? — pergunto.

— Ainda não — responde ele. — Eu queria te perguntar quão certa você está sobre a última lista que enviou para a gente.

Nós estamos próximos o suficiente de Oker para que ele possa ouvir o que dizemos, mas eu respondo a Xander honestamente, de qualquer forma.

— Não absolutamente certa — aviso. — Eu esqueci alguma coisa.

Vejo um pequeno raio de alívio cruzando o rosto de Xander; ouvir isso tornou sua escolha mais fácil. Agora não é como se ele tivesse que escolher entre mim e Oker.

— O que você acha que esqueceu? — indaga Xander.

— Ainda não tenho certeza — explico —, mas acho que tem alguma coisa a ver com as flores.

Xander joga sua pedra dentro da calha próxima a Oker.

— O que você vai fazer? — pergunta ele.

Ainda não estou preparada para votar. Eu não sei o suficiente sobre a escolha que estou fazendo. Talvez para a próxima votação eu esteja pronta, se eu ainda estiver aqui. Então eu coloco a mão no meu bolso e retiro o papel que minha mãe me deu e coloco a pedra dentro, próxima ao microcartão.

— Vou guardar a minha. — Sou cuidadosa em preservar o formato, as dobras ao longo das linhas que minha mãe fez. Quando olho para trás, meu olhar se encontra com o de Oker. Sua expressão é sagaz e pensativa, um pouco desconcertante. Eu desvio o olhar para Xander.

— De que forma você acha que Ky teria

votado? — questiona Xander.

— Não sei — admito.

— O plano é dar a cura que vencer a Ky — explica ele gentilmente. — Porque ele é o imóvel mais recente.

— Não — nego. — Eles podem testá-la nos outros pacientes primeiro.

Mas como eu vou impedi-los?

— Acho que essa cura vai funcionar — comenta Xander. — Oker tinha tanta certeza... Acho que...

— Xander — chama Oker, sua voz cortando entre nós. — Vamos.

— Você não vai ficar para a inundação? — Leyna pergunta a Oker, soando surpresa.

— Não — responde ele.

— Os agricultores vão ver isso como uma desfeita — avisa ela. — Essa é a parte deles na cerimônia de votação.

Oker acena uma mão no ar, já se movendo.

— Sem tempo — fala ele. — Eles vão entender.

— Você vai estar na enfermaria? — Xander me pergunta.

— Vou — respondo. Vou estar com Ky, protegendo-o até que eu *saiba* que nós temos uma cura que funciona. Mas não pareço poder partir. Tenho que ver o jeito como a coisa se desenrola.

Colin se adianta e levanta a mão para silenciar a multidão.

— A última pedra foi colocada — informa ele.

Está claro que Oker ganhou. Há muito mais pedras em sua calha do que na de Leyna. Mas Colin não anuncia isso ainda. Ao invés disso, ele recua enquanto alguns agricultores se adiantam, segurando baldes de água. Seus braços estão marcados de azul. Anna os segue.

— Os agricultores votam com pedras — Eli sussurra para mim —, mas eles também usam a água. Os aldeões adicionaram isso como parte de

sua cerimônia de votação, agora.

Anna fica em frente à multidão e fala para nós.

— Como as inundações que vieram através de nosso cânion natal — começa ela —, nós reconhecemos o poder de nossa escolha e seguimos a água.

Os agricultores despejam a água dentro das duas calhas ao mesmo tempo.

A água escorre, inundando tudo. Um pouco dela escapa pelas rochas no fundo. Mesmo a calha de Oker deixa alguma coisa vaziar. Mas ela tem a maioria das pedras; segura a maior parte da água.

— Os votos foram colocados — avisa Colin.
— Vamos tentar a cura de Oker primeiro.

Eu me esgueiro pela multidão tão rápido quanto a água pelas rochas, correndo para a enfermaria a fim de proteger Ky da cura.

Quando abro a porta do edifício, não entendo o que está acontecendo. Está chovendo *aqui dentro*. Escuto um som como de água batendo no assoalho.

As bolsas estão todas desenganchadas e pingam no chão.

Todas elas, não apenas a de Ky. Eu vou direto em direção a Ky. Ele inspira de forma superficial e afogada.

A intravenosa foi retirada e então enrolada cuidadosamente sobre o apoio junto a sua cama. Ela pinga sobre o chão. *Pinga. Pinga. Pinga.*

E está acontecendo com todo mundo. Por um momento, não sei o que fazer. Onde estão todos os médicos? Eles foram votar? Eu não sei como prender a intravenosa de Ky de volta.

Escuto um movimento na outra ponta do cômodo e me viro. É Hunter, abaixado perto dos pacientes que o Piloto trouxe primeiro para o vilarejo. Ele fica lá, uma sombra escura de costas, e não se mexe.

— Hunter — chamo, andando lentamente em sua direção —, o que aconteceu?

Escuto alguém na porta atrás de mim, e me viro

para ver quem é.

Anna.

Seu rosto está arrasado. Ela para a alguns passos de mim e encara Hunter. Ele não desvia o olhar, e seus olhos estão cheios de dor.

Então eu percebo os corpos dos médicos jogados junto a ele. Eles estão mortos?

— Você tentou matar todo mundo — acuso Hunter, mas logo que as palavras saem da minha boca, sei que estou errada. Se ele quisesse matar todo mundo, teria sido mais fácil enquanto todos estivéssemos fora.

— Não — explica Hunter. — Queria tornar justo.

Não entendo o que ele quer dizer. Pensei que pudesse confiar nele, e estava errada. Hunter se senta e coloca a cabeça nas mãos, e escuto os sons de Anna chorando e as bolsas pingando no chão.

— Mantenha ele longe de Ky — aviso a Anna, minha voz áspera. Ela concorda. Hunter é mais

forte do que ela, mas ele parece enfraquecido agora. No entanto, não sei quanto tempo isso vai durar, e preciso achar gente para ajudar os imóveis. Preciso de Xander.

Ele e Ky são as únicas pessoas aqui em quem posso confiar. Como pude me esquecer?

Xander

Oker tranca a porta atrás de nós, no laboratório.

— Preciso que você faça uma coisa para mim — pede ele, pegando a bolsa que usou quando cavamos bulbos de camassia e pendurando-a no ombro.

— Aonde nós vamos? — pergunto.

Oker espia pela janela.

— Tenho que partir agora. Eles ainda estão distraídos.

— Espera — digo. — Você não vai precisar de mim para te ajudar? — Oker não pode cavar sozinho. É isso que ele tem em mente?

— Quero que você fique aqui — fala Oker. Ele coloca a mão nos bolsos e retira o aro de metal

com as chaves dos armários onde trancou as curas de camassia. — Destrua todas as curas. Vou voltar com outra coisa que podemos usar.

— Mas você ganhou a votação — alego.

— Essa cura não vai funcionar — explica Oker.

— Mas agora eu sei o que vai.

— Nós não temos que destruir nada — digo.

— Temos, sim — insiste Oker. — As pessoas votaram nessa cura. Não vão aceitar um substituto. Faça isso. Despeje tudo na pia. Livre-se das curas que Leyna me fez fazer também. Elas são *todas* inúteis.

Não me mexo, pois não acredito no que ele está dizendo.

— Você tinha tanta certeza com a camassia... Nós ainda podemos tentar em alguns deles.

— Não vai funcionar — cospe Oker. — Nós vamos perder tempo. Vamos desperdiçar vidas. Eles já estão morrendo. Faça o que eu te digo.

Não sei se eu posso. Nós trabalhamos tão duro

na cura, e ele tinha tanta certeza...

— Você acha que eu sou o Piloto, não acha? — diz Oker, me observando. — Você quer saber o que o *verdadeiro* Piloto é?

Não sei mais se quero.

— A gente costumava rir das histórias do Piloto quando trabalhávamos na Sociedade — conta Oker. — Como as pessoas podiam pensar que alguém ia vir do céu para salvá-las? Ou da água? Histórias estúpidas. Malucas. Só os de mente fraca acreditariam em algo como aquilo. — Ele deixa as chaves dos armários caírem na minha mão. — Eu te contei que a Sociedade nomeava as viroses.

Eu concordo.

— Quando nós descobrimos que estávamos jogando-a do céu e enviando pela água, nós achamos que seria engraçado nomear a Praga por causa das histórias das pessoas. Então nós chamamos a Praga de “Piloto”.

A Praga é o Piloto.

Oker não só ajudou a projetar a cura. Antes, ele ajudou a criar a Praga. A Praga que agora sofreu mutação e está deixando todo mundo imóvel.

— Entenda — diz Oker. — Eu *tenho* que achar a cura.

Eu entendo. É a única coisa que pode redimi-lo.

— Eu vou destruir a cura de camassia — prometo. — Mas antes de você ir, me diz: que planta você vai procurar?

Oker não responde. Ele anda até a porta e olha para mim. Eu percebo que ele não pode abrir mão de ser o único piloto para a cura.

— Eu vou voltar — promete ele. — Tranque a porta atrás de mim.

E então ele parte.

Oker acredita que eu vou fazer o que me mandou fazer. Ele confia em mim. Eu confio nele? Essa é a cura errada? Será que nos atrasaria tanto tentar?

Ele está certo quanto a estarmos sem tempo.

Eu destranco o armário. A Insurreição sabe que a Praga uma vez foi chamada de Piloto? Como *alguma vez* teríamos sucesso contra essas chances?

A Insurreição nunca teria funcionado.

Não sei se posso fazer isso, penso.

O que você não pode fazer, Xander?, me pergunto.

Não posso continuar.

Você nem está imóvel. Você tem que continuar.

Eu faço a coisa certa. Não desisto. Faço tudo com um sorriso no rosto. Eu sempre acreditei que era uma boa pessoa.

E se eu não for?

Não há tempo para pensar assim agora. Eu confiei em Oker e no que se refere a isso, e confio em mim mesmo para fazer a escolha certa.

Eu abro o armário e puxo uma bandeja de

curas. Quando destampo a primeira e despejo na pia, eu me pego mordendo tão forte o lado de dentro do meu lábio que sinto o gosto de sangue.

CAPÍTULO 42

Ky

Está chovendo. Então eu deveria me lembrar.
De alguma coisa.
De alguém.
A água está se juntando dentro de mim.
De quem eu me lembro?
Não sei.
Estou me afogando.
Eu me lembro de respirar.
Eu me lembro de respirar.
Eu me lembro.
Eu.

Cassia

As pessoas ainda vagueiam no círculo do vilarejo, conversando sobre o resultado da votação, então eu corro em torno dos fundos dos edifícios nos limites do vilarejo para tentar chegar até Xander. Está escuro, frio e úmido aqui, cercado pelas árvores e pela montanha, e, enquanto saio atrás do laboratório de pesquisas, quase piso em algo retorcido na lama. Não algo, alguém...

Oker está aqui.

Ele está deitado no chão, seu rosto congelado em uma careta ou sorriso; é difícil dizer, com sua pele repuxada sobre seus velhos ossos salientes.

— Não, não — imploro, paro e me dobro para

tocá-lo.

Não sai ar algum de sua boca e quando coloco a orelha em seu peito, não escuto batimento cardíaco, mesmo que ele ainda esteja morno.

— *Oker* — sussurro, olho dentro de seus olhos abertos e vejo que uma de suas mãos está enlameada. *Por quê?*, me pergunto irracionalmente, e então vejo que ele fez algo ali na lama, um formato que parece familiar.

Parece que ele pressionou suas juntas na terra três vezes, fazendo um tipo de estrela.

Eu sento em meus calcanhares, os joelhos sujos e as mãos tremendo. Não há nada que *eu* possa fazer por ele. Mas se alguém pode ajudar Oker, é Xander.

Eu me levanto e cambaleio os últimos passos até o laboratório de pesquisas, implorando, *Xander, Xander, por favor, esteja aí.*

A porta está trancada. Eu bato e bato e grito seu nome. Quando paro para tomar fôlego, escuto os

aldeões vindo pelo caminho do outro lado do prédio. Eles me ouviram?

— *Xander* — grito de novo, e ele abre a porta dos fundos.

— Preciso de você — digo. — Oker está morto. E Hunter desconectou todos os imóveis. — Estou a ponto de dizer mais, mas então Leyna e os outros chegam por trás do prédio e estacam.

— O que aconteceu? — pergunta Leyna, olhando para Oker. Seu rosto não muda de forma alguma e eu entendo o porquê, já que isso está além da compreensão. Oker *não pode* estar morto.

— Parece um ataque cardíaco — diz um dos médicos, seu rosto pálido. Ele se ajoelha na lama junto a Oker. Eles tentam trazê-lo de volta com respiração boca a boca e massageando seu peito para fazer seu coração bater de novo.

Nada funciona. Leyna senta sobre os calcanhares, enxugando o rosto com a mão. Ela está enlameada agora. Ela tira a bolsa do ombro

de Oker e procura dentro dela. A bolsa está vazia, exceto por uma pá suja e traços de solo.

— O que ele estava fazendo? — ela pergunta a Xander.

— Oker queria encontrar uma coisa — explica Xander. — Ele não me disse o que era. Ele não ia me deixar vir com ele.

Por um momento, fica completamente silencioso. Todos olham para Oker.

— Os imóveis na enfermaria — lembro. — Eles foram todos desconectados.

O médico levanta o olhar.

— Algum deles está morto? — pergunta ele.

— Não — respondo. — Mas não sei como colocar suas intravenosas de volta. *Por favor*. E você não deveria ir sozinho. Os médicos lá foram atacados.

Colin sinaliza para diversos outros e eles vão com o médico. Leyna permanece atrás, olhando para Xander com a mesma expressão fixa que ela

tem desde que viu Oker.

Quero correr para estar com Ky. Mas de repente tenho uma terrível sensação de que Xander é quem corre mais perigo agora, e não posso deixá-lo sozinho.

— Nem tudo está perdido — diz Leyna. — Oker nos deixou a cura. — Isso me parece engraçado, embora nada devesse parecer, em um momento assim. Minutos atrás estávamos votando entre o plano de Leyna e o de Oker, e agora Leyna passou a acreditar que deveríamos fazer o que Oker sugeriu. A morte dele mudou sua mente.

Eu tenho que classificar o que aconteceu com Xander, e tenho que descobrir o que pode curar Ky, e por que Hunter estava deixando os pacientes morrerem, e o que Oker estava tentando nos dizer com a estrela que ele fez na lama que os aldeões agora pisotearam em esquecimento e ninguém além de mim viu.

— Vamos pegar a cura — Leyna diz a Xander,

e eu pego uma de suas mãos e seguro firme enquanto ele caminha de volta ao laboratório de pesquisa. Ele me deixa tocá-lo, mas algo está errado. Ele não está se segurando em mim como costumava fazer, e seus músculos estão tensos.

— O que você fez? — indaga Leyna. Pela primeira vez desde que a conheci, sua voz soa baixa. E chocada.

— Oker me pediu para me livrar delas — explica Xander.

A pia está cheia de tubos vazios.

— Oker me disse que estava errado sobre a cura de camassia — continua Xander. — Ele estava planejando fazer algo novo, e não queria que a gente desperdiçasse tempo tentando mais nada antes que ele tivesse sua nova cura pronta.

— Então o que ele iria colocar nessa nova cura? — pergunta Colin. Ele quer saber. Pelo menos parece estar ouvindo, ao invés de assumir

automaticamente que Xander destruiu as curas por motivos próprios. Anna ouviria também, se estivesse aqui. *O que ela está fazendo agora? O que vai acontecer a Hunter? Como está Ky?*

— Eu perguntei — conta ele. — Mas ele não me disse.

Mas então, ao falar isso, ele perde Colin.

— Você está afirmando que Oker confiou em você o suficiente para pedir que você arruinasse todas as curas, mas não confiou o suficiente para te dizer o que ele iria procurar? Ou como ele planejava fazer a nova cura?

— Isso — admite Xander. — É isso que eu estou dizendo.

Por um longo momento, Leyna e Colin olham para Xander. Na pia, um dos tubos vazios dá um tinido e se acomoda.

— Vocês não acreditam em mim — constata Xander. — Vocês acham que eu matei Oker e arruinei a cura por minha conta. Por que eu faria

isso?

— Eu não tenho que saber por que você fez isso — rebate Colin. — Tudo o que sei é que você nos custou o tempo desse vilarejo, que nós não temos.

Leyna se vira para os outros dois assistentes.

— Vocês podem fazer mais da cura de camassia?

— Podemos — afirma Noah. — Mas vai levar um tempo.

— Comecem — comanda Leyna. — Agora.

Os aldeões levam tanto Xander quanto Hunter para a prisão. Os médicos na enfermaria não estavam mortos, apenas inconscientes. Nenhum dos outros imóveis morreu, mas os aldeões vão prender Hunter, levando em consideração as duas mortes anteriores, e por desconectar os outros pacientes e por comprometer sua saúde.

E Xander, claro, destruiu a cura de camassia, a última e melhor chance dos aldeões nas Outras

Terras. Alguns acham que ele machucou Oker, mas, já que não há evidência para provar isso, Xander está detido somente por conta das curas. As pessoas o olham como se ele tivesse matado alguma coisa, o que para eles acho que ele fez, mesmo que seja só a cura e não seu criador. É verdade que os imóveis e a chance de salvá-los parecem muito mais distantes sem Oker.

— O que vocês vão fazer com Xander e Hunter? — pergunto a Leyna.

— Vamos ter outra votação depois que tivermos tempo de reunir evidências — diz Leyna. — As pessoas vão decidir.

Lá fora, no círculo do vilarejo, vejo os aldeões e agricultores pegando suas pedras de volta. A água nas calhas se derrama.

CAPÍTULO 44

Ky

Cassia

A suspeita se espalha pelo vilarejo, fria e rastejante como chuva de inverno. Os agricultores e os aldeões sussurram uns com os outros: *Alguém ajudou Hunter a desconectar os imóveis? Quanto Cassia sabe sobre Xander destruindo a cura?*

Os líderes do vilarejo decidiram manter Xander e Hunter trancados enquanto reúnem evidências. A próxima votação decidirá o que vai acontecer com eles.

Estou dividida entre três segmentos, como a estrela de lama de Oker. Eu deveria estar com Ky na enfermaria. Eu deveria estar com Xander na prisão. Eu deveria estar classificando para a cura. Só posso tentar fazer as três coisas e esperar que

esses pedaços de mim sejam suficientes para encontrar algo que faça um todo.

— Estou aqui para visitar Xander — digo para o guarda da prisão.

Hunter levanta o olhar enquanto passo e eu paro. Parece errado só passar por ele. Além disso, eu gostaria de falar com Hunter. Então o encaro pelas barras. Seus ombros são fortes e suas mãos estão marcadas de azul, como sempre. Eu me lembro de como ele arrebentou aqueles tubos na Caverna. *Ele parece ser forte o suficiente para atravessar essas barras aqui*, penso. Então percebo que Hunter está longe de atravessar — ele parece enfraquecido, de uma forma que não vi nem na Escultura, quando Sarah tinha acabado de morrer.

— Hunter — chamo, muito gentilmente. — Eu só quero saber. *Foi* você que desconectou Ky todas aquelas vezes?

Hunter concorda.

— Ele foi o único? — indago.

— Não — diz Hunter. — Eu desconectei os outros também. Só Ky teve visitas com frequência para perceber.

— Como você passou pelos médicos? — pergunto.

— Era mais fácil à noite — explica Hunter. Eu me lembro de como ele costumava rastrear, matar e ficar escondido em um cânion para sobreviver, e imagino que a enfermaria e o vilarejo tenham sido brincadeira de criança para ele. E então, quando o deixaram sozinho à luz do dia, algo aconteceu.

— Por que o Ky? — pergunto. — Vocês saíram do cânion juntos. Eu achei que vocês dois se entendiam.

— Eu tinha que ser justo — respondeu ele. — Eu não podia desconectar todo mundo e deixar Ky sozinho.

A porta se abre por trás de mim, deixando

entrar a luz. Eu me viro um pouco. Anna entra, mas fica fora da linha de visão de Hunter. Ela quer ouvir.

— Hunter — insisto. — Alguns deles *morreram*. — Queria poder fazê-lo me responder, me dizer o *porquê*.

Hunter espreguiça os braços. Eu me pergunto com que frequência ele faz as marcas, para mantê-las tão brilhantes.

— Pessoas morrendo é o que acontece se você não tem os remédios certos para salvá-las — alega Hunter.

E agora eu realmente entendo.

— Sarah — concluo. — Você não conseguiu remédio para ela.

As mãos de Hunter se apertam em punhos.

— Todo mundo... Sociedade, Insurreição, mesmo as pessoas aqui no vilarejo... todos nós estamos fazendo de tudo para ajudar esses pacientes da Sociedade. Ninguém fez nada por

Sarah.

Hunter está certo. Ninguém fez, além dele próprio, e não foi o suficiente para salvá-la.

— E mesmo se a gente achar a cura, o que vai acontecer depois? — pergunta Hunter. — Todo mundo foge para as Outras Terras. Tem havido muito disso, as pessoas indo embora.

Anna se aproxima um pouco, de modo que Hunter possa vê-la.

— Tem mesmo — concorda ela.

Então Hunter fica com lágrimas nos olhos, abaixa a cabeça e chora.

— Sinto muito — lamenta ele.

— Eu sei — Anna diz a ele.

Não há nada que eu possa fazer. Eu os deixo e vou até Xander.

— Você deixou Ky sozinho na enfermaria — fala Xander. — Tem certeza de que é seguro?

— Há médicos e guardas de olho — digo. — E

Eli não vai sair do lado de Ky.

— Então você confia em Eli? — pergunta Xander. — Do jeito que confiava em Hunter? — Há um tom cortante atípico na voz de Xander.

— Vou voltar logo — justifico. — Mas eu tinha que te ver. Vou tentar descobrir qual poderia ser a cura. Você tem alguma ideia do que Oker estava procurando?

— Não — responde Xander. — Ele não me disse. Mas acho que era uma planta. Ele pegou o mesmo equipamento que usamos quando recolhemos os bulbos.

— Quando foi que ele mudou de ideia sobre a cura? — questiono. — Quando ele decidiu que a camassia era errada?

— Durante a votação — lembra Xander. — Alguma coisa aconteceu enquanto estávamos lá fora que o fez mudar de ideia.

— E você não sabe o que é.

— Acho que foi alguma coisa que você disse

— sugere Xander. — Você falou como sentia que estava esquecendo algo, e que isso tinha a ver com as flores.

Balanço a cabeça. Como aquilo poderia ter ajudado Oker? Enfia a mão no bolso para garantir que ainda tenho o papel da minha mãe. Está lá, assim como o microcartão e a pedrinha. Imagino se os aldeões ainda vão me deixar votar.

— É solitário — diz Xander.

— O que é solitário? — pergunto. Ele quer dizer que é solitário no laboratório de pesquisas, agora que Oker se foi?

— A morte — explica ele. — Mesmo se alguém está com você, você ainda tem que morrer de verdade sozinho.

— É solitário — admito.

— *Tudo* é — continua Xander. — Estou solitário com você, às vezes. Nunca pensei que poderia ser desse jeito.

Não sei o que dizer. Nós ficamos lá nos

olhando, de forma pesarosa, carente.

— Sinto muito — digo por fim, mas ele balança a cabeça. Eu perdi o sentido da coisa, de alguma forma; o que quer que Xander tenha querido dizer, eu não ouvi do jeito que ele pretendia.

A luz entrando pelas janelas da enfermaria é diáfana, cinza. O rosto de Ky parece muito imóvel. Muito ausente. A bolsa pinga diretamente em suas veias. Tanto ele quanto Xander estão presos. Tenho que achar um jeito de libertar os dois.

E não sei como.

Eu olho para as listas de novo. Já passei por elas tantas vezes... Todos estão trabalhando para recriar a cura de camassia de Oker. Mas acho que Oker estava certo, e que todos nós estamos errados. Os classificadores, os farmacêuticos — nós todos esquecemos alguma coisa.

Estou tão cansada...

Uma vez, eu quis observar as inundações

invadirem um cânion, ficar na beirada e ver acontecer, no chão seguro, porém trepidante. *Eu gostaria de ouvir as árvores estalarem e a água subir, pensei, mas só de um lugar de onde ela não pudesse me alcançar.*

Agora, acho que seria um alívio aterrorizante e favorável ficar no chão do cânion e ver a parede de água vindo, e saber *é isso, acabou para mim*, e antes que você sequer pudesse completar o pensamento, você seria engolido, e estaria completo.

À medida que cai a noite, Anna vem se sentar ao meu lado na enfermaria.

— Sinto muito — diz ela, olhando para Ky. — Nunca pensei que Hunter...

— Eu sei — interrompo. — Nem eu.

— A votação será amanhã — avisa ela. Pela primeira vez, Anna soa *velha*.

— O que eles vão fazer? — indago.

— Xander provavelmente vai ser exilado — diz ela. — Ele poderia também ser considerado inocente, mas não acho que isso vá acontecer. As pessoas estão com raiva. Elas não acreditam que Oker disse a Xander para destruir a cura.

— Xander é das Províncias — retruco. — Como ele vai sobreviver em exílio? — Xander é esperto, mas ele nunca viveu na natureza antes, e não vai ter nada quando o enviarem embora. Eu tinha Indie.

— Não acho que seja para ele sobreviver. — fala Anna.

Se Xander for exilado, o que eu vou fazer? Eu iria com ele, mas não posso deixar Ky. E precisamos de Xander para a cura. Mesmo se a gente encontrar a planta certa, não sei como fazer a cura, ou a melhor forma de dá-la a Ky. Se for para isso funcionar, vai precisar de nós três. Ky, Xander e eu.

— E Hunter? — pergunto a Anna muito

suavemente.

— O melhor que podemos esperar para Hunter — responde ela — é o exílio. — Embora eu saiba que ela tem outros filhos que vieram com ela da Escultura, sua voz soa tão triste quanto se Hunter fosse seu único filho, o último de seu sangue.

E então ela me entrega algo, um pedaço de papel, papel *de verdade*, do tipo que ela deve ter carregado consigo por todo o caminho vindo da caverna na Escultura. Tem o cheiro dos cânions, aqui nas montanhas, e me faz sofrer um pouco e imaginar como Anna poderia aguentar deixar seu lar.

— Essas são pinturas das flores que você queria — informa ela. — Desculpe ter demorado tanto. Eu tive que fazer em cores. Acabei de pintar nesse instante, então você vai ter que ter cuidado para não borrá-las.

Estou aturdida que ela tenha feito isso, com tudo o mais que deve ter passado em sua mente

essa noite, e estou tocada de que ela ainda acredite que sou capaz de classificar para a cura.

— Obrigada — digo.

Embaixo das flores, ela escreveu seus nomes.

Éfedra, pincel, Lírio mariposa.

E outros, claro. Plantas e flores.

Estou chorando, e queria não estar. Escrevi aquela canção para tantas pessoas... E agora podemos perder quase todos elas. Hunter. Sarah. Ky. Minha mãe. Xander. Bram. Meu pai.

Éfedra, escreveu Anna. Por baixo ela desenhou um arbusto espinhento, com pequenas flores em formato de cone. Ela as pintou de amarelo e verde.

Pincel. Vermelha. Essa aqui eu vi nos cânions.

Lírio mariposa. É uma bonita flor branca com uma coloração vermelha e amarela profunda dentro de suas três pétalas.

Minhas mãos sabem o que eu vi antes que minha mente perceba; estou enfiando a mão no bolso e retirando o papel que minha mãe enviou,

reconhecendo o significado em seu formato. Eu me lembro do ninho de vespas de Indie, como tinha espaço dentro, e puxo as bordas do papel e então *eu sei*.

Eu seguro uma flor de papel em minha mão. Minha mãe fez isso. Ela cortou e rasgou o papel cuidadosamente de modo que um leque de três pedaços saísse do meio, como pétalas.

É igual à flor na figura: branca, de três pétalas, as bordas frisadas e pontudas como uma estrela. Eu percebo que também a vi impressa na terra.

Isso é o que Oker estava tentando achar.

Ele me viu retirar a flor de papel quando coloquei a pedra de votação dentro dela.

A figura de Anna me diz que o nome dessa flor é *Lírio mariposa*. Mas eu nunca ouvi minha mãe falar esse nome. E não é uma rosa nova ou rosa antiga ou um ramo de Renda da Rainha Anne. De quais outras flores ela me falou?

Estou de volta à sala da nossa casa em Oria,

onde ela me mostrou o quadrado de cetim azul do vestido que ela usou em seu Banquete. Ela acabou de voltar da viagem para diferentes Províncias para investigar plantações rogue para a Sociedade.

— O segundo agricultor tinha uma plantaço que eu nunca tinha visto antes, de flores brancas ainda mais bonitas do que as primeiras — diz ela. — Eles a chamavam de Lírios de Sego. Você pode comer os bulbos.

— Anna — digo, meu coração disparado —, o Lírio mariposa tem outro nome? — Se tiver, pode ser esse o problema nos dados. Nós temos considerado essa flor como dois pontos de dados separados, mas é na verdade uma simples variação.

— Tem — responde Anna. — Algumas pessoas o chamam de Lírio de Sego.

Eu pego o leitor de dados e procuro pelo nome. Ali está. As propriedades são todas as mesmas.

Uma flor registrada com dois nomes diferentes. Agora, com seus nomes combinados, ela sobe para o topo dos ingredientes potenciais. Foi um erro crítico e elementar feito por aqueles que reuniram os dados, mas nós deveríamos ter percebido antes. Como não percebi isso antes? Como pude falhar em reconhecer o nome, quando minha mãe me disse? *Você só ouviu uma vez, lembro a mim mesma, e isso foi há muito tempo.*

— Onde ela cresce? — indago.

— Devemos poder encontrar um pouco não muito longe daqui — pondera Anna. — É o começo da temporada, mas pode estar florescendo. — Ela olha para a flor de papel na minha mão. — Você fez isso?

— Não — digo. — Minha mãe fez.

Está quase escuro quando finalmente as encontramos, em um pequeno campo longe do vilarejo e do caminho.

Eu me ajoelho para olhar mais de perto. Nunca vi uma flor tão bonita. É uma simples floração branca, três pétalas curvadas saindo de um caule pouco vivo. É uma pequena bandeira branca, como minha escrita, não de rendição, mas de sobrevivência. Eu puxo a flor de papel amarrotada.

Embora minhas mãos tremam, posso dizer que elas combinam. Essa flor crescendo no solo é a que minha mãe fez antes de ficar imóvel.

A flor real é muito mais bonita. Mas isso não importa. Penso na mãe de Ky, que pintava com água sobre pedra, que acreditava que o importante era criar, não capturar. Embora o lírio de papel não seja uma apresentação perfeita, ainda é um tributo que minha mãe tentou fazer à sua beleza.

Não sei se ela pretendia que a flor fosse arte ou uma mensagem, mas eu escolho entender como ambos.

— Acho — digo — que essa pode ser a cura.

Xander

Não consigo ver Cassia em si, mas as lâmpadas solares projetam sua sombra na parede da prisão. Sua voz vem da entrada da minha cela.

— Nós achamos que encontramos uma possível cura — avisa ela aos guardas. — Precisamos de Xander para fazer um pouco para nós.

O guarda ri.

— Nem pensar.

— Não estou te pedindo que libere Xander — explica Cassia. — Só precisamos dar o equipamento e que ele prepare a cura.

— E então o que vamos fazer com a cura? — pergunta outro guarda.

— Vamos dar a um paciente — afirma Cassia.

— *Nosso* paciente. Ky.

— Não podemos ir contra Colin — fala um dos guardas. — Ele é nosso líder. E nós perderíamos nossa chance para as Outras Terras.

— Essa é sua chance para as Outras Terras — insiste Cassia. Sua voz é baixa, calma e cheia de convicção. — Isso é o que Oker estava procurando. — Ela retira algo da bolsa. — Lírio mariposa. — Posso ver pela sombra que ela está segurando uma flor. — Vocês comem o bulbo, não comem? Vocês comem quando floresce no verão, e o armazenam para o inverno.

— Eles já estão florescendo? — pergunta um deles. — Quantos vocês pegaram?

— Só alguns — diz Cassia.

Outra sombra fica visível e escuto a voz de Anna.

— Nós também tínhamos essas flores na Escultura — afirma Anna. — A gente também usava como comida. Sei como colhê-las de forma

que elas voltem no ano seguinte.

— O que importa se elas tirarem todas as plantas, de qualquer forma? — um guarda diz para o outro. — Se nós formos para as Outras Terras, não vamos precisar colher.

— Não — discorda Anna. — Mesmo se todo mundo for embora, a flor deve voltar. Não podemos tirar tudo e não deixar nada.

— Os bulbos são tão pequenos... — duvida outro guarda. — Não entendo como poderia ser uma cura.

Cassia entra no meu campo de visão, e vejo que ela está segurando a flor de verdade e a de papel que sua mãe enviou a ela. Elas combinam perfeitamente.

— Oker me viu pegar essa flor, a de papel, durante a votação. Acredito que *essa* seja a flor que ele estava indo procurar. — Cassia soa confiante de que classificou tudo. Ela poderia estar certa: Oker realmente mudou de ideia depois

de vê-la pegar o papel.

— Por favor — Cassia implora aos guardas. — Deixem a gente tentar. — Sua voz é gentil, persuasiva. — Vocês podem sentir, não podem? — pergunta ela e agora soa desejosa. — As Outras Terras estão ficando mais e mais distantes.

Tudo fica silencioso enquanto nós percebemos que Cassia está certa. Eu de fato sinto as Outras Terras se afastando, como o mundo real provavelmente se afastou para Lei e Ky quando eles ficaram imóveis. Sinto tudo saindo do meu alcance. Eu segui o Piloto, Oker e Cassia, mas as coisas não saíram como eu esperava. Pensei que veria uma rebelião, encontraria uma cura e teria alguém para retribuir meu amor.

E se todos eles forem embora? E se todo mundo fugir para as Outras Terras ou ficar imóvel e eu ficar aqui sozinho? Eu seguiria em frente? Seguiria. Não me vejo tratando essa vida que tenho como nada mais do que a única coisa.

— Tudo bem — concorda um dos guardas. — Mas vai rápido.

Anna pensou em tudo. Ela trouxe equipamento do laboratório: uma seringa, um almofariz e pilão, água limpa que foi fervida e tratada, e algumas das misturas-base de Oker, com a lista de ingredientes em cada uma.

— Como você sabia do que a gente ia precisar? — pergunto a Anna.

— Eu não sabia — explica ela. — Tess e Noah sabiam. Eles acham que é possível que Oker tenha mudado de ideia. Eles não têm certeza se acreditam em você, mas também não têm certeza de que não acreditam.

— Eles te *deram* tudo isso? — indago.

Anna concorda.

— Mas se alguém perguntar, nós roubamos. Não queremos colocar vocês em problemas.

Cassia segura a lanterna para mim enquanto

esfrego minhas mãos com a solução esterilizante. Eu uso a extremidade do pilão para dividir o bulbo ao meio.

— É lindo — admira Cassia.

O interior do bulbo parece branco e luminescente como os bulbos de camassia. Eu o movo, pulverizando o bulbo até virar uma pasta. Em seguida Anna me entrega um tubo. Cassia observa e me pego hesitante. Talvez seja a memória daquela noite em Oria quando negocieei pelos comprimidos azuis. Eu retirei sangue quando não devia, e, quando fiz isso, deixei implícitas promessas que ninguém estava em posição de manter. Eu fiz exatamente o que a Sociedade e a Insurreição tinham feito — tirei vantagem dos medos das pessoas para ter algo que eu queria.

Estou fazendo aquilo de novo, preparando essa cura? Eu olho para Cassia. Ela confia em mim. E não deveria. Eu matei aquele menino na Escultura, com os comprimidos azuis. Não fiz de propósito,

mas, se não fosse por mim, ele nunca teria tomado os comprimidos, em primeiro lugar.

Eu não me permiti pensar nisso, mesmo que eu saiba a respeito desde que chegamos à nave. Pânico e bile sobem juntos na minha garganta e eu quero fugir do que me pediram para fazer. Não posso fazer a cura: eu fiz a escolha errada muitas vezes.

— Vocês sabem que eu não posso garantir que isso vá funcionar — alerta Cassia. — Não sou farmacêutico. Posso não colocar na quantidade certa, ou pode haver um reagente na base sobre o qual eu não saiba...

— Isso poderia dar errado de muitas formas — concorda ela. — Eu poderia não ter encontrado o ingrediente certo. Mas eu acho que encontrei. E eu sei que você pode fazer a cura.

— Por quê? — questiono.

— Você sempre está lá para as pessoas que precisam de você — explica ela, e sua voz soa

triste. Como se ela soubesse que isso vai me custar, mas ela estivesse me pedindo para fazer de qualquer jeito, e partisse seu coração. — Por favor — pede ela. — Mais uma vez.

Cassia

Dentro da enfermaria, Anna distrai os médicos enquanto eu injeto a cura na intravenosa de Ky. Não demora muito; Xander me explicou como fazer isso. Eu poderia ter ficado com medo de tentar, mas depois de ver Xander montar uma cura em uma cela de prisão e Ky brigar para respirar através da imobilidade, não há espaço para meus próprios medos.

Eu cubro outra vez a agulha e a enfio dentro da minha manga, junto com o frasco vazio que continha a cura, próximo aos poemas que sempre carrego. Enquanto me sento ao lado de Ky, pego o leitor de dados. Eu pretendo continuar classificando, embora meus olhos realmente

estejam em Ky, observando, esperando. Ele está assumindo o maior risco; é em suas veias que a cura está correndo. Mas nós todos temos tanto a perder...

Eu às vezes vejo nós três como pontos discretos, separados, e é claro que somos, cada um de nós um indivíduo. Mas Ky, Xander e eu temos que acreditar uns nos outros para manter-nos a salvo. No final, tive que confiar em Xander para fazer a cura para Ky, que confiou em nós para trazê-lo de volta, e Xander confiou em mim classificando, e assim vamos nós, dando voltas como num círculo, os três conectados sempre, com o passar dos dias e mantendo as promessas sem parar.

CAPÍTULO 48

Ky

não estou mais na água
por que não
onde está Indie
luzinhas entram e saem da escuridão.
Escuto a voz de Cassia.
Ela tem esperado nas estrelas por mim.

Cassia

— Ky — chamo.

Eu já vi uma luz como essa em seu rosto antes, mas dessa vez continua vindo, ficando mais brilhante, à medida que ele volta para nós.

*Não Te alcancei,
Mas meus pés escorregam mais perto a cada
dia;
Três Rios e uma Colina a atravessar,
Um deserto e o mar —
Não levarei em consideração a jornada
Quando por fim te avistar*

Ky e eu fizemos a jornada do nosso próprio

jeito. Começamos na Colina, juntos. Atravessamos o deserto para chegar à Escultura e riachos e rios dentro dos cânions, e novamente quando saímos de lá. Não houve mar, oceano, mas houve um grande custo para nós dois, ao navegarmos um sem o outro. Acho que isso conta.

E eu acho, olhando para ele, que o poema está errado. Ele vai contar essa jornada e eu também vou.

Anna entra depois e me entrega muitas outras curas de Xander.

— Xander disse que vai precisar de mais de uma dose — sussurra ela. — Isso é tudo o que ele conseguiu, no momento. Ele diz para dar a próxima dose quanto antes.

Eu concordo.

— Obrigada — digo, e ela escapa pela porta, acenando para os médicos enquanto vai.

Eles estão passando as visitas da manhã. Um

dos médicos do vilarejo vira Ky de sua posição de lado para de costas, para mudar as áreas de pressão em seu corpo.

— Ele parece melhor — diz o médico, soando surpreso.

— Eu também acho — concordo, e bem nesse instante ouvimos algo do lado de fora.

Eu me viro para a janela e através dela vejo os guardas trazendo Hunter e Xander até o círculo do vilarejo.

Hunter.

Xander.

Ambos andam sozinhos para ficar em frente às calhas de votação, mas suas mãos estão amarradas e eles estão flanqueados por guardas. Queria poder ver os olhos de Xander daqui, mas tudo o que posso ver é o jeito como ele se move e quão cansado parece estar. Xander ficou acordado a noite toda fazendo curas.

— É hora da votação — avisa um dos médicos.

— Abre a janela — pede outro. — Para a gente poder ouvir.

Por uma fração de segundo, ambos estão empenhados em abrir a janela e é então que eu esvazio a seringa na intravenosa de Ky. Quando acabo de esconder a evidência na manga, olho para cima para descobrir que um dos médicos está me observando. Não sei dizer o que ele viu, mas não me abalo nem um pouco. Xander ficaria orgulhoso.

— Por que eles estão fazendo o julgamento tão rápido? — pergunto.

— Colin e Leyna devem achar que reuniram provas suficientes — diz o médico. Ele olha para mim por mais um segundo e, enquanto o cheiro da manhã e o ar de fresco entram pela janela, Ky aspira profundamente o ar. Seus pulmões parecem melhores. Ele ainda não voltou de vez, mas está a caminho, tenho certeza. Eu o sinto, mais do que senti antes; sei que ele escuta, mesmo que ainda

não possa falar.

As pessoas enchem o círculo do vilarejo. Não estou perto o suficiente para ver as pedras em suas mãos, mas escuto Colin gritar:

— Há alguém aqui que vai apoiar Hunter?

— Eu vou — diz Anna.

— As regras são que você só pode apoiar uma pessoa — o médico me explica. E eu entendo o que ele está dizendo: se Anna apoia Hunter, ela não pode apoiar Xander.

Anna concorda. Ela anda até a frente e encara a multidão. Enquanto ela fala, percebo que eles se aproximam dela.

— O que Hunter fez foi errado — começa Anna —, mas ele não queria matar. Se essa fosse sua intenção, ele poderia ter feito isso com facilidade e escapado. O que Hunter queria era deixar as coisas justas. Ele sentiu que, já que as Províncias negaram às Anomalias acesso a qualquer das *suas* medicações por anos, nós deveríamos fazer o

mesmo por seus pacientes.

Anna não manipula a multidão. Ela expõe os fatos e deixa que eles ponderem. Claro, nós todos sabemos que o mundo não é justo. Mas todos nós entendemos como é desejar que fosse. Muitas dessas pessoas sabem bem demais o que é ser deixado de lado — ou pior, ser enviado para morrer — pela Sociedade. Anna não diz nada sobre todas as perdas que Hunter sofreu, que poderiam tê-lo levado a esse ponto. Ela não precisa. Elas estão escritas em seus braços e seus olhos.

— Sei que vocês podem exigir mais — apela Anna —, mas peço o exílio para Hunter.

A menor de duas sentenças. Será que a multidão dará?

Eles dão.

Os moradores colocam as pedras na calha perto dos pés de Anna, ao invés daquela perto de Colin. Os agricultores trazem os baldes e despejam a

água. A decisão permanece.

— Hunter — avisa Colin —, você deve partir agora.

Hunter concorda. Não sei dizer se ele sente alguma coisa. Alguém entrega a ele um pacote e há uma confusão quando Eli vem correndo para Hunter, envolvendo-o com os braços para se despedir. Anna abraça os dois, e por um momento eles são uma pequena família, três gerações, ligados não pelo sangue, mas por suas jornadas e despedidas.

Então Eli se afasta. Ele vai ficar com Anna, que deve permanecer com o resto de sua gente. Hunter anda direto até a floresta, sem pegar o caminho e sem olhar para trás. Aonde ele vai? Para a Escultura?

E agora a multidão murmura e Xander se adianta. Naquele momento, percebo que as pessoas gastaram sua misericórdia com Hunter. Elas viveram e trabalharam com ele pelos últimos

meses. Elas sabem sua história.

Mas elas não conhecem Xander.

Ele para em frente à pedra do vilarejo, sozinho.

Xander fará qualquer coisa por aqueles que ama, qualquer que seja o preço. Mas, olhando para ele agora, acho que o preço ficou alto demais. *Ele parece com Hunter,* percebo. *Como alguém que foi levado longe demais e viu demais.* Hunter se segurou por tempo suficiente para trazer Eli em segurança para as montanhas. Por um longo tempo, ele fez o que tinha que fazer para ajudar os outros, mas então ele se fragilizou.

Não posso deixar isso acontecer com Xander.

Xander

— Quem vai apoiar Xander? — pergunta Colin.

Ninguém responde.

Anna olha para mim. Dá para ver que ela sente muito, mas eu entendo. Claro que ela tinha que usar tudo o que tivesse para Hunter. Ele é como um filho para ela, e foi certo ela ter usado tudo com ele.

Mas não há mais ninguém. Cassia tem que ficar na enfermaria com Ky, para dar a ele a cura e garantir que ele acorde. Ky me apoiaria, mas ele está imóvel.

As pessoas vagam e olham em direção a Colin. Elas estão impacientes com ele por prolongar tanto

o momento. Eu fecho os olhos e escuto meu coração, minha respiração, e os ventos no alto das árvores.

Alguém grita:

— Eu vou.

Abro os olhos para ver Cassia passando por entre a multidão. Ela veio, no final das contas. Seu rosto está todo aceso. A cura deve estar funcionando.

Algo está errado comigo. Eu deveria estar feliz por Cassia aqui e de a cura poder ser viável. Mas tudo em que posso pensar é nos pacientes nas Províncias, e Lei, quando sucumbiu, e me preocupo de que seja tarde demais. Seremos capazes de trazer pessoas suficientes de volta? A cura vai funcionar de novo? Como vamos encontrar bulbos o bastante? Quem vai decidir quais pessoas vão receber a cura primeiro? Há muitas perguntas e não tenho certeza de que poderemos encontrar as respostas rápido o

suficiente.

Nunca me senti tão cansado antes.

Cassia

As pessoas vêm recolher as pedras que elas colocaram para a votação de Hunter. As pedras ainda estão úmidas e pingam um pouco nas roupas dos aldeões, deixando pequenas manchas escuras. Algumas pessoas rolam as pedras nas mãos enquanto esperam.

— Essa calha — diz Colin, apontando para a que está junto a ele — é para a pena máxima. A outra — que está perto dos pés de Xander — é para a pena menor.

Ele não especifica quais são as penas. Todo mundo já sabe? Anna supôs que a pior pena que Xander receberia seria o exílio, porque seu crime não tinha sido tão grande quanto o de Hunter.

Ninguém morreu.

Mas para Xander, exílio *significaria* a morte. Ele não tem nenhum lugar para ir. Xander não pode viver lá fora sozinho, e é uma longa jornada através de terreno hostil de volta a Camas. Talvez pudesse encontrar Hunter.

Mas então, o quê?

Eu olho para Xander. O sol penetrou pelas árvores e brilha dourado em seu cabelo. Nunca tive que adivinhar qual era a cor de seus olhos, do jeito que fazia com Ky; sempre soube que os de Xander eram azuis, que ele olharia para você de um lugar de gentileza e clareza. Mas agora, embora a cor não tenha mudado, sei que Xander mudou.

Fico solitário com você, às vezes, ele me disse na enfermaria, mais cedo. Nunca pensei que poderia ser desse jeito.

Você está solitário *agora*, Xander?

Não preciso nem perguntar.

Há pássaros nas árvores, há agitações na multidão, e vento na grama e descendo o caminho, e ainda assim, tudo o que sinto nele é seu silêncio — e sua força.

Xander se vira para a multidão, endireitando os ombros e limpando a garganta. Ele pode fazer isso, eu acho. Ele vai sorrir aquele sorriso e sua voz vai ressoar sobre a multidão, como o Piloto que ele poderia ser um dia, e não vão querer mais destruí-lo — eles vão querer circulá-lo e sorrir para ele. É assim que sempre foi com Xander. As garotas no Bairro o amavam; os Oficiais o queriam para seus departamentos; pessoas que ficavam doentes queriam-no para tratá-las.

— Eu juro — começa Xander — que só fiz o que Oker me pediu para fazer. Ele queria as curas destruídas porque percebeu que tinha cometido um erro.

Por favor, penso. Por favor, acreditem nele. Ele está falando a verdade.

Mas eu escuto quão oca sua voz soa, e quando ele olha em minha direção, vejo como seu sorriso não é mais o mesmo. Não é porque ele esteja mentindo. É porque não lhe restou nada no momento. Xander tomou conta dos imóveis por meses, sem descanso. Ele viu sua amiga Lei sucumbir. Ele acreditou no Piloto, então acreditou em Oker, e os dois pediram que Xander fizesse coisas impossíveis. *Encontre a cura*, disse o Piloto. *Destrua a cura*, ordenou Oker.

E eu não sou menos culpada. *Faça uma nova cura*, eu disse a ele. *Tente de novo*. Eu quis uma cura tanto quanto todo mundo, qualquer que fosse o custo. Nós todos pedimos e Xander deu. Nos cânions, eu vi Ky se curar. Aqui nas montanhas, vejo Xander destruído.

Uma pedra faz barulho na calha próxima aos pés de Colin.

— Esperem — diz Colin, se curvando para pegá-la. — Ele não teve a chance de terminar seu

discurso ainda.

— Não importa — rebate alguém. — Oker está morto.

Eles amavam Oker e agora ele se foi. Eles querem alguém para culpar. Quando as pedras decidirem, pode ser que não seja o exílio que Xander receba. Pode ser algo pior. Eu dou uma olhada nos guardas que trouxeram Xander aqui, e que o deixaram fazer as curas. Eles não enfrentam meu olhar.

De repente, eu vejo o outro lado da escolha. De todos nós termos escolha.

Algumas vezes, vamos escolher errado.

— Não — digo. Enfio a mão na manga para retirar uma das curas que Xander fez. Se eu mostrar isso a eles, e a flor que minha mãe enviou e que Oker viu, eles *têm* que entender. Nós deveríamos ter feito isso primeiro, antes de o julgamento sequer começar.

— Por favor — começo —, escutem...

Outra pedra cai na calha, e ao mesmo tempo algo enorme passa contra o sol.

É uma nave.

— O Piloto — grita alguém.

Mas, ao invés de se mover ao longo da montanha até a campina de pouso, a nave paira sobre nós, as hélices girando de modo que possa ficar suspensa no ar. Eli se encolhe, e alguém na multidão se joga no chão instintivamente. Eles estão se lembrando dos disparos nas Províncias Exteriores. Mais alguém geme, no fundo da multidão.

A nave desce ligeiramente e depois sobe de novo. A intenção é clara, até para mim. Ele quer que nos afastemos para que ele possa pousar no círculo do vilarejo.

— O Piloto disse que nunca tentaria pousar aqui — fala Colin, seu rosto pálido. — Ele prometeu.

— O círculo é grande o suficiente? — pergunto.

— Não sei — admite ele.

E então todo mundo se afasta. Xander e eu nos voltamos um para o outro, e ele agarra minha mão. Nós corremos para longe do círculo, nossos pés voando sobre a grama e o solo, o ar chicoteando sobre nós. O Piloto está descendo. Ele pode não sobreviver à aterrissagem, e nós também.

O que levaria o Piloto a fazer isso? É só uma caminhada curta da campina de pouso até o vilarejo. Por que ele não pode gastar esse tempo? O que aconteceu lá nas Províncias?

A nave mergulha e se inclina; o ar está sempre se movendo nas montanhas. As hélices da nave giram e o vento açoita em volta de nós, assim não ouvimos nada além de um uivo e um grito enquanto o Piloto desce, desce, desce, se chocando contra as árvores, a nave virando de lado.

Ele não vai ser capaz de pousar, penso e me viro para olhar Xander. Estamos imprensados contra a parede de um prédio, para nos

abrigarmos, e os olhos de Xander estão fechados, como se ele não suportasse ver o que vem a seguir.

— Xander — chamo, mas ele não pode me ouvir.

Novamente a nave tomba, se vira e estremece mais e mais perto de nós, perto demais da extremidade do círculo. Não há mais lugar nenhum para onde correr. Não há espaço ou tempo suficiente para dar a volta no prédio. Esses pensamentos atravessam rápido minha mente.

Eu também fecho meus olhos e me aperto contra ele, como se um de nós fosse capaz de manter o outro a salvo. Ele me envolve com os braços e seu corpo está cálido e sólido, um bom lugar para se estar no final. Eu espero pelo raspar do metal, pelo quebrar de pedras e o rachar da madeira, por fogo e calor, e um final tão súbito quanto uma inundação.

— *Cassia não está mais aqui* — digo. Minha voz é um suspiro. Fraco e seco.

Eu não me sinto como quando estava adormecido. Sei que passou tempo. Sei que tenho estado aqui e que houve um tempo em que estive fora do ar. Eu tento mover a mão. Eu consegui?

— Cassia — chamo. — Alguém pode achar Cassia?

Ninguém me responde.

Talvez Indie ache, penso e então eu me lembro.

Indie se foi.

Mas eu voltei.

Xander

Quando abro os olhos, a aeronave ocupa todo o círculo do vilarejo. Cassia está em meus braços, segurando firme. Nenhum de nós se move enquanto o Piloto desce de sua nave e para quase exatamente onde estive momentos atrás, perto das calhas.

Colin avança para dentro do círculo.

— O que você acha que está fazendo? — pergunta, furioso. — Você quase destruiu parte do vilarejo. Por que você não foi até a campina de pouso?

— Não há tempo suficiente para isso — alega o Piloto. — As Províncias estão se desmantelando e preciso de cada segundo que conseguir. Vocês têm

uma cura?

Colin não responde. O olhar do Piloto ultrapassa Colin, na direção do laboratório de pesquisas.

— Achem Oker — pede ele. — Me deixem falar com ele.

— Não é possível — diz Leyna. — Oker morreu.

O Piloto xinga.

— Como?

— Nós achamos que foi um infarto — fala Colin.

Todos olham para mim. Eles ainda pensam que sou responsável pelo que aconteceu com Oker.

— Então não há uma cura — afirma o Piloto, sua voz taxativa. — E nenhuma chance de que haja uma. — Ele começa a voltar à nave.

— Oker nos deixou uma cura — avisa Leyna. — A gente estava a ponto de testar nos pacientes...

— Preciso de uma cura que funcione *agora* —

corta o Piloto, se voltando. — Não sei se vou ser capaz de voltar aqui de novo. Esse é o fim. Vocês entendem?

— Você quer dizer... — começa Leyna.

— Há uma facção na Insurreição que quer me tirar da posição em que estou — explica o Piloto. — Eles já tomaram conta das desconexões dos pacientes e das proporções. Se eles forem bem-sucedidos na remoção, e vão ser, eu não vou ter *nenhum* acesso às naves ou a uma forma de levar vocês para as Outras Terras. Nós temos que ter uma cura. *Agora*. — O Piloto faz uma pausa. — A Insurreição ordenou desconexões de certo percentual dos imóveis.

— Qual é a taxa? — pergunta Cassia. Ela entra no círculo do vilarejo como se tivesse todo o direito de estar ali. Leyna estreita os olhos para Cassia, mas deixa-a falar. — Nós projetamos que eles começariam a liberar em torno de dois por cento dos imóveis para preservar a quantidade

máxima de vida ao mesmo tempo em que estivessem liberando outros para trabalhar.

— Foi como eles começaram — concorda o Piloto. — Mas eles aumentaram. Estão recomendando 20%, com um aumento maior a seguir.

Um em cinco. Quem eles iriam escolher para cortar primeiro? Aqueles que ficaram imóveis antes? Ou depois? O que está acontecendo com Lei?

— Isso é muito — retruca Cassia. — Não é necessário.

— O algoritmo presume que as pessoas estariam dispostas a ajudar — diz o Piloto. — Que não deixariam os imóveis para trás. E a Insurreição liberou o armazenamento de amostras. Eles estão fornecendo às pessoas amostras de tecido se elas concordarem em deixar seus entes queridos serem desconectados para ganhar espaço.

— As pessoas não estão realmente

concordando com isso, estão? — indaga Cassia.

— Algumas estão — conta o Piloto.

— Mas eles não podem trazer ninguém de volta — argumenta Cassia. — Ninguém tem essa tecnologia. Nem a Sociedade, nem a Insurreição.

— Os tubos nunca tiveram a função de trazer as pessoas de volta — retruca o Piloto. — Eles sempre foram usados para controlar as pessoas que estão aqui. Então eu vou perguntar de novo: *vocês têm uma cura?*

— Precisamos de mais tempo — pede Leyna. — Não muito.

— Não há mais tempo — diz o Piloto. — Estamos ficando sem comida. As pessoas estão fugindo das Cidades e para dentro dos Bairros, onde elas atacam aqueles que restaram, ou fogem para o campo, onde morrem da mutação, porque não conseguimos chegar a elas a tempo. Estamos ficando sem os ingredientes que Oker recomendou para inclusão nas bolsas de fluidos e medicação, e

nenhum dos médicos nas Províncias encontrou a cura.

— *Existe* uma cura — alega Cassia. — Xander pode mostrar a seus farmacêuticos como fazê-la. — Ela segura um tubo para o Piloto. Ela está na mesa de jogo e está jogando com todas as suas cartas.

Por um segundo eu acho que Leyna e Colin não vão deixar Cassia se safar com essa, mas nenhum deles diz nada. Todos observam para ver o que Cassia vai fazer em seguida.

— Em quantas pessoas vocês testaram? — indaga o Piloto, pegando o tubo de Cassia.

— Apenas uma — conta ela. — Ky. Mas podemos fazer mais.

Isso faz o Piloto rir.

— Uma pessoa — repete ele. — E como eu vou saber se Ky ficou realmente curado? Da última vez que eu o vi, ele não estava nem imóvel.

— Ele estava doente — teima Cassia. — Você

mesmo viu. Todo mundo aqui vai atestar sua doença.

— Claro que vão — diz o Piloto. — Eles querem passagem para as Outras Terras. Vão concordar com qualquer coisa que você disser.

— Se essa é a sua última chance de vir até o vilarejo — continua Cassia —, então você deveria pelo menos ver o que temos. Não vai demorar muito.

Leyna se aproxima sorrindo, como se ela estivesse nisso o tempo todo. Mas quando ela chega perto de Cassia o suficiente para que o Piloto não escute, ela sibila:

— *Quem?* Quem te ajudou?

Cassia não responde àquela pergunta. Ela está protegendo as pessoas que ajudaram com a cura: eu, os guardas, Anna, Noah e Tess.

— É a base de Oker — ela diz em voz alta. Ela olha para o Piloto, mas fala para todos, tentando fazê-los trabalhar com ela nisso. — E é o

ingrediente que ele queria. Essa é a *verdadeira* cura de Oker, e está funcionando. — Ela começa a descer em direção à enfermaria. — Seria uma pena — ela grita na direção do Piloto — se você tivesse vindo até aqui e não tivesse o que precisa.

O Piloto a segue através do círculo do vilarejo, assim como o resto de nós. Cassia abre a porta da enfermaria como se estivesse perfeitamente confiante de que tudo lá dentro está bem. Mas vejo como seus lábios tremem quando Ky olha para ela, seus olhos límpidos e lúcidos. Ela não sabia que estava funcionando, pelo menos não assim tão bem. E então, por um segundo, é como se nenhum do resto de nós estivesse aqui. Eles são os únicos no mundo.

— *Ky* — chama Cassia.

— Já podemos fugir? — ele pergunta a ela. Sua voz mal é um sussurro. Todos, incluindo Leyna e Colin, se inclinam para ouvir Ky, muito embora o que ele está dizendo não seja para o resto de nós.

— Não — responde ela. — Ainda não.

— Eu sei — fala ele, e há um meio sorriso em seu rosto. Ela se abaixa para beijá-lo e suas mãos trêmulas se esticam para as dela, mas ele ainda não consegue se mover muito. Então eu levanto sua mão e a coloco sobre a dela. Eu o ajudo a alcançá-la. Por um momento, eu sou parte do todo. Então, sou posto de lado.

O Piloto olha para baixo, para Ky, e então levanta a vista para mim. Ele acredita em nós? Sua expressão não entrega nada.

— Oker disse que isso era o que você deveria usar? — Ele está me perguntando diretamente. É minha vez de convencê-lo. Cassia e Ky fizeram o que podiam.

— Oker me contou sobre seu trabalho na Sociedade — começo. — Sei que ele foi parte da equipe que criou as viroses. Sei quanto Oker queria encontrar a cura. E acho que ele encontrou.

— Se o que você está dizendo é verdade — diz

o Piloto —, vamos precisar fazer um teste completo da cura em algum outro lugar.

— Quão seguro está o centro médico em Camas, onde Indie me encontrou? — pergunto.

— Ainda temos controle sobre ele — responde o Piloto.

É uma sensação estranha ter alguém em quem uma vez acreditei decidindo se acredita ou não em mim. Eu sustento seu olhar, nós dois ficando cara a cara.

O Piloto sabe que não estou lhe contando tudo, mas ele decide que é o suficiente.

— Posso levar vocês três embora agora — afirma o Piloto. — Ver Ky talvez convença alguns dos farmacêuticos e médicos a começar um teste. Onde podemos encontrar mais da planta que vocês usaram? Vocês têm um estoque à mão?

— Temos — responde Anna. — Fiquei fora, desenterrando as plantas, a noite toda.

— E eu talvez saiba onde podemos conseguir

mais — fala Cassia. — Minha mãe viu um campo com essa flor, uma vez. A Sociedade destruiu aquele campo e Reclassificou o agricultor, mas deve ter sobrado alguma coisa. Se pudermos trazer minha mãe de volta, ela vai se lembrar de onde viu as flores.

— Então vamos — comanda o Piloto. — Coloquem Ky na nave. — Ele gira em seus calcanhares e anda até a porta sem olhar para trás, para nós.

— Obrigado — diz Ky para mim enquanto o colocamos na nave, Cassia logo atrás.

— Você teria feito o mesmo — afirmo.

Cassia olha em volta, como se esperasse ver mais alguém, mas o Piloto voa sozinho.

— Onde está Indie? — ela pergunta ao Piloto enquanto tomamos nossos assentos. — Ela está bem?

— Não — responde ele. — Ela tinha a mutação e fugiu até ficar sem combustível. Sua nave caiu no

antigo território Inimigo. Não pudemos dispor de ninguém para recolher seu corpo.

Indie está morta. Olho para Ky primeiro, para ver como ele está aceitando a coisa, e seu rosto está cheio de dor, mas ele não está surpreso. De alguma forma, ele já sabia. Cassia parece chocada, como se ela não acreditasse que isso seja verdade. Mas é claro que é. Sei que um vírus não pensa ou sente, mas ainda assim parece que esse gosta de levar aqueles que estão mais vivos.

Cassia

Duas coisas impossíveis aconteceram. Ky está curado.

E Indie está morta?

Tenho tantas imagens de Indie em minha mente... Escalando as paredes da Escultura, pilotando o barco rio abaixo, segurando o ninho de vespas cuidadosamente com as mãos. Como Indie pode ter partido? Ela não pode. É impossível.

Mas Ky acredita nisso.

Ky voltou.

Não há tempo a perder pensando no milagre, para observá-lo voltar, para sentar e segurar sua mão e falar com ele.

Ao invés disso, há essa corrida e pressa de nos

colocar a bordo, e minutos depois de o Piloto ter pousado no vilarejo, nós decolamos. Não tenho uma chance de agradecer a Anna pelos bulbos, de dizer adeus a Eli, de olhar de volta para Leyna e Colin e para os outros aldeões enquanto eles nos observam partir, esperando que voltemos algum dia, dessa vez com naves que possam levá-los embora, para as Outras Terras.

Xander senta no assento do copiloto e afivelamos a maca de Ky no compartimento de carga, onde vai ser mais seguro. Xander contou a Tess e Noah o que ele adicionou à cura, e eles nos deram a fórmula para a base de Oker que usamos. Desse jeito, podemos dizer às pessoas nas Províncias o que usamos, e os aldeões podem começar a curar os imóveis que ficaram para trás. Uma colaboração novamente, todos nós fazendo juntos uma coisa que nos tomaria muito mais tempo sozinhos.

— Vai ser como um teste extra da cura — diz Leyna ao Piloto. — Quando você voltar para nos levar embora, vamos ter curado todos esses pacientes, e você poderá levá-los de volta para suas famílias. — Ela soa como se nunca tivesse duvidado de Xander; como se eles não tivessem planejado sentenciá-lo ao exílio, ou pior, por destruir a cura de camassia. Mas é verdade que a cura pertence ao vilarejo. Anna e Oker, Colin e Leyna, Tess e Noah, os guardas — eles também são pilotos da cura.

Eu me sento no assento do mensageiro para a decolagem, mas assim que ficamos estáveis eu desafivelo o cinto e me ajoelho perto de Ky, segurando fortemente sua mão. Ele olha para cima, para a lateral da nave, e vejo algo desenhado ali, uma verdadeira figura, nada de ranhuras ou marcas. Há pessoas de pé e olhando para o céu, que parece estar caindo sobre elas. Mas algumas pessoas — não todas — pegaram pedaços do céu

e estão virando-os em suas bocas.

— Bebendo o céu — explica Ky. — É o que Indie disse que eles estão fazendo. Nós tínhamos um desenho como esse em uma das nossas naves também. — Ele respira fundo. Sua voz já soa mais forte. — É um desenho de você trazendo água para o Inimigo para ajudá-los a sobreviver, não é? — pergunta ao Piloto.

Por uns minutos o Piloto não responde. Então eu ouço sua voz vir pelo alto-falante do compartimento de carga. Está baixa e triste, e eu penso que pela primeira vez estamos ouvindo sua verdadeira voz.

— A Sociedade nos disse que a Praga deixaria o Inimigo doente e fácil de combater — conta o Piloto. — Eles disseram que iríamos trazer os Inimigos como prisioneiros. Mas quando a Praga começou a funcionar, nossas ordens foram deixar os Inimigos onde eles estavam.

— E você os viu morrer — adivinha Xander.

— Vi — confirma o Piloto. — Embora alguns de nós assumíssemos o risco de voar sobre a água, a maioria do Inimigo não beberia mesmo se houvesse uma seca. Eles não confiavam em nós. Por que deveriam? Nós temos nos matado por anos.

Penso naquelas pessoas morrendo e sedentas, incapazes de beber alguma coisa além da chuva que não veio.

— Então realmente havia um Inimigo — diz Ky. — Mas depois que eles se foram, a Insurreição se intrometeu para fazer sua parte. Você matou os agricultores no alto da Escultura, para manter seu disfarce?

— Não — afirma o Piloto. — Aquilo foi a Sociedade. Por anos eles usaram as pessoas das Províncias Exteriores como um amortecedor entre as Províncias principais e o Inimigo. — Ele limpa a garganta. — Então eu deveria ter percebido que nós não éramos uma verdadeira rebelião quando

deixamos os agricultores e tantas outras Anomalias e Aberrações morrerem. Nós dissemos a nós mesmos que o momento não era o ideal para nos revelarmos, mas nós deveríamos ter tentado mesmo assim.

A mão de Ky, cálida no escuro, aperta a minha. Se a Insurreição tivesse se posicionado, muitos poderiam ter sido salvos. A família de Ky, Vick, o menino que tomou o comprimido azul.

— Vocês devem saber que a Insurreição *era* real — afirma o Piloto. — Os médicos que criaram a imunidade ao comprimido vermelho eram verdadeiros rebeldes. Assim como sua bisavó. E assim como muitos outros, especialmente aqueles no Exército. Mas então, a Sociedade percebeu que seu poder estava escapando e descobriu que eles tinham uma rebelião em seu meio. No começo, tentaram retomar o controle se livrando das Aberrações e Anomalias. Depois a Sociedade começou a se

infiltrar em nosso meio do jeito que tínhamos feito com eles. Agora já não sei mais quem é quem.

— Então quem foi que botou a Praga nos reservatórios de água das Cidades? — pergunta.

— Quem tentou sabotar a Insurreição, se não foram as pessoas trabalhando para a Sociedade?

— Parece — especula o Piloto — que os reservatórios de água foram contaminados por entusiastas da Insurreição bem-intencionados, que sentiram que a rebelião não estava ocorrendo rápido o suficiente e decidiram interceder.

Por longos momentos, nenhum de nós fala. Quando coisas assim acontecem — quando o que deveria ajudar resulta em dano, quando um bálsamo traz dor ao invés de cura —, fica claro quão erradas podem se tornar até as escolhas que pretendem ser certas.

— Mas por que a Sociedade não destruiu direto a Insurreição, se eles sabiam que vocês existiam? — pergunta Xander, quebrando o silêncio. — A

Sociedade poderia ter curado todo mundo sozinha; Oker me disse que eles *sempre* tiveram a cura. Por que a Sociedade não fez curas suficientes de modo que *eles* pudessem deixar a Praga entrar e administrar a cura eles mesmos?

— A Sociedade decidiu que seria mais fácil *se tornar* a Insurreição — sugere Ky. — Não foi?

No momento em que ele diz isso, sei que ele está certo. Por isso a transição de poder foi tão suave, com tão pouca luta.

— Porque, se eles se tornassem a Insurreição — digo —, eles poderiam prever o resultado.

O resultado final previsto. É o que minha Oficial disse em Oria, no Museu. Era o que ela queria ver no meu caso, e o que a Sociedade sempre levou em consideração.

— A Sociedade descobriu que estávamos tornando as pessoas imunes ao comprimido vermelho — continua o Piloto.

— Então mais e mais pessoas não podiam

esquecer — digo, entendendo. — As pessoas estavam mostrando sinais de querer uma mudança, uma rebelião. Desse jeito elas teriam uma, e a Sociedade ficaria no poder sem que as pessoas, incluindo muitas daquelas que participaram na Insurreição, soubessem o que realmente tinha acontecido. Eles fariam umas poucas mudanças, mas de um modo geral as coisas continuariam as mesmas. — A Sociedade deve ter sabido que as pessoas eventualmente se tornam inquietas. Eles devem ter até previsto isso. Por que *não* ter uma rebelião, se eles podiam calcular o resultado e garantir seu poder de novo, sob um novo nome? Por que não usar a Insurreição, uma rebelião verdadeira no começo, para fazer as coisas parecem autênticas? A Sociedade sabia que as pessoas acreditavam no Piloto, e eles se aproveitaram disso.

Mas não saiu como a Sociedade pretendia. A Praga sofreu mutação. E as pessoas sabem mais e

querem mais do que a Sociedade imaginou, mesmo as pessoas que não foram escolhidas para a imunidade ao comprimido vermelho. Pessoas como eu.

A Sociedade *está* morta, mesmo que eles não saibam ainda.

Eu acredito em um novo começo. Assim como muitos outros lá fora — aqueles escrevendo em pedaços de papel para pendurar na Galeria, aqueles que continuam a trabalhar duro para cuidar dos doentes, aqueles que ousam acreditar que podemos *todos* ser pilotos de algo novo e melhor.

*Pisamos como veludo na neve —
Ouvimos da água um murmúrio breve,
Passaram três rios e a colina,
Dois desertos e o mar!*

Eu olho para Ky e reescrevo o final do poema em minha mente.

*Mas vou contar com esta jornada infinda
Pois ela me veio te entregar.*

A porta do compartimento de carga se abre e Xander desce, a luz da cabine do piloto se espalhando por trás dele.

— Achei que deveria dar uma verificada em Ky — diz ele. Eu sorrio para Xander e ele sorri de volta, e por um momento tudo é como era, do mesmo jeito. Xander me olha com desejo e dor em seus olhos; nós estamos voando sem rumo por um mundo que poderia pertencer a qualquer um, e eu sei por que Ky retribuiu o beijo de Indie.

E então o momento passa, e eu sei com certeza que é muito tarde para nós, para Xander e para mim, daquele jeito. Não porque eu não possa mais amá-lo, mas porque não posso mais alcançá-lo.

— Obrigada — digo a Xander, e tenho a mesma intenção nessas palavras do que *eu te amo*, tanto quanto tudo o que já tenha dito. E eu sinto uma nota pesada, baixa e ansiosa de arrependimento. Porque

no final eu não falhei com ele porque não correspondia a seu amor, porque eu *realmente* o amo também. Eu falhei com ele porque não posso fazer por ele o que Ky faz por mim. Não posso ajudar Xander a cantar.

Quando aterrissamos em Camas, descubro que vou voar de novo em breve. Só pousamos por tempo suficiente para que Xander faça mais da cura, para que eu possa levar comigo a Keya. E embora essa seja uma viagem que eu anseio fazer, me custa deixar Ky e Xander para trás.

— Eu volto logo — prometo a ambos, e vou mesmo, em uma questão de horas, ao invés de dias ou semanas. Mas eu vejo nos olhos de Ky a mesma preocupação que sei que está nos meus. Nós somos assombrados por outras despedidas, tantas delas...

Assim como Xander. Hunter estava certo sobre uma coisa. Tem havido muitas partidas.

Nós pousamos em um longo campo, que não chega a ser uma pista de pouso, próximo à cidadezinha em que meus pais viveram em Keya. Enquanto o Piloto, o médico e eu deixamos a nave, vejo diversas pessoas no chão andando para nos encontrar. Uma delas, menor do que as outras, começa a correr e eu começo a correr também.

Ele joga os braços ao meu redor. Está crescendo, mas eu ainda sou maior, e mais velha, e eu não estive aqui para protegê-lo.

— Bram — digo, e então minha garganta dói tanto que não posso mais falar.

Um agente da Insurreição vem por trás dele.

— Nós o encontramos bem antes de vocês aterrissarem.

— Obrigada — consigo dizer, e então chego para trás para olhar Bram. Ele me encara de volta. Está muito sujo, muito magro, e seus olhos mudaram e escureceram. Mas eu ainda o conheço. Eu o viro e exalo um suspiro de alívio quando

descubro a marca vermelha em seu pescoço.

— Os dois ficaram doentes — diz Bram. — Mesmo com as imunizações.

— Achamos que encontramos uma cura — digo. Respiro fundo. — É tarde demais? Você sabe onde eles estão?

— Sim — responde Bram, e então ele balança a cabeça. Seus olhos se enchem de lágrimas, e não sei dizer se ele está me implorado para não falar mais, não querer saber qual pergunta ele está respondendo.

— Me segue — pede ele, e começa de novo a correr, bem como ele sempre quis fazer, em campo aberto, descendo as ruas da cidade. Nenhum Oficial para ele ou resto de nós, enquanto nos apressamos pelas ruas vazias sob o sol brilhante e negligente.

Para minha surpresa, Bram me leva ao minúsculo Museu da cidade, não ao centro médico. Dentro do

Museu, todas as vitrines de exibição foram quebradas, e o vidro se espalhou. Quaisquer artefatos que tenham sido guardados aqui agora se foram; o mapa da Sociedade foi rabiscado, alterado. Eu gostaria de olhar mais atentamente para ver o que está marcado ali agora, mas não temos tempo.

Há muitos imóveis, estirados no chão por todo o salão. Umas poucas pessoas levantam o olhar quando entramos, e seus rostos relaxam ligeiramente à vista de Bram. Ele pertence a esse lugar.

— Eles ficaram sem espaço no centro médico — explica Bram —, então eu tive que trazer ela para cá. Eu tive sorte, porque tinha coisas para negociar. Outras pessoas tiveram que fazer o melhor que puderam em suas casas. Aqui pelo menos eles têm as bolsas de nutrientes, algumas vezes.

Ela. Minha mãe. E quanto a *ele*? E meu pai?

Bram se ajoelha.

Ela parece muito ausente. Eu tento não entrar em pânico. Seu rosto está tão pálido contra as sardas espalhadas; há mais grisalho em seu cabelo do que me lembro, mas ela parece jovem com seus olhos abertos assim; jovem e perdida para nós.

— Eu a viro a cada duas horas, como eles me disseram para fazer — conta Bram —, e suas feridas cicatrizaram. Mas elas estavam ruins. — Ele fala muito rápido. — Mas olha: ela tem uma das bolsas agora. Isso é bom, não é? Elas são caras.

— É — respondo. — É muito bom. — Eu o puxo para perto novamente. — Como você conseguiu? — pergunto.

— Eu negocieei com os Arquivistas — responde Bram.

— Pensei que os Arquivistas tivessem ido embora — digo.

— Alguns voltaram — fala Bram. — Os que

tinham a marca vermelha começaram a negociar de novo. — Eu não deveria estar surpresa. Claro que alguns Arquivistas não seriam capazes de resistir a voltar, vendo o vácuo para o qual eles poderiam trazer suas negociações e suas bugigangas.

Eu me inclino na direção de Bram, a fim de que possa sussurrar para ele.

— Nós vamos levá-la conosco — digo.

— É seguro? — Bram sussurra de volta.

— É — confirma o médico da Insurreição. — Ela pode ser transportada. Está estável e não apresenta sinais de infecção.

— Bram — digo suavemente —, nós ainda não temos muito da cura. A Insurreição acha que a Mamãe pode ser capaz de ajudá-los, então eles concordaram que ela fosse uma das primeiras a tomá-la. — Olho de relance para minha mãe, com seus olhos fixos. — E eu barganhei por ele também, já que estávamos vindo para cá. Mas onde ele está? Onde está o Papai?

Bram não responde a minha pergunta. Ele olha para longe.

— Bram — insisto —, onde está o Papai? Você sabe? Ele pode vir com a gente para tomar a cura... eles prometeram... mas não temos muito tempo. Temos que encontrar ele *agora*.

E então Bram começa a soluçar, suspiros grandes e pesados.

— Eles trazem os mortos para o campo — diz ele. — Só nós que somos imunes podemos sair para verificá-los. — Ele olha para cima, para mim, com olhos cheios de lágrimas. — É isso que eu tenho feito pelos Arquivistas — explica ele. — Eu posso sair e procurar por rostos.

— Não — digo com horror.

— É melhor do que vender os tubos — retruca ele. — Esse é o outro trabalho que paga bem. — Seus olhos estão diferentes... muito mais velhos tendo visto tanto... e ainda são os mesmos, com aquele brilho obstinado que eu conheço tão bem.

— Eu não faria isso. Vender os tubos é uma mentira. Dizer às pessoas se seus amigos e familiares estão ou não mortos é que é a verdade.

Bram dá de ombros.

— Os Arquivistas me deixaram escolher — conta ele. — Eles têm pessoas vindo o tempo todo atrás de informações ou tubos, ou para saber onde as pessoa que eles amam estão. Então eu os ajudei. Eu poderia encontrar a pessoa, se eles me dessem uma foto. E então eles me pagavam com o que eu precisava para mim. E para ela.

Bram fez tudo o que pôde para tomar conta de nossa mãe, e estou feliz que ele a tenha salvado, mas o preço foi muito alto. O que meu irmão viu?

— Eu não cheguei a tempo para ele — fala Bram.

Quase pergunto a Bram se tem certeza; quase lhe digo que pode estar enganado, mas ele sabe. Ele viu.

Meu pai se foi. A cura chegou muito tarde para

ele.

— Nós precisamos ir — avisa o médico, enquanto ajuda o agente da Insurreição a levantar minha mãe na maca. — Agora.

— Para onde vocês estão levando ela? — pergunta alguém, do outro lado do salão, mas não respondemos.

— Ela morreu? — grita outra pessoa. Escuto seu desespero.

Nós passamos pelos imóveis e aqueles que cuidam deles, deixando-os para trás, e meu coração dói. *Nós vamos voltar*, quero dizer. *Com curas suficientes para todo mundo da próxima vez.*

— O que vocês têm? — mais alguém pergunta, abrindo caminho. Um Arquivista. — Vocês têm um tipo diferente de remédio? Quanto vale?

O agente cuida dele, enquanto nos apressamos passando pelas portas do Museu.

Na nave, Bram sobe no compartimento de carga

comigo e com o médico, que coloca um acesso venoso em minha mãe. Puxo Bram para perto e ele chora, chora e chora; meu coração se parte e acho que suas lágrimas nunca vão acabar. E então elas acabam e é pior, um calafrio e estremecimento que sacodem seu corpo inteiro, e não sei como posso sentir tanta dor e sobreviver, e ao mesmo tempo sei quanto tenho que viver. *Por favor, penso, que Bram possa sentir aquela segunda parte, em algum lugar dentro de seu desespero, porque ainda estamos juntos, ainda temos um ao outro.*

Quando Bram adormece, pego a mão de minha mãe. Ao invés de cantar para ela os nomes das flores, como eu tinha planejado, digo seu nome, porque é isso que meu pai teria feito.

— *Molly* — digo. — Estamos aqui. — Pressiono a flor de papel em sua palma e seus dedos se curvam um pouco. Ela sabia que esse lírio iria nos curar? Que era importante, de alguma

forma? Ela estava simplesmente encontrando um jeito de me enviar algo bonito?

Qualquer que seja o caso, funcionou.

Mas não cedo o suficiente para meu pai.

Xander

Issso tudo é muito natural para você, Lei me disse uma vez. *Não é?* Eu me pergunto se os médicos me observando injetar a cura na intravenosa pensam a mesma coisa. O paciente recebendo a cura ficou imóvel no mesmo espaço de tempo em que Ky ficou — essa é uma exigência para esse primeiro teste da cura.

— Isso é tudo o que vocês têm que fazer — digo aos médicos. — Injetar a solução e esperar que ela aja.

Os médicos concordam. Eles já fizeram isso antes. *Eu* já fiz isso antes, durante a Praga original, quando eu primeiro dei curas e discursos no centro médico. Restaram poucos de nós agora.

— Esses cem pacientes são os únicos que temos nesse teste — aviso aos médicos. — Estamos tentando encontrar mais da planta, mas não vai florescer por muito mais tempo. Nós sabemos a estrutura do composto principal, então temos pessoas correndo contra o tempo para encontrar o caminho sintético, para que possamos fazê-lo no laboratório. Mas tudo com que *vocês* têm que se preocupar é cuidar dos pacientes. “Vocês vão precisar dar novas doses a cada duas horas.” Eu gesticulo para onde os suprimentos estão armazenados, em um armário trancado guardado por diversos agentes armados. — Vocês devem observar alguma melhora lá pela segunda dose. Se a taxa de recuperação deles for tão rápida quanto a da nossa cobaia inicial, eles vão começar a falar e conversar de novo depois de umas poucas horas, e andar dentro de dois dias. Mas não espero essa taxa de recuperação aqui. Tenham certeza de não desperdiçar nada da cura.”

Como se eles precisassem do aviso. O que nós precisamos é de mais flores, e que a mãe de Cassia volte. Ela ficou imóvel por semanas, muito mais do que Ky ficou, e vai demorar mais para ela voltar do que ele. A Insurreição ainda não foi capaz de encontrar seu relatório das plantações ilegais no banco de dados da Sociedade, então precisamos de sua ajuda desesperadamente.

Nesse meio-tempo, o Piloto tem equipes vasculhando os campos e campinas próximos à cidade de Camas, com instruções de não colher nada, para que as flores possam crescer de novo, no caso de precisarmos delas novamente.

Imagino se eles vão ser capazes de resistir. Não é exatamente fácil guardar coisas para o futuro quando o presente é tão incerto.

— Você parece certo de que isso vai funcionar — diz um dos médicos. Seus uniformes estão sujos e todos eles parecem exaustos. Eu me lembro de alguns deles, de quando estive aqui antes. Parece

que se passaram anos e não semanas.

— Eu não sei por quanto tempo mais eu conseguiria fazer isso — admite um dos médicos.

— Agora há uma razão para continuar.

Eu queria poder ficar e ajudar, mas devo voltar ao laboratório para supervisionar os farmacêuticos da Insurreição que estão fazendo mais da cura.

— Vou voltar para verificar os pacientes mais tarde — digo.

Os médicos começam a descer as fileiras com a cura. Eu terminei aqui por enquanto e acho que tenho tempo suficiente para visitar minha antiga ala.

Os olhos de Lei estão muito vidrados e ela cheira a infecção. Mas a viraram recentemente, e seus longos cabelos negros foram trançados para não caírem em seu rosto. E as pinturas ainda estão penduradas em cima de cada paciente. Os médicos aqui têm feito seu melhor.

Nem sempre vem fácil para mim, quero dizer a ela, enquanto injeto a cura em sua via intravenosa. Não nesse exato momento. Por favor, volte. Se você estivesse aqui, ajudaria.

Essa é uma das curas que fiz no vilarejo. Eu não entreguei todas elas para a equipe de pesquisas tentando sintetizar os ingredientes no laboratório. Guardei uma para Lei. Ela não sucumbiu muito antes de Ky, então há uma chance. Claro, Lei não tinha os remédios de Oker nas bolsas.

Escuto passos atrás de mim e me viro para olhar. É um dos médicos que trabalhava aqui na mesma época que eu.

— Eu não sabia que a gente ia receber algumas novas curas aqui em cima — diz ele.

— E não vão — replico. — O grupo que eles estão usando precisava ter sucumbido dentro de certo espaço de tempo. Ela estava fora dele. — Eu termino de esvaziar a seringa e me viro para olhá-

lo. — Mas eu tinha algumas extras. — Eu seguro vários frascos. — Pode ser que eu não seja capaz de vir aqui por algum tempo. Devo voltar a trabalhar para fazer mais disso.

O médico coloca os frascos no bolso do uniforme.

— Eu vou dar a ela — afirma ele.

— A cada duas horas — aviso. Parece que não vou poder deixá-la sozinha assim. Sei como Cassia se sentiu na enfermaria. Eu posso confiar no médico? Tenho certeza de que há mais alguém que ele curaria, se pudesse.

— Não vou tentar desviar isso para outra pessoa — explica ele. — Quero ver se funciona primeiro.

— Obrigado — digo.

— *Realmente* funciona?

— Funcionou em 100% do primeiro grupo de testes — respondo. Eu só omito o fato de que o primeiro grupo de testes só incluía uma pessoa.

— Eu tenho que perguntar — prossegue ele. —
Você é o Piloto?

— Não — respondo.

Paro na porta um segundo e olho de volta para Lei. Não se deve fazer o que fizemos com essa cura e Ky, e deixar só um paciente ter tanta significância. É só uma pessoa. Mas, é claro, uma pessoa pode ser o mundo.

Recebemos o primeiro conjunto de dados: *eles estão voltando. Eles parecem melhores.*

De acordo com os números, 57 dos 100 agora conseguem seguir movimentos com os olhos. Três falaram. O total de 83 pacientes apresenta algum tipo de melhoria: se não na fala e na visão, então na cor, ou ritmo cardíaco aumentado, ou na respiração, que chega perto dos níveis normais. Eles levam o dobro do tempo que Ky levou para exibir essas melhorias iniciais, mas pelo menos a cura está funcionando.

— Dezessete deles não estão respondendo de jeito nenhum — avisa o curador-chefe. — Achamos que eles podem estar imóveis há mais tempo do que pensávamos anteriormente. Deve ter havido um erro no registro de dados.

— Continue tentando trazê-los de volta — digo. — Dê a eles os dois dias inteiros de medicação.

O médico concorda. Eu pego o miniterminal e passo a informação para o Piloto.

— O que você acha? — pergunta ele.

— Acho que a gente não devia esperar mais — afirmo. — Eu treinei os outros aqui para fazer a cura. Eles podem supervisionar seus próprios laboratórios nas outras Cidades se os enviarmos para lá. Mas ainda não descobrimos como sintetizá-la. Você tem bulbos suficientes?

— Achamos o bastante para começar — responde ele. — Precisamos de mais.

— Você viu os dados que a gente recebeu — aponto. — Tempo conta.

— O que você acha que devemos fazer primeiro? — pergunta ele. — Enviar para as outras Cidades agora ou começar aqui e depois enviar para fora?

— Não sei — admito. — Pergunte a Cassia. Ela pode classificar melhor. Vou voltar ao centro médico para ver os pacientes eu mesmo.

— Bom — diz o Piloto.

Eu ando até o centro médico. Há outro paciente que preciso ver, cujos dados não estavam incluídos no relatório inicial. Os médicos não têm mantido seu registro, porque não sabem dela. Os outros médicos acenam para mim quando entro, mas me deixam sozinho, e eu fico satisfeito.

A pintura acima dela é aquela mesma; a pintura da menina pescando. Lei encara a água, e eu sorrio, por via das dúvidas.

— Lei — chamo. É tudo o que consigo dizer antes que seus olhos se movam ligeiramente e me enfoquem.

Ela está aqui.

Ela me vê.

Cassia

— Não pergunte logo para sua mãe sobre seu pai ou sobre as flores — avisa Xander. — Dê a ela um pouco de tempo. Sei que todos dizem que não *temos* tempo algum, mas ela esteve ausente muito mais tempo do que Ky. Temos que ser cuidadosos.

Então eu sigo seu conselho. Não faço perguntas a ela, só fico ali, com Bram, segurando suas mãos e dizendo a ela que a amo. E a cura funciona em minha mãe. Ela parece feliz que eu esteja aqui, e em ver Bram, mas fica consciente e inconsciente, um retorno diferente do de Ky. Ela ficou ausente muito tempo.

Mas Mamãe é forte. Após alguns dias ela fala,

sua voz um sussurro, uma sementinha.

— *Vocês dois estão bem* — constata, e Bram abaixa a cabeça perto dela, na cama, e fecha os olhos.

— Estamos — confirmo.

— Nós enviamos uma coisa para você — lembra ela. — Você recebeu? — Mamãe olha para o médico que vem trocar seu acesso venoso e percebo que ela não quer falar muito claramente na frente dele. E não menciona meu pai. Ela está com medo de perguntar porque não quer saber?

— Está tudo bem — tranquilizo-a. — Nós podemos falar aqui. E eu recebi. Obrigada por enviar o microcartão. E a flor... — paro por um momento, sem querer apressá-la, mas o momento parece certo. Ela puxou o assunto do presente. — É um Lírio de Sego, não é?

Mamãe sorri.

— É — concorda ela. — Você se lembrou.

— Eu os vi crescer na natureza — conto. —

São tão lindos quanto você disse que seriam.

Ela está se agarrando firme a essa conversa de flores, como eu fiz antes, quando estava com medo e sozinha. Se você canta e fala de florescimentos e pétalas que voltam depois de estarem um longo tempo hibernando, você não precisa pensar em coisas que não voltam.

— Você esteve em Sonoma? — pergunta ela.
— Onde?

— Eu não estive lá — respondo. — Eu as vi crescendo em outro lugar. Foi em Sonoma que você viu as flores?

— Foi — responde Mamãe, sem hesitação ou incerteza. — Nas Fazendas de Sonoma, do lado de fora de uma cidadezinha chamada Vale.

Eu olho na direção de um médico e ele me acena de volta antes de sair do quarto para relatar a informação. A plantação era em Sonoma. Minha mãe se lembrou.

Há tanta coisa que quero perguntar a ela, mas

isso é o suficiente por enquanto.

— Estou feliz que você voltou — digo. Coloco minha cabeça em seu ombro, e nós três estamos juntos, sem ele.

— Você ainda tem o microcartão? — pergunta minha mãe. — Eu posso vê-lo de novo?

— Pode — respondo. Aproximo minha cadeira da cama e seguro o leitor de dados de modo que ela possa ver a tela.

Ali estão as fotos outra vez: Vovô com seus pais, com minha avó, meu pai.

“Ao se despedir, como é de costume, Samuel Reys fez uma lista com sua memória favorita de cada um dos seus membros familiares sobreviventes”, diz a historiadora.

“Aquele que ele escolheu com sua nora, Molly, foi o dia em que eles se conheceram.” A voz da historiadora soa cheia e orgulhosa, como se isso fosse uma confirmação da validade dos Pares, o

que eu suponho que de certa forma seja. Mas é também uma confirmação do amor. Do meu avô deixando meu pai ir e permitindo-o escolher o que ele queria.

Lágrimas escorrem pelas bochechas da minha mãe. Todos eles se foram agora, os outros daquele encontro. Minha avó, que disse que minha mãe ainda tinha o sol em seu rosto. Meu avô. Meu pai.

— Sua memória favorita de seu filho, Abran, foi do dia em que eles tiveram sua primeira discussão de verdade.

Dessa vez, eu encontro o botão para pausar o microcartão. Por que o Vovô escolheria uma memória como essa? Eu tenho tantas memórias do meu pai — sua risada, seus olhos se iluminando quando ele falava sobre seu trabalho, o jeito como papai amava minha mãe, os jogos que nos ensinou. Meu pai foi, em primeiro lugar e acima de tudo, um homem gentil, e, a despeito do poema aconselhando de outra forma, espero que essa

tenha sido a forma como ele foi para a noite.

— *Por quê?* — pergunto suavemente. — Por que o Vovô diria aquilo sobre o Papai?

— Parece estranho, não parece? — diz minha mãe, e eu a olho me observando, com lágrimas descendo pelo rosto. Ela sabe que meu pai se foi, mesmo que não tenha perguntado e eu não tenha contado.

— Parece — respondo.

— Aquela memória aconteceu antes de eu conhecer seu pai — diz minha mãe. — Mas ele me contou. — Mamãe faz uma pausa e coloca a mão espalmada sobre o peito. Ela acha difícil respirar sem ele, eu acho; algo nela ainda está se afogando um pouco com a perda. — Seu pai me contou que seu avô te deu os poemas, Cassia — continua ela. — Ele tentou dá-los a seu pai também.

Agora *eu* não consigo respirar.

— *Ele deu?* — sussurro. — O Papai os leu?

— Só uma vez — conta minha mãe. — Então

ele os devolveu. Ele não os queria.

— *Por quê?*

Minha mãe balança a cabeça.

— Seu pai sempre me disse que era porque era feliz na Sociedade. Ele queria que tudo fosse seguro. Queria o que a Sociedade podia oferecer. Essa foi a escolha dele.

— O que o Vovô fez? — pergunto. Eu imagino dar a alguém tal presente e então receber de volta. Pais sempre dão coisas que não são solicitadas. Vovô tentou dar ao meu pai os poemas e contar a ele sobre a rebelião. Minha mãe e meu pai tentaram me dar segurança.

— Foi aí que eles discutiram — explica minha mãe. — Sua bisavó tinha guardado os poemas. E havia certo legado da rebelião associado a eles. Mas Abran achou que era muito perigoso, que seu avô corria muitos riscos. Com o tempo, Vovô aceitou a decisão do seu pai. — Ela desce a mão do peito e inspira ainda mais profundamente.

— Vocês sabiam que o Vovô daria os poemas para mim? — pergunto.

— Achamos que ele poderia dar — responde minha mãe.

— Por que vocês não o impediram?

— Não queríamos tirar suas escolhas — explica ela.

— Mas o Vovô nunca me falou da Insurreição — lembro.

— Acho que seu avô queria que você encontrasse seu próprio caminho — sugere minha mãe. Ela sorri. — De certa forma, ele foi um verdadeiro rebelde. Acho que foi por isso que escolheu aquela discussão com seu pai como sua memória favorita. Embora tenha ficado chateado quando a briga aconteceu, mais tarde ele viu que seu pai era forte ao escolher sua própria trajetória, e o admirou por isso.

Entendo por que meu pai tinha que honrar o último pedido do Vovô — destruir sua amostra —,

mesmo que não concordasse com a escolha. Foi sua vez de retribuir; ser aquele que respeita e honra uma decisão tomada. E meu pai também estendeu aquele presente a mim. Eu me lembro do que disse em seu bilhete: *Cassia, quero que você saiba que estou orgulhoso de você por ver através das coisas e por ser mais corajosa do que eu fui.*

— Foi por isso que a Insurreição não nos tornou imunes ao comprimido vermelho — diz Bram para mim. — Porque eles pensavam que nosso pai era fraco. Eles achavam que Papai era um traidor.

— *Bram* — repreendo.

— Eu não disse que acreditava neles — explica Bram. — A Insurreição estava errada.

Eu olho para minha mãe. Seus olhos estão fechados.

— Por favor — pede ela. — Coloque o resto.

Eu aperto o botão do leitor de dados e a

historiadora fala de novo.

“Sua memória favorita de seu neto, Bram, foi sua primeira palavra”, diz a historiadora. “A palavra foi ‘mais’.”

Bram sorri um pouco.

“Sua memória favorita de sua neta, Cassia”, prossegue a historiadora, e eu me inclino para ouvir, “foi o dia no jardim vermelho.”

Isso é tudo. O leitor de dados se apaga.

Minha mãe abre os olhos.

— Seu pai se foi — diz ela, os lábios tremendo.

— Sim — confirmo.

— Ele morreu enquanto vocês estavam imóveis — conta Bram à minha mãe. Seu sorriso se foi, e sua voz soa pesada e triste, exausta por ter que contar essas notícias terríveis.

— Eu sei — diz minha mãe, sorrindo por entre as lágrimas. — Ele veio se despedir.

— Como? — pergunta Bram.

— Não sei — diz ela. — Mas ele veio. Quando eu estava imóvel, eu o vi. Ele estava lá, e então ele foi embora.

— Eu o vi morto, mas não do jeito que você viu — explica Bram. — Eu vi seu corpo.

— Ah, Bram, *não* — exclama minha mãe, sua voz um sussurro de agonia. — Não, não — repete, e puxa meu irmão para mais perto. — Eu sinto muito — ela diz a ele. — Eu sinto muito.

Minha mãe segura meu irmão apertado. Eu respiro de modo irregular, do jeito que você respira quando a dor é muito forte para chorar, quando você não consegue chorar porque tudo que você é é dor, e se você deixar algo sair pode deixar de existir. Quero fazer alguma coisa para melhorar isso, muito embora eu saiba que nada pode mudar o fato do meu pai estar morto e enterrado.

Minha mãe me olha e seu olhar é suplicante.

— Você pode me trazer uma coisa — pede ela

—, *qualquer* coisa, que esteja crescendo?

— Claro — concordo.

Eu não conheço plantas como minha mãe conhece, então eu nem tenho certeza do que é isso que eu desenterro no pequeno pátio do centro médico. Poderia ser uma erva-daninha, poderia ser uma flor. Mas acho que ela ficaria feliz com ambas — ela só quer e *precisa* de algo para combater a esterilidade de seu quarto e o vazio de um mundo sem meu pai.

Dobro a embalagem de alumínio que trouxe comigo em um tipo de xícara, coloco um bocado do solo dentro e retiro a planta.

As raízes ficam penduradas; algumas grossas, outras tão finas que a brisa passa por elas com tanta facilidade quanto passa pelas folhas.

Quando me levanto, meus joelhos estão empoeirados, minhas mãos estão escuras de terra. Estou levando uma planta para minha mãe porque

não há jeito de trazer meu pai de volta para ela. Eu entendo porque as pessoas queriam os tubos; também estou desesperada por algo em que possa me segurar.

E então, parada ali com raízes pingando terra em meus pés, o meio da memória do dia no jardim vermelho me vem à cabeça. Meu pai, minha mãe, Vovô, sua amostra de tecido, sementes de choupó, flores crescendo selvagens e feitas de papel, bulbos vermelhos amarrados firmes, o comprimido verde, os olhos azuis de Ky, e subitamente consigo seguir a pista do dia no jardim vermelho do Vovô, eu consigo pegá-la e segui-la até as folhas e galhos e todo o caminho até as raízes.

E eu prendo a respiração ao me lembrar...
De tudo.

*As mãos da Mamãe estão encardidas de terra,
mas posso ver as linhas brancas atravessando*

suas palmas quando ela levanta as mudas. Estamos paradas no viveiro do Arboreto; o teto de vidro acima de nós e a bruma úmida aqui dentro enganam o frio da manhã de primavera lá fora.

— Bram chegou na escola a tempo — digo.

— Obrigada por me avisar — retruca ela, sorrindo para mim.

Nos raros dias em que tanto ela quanto meu pai têm que ir trabalhar cedo, é minha responsabilidade levar Bram para pegar seu trem cedo, para a Primeira Escola.

— Aonde você vai agora? Você tem alguns minutos antes do trabalho.

— Talvez eu passe para ver o Vovô — respondo. Está tudo bem desviar da rotina habitual desse jeito, porque o Banquete do Vovô está chegando. Assim como o meu. Temos tantas coisas para conversar...

— Claro — concorda ela. Mamãe está

transferindo as mudas dos tubos onde elas começaram, enfileiradas em uma bandeja, para suas novas casas, vasilhos cheios de solo. Ela levanta uma das mudinhas.

— Não tem muitas raízes — percebo.

— Ainda não — explica minha mãe. — Elas virão.

Dou-lhe um beijo rápido e parto de novo. Não posso demorar muito em seu local de trabalho e tenho um trem aéreo para pegar. Acordar cedo com Bram me deu um pouco de tempo extra, mas não muito.

O vento da primavera está forte, me empurrando para um lado, me puxando para outro. Ele faz girar no ar algumas das últimas folhas de outono, e imagino se eu subisse na plataforma do trem aéreo e pulasse, se a espiral de vento me pegaria e me levaria para cima rodopiando.

Não consigo pensar em cair sem pensar em

voar.

Eu poderia fazer isso, acho, se encontrasse um jeito de criar asas.

Alguém se aproxima de mim enquanto passo pelo complicado mundo da Colina, a caminho da parada do trem aéreo.

— Cassia Reyes? — pergunta a trabalhadora. Os joelhos de suas roupas de trabalho estão escurecidos de sujeira, como os da minha mãe quando está trabalhando. A mulher é jovem, alguns anos mais velha do que eu, e ela tem algo na mão, mais raízes pendendo para baixo. Arrancando ou plantando?, eu me pergunto.

— Sim? — digo.

— Preciso falar com você — avisa a mulher. Um homem emerge da Colina, atrás dela. Ele tem a mesma idade da trabalhadora, e algo a respeito deles me faz pensar, Eles dariam um bom Par. Nunca tive permissão para ir à Colina, e olho de volta para o tumulto de plantas e floresta atrás

dos trabalhadores. Como é estar em um lugar tão selvagem?

— Precisamos de você para classificar uma coisa para a gente — pede o homem.

— Sinto muito — digo, movendo-me novamente. — Eu só classifico no trabalho. — Eles não são Oficiais, nem meus superiores ou supervisores. Esse não é o protocolo, e eu não burlo as regras por estranhos.

— É para ajudar seu avô — explica a mulher. Eu paro.

— Houve um problema — diz ela. — Talvez ele não seja um candidato à preservação de tecido, no final das contas.

— Isso não pode ser verdade — retruco.

— Infelizmente, é — insiste o homem. — Há provas de que ele roubou da Sociedade.

Eu rio.

— Roubou o quê? — pergunto. Vovô não tem quase nada em seu apartamento.

— Os roubos aconteceram há muito tempo — explica a mulher —, quando ele trabalhou nos locais de Restauração.

O homem segura um leitor de dados. Ele é antigo, mas as imagens na tela são claras. Vovô, mais jovem, segurando artefatos. Vovô enterrando os artefatos em uma área florestal.

— Onde é isso? — indago.

— Aqui — ambos dizem. — Na Colina.

As imagens cobrem um espaço de muitos anos. Vovô envelhece enquanto passo por elas. Ele fez isso durante muito, muito tempo.

— E a Sociedade só encontrou essas imagens agora? — pergunto.

— A Sociedade não sabe — explica a mulher. — Gostaríamos de manter desse jeito, para que ele ainda possa ter seu Banquete e ter sua amostra recolhida. Nós precisamos que você nos ajude, em troca disso. Se você não ajudar, nós vamos entregá-lo.

Eu balanço a cabeça.

— Não acredito em vocês — digo. — Essas imagens... Elas poderiam ter sido alteradas. Vocês podem ter inventado isso tudo. — Mas meu coração se acelera mais. Não quero que o Vovô se meta em problemas. E o pensamento de sua amostra é a única coisa que torna a dor do Banquete, que está chegando, suportável.

— Pergunte ao seu Avô — sugere o homem. — Ele vai te contar a verdade. Mas você não tem muito tempo. A classificação para a qual precisamos de ajuda acontece hoje.

— Vocês pegaram a pessoa errada — falo. — Eu só estou em treinamento. Nem tenho minha designação final de trabalho ainda.

Eu deveria ignorá-los completamente, ou denunciá-los à Sociedade. Mas eles me deixaram inquieta. E se eles levaram essa história — seja ela verdadeira ou não — até a Sociedade? Então uma esperança desvairada me vem à mente: se

eles levarem, será que a Sociedade atrasaria o Banquete do Vovô enquanto investigasse? Poderíamos ter um pouco mais de tempo? Mas então percebo que isso não vai acontecer. A Sociedade vai dar o Banquete final e recolher a amostra conforme o planejado, e então, se houver provas suficientes, eles podem decidir destruí-la.

— Nós precisamos que você adicione dados à classificação — informa o homem.

— Isso é impossível de fazer — aviso. — Quando eu trabalho, só classifico dados já existentes. Não insiro nada novo.

— Você não precisa inserir nada — diz a mulher. — Tudo o que você precisa fazer é acessar um conjunto de dados adicionais e transferir alguns desses dados.

— Isso também é impossível — afirmo. — Eu não tenho as senhas de acesso. A única informação que eu vejo é a que eles me dão.

— Nós temos um código que vai te permitir puxar mais dados — fala o homem. — Vai te ajudar a acessar o mainframe da Sociedade simultaneamente, enquanto você está classificando a informação.

Eu fico ali, ouvindo, enquanto me dizem o que querem que eu faça. Quando eles terminam, eu me sinto estranha e tonta, como se o vento afinal tivesse me pegado e levado embora. Isso está mesmo acontecendo? Eu vou fazer o que estão me pedindo?

— Por que vocês me escolheram? — quero saber.

— Você se encaixa em todos os critérios — declara o homem. — Você foi designada para a classificação hoje.

— Além disso, você é uma das mais rápidas — acrescenta a mulher. — E das melhores. — E então ela diz mais alguma coisa, algo que soa como “E você vai esquecer”.

Depois que eles terminam de me explicar o que querem que eu faça, me sobra muito pouco tempo. Mas eu ainda assim desço na estação próxima ao apartamento do Vovô. Eu tenho que falar com ele antes de decidir o que fazer. E as pessoas no Arboreto estão certas. O Vovô vai me dizer a verdade.

Vovô está do lado de fora, na área verde, e, quando me vê, surpresa e felicidade cruzam seu rosto. Eu sorrio de volta, mas não tenho tempo a perder.

— Tenho que ir trabalhar — aviso. — Mas tem uma coisa que preciso saber.

— Claro — concorda ele. — O que é? — Seus olhos estão penetrantes e aguçados.

— Alguma vez — começo — você pegou alguma coisa que não pertencia a você?

Meu avô não me responde. Vejo um pestanejar de surpresa em seus olhos. Não sei dizer se ele está surpreso com a pergunta ou com o fato de eu

saber e perguntar isso. Então concorda.

— Da Sociedade? — sussurro tão baixo que mal posso me ouvir.

Mas ele entende. Ele lê as palavras em meus lábios.

— Sim — responde.

E olhando para meu avô, percebo que ele tem mais a me dizer. Mas eu não quero ouvir. Já ouvi o bastante. Se ele admite isso, então o que o casal disse poderia ser verdade. Sua amostra pode estar em risco.

— Eu volto mais tarde — prometo, me viro e desço correndo o caminho sob as árvores de brotos vermelhos.

O trabalho está diferente hoje. Norah, minha supervisora de sempre, não pode ser encontrada em lugar nenhum, e eu não reconheço muitas das pessoas no centro de classificação.

Um Oficial assume a sala tão logo todos nós

estamos em nossos lugares.

— A classificação de hoje será um pouco diferente — avisa ele. — Vai ser uma classificação de pares exponencial, usando dados pessoais de um elemento da Sociedade.

As pessoas no Arboreto estavam certas. Elas falaram que esse seria o tipo de classificação que eu faria hoje. E me disseram mais do que a Sociedade diz agora. A mulher no Arboreto afirmou que os dados eram do próximo Banquete do Par. Meu Banquete. A Sociedade não deveria estar classificando tão perto do Banquete. E as pessoas do Arboreto disseram que alguns daqueles que deveriam ser incluídos na seleção do Banquete tinham sido deixados de fora de propósito pela Sociedade. Os dados dessas pessoas existem no banco de dados, mas não estariam na seleção. Se eu fizer o que o homem e a mulher do Arboreto me pedem, vou mudar isso.

O homem e a mulher dizem que essas outras

peessoas pertencem à seleção, que é injusto deixá-las de fora. Do mesmo jeito que é injusto impedir o Vovô de ter sua amostra preservada.

Estou fazendo isso pelo Vovô, mas também estou fazendo por mim. Eu quero ter meu Par de verdade, com todas as possibilidades incluídas.

Quando eu acesso os dados adicionais e nada acontece, nenhum alarme soa, dou um pequeno suspiro de alívio. Por mim, que ainda não fui pega, e por quem quer que eu tenha que colocar de volta na seleção.

Os dados estão em números, então eu não sei seus nomes ou mesmo a que os dados correspondem; só sei o que é ideal, quais deveriam combinar com quais, porque o Oficial nos disse pelo que procurar. Não estou mudando o procedimento da classificação em si, só adicionando dados à seleção.

A Sociedade deveria ter classificadores especiais para fazer isso, na Central. Mas eles

não estão usando-os, estão nos usando. Eu me pergunto por quê. Acho que os critérios que os trabalhadores do Arboreto disseram me fazem perfeita para o que eles queriam que eu fizesse. Será que a Sociedade usou os mesmos critérios? Eu sou rápida, eu sou boa e... eu vou esquecer? O que significa isso?

— Eles não vão rastrear a classificação de volta até mim? — pergunto às pessoas no Arboreto.

— Não — tranquiliza-me a mulher. — Nós nos infiltramos nos acessos dos Pares e podemos redirecionar suas seleções, de modo a substituir um falso número de identificação pelo seu. Se alguém decidir investigar mais tarde, vai ser como se você nunca tivesse estado lá, de jeito nenhum.

— Mas meu supervisor vai saber que sou eu — protesto.

— Seu supervisor não vai se apresentar para

essa classificação — explica o homem.

— E os Oficiais...

A mulher me interrompe.

— Os Oficiais não vão se lembrar de nomes nem de rostos — alega ela. — Vocês são máquinas para eles. Se nós substituirmos um código de identificação falso e uma foto falsa, eles não vão se lembrar de quem realmente estava lá.

E percebo que esse é o motivo pelo qual a Sociedade não confia em tecnologia. Ela pode ser sobescrita e manipulada. Como as pessoas, em quem a Sociedade também não confia.

— Mas os outros classificadores... — começo.

— Confie em nós — insiste o homem. — Eles não vão se lembrar.

Nós terminamos, por fim.

Finalmente eu levanto o rosto da tela. Pela primeira vez, meus olhos se encontram com os das outras pessoas que trabalharam nessa

classificação. E eu fico nervosa. O homem e a mulher do Arboreto estavam errados. Hoje foi diferente, fora do normal para todos os classificadores nessa sala. Não importa o que aconteça, eu vou me lembrar dos outros trabalhadores aqui — as sardas daquela garota, os olhos cansados daquele homem. E eles vão se lembrar de mim.

Eu vou ser pega.

— Por favor — diz um dos Oficiais na frente da sala —, removam seus comprimidos vermelhos de dentro do recipiente. Não tomem o comprimido até que cheguemos perto para observar vocês.

A sala toda prende a respiração. Mas todos nós fazemos como ele manda. Eu toco o comprimido na palma da minha mão. Há anos ouço rumores sobre o comprimido vermelho. Mas eu nunca achei realmente que iria tomá-lo. O que vai acontecer quando eu tomar?

O Oficial para na minha frente. Eu hesito, à beira do pânico.

— Agora — ordena ele. Eu jogo o comprimido dentro da boca e ele me observa engolir.

Há um fraco gosto de lágrimas na minha boca, e estou sentada no trem aéreo a caminho de casa sem me lembrar direito de como eu cheguei aqui, e o que aconteceu no dia de hoje.

Alguma coisa não parece certa. Mas eu sei que tenho que ir até o Vovô. Tenho que encontrá-lo. É tudo no que consigo pensar. No Vovô. Ele está bem?

— Onde você esteve? — pergunta Vovô quando eu chego.

— No trabalho — respondo, porque sei que vim de lá. Mas me sinto fora de foco; não tenho plena certeza do que aconteceu. No entanto, estar aqui é bom. É bonito lá fora.

É um raro momento na primavera quando

tanto os brotos nas árvores quanto as flores no chão estão vermelhos. O ar está fresco e ao mesmo tempo morno. O Vovô me observa, seus olhos luminosos e determinados.

— Você se lembra do que eu te disse uma vez sobre o comprimido verde? — pergunta ele.

— Lembro — respondo. — Você disse que eu era forte o suficiente para passar sem ele.

— Área verde, comprimido verde — fala meu avô, citando a si mesmo naquele dia distante. — Olhos verdes em uma menina verde.

— Sempre vou me lembrar daquele dia — conto a ele.

— Mas você está tendo dificuldade em se lembrar desse aqui — observa Vovô. Seus olhos são sábios, solidários.

— Estou — admito. — Por quê?

O Vovô não me responde, pelo menos não diretamente.

— Eles costumavam ter uma frase para um dia

realmente memorável — diz, ao invés disso. — Um dia de letra vermelha. Você consegue se lembrar disso?

— Não tenho certeza — falo. Pressiono as mãos na cabeça. Eu me sinto confusa, não muito certa. O rosto do Vovô está triste, porém determinado. Isso me faz ficar determinada também.

Olho em volta de novo, para os brotos vermelhos, as flores.

— Ou — percebo, alguma coisa me perfurando — você poderia chamar de dia no jardim vermelho.

— Sim — confirma o Vovô. — Um dia no jardim vermelho. Um dia para se lembrar.

Ele se aproxima.

— Vai ser difícil de lembrar — avisa ele. — Mesmo isso, agora, não vai ser claro depois. Mas você é forte. Sei que você pode recuperar tudo.

E eu recuperei. Por causa do Vovô. Ele fincou o dia no jardim vermelho como uma bandeira em minha memória, do jeito que Ky e eu costumávamos prender tiras de tecido vermelho para marcar os obstáculos na Colina.

O Vovô não poderia me devolver toda a minha memória, porque eu nunca lhe disse o que tinha feito, mas ele podia me dar uma parte dela, podia me ajudar a saber o que eu tinha perdido. Uma pista. *O dia no jardim vermelho*. Eu consigo reconstruir o resto como um caminho de pedras para me levar ao outro lado do esquecimento, para encontrar a memória na outra margem.

O Vovô acreditava em mim e achava que eu podia ser uma rebelde. E eu era, sempre fazendo pequenas coisas, embora acreditasse na Sociedade também. Penso em como criei um jogo para Bram em seu escrevinhador, quando ele era pequeno. Quanta raiva senti quando engoli aquele pedaço de bolo no Banquete... Como eu e Xander não

contamos aos Oficiais sobre seu recipiente de comprimidos naquele dia em que ele o perdeu na piscina. Como nós quebramos as regras por Em, quando demos a ela o comprimido verde.

Pelo que eu sei agora, acho que deve ter sido a Insurreição que me abordou. Eu fiz o que eles pediram porque eles ameaçaram o Vovô. Eu adicionei pessoas à seleção de Pares. Naquela época eu não sabia quem eram aquelas pessoas. Não sabia que elas eram Aberrações.

Tanto a Sociedade quanto a Insurreição me usaram, porque sabiam que eu iria esquecer. A Sociedade sabia que eu esqueceria a classificação e sua proximidade com o Banquete do Par, e a Insurreição sabia que eu não podia traí-los se eu não lembrasse o que tinha feito. O Piloto até mencionou isso quando estava nos levando para a Última Pedra.

— Você já nos ajudou antes — disse ele —, embora você não se lembre.

Mas eu me lembro *agora*.

Por que a Insurreição me fez adicionar Aberrações à seleção? A Insurreição tinha esperanças de que isso funcionasse como um tipo de Reclassificação para aqueles que conseguissem? Ou eles simplesmente estavam tentando abalar a Sociedade?

E por que a Sociedade me usou e aos outros classificadores, naquele dia? Os classificadores na Central já tinham começado a ficar doentes com a Praga?

Outra memória vem à mente, puxada por essa.

Eu já classifiquei Pares na Central outra vez.

Foi isso que aconteceu naquele dia, quando encontrei na minha manga o papel onde eu tinha escrito uma única palavra — *lembre-se*. A Sociedade estava tendo problemas por causa da Praga; eles não podiam continuar, com as pessoas ficando imóveis. Por quanto tempo a Sociedade

usou pessoas como eu para classificar para os Banquetes e então nos deu o comprimido vermelho, de modo a esquecermos da pressa, do aspecto em cima da hora de tudo?

Minha Oficial não sabia quem tinha colocado Ky na seleção do Par.

Mas eu sei essa parte. Pelo menos posso classificar através dos dados e adivinhar.

Fui eu.

Eu o coloquei sem saber o que estava fazendo. E então alguém — eu mesma, ou um dos outros na sala — me colocou como Par dele, e Xander comigo.

Será que minha Oficial chegou a descobrir? Ela poderia ter previsto isso como o resultado final? A Oficial chegou a sobreviver à Praga e à mutação?

De todas as pessoas na Sociedade, será que Xander e Ky eram mesmo os que mais combinavam comigo? A Sociedade não teria percebido que eu tinha dois Pares, ou teria havido

uma falha na segurança em registrar tal ocorrência? Ou a Sociedade nem tinha um procedimento pronto para algo assim, acreditando que nunca aconteceria, confiando em seus próprios dados e em sua crença de que só poderia haver *um* Par perfeito para cada pessoa?

Tantas questões, e eu posso nunca ter as respostas.

Eu não quero perguntar muito à minha mãe agora que ela acabou de voltar, mas ela é forte. Assim como meu pai era. Eu percebo agora quanta coragem é necessária para escolher a vida que você quer, qualquer que seja ela.

— O Vovô — começo. — Ele era um membro da Insurreição. Roubou da Sociedade.

Minha mãe pega a planta da minha mão e concorda.

— Sim. Ele pegou os artefatos dos locais de Restauração da Sociedade onde ele trabalhava.

Mas ele não roubou da Sociedade em nome da Insurreição. Essa era sua missão pessoal.

— Ele era um Arquivista? — pergunto com o coração apertado.

— Não — responde minha mãe —, mas ele negociava com eles.

— Por quê? — pergunto. — O que ele queria?

— Nada para si mesmo — explica minha mãe.

— Ele trocava para arranjar passagem para Anomalias e Aberrações para fora das Províncias.

Não me admira que o Vovô tenha parecido tão surpreso quando contei a ele sobre o microcartão e como eu tinha formado Par com uma Aberração. Ele esperava que tivessem todos sido salvos.

A ironia é impossível de ignorar. O Vovô estava tentando ajudar aquelas pessoas *tirando-as* da Sociedade; eu as classifiquei *dentro* da seleção do Par. Ambos pensávamos que estávamos fazendo a coisa certa.

A Sociedade e a Insurreição me usaram quando

precisaram de mim, e se livraram de mim quando não precisaram. Mas o Vovô *sempre* soube que eu era forte, sempre acreditou em mim. Ele acreditava que eu poderia passar sem o comprimido verde, que eu poderia recuperar minhas memórias do comprimido vermelho. Eu me pergunto o que ele acharia se soubesse que sobrevivi ao azul.

Ky

— Nós temos uma pista — afirma o Piloto.

Não preciso perguntar *do quê*. A pista é sempre para a mesma coisa — uma localização potencial para a flor que fornece a cura.

— Onde? — pergunto.

— Estou te enviando as coordenadas agora — informa o Piloto. A impressora do meu painel de controle começa a imprimir a informação. — É uma cidadezinha em Sonoma.

Essa é a Província de onde era Indie.

— É próxima ao mar? — indago.

— Não — responde o Piloto —, do deserto. Mas nossa fonte estava certa a respeito da localização. Ela se lembrava do nome da cidade.

— E a fonte da informação... — começo, embora ache que já saiba.

— É a mãe de Cassia — confirma o Piloto. — Ela voltou.

Enquanto eu voo em direção ao leste, vejo uma grande extensão de campos fora da cidade, onde a terra está toda revirada. É de manhã. Há sereno na terra dos campos, então eles brilham um pouco como o mar quando o sol bate nele na posição certa.

Não tenha muitas esperanças, digo a mim mesmo. Nós pensamos que tínhamos campos de cura antes, e então eram só algumas flores.

Os versos do poema de Thomas me vêm à mente:

*Os homens bons que, ao dar o último adeus,
bradando*

Que seus frágeis feitos teriam bailado numa

verde baía

Revoltam-se, revoltam-se contra o apagar da luz.

Essa pode ser nossa última cartada, a última chance que temos de curar uma quantidade significativa de gente antes de eles se perderem de vez. Essas ações — nosso voo, a classificação de Cassia, a cura de Xander — ou vão ser frágeis ou brilhantes.

Duas naves estão paradas junto ao campo.

Por fora, não hesito — começo a descer a nave. Mas, por dentro, sempre tenho um sobressalto ao ver outras naves esperando. Quem as está pilotando? No momento, a Insurreição parece inativa, e o Piloto e *sua* rebelião, seguros no comando, graças à cura que ele trouxe das montanhas. Seus seguidores mantêm a ordem; sob sua supervisão, os trabalhadores distribuem as últimas pilhas de comida. As pessoas que não estão doentes permanecem em suas casas, os

imunes ajudam a cuidar dos imóveis, e existe uma tênue e inconstante ordem. Por enquanto, o Piloto tem respeito suficiente de todos os pilotos e dos agentes para manter o controle, e a Sociedade recuou da Insurreição, permitindo-os continuar a procurar mais flores para a cura. Mas algum dia eles vão voltar. E algum dia as pessoas vão ter que decidir o que é que elas querem.

Nós só temos que curar o suficiente delas antes.

Eu desço minha nave na longa estrada deserta onde os outros pousaram.

O Piloto vem me encontrar, e ao longe eu vejo um carro aéreo sobrevoando na direção da cidade.

— Os agentes acham que descobriram alguém para nos ajudar — informa o Piloto. — Um homem que conhecia a pessoa que plantou esses campos e está disposto a falar sobre isso.

Nós dois atravessamos a vala gramada entre o campo e a estrada poeirenta. Espirais de arame farpado cercam a área. Mas eu já posso ver os

lírios.

Eles pendem em ângulos estranhos dos montinhos e vales de terra revirada, mas ali estão elas — flores brancas acenando a bandeira da cura. Eu enfio a mão pelo arame e viro uma em nossa direção; seu formato é perfeito. Três pétalas curvadas formam a floração, com um traço de vermelho dentro.

— A Sociedade as arou durante o último ano — diz o homem da cidade, vindo por trás de nós. — Mas nessa primavera todas elas voltaram. — Ele balança a cabeça. — Mas eu não sei quantos de nós sequer percebemos ou pensamos em vir aqui, com a Praga.

— Vocês podem usar o bulbo para comer — conta o Piloto. — Vocês sabiam disso?

— Não — admite o homem.

— Quem plantou os campos, antes de a Sociedade passar o trator neles? — pergunta o Piloto.

— Um homem chamado Jacob Childs — diz. — Eu não deveria me lembrar de que esses campos foram arados escondidos, mas eu me lembro. Eu não deveria me lembrar de que eles levaram Jacob embora. Mas eles levaram.

— Nós precisamos providenciar uma cuidadosa colheita desses bulbos — diz o Piloto. — Você pode nos ajudar com isso? Você conhece pessoas que estariam dispostas a trabalhar?

— Conheço — confirma o homem. — Não muitas. A maioria está doente ou se escondendo.

— Nós vamos trazer nossa própria gente também — acrescenta o Piloto. — Mas precisamos começar imediatamente.

Um vento passageiro farfalha as flores. Elas são pequenas ondas dançando em sua verde baía de grama.

Dias mais tarde, estou no caminho de volta, após levar outra rodada de curas até a Central, quando a

voz do Piloto enche o alto-falante de novo. Sua voz me surpreende, assim como o momento de sua comunicação — ele sabe o que eu planejei? Meu voo não deveria ter dado a ele nenhuma indicação disso. O trajeto para o qual ele me designou era perfeito, perto o suficiente de onde preciso estar, para que eu possa fazer o que preciso fazer.

— Não há registro de ninguém chamado Jacob Childs — fala o Piloto. — Ele sumiu.

— Isso não é surpresa — retruco. — Tenho certeza de que a Sociedade não desperdiçou tempo em Reclassificá-lo e enviá-lo para a morte.

— Também tenho gente procurando por Patrick e Aida Markham — conta o Piloto. — Eles não estão em lugar nenhum dos bancos de dados, nem da Sociedade, nem da Insurreição.

— Obrigado por isso — agradeço. Há muitos de nós que queriam saber da família, mas temos recursos de busca limitados, mesmo através dos dados.

— Não posso ter você procurando por eles agora — explica o Piloto. — Ainda precisamos de você e da sua nave para a cura.

— Eu entendo — concordo. — Vou procurar por eles no meu tempo livre.

— Você não tem nenhum tempo livre nesse momento — lembra o Piloto. — Suas horas de descanso destinam-se exatamente a isso. Não podemos deixar você voar exausto.

— Eu tenho que encontrá-los — insisto. Eu devo tudo a eles. Através de Anna, eu soube o que Patrick e Aida negociaram e sacrificaram — ainda mais do que eu originalmente pensei. Pergunto ao Piloto algo que eu nunca poderia ter perguntado antes:

— Não há alguém que *você* ainda tenha que achar?

Fui longe demais. O Piloto não responde.

Eu olho para baixo, para a terra escura e para as luzes brilhantes aparecendo, bem onde elas

deveriam estar.

Nas semanas em que estive voando, levando a cura, eu parei em cada Província da Sociedade diversas vezes.

Exceto em Oria.

O Piloto não deixaria que nenhum de nós pousasse nas Províncias de onde viemos, porque todos nós conhecemos muitas pessoas lá e ficaríamos tentados a alterar o padrão da cura.

— Havia pessoas que eu tinha que encontrar — finalmente diz o Piloto —, mas eu sabia onde tinha que procurar. Isso é como tentar encontrar uma pedra no rio Sísifo. Você nem sabe por onde começar. Levaria muito tempo. Agora. Mas depois você pode.

Eu não respondo. Ambos sabemos que *mais tarde* significa *tarde demais*.

A cura funciona, assim como a classificação de Cassia, nos dizendo aonde ir em seguida. Nós estamos salvando a quantidade ideal de pessoas.

Ela nos diz o que acha que devemos fazer, e os computadores e os outros classificadores corroboram — sua mente é tão boa e clara quanto tudo nesse mundo.

Mas não estamos salvando todo mundo. Dos imóveis que sucumbem, cerca de 11% não voltam. E outros pacientes sucumbem a infecções.

Eu desço mais a nave.

— Pensei que tinha deixado claro que você não podia procurar por eles agora — alerta o Piloto.

— Você deixou claro — digo. — Não vou fazer as pessoas morrerem enquanto eu procuro uma coisa que posso não encontrar.

— Então o que você está fazendo? — indaga o Piloto.

— Eu preciso pousar aqui — explico.

— Eles não estão em Oria — avisa ele. — Cassia achou extremamente improvável que eles ficassem em qualquer lugar naquela Província.

— Ela colocou a maior probabilidade no fato

de que eles tenham morrido nas Províncias Exteriores — afirmo. — Não colocou?

O Piloto faz uma pausa por um momento.

— Colocou — confirma.

Circulo até ver um bom lugar para a aterrissagem. Vou sobre a colina e me pergunto onde está a seda verde do vestido de Cassia agora — uma pequena bandeira esfarrapada sob o céu, enterrada no solo. Ou desbotando ao sol. Desvanecendo na chuva. Sacudindo ao vento.

— Oria ainda é volátil e você é um recurso — avisa o Piloto. — Você precisa voltar.

— Não vai demorar muito — repito, e então eu dou a volta na nave e desço. Essa nave não é como a que o Piloto voa. A minha não pode comutar os propulsores e não consegue um pouso tão preciso como a dele.

A rua não é grande o suficiente, mas eu conheço cada pedacinho dela. Eu andei nela por todos esses anos. Com Patrick e Aida, e normalmente

eles davam as mãos.

As rodas batem no chão e o metal trava o deslocamento da nave, criando resistência e me desacelerando. Casas passam rápido por mim, e no final da rua eu paro a nave bem a tempo. Pela janela, eu poderia ver aqueles da casa à minha frente, se as pessoas lá dentro não tivessem fechado as persianas completamente.

Eu desço da nave e me movo o mais rápido que posso. Só tenho que ir a algumas casas. As flores nos jardins ainda não estão com ervas-daninhas. Elas crescem fortes e descuidadamente. Eu paro na porta da casa onde Em costumava viver. As janelas estão quebradas. Olho para dentro, e faz tanto tempo que é o suficiente para ter folhas no chão. Elas devem ter vindo de outro Bairro, já que o nosso não tem mais árvores.

Eu continuo.

Quando eu estava imóvel, ouvi Anna contar sobre meus pais e sobre Patrick e Aida e Matthew.

Minha mãe e meu pai não poderiam me enviar para fora. Então, quando eles morreram, me enviaram para dentro o mais perto que podiam, e esperaram que funcionasse. Patrick e Aida me deram as boas-vindas e me amaram como se eu fosse seu filho.

Nunca vou esquecer os gritos de Aida e o rosto de Patrick quando os Oficiais me levaram embora, ou como eles ficaram tentando me alcançar e um ao outro.

A Sociedade sabia o que estava fazendo quando tornaram Patrick e Aida um Par.

Se eu fosse o Par de Cassia, se eu soubesse que poderia ter 80 anos de boa vida e passar a maior parte com ela, imagino se teria força para tentar derrubar a Sociedade.

Xander teve.

Eu ando pelo caminho e bato na porta da casa onde ele costumava viver.

Xander

Nas últimas semanas nós tivemos vários avanços na administração da cura. Primeiro foram os campos que a mãe de Cassia nos indicou, que nos permitiram fazer mais curas e dar às pessoas rapidamente. Depois nós descobrimos como sintetizar as proteínas do Lírio de Sego no laboratório. As melhores mentes restantes na Sociedade e na Insurreição se juntaram para tentar fazer isso funcionar.

Até agora, tem funcionado. As pessoas estão melhorando. E, se a mutação voltar, nós temos uma cura. A não ser, claro, que o vírus mude de novo. Mas, por enquanto, os dados indicam que o pior passou. Eu só confio nos dados porque foi Cassia

quem os classificou.

Agora estamos indo em direção a um tempo diferente: uma vez que as pessoas estejam bem, elas vão precisar escolher em que tipo de mundo querem viver. Eu não sei se vamos atravessar isso tão bem quanto atravessamos a Praga.

— Você salvou o mundo — meu pai gosta de dizer.

— Foi sorte — rebato. — Nós sempre tivemos sorte.

E tivemos mesmo. Dê uma olhada na minha família. Meu irmão voltou ao Bairro, vindo da Cidade de Oria quando a Praga surgiu, e todos eles deram um jeito de não ficarem doentes até próximo ao fim. E, mesmo quando ficaram doentes, Ky chegou bem na hora de trazê-los para cá, para que pudéssemos curá-los.

— Nós tentamos manter o Bairro unido — diz meu pai.

Para dar crédito a Papai, eles realmente

mantiveram. Racionaram e partilharam a comida, e cuidaram uns dos outros o máximo que conseguiram.

Não é como se tivessem feito tudo errado. Minha família sempre achou que se você trabalhou duro e fez a coisa certa, provavelmente teria tudo dando certo. E eles não são estúpidos. Sabem que não acontece *sempre* desse jeito. Viram coisas terríveis acontecerem e isso os dilacerou. Mas isso é o mais perto que chegaram do verdadeiro sofrimento.

Além disso, eu sou um hipócrita, porque nada de ruim realmente aconteceu comigo também. A família do Ky desapareceu por completo. A família da Cassia perdeu seu pai. Mas não nós, não os Carrow. Nós estamos todos bem. Até meu irmão, que nunca se juntou à Insurreição. Eu estava errado sobre ele. Eu estive errado sobre um monte de coisas.

Mas a cura que nós fizemos realmente funciona.

Quando chega a hora do meu descanso, eu deixo o centro médico e ando até o rio que passa pelo centro da cidade de Camas. Agora que a barricada caiu e a mutação está sob controle, as pessoas voltaram a andar ao longo do rio. Há um conjunto de degraus de cimento cortados na represa, não muito longe do centro médico.

Ky e Cassia vão lá às vezes, quando ele volta de uma missão, e uma vez o encontrei sozinho, observando a água.

Eu sentei ao seu lado.

— Obrigado — falei. Era a primeira vez que o via desde que ele tinha trazido minha família para a cura.

Ky acenou com a cabeça.

— Eu não poderia trazer minha própria família de volta — disse ele. — Tinha esperanças de que encontraria a sua.

— E você encontrou — disse eu, tentando manter a amargura fora da minha voz. —

Exatamente onde a Sociedade os deixou.

Ky levantou as sobrancelhas.

— Estou feliz que eles estejam de volta — afirmei. — Vou te dever uma para o resto da vida, por trazê-los para cá. Quem sabe quanto tempo ia levar para eles conseguirem a cura de outra forma.

— Era o mínimo que eu podia fazer — afirmou Ky. — Você e Cassia são os que me curaram.

— Como você soube que a amava? — perguntei. — Quando você se apaixonou por Cassia, ela não te conhecia realmente. Ela não sabia nada sobre onde você tinha estado.

Ky não respondeu imediatamente. Seu olhar vagou até a água.

— Eu tive que jogar um corpo no rio, uma vez — disse ele finalmente —, antes disso tudo. Uma aberração morreu no acampamento, antes do que a Sociedade planejava, e os Agentes fizeram a gente se livrar da evidência. Foi quando eu conheci meu amigo Vick.

Assenti. Já os tinha escutado falar de Vick.

— Vick tinha se apaixonado por alguém por quem ele não deveria se apaixonar — disse Ky. — Ele acabou morrendo por isso. — Então Ky olhou para mim. — Eu quis ficar vivo depois que minha família morreu — falou. — Mas não senti como se estivesse vivendo de novo até conhecer Cassia.

— Mas você não sentiu como se ela *realmente* conhecesse você, sentiu? — perguntei de novo.

— Não — respondeu Ky. — Mas senti como se ela pudesse.

Começo a descer os grandes degraus até a água. Ky não está ali dessa vez, mas eu vejo outra pessoa que conheço. É Lei, com seu longo cabelo preto.

Faz dias desde a última vez que a vi, mesmo de passagem. Depois que se recuperou, Lei voltou ao trabalho, e nossos caminhos raramente se cruzaram desde então. Quando aconteceu, ambos acenamos,

sorrimos e dissemos “olá”. Lei provavelmente sabe que estou trabalhando na cura, mas eu não tive uma chance de falar com ela.

Hesito, mas ela olha para cima e sorri, gesticulando para eu me aproximar. Sento-me perto dela e me sinto um bobo. Não sei por onde começar.

Mas ela sabe.

— Aonde você foi? — pergunta.

— Até as montanhas — respondo. — O Piloto levou alguns de nós para lá. Foi lá que a gente encontrou a cura.

— E você foi aquele que fez isso — constata ela.

— Não — digo. — Cassia descobriu como.

— Seu Par — diz Lei.

— Isso — confirmo. — Ela está viva e bem. Está aqui.

— Eu acho que a vi — conta Lei —, falando com você. — Seus olhos buscaram os meus, tentando

saber o que eu não disse.

— Ela está apaixonada por outra pessoa — desabafo.

Por um momento, Lei coloca a mão sobre a minha com muita gentileza.

— Sinto muito — lamenta.

— E o *seu* Par? — indago. — Você foi capaz de achá-lo?

Então Lei vira o rosto, e enquanto seu cabelo desliza por suas costas e seu pescoço, me lembro de quando verificamos um ao outro procurando a marca, durante aqueles dias no centro médico.

— Ele morreu — conta Lei. — Antes de a Praga vir.

— Sinto muito — digo.

— Acho que eu soube antes de eles me contarem — prossegue Lei. — Acho que pude senti-lo partir. — Sou golpeado de novo pelo som de sua voz. É muito bonita. Gostaria de ouvi-la cantar. — Isso deve soar ridículo para você —

comenta ela.

— Não — retruco —, não soa.

Alguma coisa pula no rio e eu me sobressalto um pouco.

— Um peixe — atesta Lei, olhando de novo para mim.

— Um daqueles que você me contou? — pergunto.

— Não — responde ela. — Esse era prateado, não vermelho.

— Para onde *você* foi? — disparo.

Lei sabe o que eu quero dizer: *para onde você foi quando estava imóvel?*

— Eu estava nadando, na maior parte do tempo — confessa. — Como aqueles peixes, um dos que eu te falei, e eu tinha um corpo diferente. Eu sabia que não era um peixe *de verdade*, mas era mais fácil do que pensar sobre o que estava acontecendo.

— Eu me pergunto por que todo mundo pensa

na água — digo. Ky fez o mesmo. Ele nos disse que estava em um oceano com aquela garota que morreu. Indie.

— Acho que é porque o céu parece muito longe — sugere ela.

— Não dá a impressão que vai te sustentar do jeito que a água faria.

Ou é porque seus pulmões estão tão cheios de líquido que você não consegue sempre limpá-los. Mas nenhum de nós dá a explicação médica, embora nós dois saibamos.

Não sei o que dizer. Quando olho para Lei, acho que ela poderia ser o tipo de pessoa capaz de fazer o que ela disse que a água podia: sustentar uma pessoa. Eu imagino puxando-a para junto de mim e beijando-a, e eu posso me imaginar me soltando, indo mais fundo com ela.

Seu rosto muda. Ela deve ser capaz de ver no que estou pensando.

Eu me levanto, enojado comigo mesmo. Não

estou em condição nenhuma de amar alguém, e ela acabou de perder seu Par e voltar da mutação. Ambos estamos sozinhos.

— Tenho que ir — digo.

Cassia

Eu hesito um momento no alto das escadas, escondida atrás das árvores ao longo da represa, esperando Xander passar. Ele não me nota.

Antes que eu possa perder a coragem, desço em direção à água e à garota. Sento perto da mulher e ela se vira para me ver.

— Eu sou a Cassia — apresento-me. — Acho que nós duas conhecemos Xander.

— Sim — concorda. — Eu sou Lei. Nea Lei.

Eu estudo seu rosto enquanto tento não deixar transparecer. Ela não é muito mais velha do que nós, mas alguma coisa nela parece sábia. Lei fala muito calmamente, mas suas palavras são comedidas, não dispersas. Ela é adorável, de um

jeito único; cabelo muito escuro, olhos muito profundos.

— Nós duas conhecemos Xander — repete ela —, mas você ama outra pessoa.

— Amo — confirmo.

— Xander me contou um pouco sobre você — confia Lei. — Quando trabalhamos juntos. Ele sempre falava sobre seu Par, e eu falava sobre o meu.

— O seu par está... — não ousa terminar.

— Meu Par se foi — completa ela. Lágrimas descem pelo seu rosto, e ela as afasta com as costas das mãos.

— Me desculpe — diz ela. — Eu suspeitei por meses. Mas agora que eu sei, parece que não consigo parar de chorar sempre que falo nele. Especialmente aqui. Ele amava a água.

— Existe alguém que eu possa te ajudar a encontrar? — pergunto. — Alguma família...

— Não — responde Lei. — Não tenho nenhuma

família. Eles se foram. Eu sou uma Anomalia.

— Você é? — pergunto, surpresa. — Como você escondeu da Sociedade?

— Bem na frente dos olhos deles — conta ela. — Dados podem ser forjados, se você conhece a pessoa certa, e meus pais conheciam. Minha família costumava acreditar no Piloto, mas depois que eles viram quantas Anomalias ele deixou morrer, decidiram que seria mais seguro na Sociedade, no fim das contas. Meus pais deram tudo o que tinham para comprar para mim um conjunto perfeito de dados falsificados. Eu vim para a Sociedade e me tornei uma Oficial logo depois disso. — Ela sorri um pouco. — A Sociedade poderia ficar surpresa de saber que eles transformaram uma Anomalia em uma Oficial tão rapidamente. — Lei se levanta. — Se você vir Xander, dá adeus a ele por mim?

— Você deveria dizer a ele pessoalmente — respondo, mas ela continua indo embora.

— *Espera* — peço. Ela para. Tem algo que não entendo. — Se você não era uma cidadã até pouco tempo, você não teria tido um Banquete do Par. Então, como você...

— Eu nunca precisei da Sociedade — explica ela — para me arrumar um Par.

Lei olha para baixo, para a água. E naquele momento, acho que sei exatamente quem ela é.

— Seu nome — digo. — Era o mesmo, ou você mudou quando veio para a Sociedade?

— Eu não o mudei inteiramente — conta ela. — Apenas o inverti.

Eu corro de volta ao centro médico para achar Xander. Ele está trabalhando no laboratório, e eu bato na janela para chamar sua atenção.

O pai de Xander, que também trabalha no laboratório, me vê primeiro. Ele sorri para mim, mas em seu rosto eu também vejo cautela. Ele não quer que eu machuque seu filho.

E o Sr. Carrow sabe que Xander *está* machucado.

Não foi tudo minha culpa, quero dizer ao sr. Carrow. Mas Xander mudou. Ele passou por tanta coisa — a perda de sua fé na Insurreição, aqueles dias sombrios trabalhando no centro médico, o tempo nas montanhas.

— Sua amiga — aviso Xander tão logo ele abre a porta. — Lei. Ela está indo para algum lugar. Ela me disse para te dar adeus.

E você tem que encontrá-la, porque ela já perdeu demais, assim como você. Tudo fez sentido quando ela ficou parada ali no rio, quando ela falou sobre não precisar da Sociedade para lhe arranjar um Par. Lei me disse que ela nem tinha precisado mudar seu nome, só invertê-lo. Nea Lei. Lei Nea. Quando você diz em voz alta, soa como Laney. Ky nunca o tinha visto escrito, quando ele esculpiu o nome da garota que Vick amou. Talvez nem Vick tenha.

Xander dá um passo à frente.

— Lei disse para onde estava indo? — A expressão em seu rosto me diz tudo o que preciso saber.

E o que eu vou dizer não importa do jeito que achei que importaria. Porque sua história, com Vick, não é minha para contar. É dela — de Lei. E pode se tornar parte da história dela com Xander ou não, mas isso não cabe a mim decidir.

— Não — digo. — Mas, Xander, você pode alcançá-la. Você pode descobrir.

Por um segundo, acho que ele vai. Então Xander se senta em sua estação de trabalho. Ele se inclina para a frente, suas costas perfeitamente retas, sua expressão uma máscara de confiança e determinação.

Como é que pode Xander ser tão bom lendo as pessoas, mas não prestar atenção em si mesmo?

Porque ele não quer se machucar de novo.

— Tem mais — digo a ele, me aproximando de

modo que os outros não ouçam. — O Piloto decidiu que é hora de levar os aldeões para as Outras Terras.

— Por que agora? — pergunta ele.

— Está chegando a hora de as pessoas votarem — explico. — Ele não vai ser capaz de dispor das naves, então. Ele vai precisar delas para manter a ordem. Há rumores de que as pessoas da Sociedade vão tentar tomar o poder.

— Ele não pode dispor das naves *agora* — afirma Xander. — Nós precisamos delas para transportar a cura.

— Ele não vai mandar muitas — afirmo. — Umas poucas do transporte de cargas, não as combatentes. Elas vão para a Pedra Final e vão levar os aldeões o mais longe que puderem. Ky e eu vamos para o vilarejo, para falar com Anna e trazê-la para Camas conosco, se ela vier. Eu quis te contar.

— Por quê?

— Não quis que você se preocupasse — digo.
Eu não queria que você sentisse que estávamos deixando você para trás de novo.

— O Piloto vai deixar outras pessoas irem para as Outras Terras com os aldeões? — indaga ele.

— Se houver espaço, acho que vai — falo.

— Os aldeões podem me deixar ir com eles — analisa ele, e então sorri e vejo um pouco do velho Xander, e sinto tanta falta... — Eles podem confiar em mim, agora que sabem que eu estava certo sobre a cura.

— Não — digo, aturdida. — Xander, *você* não pode ir para as Outras Terras. Nós precisamos de você.

— Me desculpe — diz Xander —, mas eu não posso mais deixar isso me manter aqui.

Cassia e eu esperamos o comando do Piloto.

Somos só nós dois na nave. Dessa vez nós estamos voando sozinhos, transportando suprimentos para dentro e, com sorte, alguns aldeões para fora. Cassia decidiu que precisamos de Anna para enfrentar a votação. “Ela pode liderar as pessoas”, dizia Cassia. “Ela provou isso por anos.”

— Quantas naves têm que decolar antes de nós irmos? — Cassia pergunta agora.

— Dez — respondo. — Somos uma das últimas.

— Então temos um pouco de tempo — fala ela.

Tempo. É o que sempre quisemos, e raramente

temos.

Ela está sentada na cadeira do copiloto e a vira de forma a ficar de frente para mim. Seus brilhantes olhos verdes estão travessos e eu prendo a respiração.

Cassia desliza as mãos atrás do meu pescoço e eu me inclino para a frente.

Fecho os olhos e me lembro dela de pé, tão linda quanto a neve, quando saiu dos cânions. Eu me lembro de segurar a seda verde contra sua bochecha na Colina. Eu me lembro da sua pele e areia nos cânions, seu rosto olhando para baixo, para mim, nas montanhas, me trazendo de volta.

— *Eu te amo* — sussurra ela.

— Eu te amo — declaro de volta.

Eu a escolho de novo, e de novo, e de novo. Até o Piloto nos interromper e ser hora de voar.

Para o céu, nós vamos. Nós dois juntos. À medida que os punhados de nuvens passam, eu finjo que

são as pinturas de minha mãe, evaporadas da
pedra. Vagando ainda mais alto, a caminho de algo
novo.

Cassia

Ele nos leva mais para o alto e a aeronave estremece e geme; meu coração bate rápido e eu não tenho medo.

Há as montanhas enormes, azuis e verdes, contra o céu, e então menores e menores abaixo de nós, e então está azul por toda parte.

No azul há branco e dourado, tufo branco de nuvem se arrastando através do céu como a semente de choupo que uma vez eu dei ao Vovô. “*Nuvens de glória*”, eu sussurro me lembrando, e me pergunto de onde ele a tirou, e se essa é uma jornada que ele fez depois de ter morrido, vindo ser aquecido pelo sol, seus dedos segurando esses pedaços de céu, se deixando ir.

E então, o quê?, me pergunto. Poderia haver algum lugar tão glorioso quanto esse?

Talvez esse seja o lugar para onde os anjos vão quando voam alto. Talvez seja onde meu pai está agora, vagando ao sol. Talvez fosse uma coisa cruel, trazê-lo de volta e puxá-lo para baixo. Ou talvez, quando eles são luz, eles estejam sozinhos.

Eu olho para Ky. Seu rosto está como eu raramente vi antes, perfeitamente sereno.

— Ky — digo. — Você é o Piloto.

Ele sorri.

— Você é — insisto. — Olha só como você voa. É como Indie.

Seu sorriso fica triste.

— Você deve pensar nela quando voa — percebo, uma dorzinha aguda me cortando, mesmo que eu entenda. Há lugares, momentos, em que eu sempre pensarei em Xander. Sempre que vir uma piscina azul, uma nova rosa vermelha, as raízes de uma planta arrancada do solo.

— Sim — afirma Ky. — Mas *todo* o tempo eu penso em você.

Eu me inclino e pressiono a mão em sua bochecha, sem querer distraí-lo muito do que ele está fazendo.

O voo, com o homem que eu amo, é deslumbrante, glorioso. Mas há pessoas demais presas abaixo de nós.

Nós descemos, saímos das nuvens, e as montanhas esperam por nós. A luz vespertina em seus rostos transforma a neve branca em pepitas cor-de-rosa e cinza. Árvores escuras e água, lisa no começo e então cintilando e ganhando dimensão à medida que nos aproximamos, se ligando aos lados da montanha; ravinas de pedra cortada caída em verdes sopés.

De mãos dadas, subimos o caminho da campina de pouso até o vilarejo, para encontrar e falar com Anna e Eli. *Espero que eles venham conosco,*

penso. *Precisamos deles nas Províncias*. Mas eles podem querer ir para as Outras Terras, ou ficar nas montanhas, ou sair para procurar Hunter, ou voltar à Escultura. Agora há muitas opções.

Ky para no caminho.

— Escuta — diz ele. — Música.

No começo eu escuto só o murmúrio do vento através daqueles altos pinheiros. E então eu ouço canto vindo do vilarejo.

Nós dois aceleramos o passo. Quando chegamos ao vilarejo, Ky aponta para alguém.

— Xander — diz Ky.

Ele está certo. Xander está à nossa frente... vejo seu cabelo louro, seu perfil. Ele deve ter voado até aqui em uma das outras naves.

Xander vai tentar ir para as Outras Terras.

Ele deve saber que estamos por aqui, em algum lugar, mas não está nos procurando. Tudo o que ele está fazendo nesse momento é ouvir.

Os aldeões não estão só cantando, mas também

estão dançando em volta da pedra, em despedida. O fogo dança também, e de alguma forma, com coisas de madeira entalhadas e amarradas com cordas, os aldeões estão fazendo música.

Um dos agentes se move para interromper, mas Ky o impede.

— Eles nos salvaram — lembra ele ao agente.
— Dê um tempo a eles.

O agente concorda.

Ky se vira para mim. Eu esfrego os dedos em seus lábios. *Ele está tão vivo.*

— O que foi?

— Dança comigo — pede Ky. — Eu disse que iria te ensinar.

— Eu já aprendi — digo, pensando naquela época na Galeria.

— Não estou surpreso — sussurra ele. Suas mãos envolvem minha cintura. Alguma coisa canta dentro de mim e nós começamos a nos mover. Eu não pergunto se estou fazendo certo. Sei que estou.

— Cassia. — Ele diz a palavra como uma canção. Sua voz sempre teve essa música nela.

Ky repete meu nome sem parar, enquanto nos movemos juntos, até eu estar presa em um estranho lugar entre fraqueza e força, entre vertigem e lucidez, e necessidade e saciedade, e dar e tomar...

— Ky — digo.

Por tanto tempo, nos importamos com quem nos via. Quem poderia estar olhando, quem poderia se ferir. Mas agora, estamos só dançando.

Eu volto a mim quando a música acaba, quando as cordas fazem um som como de corações se partindo. E então não consigo evitar procurar por Xander. Quando eu o encontro, vejo que ele nos observa, mas não há inveja em seu olhar. Não há nada além de desejo, mas não é mais por mim.

Você vai encontrar o amor, Xander, quero dizer a ele. A luz do fogo cintila pelo rosto de Laney. Ela é muito bonita, muito forte. Xander

poderia amar Laney? Algum dia? Se eles forem para as Outras Terras juntos?

— Nós poderíamos ficar aqui — Ky diz baixinho em meu ouvido. — Não temos que voltar.

É uma conversa que tivemos antes. Sabemos a resposta. Nós nos amamos, mas há outras pessoas em quem pensar também. Ky tem que procurar por Patrick e Aida, no caso de eles ainda estarem vivos. Eu tenho que ficar com minha família.

— Quando eu estava voando — fala Ky —, costumava imaginar que desceria, reuniria todo mundo e levaria para voar com a gente para longe.

— Talvez a gente possa fazer isso um dia — sugiro.

— Pode ser — diz Ky — que a gente não tenha que ir tão longe para procurar um mundo novo. Talvez a votação realmente *seja* um começo.

É o mais esperançoso que eu jamais o ouvi soar.

Anna anda até Xander e lhe diz algo, e ele a

segue na nossa direção. A luz do fogo sombreia e ilumina, tremeluz e prende, e quando faz isso, vejo que Anna segura um pedaço de giz azul na mão.

— Vocês conseguiram — diz ela a nós três. — Encontraram a cura e cada um teve sua parte. — Anna pega a mão de Ky e desenha uma linha azul nela, traçando uma de suas veias. — O piloto — diz Anna. Ela levanta minha mão e desenha a linha de Ky até mim. — O poeta. — Então Anna pega a mão de Xander e desenha a linha de mim até ele. — O curador — fala ela.

A noite na montanha, com seus cheiros de pinho fresco e madeira queimando, suas luzes e música, se reúne em torno de nós enquanto Anna se afasta. Eu seguro Xander e Ky ao mesmo tempo, nós três em pé, como um pequeno círculo na fronteira do mundo conhecido, e mesmo enquanto o momento dura, eu me pego lamentando o passar dele.

A garotinha, que Xander e eu vimos no vilarejo, dança, usando as asas que vimos nela antes. Ela

levanta o olhar para nós três. Está claro que a menina quer dançar com um dos rapazes, e Ky a deixa guiá-lo, me deixando sozinha com Xander para me despedir.

A música, dessa vez vibrante, passa por nós, sobre nós, para dentro de nós, e Xander está aqui comigo.

— Você sabe dançar — admira ele. — E sabe cantar.

— Sei — concordo.

— Eu não sei — diz Xander.

— Você vai aprender — retruco e pego suas mãos.

Xander se move lentamente. A despeito do que ele pensa, a música está nele. Nunca o ensinaram a dançar, e mesmo assim ele está me guiando. Ele não percebe, porque está se concentrando muito no que não tem — no que ele acha que não pode fazer.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro — responde Xander.

— Eu me lembro de algo que não deveria — começo. — Do dia em que tomei o comprimido vermelho. — Conto a ele sobre a forma como recuperei a memória do dia no jardim vermelho. — Como eu consegui recuperar parte da minha memória? — indago a ele.

— Pode ter alguma coisa a ver com o comprimido verde — sugere Xander. Sua voz soa muito bondosa e cansada. — Talvez o fato de você nunca tê-lo tomado significa que você poderia recuperar suas memórias, de alguma forma. E você sobreviveu ao azul. Oker me disse que o comprimido azul e a Praga estão relacionados. Talvez você tenha se ajudado a se tornar imune. — Ele balança a cabeça. — A Sociedade criou os comprimidos como um quebra-cabeça. Cada coisa é uma peça. Estou aprendendo com os farmacêuticos e médicos quão complicado é isso tudo. O jeito como as medicações funcionam

juntas, e as formas como elas agem de maneira diferente em pessoas diferentes... é algo que você poderia passar a vida toda tentando entender.

— Então, o que você está dizendo — analiso — é que eu talvez nunca saiba.

— Sim — concorda ele. — Você talvez sempre tenha que se questionar.

— *Você tem o direito de questionar* — digo. Além das palavras no microcartão, essa foi a última coisa que o Vovô me disse antes de morrer. Ele me deu os poemas. E me disse que estava tudo bem em questionar. Então está bem que eu não saiba qual poema ele queria que eu seguisse. Talvez isso seja até o que ele pretendia. Está tudo bem que eu não possa adivinhar tudo, aqui e agora.

— Pode ser só você também — diz Xander. Acho que ele está sorrindo. — Você sempre foi uma das pessoas mais fortes que conheci.

Eli se junta a Ky e à garotinha em sua dança. Eles deram as mãos e estão rindo, a luz do fogo

tremeluzindo nas asas da garota. Ela me lembra de Indie — o jeito entregue como se move, o modo como o fogo deixa seu cabelo vermelho. *Queria que Indie estivesse aqui, penso, e meu pai e todo mundo que a gente perdeu.*

Xander e eu paramos de dançar. Nós estamos muito próximos e parados no meio das pessoas se mexendo.

— Lá no Bairro — lembra ele —, eu te perguntei: se você pudesse escolher, teria me escolhido?

— Eu me lembro — digo. — Eu disse que teria.

— É — fala ele. — Mas nós não podemos voltar.

— Não — concordo.

A jornada de Xander aconteceu naqueles salões cercados e longos corredores dos doentes, quando ele trabalhava com Lei. Quando eu o vi de novo, na aeronave do Piloto, Xander já tinha ido a

lugares a que eu nunca iria e se tornara outra pessoa. Mas eu não vi. Eu acreditava que ele estava inalterado, uma rocha, em todos os bons sentidos da palavra: sólido, confiável, algo e alguém em que você poderia se apoiar. Mas ele está como o resto de nós: leve como o ar, efêmero como tufos de nuvem em frente ao sol, bonitos e fugidios, e se alguma vez eu realmente o tivesse possuído, isso teria acabado agora.

— Xander — chamo, e ele me puxa para perto uma última vez.

A nave decola para dentro do céu, escuro com estrelas. A fogueira queima; alguns dos aldeões, a maioria da Escultura, decidiram ficar nas montanhas.

Xander está indo para um lugar que é Outro, um lugar tão distante que não posso nem ter certeza de que existe volta.

Xander

O barulho parece com o de milhões de pássaros batendo suas asas contra o céu, mas são só as naves voando acima de nós. No último momento, eu percebi que não poderia ir com eles para as Outras Terras. Mas também não poderia me obrigar a voltar para Camas. Estou preso aqui no meio, como sempre.

A manhã chega. Eu subo o rio perto do campo onde Oker e eu cavamos a camassia, contornando o vilarejo, de modo que eu não tenha que falar com ninguém. Mais tarde eu vou voltar e perguntar a eles se há algo que eu possa fazer: talvez trabalhar no antigo laboratório de Oker.

Raízes das árvores na beirada do rio pendulam

para baixo, na água. Elas são pequeninas e vermelhas. Nunca soube que raízes poderiam ser dessa cor.

E então eu vejo um relance maior de vermelho. Outro. Outro. Eles são quase medonhos — mandíbulas estranhas, olhos arredondados —, mas a cor é muito brilhante.

Eles são os peixes vermelhos sobre os quais Lei me contou. Finalmente estou vendo-os.

Minha garganta se aperta e meus olhos queimam. Eu me aproximo da água.

Então escuto alguma coisa atrás de mim. Eu me viro, mudando minha expressão para um sorriso, pronto para falar com qualquer aldeão que tenha encontrado o caminho até aqui.

— Xander — chama ela.

É Lei.

— Eles voltaram? — pergunta. — Os peixes vermelhos?

— Voltaram — respondo.

— Eu não sabia que você estava aqui — conta ela. — Eu não te vi nas naves vindas de Camas.

— Nós não devíamos estar na mesma nave — digo. — Eu tinha a intenção de ir para as Outras Terras.

— Eu também tinha — admite Lei. — Mas não podia partir.

— Por que não? — pergunto, e não sei qual resposta espero que seja, mas meu coração se aperta no peito, e em meus ouvidos há um som como de água corrente ou aquelas naves indo para o céu.

Lei não responde, mas seu olhar vaga até o rio. Claro. Os peixes.

— *Por que* eles fazem todo o caminho de volta? — pergunto a ela.

— Para se encontrarem. — Seus olhos encontram os meus. — Costumávamos vir ao rio juntos — conta ela. — Ele se parecia um pouco com você. Tinha olhos muito azuis.

O som em meus ouvidos se vai. Tudo parece muito quieto. Ela voltou porque não poderia deixar a terra em que o conheceu. Não tem nada a ver comigo.

Eu limpo a garganta.

— Você disse que esses peixes são azuis no oceano — lembro. — Como um animal completamente diferente.

— Sim e não — analisa ela. — Eles mudaram. É permitido mudar. — Ela é muito suave comigo. Sua voz é gentil.

E então Lei é aquela que diminui a distância. Ela se move direto para mim.

Quero dizer alguma coisa que nunca tenha dito antes, e que não tenha sido para Cassia, do jeito que sempre achei que seria.

— Eu te amo — desabafo. — Sei que você ainda ama outra pessoa, mas...

— Eu te amo — declara ela.

Nem tudo se foi. Lei amou alguém antes e eu

também. A Sociedade, a Insurreição e o mundo ainda estão todos lá fora, nos pressionando. Mas Lei os mantém afastados. Ela criou espaço suficiente para que duas pessoas fiquem juntas, independentemente de qualquer Sociedade ou Insurreição dizer que elas podem ou não. Ela já fez isso antes. Quando nos apaixonamos pela primeira vez, não sabemos de nada. Nós arriscamos muito menos do que quando escolhemos amar de novo.

Há algo de extraordinário sobre a primeira vez apaixonado.

Mas a sensação é ainda melhor ao descobrir-se em solo firme, com alguém que se segure em mim, me puxando de volta, e saber que estou fazendo o mesmo com ela.

— Lembra da história que te contei? — pergunta Lei. — Aquela sobre a Piloto e o homem que ela amava?

— Lembro — digo.

— Quem você acha que teve que ser mais

corajoso? — indaga ela. — A Piloto, que o deixou partir, ou o homem que teve que começar tudo de novo em um novo mundo?

— Ambos foram corajosos — opino.

Seus olhos são no mesmo nível que os meus. Então vejo quando ela os fecha e se deixa apaixonar por mim: bem quando meus lábios tocam os dela.

Cassia

Ky e eu ficamos juntos no alto das escadas da Prefeitura, de mãos dadas e piscando ante a claridade de um dia de final de verão em Camas. Ninguém nos nota. Eles têm outras coisas no que pensar ao subir as escadas. Alguns parecem incertos, outros excitados.

Uma senhora para no topo das escadas e me dá uma olhada.

— Quando nós escrevemos nossos nomes? — pergunta ela.

— Quando você estiver lá dentro para votar — digo-lhe.

A mulher concorda e desaparece dentro do edifício.

Olho para Ky e sorrio. Nós acabamos de colocar *nossos* nomes no papel, fazendo uma escolha sobre quem queremos que lidere.

— Quando as pessoas escolheram a Sociedade, quase foi o nosso fim — analiso. — Pode ser o nosso fim de novo, dessa vez para sempre.

— Pode ser — concorda Ky. — Ou podemos fazer uma escolha diferente.

Há três candidatos oferecendo-se para liderar o povo. O Piloto representa a Insurreição. Uma Oficial representa a Sociedade.

E Anna representa o resto das pessoas. Ela e Eli voltaram a Camas conosco.

— E Hunter? — perguntou Ky a Anna.

— Sei para onde ele foi — respondeu ela, e sorriu, tristeza e esperança misturadas juntas em sua expressão, um sentimento que conheço muito bem.

Essa votação é uma tarefa tão grande e impossível, um experimento tão bonito e terrível, e

pode dar errado de tantas formas... Penso em todos esses papeizinhos brancos lá dentro, todas aquelas pessoas que aprenderam a escrever, pelo menos, seus nomes. O que elas vão escolher? O que vai ser de nós e de nossas terras de céu azul, rocha vermelha e grama verde?

Mas, eu me lembro, a Sociedade não pode tomar tudo de novo, a não ser que nós deixemos. Podemos recuperar nossas memórias, mas vamos ter que falar entre nós e confiar uns nos outros. Se tivéssemos feito isso antes, talvez tivéssemos achado a cura mais cedo. Quem sabe por que aquele homem plantou aqueles campos? Talvez ele achasse que iríamos precisar das flores para a cura. Talvez ele só pensasse que elas eram bonitas, como minha mãe achava. Mas nós realmente achamos respostas na beleza com mais frequência do que não encontramos.

Isso vai ser muito difícil. Mas nós superamos a Praga e sua mutação juntos, todos nós. Aqueles

que acreditavam na Insurreição, os que acreditavam na Sociedade, e aqueles que acreditavam em qualquer outra coisa, todos trabalham lado a lado para ajudar os imóveis. Alguns não fizeram isso. Alguns fugiram e outros mataram. Mas muitas pessoas tentaram salvar.

— Em quem você votou? — sussurro para Ky, enquanto descemos as escadas.

— Anna — conta ele. Ele sorri para mim. — E você?

— Anna — digo.

Espero que ela vença.

É a vez das Anomalias e Aberrações de terem sua chance.

Mas nós vamos deixar?

Nos debates, nos terminais, a Oficial foi clara e concisa, estatística.

— Vocês não acham que nós já vimos isso antes? — pergunta ela. — Tudo o que vocês fazem já foi feito antes. Vocês deveriam deixar a

Sociedade ajudá-los de novo. Dessa vez, é claro, nós permitiremos um aumento de expressão. Daremos a vocês mais escolhas. Mas, se deixássemos muito para seus próprios méritos, o que aconteceria?

Eu penso, *nós escreveríamos alguma coisa. Cantaríamos alguma coisa.*

— Sim — diz a Oficial como se soubesse o que todo mundo na Sociedade estava pensando. — Exatamente. Vocês escreveriam os mesmos livros que outras pessoas escreveram. Vocês escreveriam os mesmos poemas: eles seriam sobre o amor.

A Oficial está certa. Nós comporíamos poemas sobre o amor e contaríamos histórias que teriam sido ouvidas de alguma forma antes. Mas seria *nossa* primeira vez de sentir e contar.

Eu me lembro do que Anna nos chamou.

O Piloto. O Poeta. O Curador.

Eles estão em *todos* nós. Eu acredito nisso. Que

cada pessoa pode ter uma forma de voar, uma linha de poesia para dar para os outros verem, uma mão para curar.

Xander enviou uma mensagem para que saibamos onde ele está agora. Ele escreveu à mão. Foi a primeira vez que vi sua caligrafia, e as fileiras de letras arrumadinhas trouxeram lágrimas aos meus olhos.

Estou nas montanhas. Lei está aqui também. Por favor, digam à minha família que estou bem. Estou feliz. E que vou voltar algum dia.

Espero que seja verdade.

Minha mãe e Bram nos esperam na escadaria próxima ao rio.

— Vocês acabaram de votar — diz Bram. — Como foi?

— Calmo — respondo, pensando no grande Salão cheio de gente e os sons de lápis no papel, os nomes sendo escritos devagar e cuidadosamente.

— Eu deveria poder votar — reclama Bram.

— Deveria — concordo. — Mas eles decidiram que seria aos 17.

— Na idade do Banquete — lembra Bram. — Você acha que eu vou ter um Banquete?

— Pode ser — respondo. — Mas espero que não.

— Eu tenho algo para você — diz Ky. Ele levanta a mão e lá está o tubo do Vovô, aquele que encontramos na caverna, o que Ky escondeu para mim em uma árvore.

— Quando você pegou isso? — pergunto.

— Ontem — conta Ky. — Nós estávamos nas Províncias Exteriores de novo, procurando por sobreviventes. — Depois que a mutação da Praga ficou sob controle, o Piloto deixou Ky e alguns dos outros tentarem encontrar aqueles que ainda estavam perdidos, como Patrick e Aida. A esperança era de que alguns deles pudessem ter achado o caminho para o antigo acampamento da

Insurreição, aquele no mapa perto do lago.

Até agora, estamos procurando.

— Eu trouxe isso de volta também — continua ele. — É o que Eli guardou. — Ele levanta a mão e eu vejo a etiqueta no tubo. *Roberts, Vick.*

— Pensei que você não acreditasse nos tubos — diz Bram.

— Não acredito — confirma Ky. — Mas acho que esse deveria ser dado a alguém que o amava, para que a pessoa decida o que fazer.

— Você acha que ela vai aceitar? — pergunto. Ele está falando de Lei, claro.

— Acho que ela vai aceitar — fala Ky —, e depois vai seguir adiante.

Porque ela ama Xander agora. Ela escolheu amar de novo.

Algumas vezes, senti raiva do Vovô por não me contar qual poema exatamente queria que eu encontrasse. Mas agora vejo o que ele me deu. Ele me deu uma escolha. É isso que sempre foi.

— É difícil fazer isso — digo, segurando o tubo do Vovô. — Eu queria ter guardado os poemas. Isso tornaria tudo mais fácil. Eu teria algo deixado por ele.

— Às vezes, papel é só papel — afirma minha mãe. — Palavras são só palavras. Formas de se capturar o real. Não tenha medo de se lembrar disso.

Sei o que ela quer dizer. Escrever, cantar, pintar — isso não interrompe tudo. Não pode interromper a morte em seus caminhos. Mas talvez possa criar a pausa entre o som dos passos da morte, e parecer e sentir-se lindo; pode criar o espaço para desejar um lugar onde você possa se demorar sem tanto medo. Porque estamos todos andando para nossas mortes, e a jornada nesse meio-tempo compensa nossas vidas.

— Adeus — digo ao Vovô e ao meu pai, e seguro o tubo no rio e paro por um momento. Nós sustentamos as escolhas de nossos pais e mães em

nossas mãos, e quando nós nos agarramos a elas ou as deixamos escorregar entre os dedos, aquelas escolhas se tornam as nossas.

Então eu destampo o tubo e o solto na água, deixando-a levar o último pedacinho do Vovô para longe, do jeito que ele queria e pediu ao meu pai para fazer.

Eu queria que eles dois pudessem ver tudo isso: campos verdes plantados com curas para o futuro; o céu azul; uma bandeira vermelha no alto da Prefeitura, sinalizando que é tempo de escolher.

— É como escalar a Colina — diz Ky, percebendo meu olhar e apontando a bandeira.

— Sim — concordo, me lembrando da sensação de sua mão na minha enquanto amarrávamos as tiras nas árvores, para marcarmos onde tínhamos estado.

Além da cidade de Camas, as montanhas se elevam azuis, roxas e brancas, a distância.

Ky e eu escalamos a Colina juntos. Xander está

nas montanhas.

Embora Xander tenha partido, embora nem tudo possa ser como todos gostariam, há satisfação em saber que algo bom, certo e verdadeiro foi parte de você. Que você teve a benção, o presente, a felicidade, e a sorte perfeita de conhecer alguém assim, para passar pelo fogo, a água, a pedra e o céu juntos e emergir, todos vocês, fortes o suficiente para aguentar, fortes o suficiente para abrir mão.

Eu já posso sentir algumas coisas escapando por entre meus dedos como areia e água, como artefatos e poemas, como tudo o que você quer manter e não pode.

Mas nós conseguimos. O que quer que aconteça a seguir, nós demos um jeito de ajudar a encontrar uma cura e começar uma votação.

O rio se alterna entre o azul e o verde, enquanto reflete o céu e a grama, e eu pego um relance de algo vermelho nadando nele.

Ky se inclina para me beijar e eu fecho os olhos, para sentir o momento de espera e desejo antes de nossos lábios se encontrarem.

Há fluxo e refluxo. Partida e chegada. Voo e queda.

Canto e silêncio.

Conquista e conquistado.

NOTA DO AUTOR

Ao longo da trilogia *Destino*, mencionei e/ou citei diversos trabalhos de arte. Embora a maioria dos trabalhos seja referida no texto, eu quis incluir uma lista completa aqui para aqueles que estiverem interessados em ler ou ver mais do belo trabalho artístico desses artistas.

PINTURAS

Chasm of the Colorado, por Thomas Moran (referida como a Pintura 19 nas Cem Pinturas)
Girl Fishing at San Vigilio, por John Singer Sargent (referida como a Pintura 97 nas Cem Pinturas)

POESIA

“Não Entre Docemente Naquela Boa Noite”, por Dylan Thomas
“Poema de Outubro”, por Dylan Thomas

“Cruzar a Margem”, por Alfred Lord Tennyson

“Caíram Como Flocos”, por Emily Dickinson
“Não Te Alcancei”, por Emily Dickinson “Em
Tempos de Peste, 1593”, por Thomas Nashe Em
Travessia, eu também mencionei Ray Bradbury e
Rita Dove, cujos trabalhos, junto com o de
Wallace Stegner e Leslie Norris, me inspiraram
durante a escrita dessa série.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer:

A meu marido, que vê beleza tanto na poesia quanto nas equações, e que nunca falha em acreditar e construir;

A nossos quatro filhos, que são o “como” e o “porquê” de tudo o que escrevo;

A meus pais, e meu irmão e irmãs;

Ao Dr. Gregory F. Burton (que generosamente me deixou usar sua analogia Cachinhos Dourados/Xanthe no texto, e que me ajudou com a imunologia envolvida na história) e ao Dr. Mathew O. Leavitt (que emprestou sua experiência como patologista). Qualquer ciência relacionada à Praga, à sua mutação e aos comprimidos se deve ao Dr. Burton e ao Dr. Leavitt — a ficção é toda minha culpa;

A Ashlee Child, enfermeira que respondeu a muitas questões sobre enfermagem e cuidados de pacientes;

A Dale Hepworth, bióloga de pesca, que me enviou as informações e fotos do salmão vermelho (o “peixe vermelho” do qual Lei fala para Xander em *Chegada*);

A meu primo Peter Crandal, piloto de aviação comercial, que me ajudou com as cenas de voo no romance, e me apresentou ao Osprey, a inspiração para a nave do Piloto;

A meu ancestral, Polly Rawson Dinsdale, e aos outros pioneiros que comeram bulbos de Lírio de Sego para sobreviver aos tempos difíceis e que inspiraram o uso daquela flor nesta história;

A Josie Lauritsen Lee, Lisa Magnum e Robinson Wells, que passearam pelos rascunhos iniciais e me deram um retorno valioso e engrandecedor;

A Lizzie Jolley, Mikayla Kirkby e Mylee Sanders, que foram infalivelmente pacientes e gentis com meus filhos e comigo;

À minha agente, Jodi Reamer, que pilotou esta

série do começo ao fim, guiando-nos sempre com entusiasmo e bom humor de volta para onde precisávamos estar (e para lugares que eu nem sonhava);

À minha editora, Julie Strauss-Gabel, que serviu como curadora e como poetisa, nutrindo o manuscrito e dando forma a ele, com sua inteligência e percepção sem paralelos;

À maravilhosa equipe na Writers House, incluindo Alec Shane e Cecilia de la Campa;

Às fantásticas pessoas da Penguin: Scottie Bowditch, Erin Dempsey, Theresa Evangelista, Felicia Frazier, Erin Gallagher, Anna Jarzab, Liza Kaplan, Lisa Kelly, Eileen Kreit, Rosanne Lauer, Jen Loja, Shanta Newlin, Emily Romero, Irene Vandervoort e Don Weisberg;

E a você, leitor, por fazer esta jornada com Cassia, Ky, Xander e comigo.